

22. de 1917



Revista 
 Feminina

.....
Anno 4
№ 43
Preço 1\$500

.....

Sociedade de Productos Chimicos L. QUEIROZ



A AGUA DA BELLEZA

deve se achar em todo o boudoir das senhoras elegantes e que prezam a sua epiderme. Torna a pelle alva e avelludada, tira as manchas e da-lhe um aspecto encantador. E' O ENCANTO DAS SENHORAS.

Petroleo Americano

Além de dar brilho aos cabelos e de tornal-os macios e crespos, essa loção é infallível para combater a CASPA e evitar a QUEDA DOS CABELLOS.

Preparado com Kerozene e não com benzina ou essencias como os productos similares, elle é por isso mesmo mais eficaz.

LIMÃO BRAVO

E BROMOFORMIO

de L. Queiroz

E' o melhor XAROPE para curar a TOSSE, a ASTHMA, a COQUELUCHE e o CATARRHO CHRONICO.

E' DE SABOR AGRADAVEL.

AS COLICAS HEPATICAS

um preservativo na taes. Com este re-

LITHOBILINA

ou Cólícas do Fígado, os CALCULOS BILIARES encontraram um remedio eficaz e preparado ideal, composto exclusivamente de vegetmedio torna-se inutil o uso das Aguas de Carlsbaden.



O Guderin

é a salvação das Senhoras pallidas e anemicas. Augmenta extraordinariamente o numero dos glóbulos vermelhos e dá força e aumento de peso.

E' util na debilidade e na anemia devidas ao PARTO e as grandes hemorragias e na Amenorrhéa e outras molestias das Senhoras.



Todos estes preparados encontram-se á venda nas principaes pharmacias e drogarias e no Deposito Geral



Sociedade e Productos Chimicos L. DE QUEIROZ

BLUSAS DE QUALIDADE



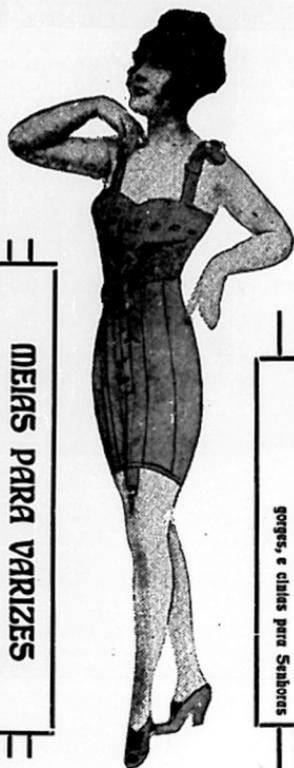
Qualidade, elegancia e chic reúnem-se em nossas ultimas Blusas para o verão. Representam todo o encanto dos carissimos modelos francezes enquanto o seu preço não ultrapassa a metade destes ultimos.

Para ver a *Blusa* na sua mais alta expressão de beleza e utilidade visitem a nossa exposição de Modas para o verão.

MAPPIN STORES ■■■■■ Rua 15 Novembro, 26,
■■■■■ —S. PAULO—
■■■■■ A CASA DE "QUALIDADE" ■■■■■

Viuda A. Baudon

COLLETEIRA



MEIAS PARA VARIZES

Especialidade em colletes sôulas -
gorços, e cintas para Senhoras

Fabricante de aparelhos Orthopédicos

Esperilhos Orthopédicos contra mal de Pott, Desvios do Busto, Bandagens, Beraleros de todos os sistemas, Corsets de sport para Dames

Cinturas de todos os sistemas, Pernas e Braços Artificiaes para todas as deformações, Pé estijado, Ankilosis, Coxalacia Espalda de Mainten

R. Barão Itapetininga, 57

S. PAULO



As grandes necessidades

Um caso digno
de atenção!!!

7500 filtros «FIEL» se acham actualmente exercendo a sua benéfica missão!!!

No passado—no presente
FOI E'

e no futuro
SERA' NOTAVEL
a preferencia

pelo «FILTRO FIEL»

Argumento:

A água precisa ser filtrada e para isso;
... todos os filtros são bons, ... a maior parte bonitos ... e alguns baratos; ... porém ...

Hygienico e rigorosamente pratico. Só o FILTRO FIEL A' venda na RUA DE S. BENTO, 14 e em todas as casas de 1.ª ordem

ARSENIO J. SILVA,
Secção F: Caixa Postal 1207
Peçam o catalogo illustrado e mais informações sem compromisso algum.

Madame Jeanne

Officina de costura franceza. Confeções e modelos de Paris

Praça da Republica N. 56

Telephone 2510 - Central

A Casa de Moveis AO GRANDE ORIENTE

Rua Floriano Peixoto, 3

Canto do Largo da Sé Telephone 1382

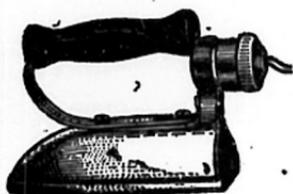
Recebeu chic sortimento de TAPETES DE Lã e ALGODÃO, Passadeiras de lã olcado artigos francezes, capachos Inglezes e portuguezes.

Alta novidade e preços sem competencia

BYINGTON & CO.

ENGENHEIROS, ELECTRICISTAS, IMPORTADORES
LARGO DA MISERICORDIA N. 4
— S. PAULO —

PRESENTES PARA NATAL



FERROS DE ENGOMMAR
WESTINGHOUSE



SECCADORES DE CABELLO



FOGAREIROS



MOTORES ELECTRICOS PARA MACHINAS
DE COSER



VENTILADORES WESTINGHOUSE

PARA PREÇOS E MAIS INFORMAÇÕES

DIRIJAM-SE A **CASA BYINGTON**

Xarope de 'Gomenol'

Especifico do
Dr. Monteiro Vianna
contra a

"COQUELUCHE"

Preparado da Pharmacia
— "S. CECILIA" —

Rua das Palmeiras, 12
Lopes & Senna

SÃO PAULO

A venda em todas as pharmacias e drogarías.

TYPOGRAPHIA SIQUEIRA

OBJECTOS PARA ESCRITORIO
E ARTIGOS DE ENGENHARIA
EDITORES DE LIVROS ESCOLARES
AUGUSTO SIQUEIRA & CIA.

OFFINAS E DEPOSITO
RUA CONDE DE S. JOAQUIM, 28 S. PAULO
TELEPH. 1216 LOJA E ESCRITORIO
CAIXA, 178 25, RUA DE S. BENTO N. 25

Sementes de hortaliças e de flores,
Papel de seda, Araruta,
Palitos, Chá preto e verde, Velas de cera,
Lamparinas, Artigos de Natal e Carnaval e
muitos outros artigos.

41, Rua Direita
Costa Nogueira & Cia.
LOJA DE CEYLÃO

Companhia Brasileira de Seguros

Capital Social . . . 2.000:000\$000 Depósito no Thesouro Nacional 400:000\$000
Opera em seguros sobre vida, accidentes do trabalho, maritimos e terrestres
Fundada em 1910 — São Paulo — Rua Libero Badaró n. 49

SINISTROS PAGOS EM OUTUBRO DE 1917

Secção de Seguros de Vida:

Pago á Exma. Sra. D. Eliza Honoria da Paixão, apolice n. 0236, emitida em favor do seu esposo ALBERTO GONÇALVES LOPES, fallecido em 30 de Junho, em Jaboticabal. 20:000\$000
Pago á Exma. sra. D. Bertha Maria Cardoso, apolice n. 1033, emitida em favor do seu esposo FRANCISCO DE ANDRADE CARDOSO, fallecido em 23 de Setembro deste anno, nesta Capital. 30:000\$000

Secção de Seguros Maritimos:

Pago á Companhia Commercial Brasileira, do Rio de Janeiro, apolice n. 993, emitida sobre o palhote "NITEROI", naufragado no golfo do Mexico em 18 de Maio deste anno. 23:750\$000

Secção de Seguros Terrestres:

Pago á Sra. D. Eliza Ramos, residente em Santos, pelo incendio occorrido no Restaurante "Paris Nocturno". 7:000\$000

Secção de Accidentes:

Indemnizações pagas a operarios dos seguintes estabelecimentos: Fabrica de Tecidos e Fiação "São Bento", Companhia Fabril Paulista, Falaride Mortari, Cotonificio Crespi, Societá Italo-Americana, Comp. Puglise e J. Monteiro & C. 1:158\$700

Total Rs. 81:908\$700

SÉDE EM SÃO PAULO — Succursal na Capital Federal e Agencias em Santos, Campinas, Araraquara, Ribeirão Preto, Recife, Aracaju e Fortaleza

R. Libero Badaró — 1º. e 2.º andares — Caixa Postal, 828 — End. Telegraphico — "BRASILICA"

Companhia de Industria
e Commercio

Casa TOLLE

Rua PIRATININGA N. 27 - Caixa N. 201 - São Paulo

Premiada em diversas exposições e com a maior recompensa "GRAND PRIX" na Exposição de Torino em 1911

**Bombons
e Chocolates finos**

Unico fabricante no Brasil e America do Sul do:

Cacao com aveia, Abelha (marcás registradas). — **Vinhos,
Vinagres, Licores, Xaropes.**

LICORES CUSENIER fabricados sob a fiscalização da casa de PARIS.

Possue o privilegio em todo o Brazil para a fabricação do alcool absolutamente neutro e inofensivo, unico que se presta para a fabricação dos licores finos que a Companhia prepara por distillação, com productos importados directamente da Europa.

Para o **Verão** não deveis
deixar de
comprar um **Ventilador**
electrico das melhores

— marcas na —

CASA DODSWORTH

Rua Boa Vista 44 *Costa Campos & Malta.*
— SÃO PAULO —

Nos

Entre os productos que devem figurar no toucador de uma mulher elegante recommendamos muito especialmente o crême **Dermina**, ultima palavra, em materia de crême para amaciar a pelle e para curar **infallivelmente** todas as erupções de pelle, as espinhas, os cravos, as manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema, e todas as erupções.

Só em premios **nina** já distribuiu **toucadores** mais de seiscentos potes de **Dermina** e chegamos diariamente attestados entusiasticos de sua eficacia. — Podemos enviar ás nossas leitoras, por 3\$500 um pote. Os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de 500 réis para porte do Correio. Praça Antonio Prado (Palacete Briccola).

elegantes

LOJA IDEAL

Grandes Officinas de
"BORDADOS", COLLETES,
CINTAS E SOUTIEN-GORGES
— sob medida —

Completo sortimento de
fazendas, modas, armarinhos e miudezas.

A unica casa no arrabalde que melhor
sortimento apresenta e mais barato vende.
Durante este mez, por motivo de balanço,
grandes abatimentos em todos
os artigos de seu stock.

TELEPHONE (Central) 47-92
LARGO DO AROUCHE, 75
— S. PAULO —

Casa Freire

José da Cunha Freire
Louças e objectos de arte

CAIXA DO CORREIO, 235 - TELEFONO, 867
RUA DE SÃO BENTO, 34^B
SÃO PAULO

Pastilhas de MALCOLM

Temos o prazer de comunicar ás leitoras da REVISTA FEMININA que já temos em nosso poder uma nova remessa das afamadas pastilhas tricaisicas de MALCOLM de tão notavel acção sobre o aleitamento e tão indispensaveis para as mães.

A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em S. Paulo. Um vidro com 100 pastilhas: 20\$000. Enviar pedido e importancia.

MONTE PIO DA FAMILIA

SOCIEDADE DE SEGUROS DE VIDA

A CARTEIRA ACTUARIAL, desta Sociedade, além de operar com a mais commoda e reduzida das tabelas de premios, até hoje conhecidas, offerece aos seus segurados as seguintes vantagens:

- | | |
|-----------------------------|----------------------------|
| 1.a Resgate da apolice | 4.a Empréstimos |
| 2.a Apolice saldada | 5.a Distribuição de lucros |
| 3.a Prolongamento do seguro | 6.a Sorteios, etc., etc. |

SEGUROS SOBRE UMA E DUAS VIDAS: Seguros ordinario de Vida, simples e com premios limitados a 10, 15 e 20 annos, e Seguros mixtos, (communmente chamados Dotas), por 10, 15 e 20 annos.

O pagamento do capital seguro, tanto para os seguros liquidaveis em vida, como para os em caso de morte, será feito, no maximo, 30 dias depois de apresentados os documentos de habilitação á Directoria.

Peçam Prospectos — À SEDE: R. Quintino Bocayuva, 4

Caixa Postal 550

S. PAULO

(Sobrado)



≡ CASA NICO ≡

Jóias finas - Pratarías - Relojoarias -

Metaes - Bronze e muitos artigos

para presentes, têm grande sor-

timento - Preços os mais baratos

IRMÃOS NICO

RUA 15 DE NOVEMBRO 32-A



GRANDE LOTERIA FEDERAL

NATAL 1917

Mil contos de réis

EM 22 DE DEZEMBRO

Inteiro 60\$ — Meio 30\$ — Fracções 18

LOTERIA DE S. PAULO -- Fim de anno

200:000\$000 em dois premios de 100

Em 28 de Dezembro

Inteiro 9\$000 Fracção 9\$00

E' fóra de duvida que ESSES GRANDES PREMIOS sahirão da AGENCIA GERAL

Rua Direita n. 39

JULIO ANTUNES DE ABREU & COMP.

unicos agentes geraes da Loteria Federal neste Estado e agentes geraes da Loteria de S. Paulo
CAIXA, 77 S. PAULO

Comp. Mechanica e Importadora de São Paulo

Escritorio: Rua 15 de Novembro N. 36 — S. PAULO

Officinas e Fundição: Rua Monsenhor Andrade — Braz

Filiaes em Santos - Rio de Janeiro e Londres

IMPORTADORES de toda a classe de material para construcções e para Estradas de Ferro Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asphalto, Tubos para abastimento d'agua, Material Electrico, Navios de Guerra, Reboadores, Lanchas e Automoveis «FIAT» etc.

FABRICANTES de Machinas de café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, parafuso e rebite, Fundição de ferro e bronze, etc.

Grande Serraria a Vapor - Constructores e Empreiteiros

AGENTES de Robey & Co. — Fabrica «FIAT» (Automoveis) — Fabrica de Ferro Esmaltado «SILEX» — Comp. Paulista de Louças Esmaltadas — Società Italiana Transaerea «SIT» (Aereoplano e hydroaeroplanos Bleriot). — Soc. de Productos Chimicos «L. Queiroz» etc ...

DEPOSITO, FABRICAS e GARAGE: Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense - Braz

ESTABELECIMENTO CERAMICO: Agua Branca - Telephone No. 1015

Codigos em uso: A. B. C. 5ª edição, A. I., A. Z., Western União, Lieber's, Bently's e Ribeiro

A' ILLUMINADORA

FUNDADA EM 1889

Artigos de ILLUMINAÇÃO em geral



VENTILADORES
ELECTRICOS E A
ALCOOL ———

Lampadas, Pilhas, Fios e
Material Electrico em geral

ALBERTO DOS SANTOS & CIA.

Rua da Boa Vista N. 47 - S. PAULO



== CASA ==

EXCELSIOR

OFFICINA DE COSTURA
ALFAIATARIA - MODAS

A. CIBELIA & C.

Rua do Tesouro N. 3
Rua 15 de Novembro
Telephone, 4968 - Central
— S. PAULO —

ENTRE as pessoas da sua Exma. Família entre as Exmas Senhoras de suas relações, entre as pessoas emfim que gostam de vestir bem, não deixe V. Excia. de fazer propaganda das nossas *Officinas de Costura*.

A casa Excelsior, no desejo de estimular cada vez mais os esforços dos nossos clientes para o progresso sempre crescente da nossa casa, concede sem que isso venha aumentar para as Exmas. Senhoras os preços das confecções, uma porcentagem de *cinco por cento* sobre o valor total da encomenda.

VISITEM a Casa Excelsior, é a única em S. Paulo, onde ao par de uma refinada elegancia, se encontra uma relativa modicidade de preços

Faça V. Excia. propaganda das nossas oficinas de costura.

CASA EXCELSIOR

Unicos depositarios para o
Brasil:
Empreza Feminina
Brasileira
Praça Antonio Prado
S. Paulo



(TRICALCICAS)

ANTES DO MAIS:

As pastilhas Americanas Tricalcicas do Dr. Malcolm não são uma panacea. Trata-se de um producto chimico definido cujos elementos principais assim se decompõem (Ph H₂ O₂) Ca₄ (Ph O₂ 2 Ca₂ adicioes de seivas vegetaes, estimulantes da função histologica e que lhe fornecem em outro elemento (Fe O₁₃ 4 H₂ O) vegetal e facilmente assimilavel, constituindo a fórmula global, além de principios aromaticos e fibrosos com (Ph H₂ O₂) Ca₄ (Ph O₄)₂ Ca₂ (Fe O₁₃ 4 H₂ O).

É uma fórmula de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de recuo regular em todos os vicios da nutrição.

(RELATORIO DOS DRS. FOX E CHAMPELL)

A cura tricalcica do Dr. Malcolm deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despeza cada semana. Demais as Pastilhas Malcolm não são um producto commercial no qual se sacrificam ás vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço. Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que da resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creações) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOLM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que ao cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaurientes e que necessitam de phosphoro, bem como, para á fraqueza de qualquer outro órgão.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcolm são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necesarios á formação do esqueleto da creança.

PREÇO: Tubo do 100 pastilhas . . . 20\$000

DOSE: — PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos moços é bastante metade da doce acima.
PARA CREAÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para creança de menos de 4 annos começar por 1/2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á REVISTA FEMININA
Praça Antonio Prado - S. Paulo

S. P. Mfg. Druggs Co.



A Saude da Mulher

✻ CURA ✻

INCOMMOTOS DE SENHORAS



Exma. Srna. D. MARIA MAXIMINA DE OLIVEIRA
curada com "A Saude da Mulher".

Srns. Daudt & Oliveira.

Padecendo ha muito tempo, de colicas uterinas e tendo feito uso de diversos medicamentos, sem tirar resultado, recorri ao vosso milagroso remedio "A Saude da Mulher" e com o uso de 4 frascos apenas fiquei radicalmente curada. Com os protestos da minha gratidão, levo este facto ao vosso conhecimento.

Recife, 5 de Maio de 1917.

Maria Maximina de Oliveira
(Firma reconhecida)

Assignatura Anua para todo o Brasil Re. \$3000
Preço para a venda avulsa: \$100
O assignante tem direito, pelo preço de assignatura, aos números extraordinários (que são vendidos avulsamente a \$1000) e aos brindes.

Revista Feminina

Directores: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

JOÃO SALLES

Redacção:

☐☐☐ Praça Antonio Prado ☐☐☐
☐☐☐ Palacete Briccola ☐☐☐

Telep. da Redacção, 5061, Central
Telephone da Residência da Directora N. 314 cidade

ANNO IV 8

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1917

8 NUM. 43

DEZEMBRO

(A MULHER BRASILEIRA NA GUERRA)



S acontecimentos internacionais que levaram o nosso Paiz a aceitar o estado de guerra que nos foi declarado pela Alemanha, vieram justificar muito rapidamente as previsões de nossa ultima chronica, na qual aconselhavamos as nossas patricias a que prestassem todo o seu apoio e todo o seu entusiasmo á organização do serviço militar.

O estado de guerra em que nos achamos afigura-se a muitos espiritos superficiaes, e por isto optimistas, uma situação absolutamente inocua, que nenhum perigo nos poderá trazer e que terminará, na chuva de flores, de paz e de amor, com que a Providencia tem até hoje coroado os momentos mais agudos, e que pareciam mais temerosos, de nossa evolução. Parece-lhes — e affirmam — que por estar a Alemanha tão distante e tão occupada com a guerra que neste momento lhe move mais da metade do genero humano, não lhe sobrá tempo para vir divertir-se em aguas americanas ou para a realisação de seu sonho da Alemanha Antartica, que os telegrammas do conde de Luxemburg acabam de revelar.

O recente torpedeamento de mais algumas unidades navas que lhes confiscamos e que incorporamos á nossa marinha mercante, torpedeamento que se deu nas proximidades de nossos mares, prova concludentemente que, apesar da multiplicidade com que deve distribuir seus golpes, o nosso inimigo actual não se esquece de um só de seus adversarios.

Temos além disto, em nosso Paiz, e principalmente no sul, uma forte colonisação allemã que ascende a algumas centenas de milhares de individuos que, de um momento para o outro, se podem tornar em grave

perigo nacional, mais grave ainda do que o da guerra externa.

Não sómente por esses motivos, como ainda, pela conservação de nos. sa hegemonia continental, que a propria natureza nos conferiu, temos necessidade de consolidar o nosso valor efficiente na guerra.

Qual o papel que compete á mulher brasileira neste momento nacional? Está ella á altura daquella missão?

Sim, podemos-o affirmar orgulhosamente como mulher brasileira.

A onda de reacção que surgiu com a violencia de um temporal deante dos insultos do inimigo á nossa soberania e que nos levou a aceitar o desafio que nos foi lançado, encontrou a mulher brasileira com o espirito calmo, tranquillo e forte que dá a virtude.

Nos longos annos de paz as descendentes de Annita Garibaldi nem se acorbardaram, nem se desmoralisaram nos vicios que a indolencia gera. Ellas são hoje, o que eram hontem, antes de nossa primeira guerra.

Terminadas as duras refregas da nossa puberdade de nação ella despiu-se do heroismo que a tinha sagrado, e voltou tranquillamente para o seu lar velusto, onde continuou a realizar a trilogia de filha, esposa e mãe numa só mulher verdadeira.

Na sombra augusta e veneravel da intimidade da familia brasileira não tiveram eco nem as maximas da moral subversiva que pregavam os epicuristas dos grandes «boulevards» das pseudo-civilisações, nem o grito epileptico de absurda emancipação, que porejava das hepatites ultra-biliosas das suffragistas inglezas.

Houve, é facto, excepções. Appareceu nas grandes cidades um typo exotico de brasileira caída e pintada com todas as cores do arco-iris; vestindo-se ou antes despindo-se, pelos

mais desabusados figurinos do mundanismo da decadencia occidental; fallando um patarati, una algaravia de a.ricano que se começa a civilisar, irridada de pedantes gallicismos e inoportunos anglicismos; e, chorando quasi, de não ter nascido em Paris, ao em vez de ter nascido nesta terra de «sauvages», que nós tanto amamos pelo esplendor inconfundivel de seu ceu, pela magestade de suas montanhas, pelo marulho possante de seus grandes rios e pela vitalidade triumphal de suas florestas, de onde tiramos a grande virgindade de nossas almas!...

São escassas excepções estas, que se aproveitam do momento doloroso que atravessa o nosso paiz, para brilhantemente exhibirem um falso e pouco sincero patriotismo, pedindo carabinas para combater e lançando, assim, o ridiculo sobre o nosso sexo.

A brasileira digna das nossas tradições de antanho conserva-se intangida dentro de seu lar, na modestia que é virtude, na pureza de seu amor que é abnegação, na dedicação obscura que é o heroismo...

Ella recebeu com serena fortaleza a noticia da guerra; não sahii da sua casa; não se exhibiu; não fez alarde de seu patriotismo; mas de seus braços desde logo desceu o filho e, como outrora, correu a levar armas a seu esposo, a seu filho e a mostrar-lhes o caminho dos quartéis, para o voluntariado.

Foi, então, e só então, quando os viu partir, que se lembrou que elles podiam ser feridos, que podiam succumbir no campo da refrega. Não tentou, porém, chamal-os, nem os fazer recuar de seu dever.

Um unico gesto leve; foi cortar o linho para o seu primeiro avental na Cruz Vermelha Brasileira.

Anna Rita Malheiros

(Para a REVISTA FEMININA de S. Paulo)

A NOSSA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS

As palavras que escrevemos num dos últimos números da nossa REVISTA sobre a exposição de trabalhos que temos aqui mantido com perseverante desvelo não foram bem compreendidas, talvez por defeito de clareza na maneira de nos exprimirmos. Quizemos dizer apenas que não é justo que nos encarregemos de custear as despesas de transporte quando algumas das expositoras, por qualquer motivo, resolvem mandar retirar os objectos que enviaram. Não aconselhamos ninguém a retirar esses objectos. Ao contrario temos o maximo interesse em que as nossas leitoras e amigas nos enviem novos trabalhos, renovando assim a exposição que diariamente é visitada por muitas dezenas de senhoras, as quaes sempre ficam encantadas com a nossa iniciativa e não se podem furtar ao prazer de adquirir qualquer cousa.

Não aconselhamos, pois, as expositoras a retirarem os seus trabalhos. O que dissemos é que, se por qualquer razão, ellas decidirem reclamar os objectos enviados, se encarreguem das despesas da remessa, porquanto, aos sacrificios que temos feito com a sala, com a luz, com a limpeza, com a pessoa encarregada do serviço, não é justo que se acrescentem a do retorno pelo correio, pela estrada, de ferro, ou por outra qualquer fórma, dos trabalhos que regressam á posse das suas donas.

Precisamos que todas as nossas leitoras e amigas compreendam bem a significação da nossa iniciativa e nos ajudem a realisa-la e amplia-la cada vez mais. Todas nos podem auxiliar, enviando-nos os seus preciosos e interessantes trabalhos que tão apreciados têm sido. Quem não puder dedicar o seu tempo a essas prendas femininas pôde muito bem aconselhar as pessoas conhecidas e amigas, fazendo-lhes ver as multiphas vantagens da nossa exposição: — excellente fonte de pequenos rendimentos para despesas extraordinárias e imprevistas; engrandecimento da mulher brasileira, divulgando a sua habilidade e o seu carinho pelas cousas da arte; mutuo conhecimento dos recursos com que se pôde contar; exacto estalão da cultura e progresso familiar e um sem numero de outras vantagens, facilmente comprehensíveis e de urgencia Imperiosa.

Queremos, pois, que todas nos ajudem, porque todas se devem interessar pelo renome da mulher brasileira, revelando as suas aptidões e a sua graça. É uma prova de verdadico patriotismo.

Como seria interessante se possessemos reunir em uma sala de exposição trabalhos mais ou menos re-

gionalistas de todos os récantos do Brasil, condensando, por assim dizer, numa formula concreta, a unidade da alma feminina brasileira, nas suas multiplices variedades e caracteristicas!

Mas, dirão muitas: não precisamos de enviar nossos trabalhos porque não precisamos de vender.

Sim, muitas não lucram esse auxilio que ás menos favorecidas quizemos proporcionar com a iniciativa da nossa exposição. Essas, porém, poderiam bem lembrar-se de que seria uma bella acção contribuir para o bom renome de cultura da mulher brasileira, enviando trabalhos caprichosos e destinando o preço de venda a uma obra de caridade. Seria um duplo objectivo merecedor dos maiores elogios.

Contribuam, pois, todas para aumentar e enriquecer a nossa galeria de trabalhos femininos. Enviem-nos sempre cousas bem feitas, bem trabalhadas, de utilidade immediata e applicação usual, o que não quer dizer que não sejam bem aceitas as obras de arte pura.

Não tenham pressa de saber que os seus trabalhos são vendidos. Não estabelecemos preferencias. Os clientes é que escolhem á vista dos modelos, sempre dispostos da melhor maneira.

Envie e m os trabalhos com os preços que julgarem convenientes mas haja o cuidado de os não marcar muito elevados, porquanto isso determina uma difficuldade evidente de aquisição.

Emfim, in a n d e m-n-o s muitos trabalhos, desses que dignificam e honram as mãos gentis que os manipularam. O proveito material e moral será das nossas amigas e leitoras e a nossa exposição continuará a ser um centro de unidade feminina e uma iniciativa encantadora, digna do optimo acolhimento que tem tido que a todas nos glorifica, dando uma alta e bella ideia de quanto vale e quanto pôde a mulher brasileira, não só em tempo de paz, mas tambem em tempo de guerra.

Hoje todas as aptidões devem ser postas em jogo e aproveitadas com verdadeira avaréza. Não se cuide nuplar com o maior carinho um vestido de creança, uma almofada, um pedaço de renda, emfim, qualquer peça de vestuario, qualquer objecto feminino. Deve haver tempo para tudo e quando a boa vontade existe o tempo chega. A hora é de graves responsabilidades, mas o momento é o mais auspicioso para fazer refulgir as limpidas glorias da mulher brasileira, descendente de heroínas.

FAÇAMOS ECONOMIAS

O estado de guerra em que se encontra o Brasil, demanda da parte de todos, sacrificios e deliciações, imperiosas deveser que o patriotismo inspire.

O sr. presidente da Republica, em notave, manifesto dirigido ao paiz enuncia claramente esses deveres que são, primeiro que tudo e acima de tudo, a união, a vigilancia e a economia.

Pelo que diz respeito ás nossas gentiliíssimas patrietas é sobretudo na economia que ellas podem cumprir a melhor parte desse programma tão simples e tão patriótico.

É preciso que ellas preguem e façam economias, evitando despesas superfluas nos gastos, abastecendo-se de modo, condemnando os excessos do luxo, poupando no vestuario a apreheensão de melhorar a alimentação em casa. Despesas inúteis e improproductivas deveser sempre rigorosamente abolidas. Mas não se deve por isso cair no abstrato contrario, tentando gastar o que for necessario.

A economia não é a avaréza. Economissem, pois, tanto quanto possivel, mas não se tenha fazer as despesas precisas, o que poderia seriamente prejudicar o commercio e as nossas nascentes e prósperas industrias.

Ha muita gente que não comprehende quanto a economia é capaz de se converter em fonte de riqueza. Pois estas por isso tem exemplo claro, o caecoleo, o palmeiral.

Se cada um dos habitantes do Brasil poupasse por dia um tostão quanto furta no fim do anno? Imaginem. Ha economia diaria de um realito feriamos a soma total de um milhão e cem mil centes de réis.

Uma quena não pôde pagar uma pequena moeda de nickel? Muitos pedem a mesma pergunta aos queitos, para comprarem aquelles que não dispõem de meios bastantes para por de tudo tal quantia.

E. V. Era, minha senhora, já meilhou sobre o que se perde em luz, em agua, em gaz, em mantimento, em vestuario, na sua casa? Já pensou que tudo quanto assim se perde tem seu valor, seu extraordinario valor neste momento. Não ha ramos inúteis. De tudo se pôde tirar partito, com intelligencia e boa vontade.

Medite, pois, V. Era minha senhora, como agora deve fazer toda a mulher brasileira, no modo de demonstrar a sua parte de patriotismo, na hora solenne e grave que atravessamos.

Medite nos conselhos leaes e sinceros do sr. presidente da Republica e procure praticar e fazer com que os outros pratiquem a economia que é a grande virtude critica do mundo moderno e será sempre o solidio alicerce da fortuna pública e particular, a prova segura da intensa e pujante vitalidade de um povo.

A nossa "Revista"

Com o presente numero termina nossa REVISTA o seu 4.º anno de existencia.

Qu-m conhece a difficuldade com que lucram as publicações periodicas em nosso Paiz pôde calcular a somma de esforços que nos foi preciso dispendir nestes quatro annos de uma publicação exclusivamente feminina, que não conta com publicações officiaes, nem auxilio de qualquer especie além dos que lhe provêm de suas assignantes e de seus annunciantes.

ã nossa parte litteraria

Na nossa parte litteraria publicamos durante estes quatro annos collaboração variada e selecta e podemos orgulhar-nos de haver conseguido collaboração dos nossos melhores escriptores, e de termos apresentado novos nomes litterarios de todo o Brasil. Entre esses e outros figuram:

Da Academia Brasileira: Coelho Netto, Olavo Bilac, Luiz Guimarães, Filinto de Almeida, Felix Pacheco, Magalhães de Azeredo, Paulo Barreto, Garcia Redondo;

Da Academia P. de Letras: — Amadeu Amaral, Claudio de Souza, Valdomiro Silveira, D. Prescilliana Duarte, Freitas Guimarães, dr. J. Gomes dos Santos, J. de Carvalho e mais Cyro Costa, Arthur Cerqueira Mendes, Julio Cesar da Silva, René Thiollier, J. Machado, D. Julia Lopes de Almeida, D. Anna Rita Malheiros, dr. Edvard Carmillo, Oscar Lopes, D. Francisca Julia da Silva, João Luso, Tapajós Gomes, Chrysantheme, D. Bebê Mendonça Lima, Couto de Magalhães Sobrinho, e muitos e muitos outros escriptores nacionaes, do Norte e do Sul do Brasil.

A par da litteratura nacional temos publicado os melhores trechos de litteratura estrangeira moderna, traduzidos especialmente para a nossa REVISTA.

Trabalhos femininos

Amostras de trabalhos

A collecção de amostras de trabalhos femininos publicadas em nossa REVISTA attinge a cifra de 584 clichés! As nossas leitoras, que tem colleccionado a nossa REVISTA, possuem pois um variadissima e magnifica collecção de amostras. Calculadas estas amostras ao preço de 30\$000 entre o desenho e a gravura representam avultada somma de Rs. 17:520\$000.

As nossas outras illustrações

Sobe a 1800 o numero de clichés que publicamos até esta data. Calculados á base media de 15\$000 entre gravura e desenho, temos uma somma de 18:000\$000.

Educação domestica

e outras secções

Em todos os nossos numeros mantivemos sem interrupção uma série de artigos sobre educação domestica,

acompanhados de clichés elucidativos, com receitas de cosinha, modelos de moveis economicos, de adornos para a casa e de mil outros pormenores da vida do lar.

ã moda

Si bem que não possamos dar a esta secção o amplo desenvolvimento que lhe dão as publicações que só deste assumpto se occupam, procurámos em todos os nossos numeros trazer as nossas leitoras a par das innovações da moda, acompanhando as nossas chronicas dos ultimos figurinos de toilettes e chapéus.

Secção infantil

Pequenos contos, paginas illustradas, concursos com premios, monologos, comedias e artigos de educação, constituíram a nossa secção infantil illustrada com cento e trinta gravuras.

O theatro da Revista

Na secção — theatro — publicamos a par de comedias e sainetes dos nossos melhores autores theatraes, pequenas scenas e monologos infantis, escriptos especialmente para a nossa REVISTA, e que tem tido larga divulgação nas festas escolares, recitados pelos alumnos das nossas escolas e grupos escolares.

Abordamos todos os assumptos...

... que podem interessar ao mundo feminino brasileiro e temos consciencia de haver conseguido em todas ellas completo exito, pela selecção dos artigos, em que pozemos o maior escrupulo, no intuito de fornecer uma

Leitura san, util e moralizadora

a verdadeira leitura da familia brasileira podendo circular livremente entre as meninas e moças. Este nosso escrupulo valeu-nos o applauso de nossos maiores vultos, e não é immoestia lembrar que

S. Excia. o Cardeal Arcobispo

de S. Paulo, e diversos bispos de outras dioceses, em preciosos autographos que em nossas columnas publicamos, aconselharam a diffusão da nossa REVISTA no lar brasileiro.

Cada a imprensa applaude

a nossa REVISTA. . .

... a começar pelo *Jornal do Commercio*, do Rio, o mais antigo dos nossos orgãos de publicidade que proclamou a nossa REVISTA «como a melhor publicação que, no genero, tem apparecido na America do Sul, e a seguir por todos os demais orgãos da nossa imprensa, do Norte ao Sul do Brasil, que tem tido para a nossa REVISTA as mais entusiasticas expressões.

Nossa tiragem

subiu rapidamente

Todos aquelles factores fizeram com que a nossa tiragem que nos

primeiros mezes foi apenas de 4.000 exemplares subiu a quinze mil.

Nossa publicidade

O numero de nossos annunciantes cresceu em egual proporção, de ante dos resultados obtidos, pela vasta disseminação de nossa REVISTA, que vae do Amazonas ao Rio Grande do Sul, como se verifica dos nomes das nossas assignantes que, pela ordem de inscrição publicamos em todos os nossos numeros na secção *De todo o Brasil*.

Assignaturas

A boa vontade, a dedicação e o zelo das senhoras brasileiras que de Norte a Sul do Brasil tomaram a seu cargo proteger e amparar esta nossa primeira grande publicação feminina, concorreram para que o numero de nossas assignantes seguisse a seguinte progressão:

1914	1915	1916	1917
4.325	7.220	12.568	14.168

ã nossa venda avulsa

Pela progressão acima cotejada com o volume de nossa tiragem verifica-se igualmente o augmento de nossa venda avulsa, para a qual, além de S. Paulo, e Rio, estamos abrindo agencias em todas as Capitães e grandes cidades do Brasil.

ã nossas despesas

Fechamos o nosso balanço de dezembro, o primeiro, com um saldo não muito avultado, mas que nos vae permitir introduzir novos melhoramentos em nossa REVISTA. A alta do papel e do trabalho typographic, bem como as installações que temos feito consumiram até aqui toda a nossa receita. Não sendo, porém, a nossa REVISTA uma empresa mercantil, não nos preoccupa o lucro, que vamos immediatamente applicar em melhorar a nossa REVISTA, si bem que mantemos o mesmo preço de assignaturas de

8\$000 por anno

com direito a premios e a todas as edições extraordinarias que forem publicadas.

Renovamos o nosso appello...

... ás senhoras brasileiras para que nos continuem a auxiliar, angariando-nos novas assignantes e concorrendo assim para que se affirme definitivamente o nosso primeiro grande triumpho intellectual feminino.

Agradecendo de inteiro coração a todos os nossos collaboradores e co-operadores, a todos pedimos que em 1918 continuem a prestar o seu auxilio á nossa desinteressada e utilissima iniciativa.

A direcção.

A SANTA

RECORDAÇÕES podem dormir por todo o sempre no fundo da alma, enquanto não se lhes toca; são como um novelo que, não sendo bulido, se conserva direitinho na cesta de costura, mas, depois que se lhes puxa a ponta do fio, desenrola-se e emmarranha-se ao menor movimento... Assim são as recordações! Enquanto não se lhes ergue a ponta do véo, permanecem caladas, semelhantes a um segredo, que fica eternamente aferrado ao coração, tal como se não houvesse linguagem capaz de o definir!

A recordação é a synthese da vida, é a renotação da dor e da alegria, é o espelho que na mesma hora reflecte o rosto candido da creança, a face cheia de belleza e frescura da mocidade e o semblante meditativo da idade madura. A vida seria de facto muito mais curta se não fosse multiplicada pela lembrança. Ha horas que são vividas mil vezes pelo coração, e dias que equivalem a annos e annos de existencia... A memoria é como que um templo grandioso onde se aninham todas as convulsões do passado e onde a lampada merencorea da saudade illumina imagens de todo o tamanho e de todas as cores...

Li não sei onde que os povos mais felizes são aquelles que não têm historia; inversamente, as creaturas que não têm saudades devem de ser as mais infelizes de todas. A saudade transfigura tudo, parece que aperfeiçoa e engrandece o coração. Expurgamos da lembrança tudo o que é nocivo e com tal grandeza de alma que as dores legitimas permanecem por toda a vida. A mãe que perdeu um filhinho adorado, por mais que o tempo decorra, não pode passar muito sem que o chore. Chorar-o é a dolorosa consolação do seu amor!

Sejam quaes forem as alegrias que nos rodeiem, sejam quaes forem as distracções superiores que nos embalem a fantasia, ha momentos em que nosossa alma, desviando-se do mundo externo, mergulhada em profundo recolhimento, eleva-se ao céu e reza pelos mortos queridos! Rezar pelos mortos é um dos contentamentos reaes que existem sobre a terra! Parece que nos sentimos melhores após uma dessas orações! praticamos um acto de bondade, de doçura e de constancia. Rezar pelos mortos! facilidade sublime que nos dá meios de fazer dadiças aquelles que já não podem sentar-se á nossa mesa nem receber os nossos mimos carinhosos!

Mas a lembrança não se cinge unicamente ao mundo do sentimento, a lembrança, com a sua palheta maravilhosa, nos faz ver paizagens que deslizarão rapidamente de nós, e, quando nos embobemos em meditações prolongadas, nos leva para a praia marulhenta, de ondas orladas de espuma, ou nos assenta á borda do regato transparente, colando sobre pedrinhas vermelhas, batidas pelo sol do meio-dia! A lembrança nos colloca á sombra de uma arvore ramalhuda,

ouvindo o canto variado dos passaros da selva ou nos traz á mente o delicioso barulho das aguas de um rio ferido pelas patas da cavalgada que o atravessa, em meio das risadas infantis...

E' ainda esse espelho onde as imagens se succedem prodigiosamente que me faz ver agora a casa da Santa, rebocada por fóra, deixando as ripis nos logares estragados, em que os terrões se desbrugam, com a sua sala de metade treuga e metade assualhada e porta ao rez do chão. Alli, naquelle compartimento, a meiga velhinha flava, tecia, bordava baixelhos, com lan de suas proprias ovelhinhas, e cardava com tal pericia que os dentes asperos das cardas pareciam de maciez encantadora em suas mãos, verdadeiramente invejáveis quando reativavam os focos de lan e os alinhavavam no baliao de taquara grosseira.

E como era agradabilissimo o barulho da roca, aceleradamente tocada pela Santa, com o seu pézinho alvo, de chinello sem meia, e o seu braço espichado, guiando o fio que se ia enrolar vertiginosamente no fusil!

A vista de tantas occupações diferentes e engenhosas e daquela paz completa, de envolta com tão nobre actividade era de influencia benéfica e duradoura.

E, quando a Santa interrompia o trabalho para nos obsequiar, o que ella trazia lá de dentro eram favos de mel cor de ouro, tirados por ella mesma do seu cortiço de abelhas e ma-leavel cera da terra, com a qual os nossos dentes modelavam bonequinhos monstrosos...

Havia sempre alguma coisa nova naquelle ninho de trabalho e de humildade.

A Santa fabricava velas para vender. Com que tranquillidade arranjava os pavios nas fórmãs, que depois enchia vagarosamente com sebo derretido e enfileirava em varinhas atravessadas na bocca de um barril cheio de agua, para que mais depressa se coagulassem. E depois, como era interessante vê-la retirar-as uma por uma das fórmãs, corrigindo com uma faca de mesa as anfractuosidades de um extremo das velas e apurando com uma tesoura as excessivas sobras dos pavios!

E, nas horas adequadas, a Santa ia coar o café num enorme bule de folha, dentro do qual perfeitamente se amoldava um enorme coador de baeta, preso numa argola de ferro. E, enquanto cessava o serviço, que tanto nos divertia, contemplavamos na janella a carneirada esparramada ao derredor da casa; e, se era noite, fitavamos a escuridão profunda, cruzada de vagalumes, ouvindo o coaxar variado e monotono da saparia no brejal vizinho. E o café quando vinha já era temperado, por ter sido feito com rapadura, e era servido em tijelhinhas sem pires, das quaes o seu Balthazar, o marido da Santa, bebia tres ou quatro de uma assentada!

Este velho corpulento, de voz excessivamente grossa e modos bruscos, era quem cortava a lan dos carneiros para a Santa. Ganhava elle as

suas meias palacas, ferrando aninhas, concertando relógios e sangrando dentes. E a casa da Santa vivia cheia porque enorme devéras era a sua descendencia e grande a sua caridade!

Quem tanto trabalhava, quem tantos filhos teve e ainda ajudou a crear tantos netos, devia ter forçosamente seus ultimos dias em glorioso descanço! Assim não aconteceu, porém!

Quando, ha alguns annos, viajando por Minas, passei no lugar em que a Santa morava, estava ella completamente cega e na mais compungente miséria! Morava fóra da villa, disseram-me, e, na manhan seguinte, fomos visitá-la, afrontando a pé uma boa distancia.

No meio de extensa campina estava sua casinha, inteiramente isolada. De pé na porta da rua encontrá-mos duas meninas desgredilhadas, que eram suas bisnetas e moravam com ella naquelles dois quartinhos barreados, que se communicavam por uma portinha sem folha. No da entrada via-se a um canto o fogão de tijolos, com dois gravetos apagados. No do fundo estava a Santa, alquebrada e doente, deitada num catre tosco, envernizado pelo tempo, com olhos debruados de vermelho e uma pallidez mortal nas faces. Conservava, porém, o seu semblante a mesma expressão de felicidade e doçura! E quando ella viu com quem falava, apalpando-me os braços e apertando-me as mãos, como se quizesse contemplar pelo tacto aquella que vira havia tanto, ainda creança, murmurou com um sorriso leveante melancolico:

« Eu não posso vê-te!... »

E conversou por largo tempo, sem lamurias, falando pouco de si e indagando muito dos outros. « Você já tem filhos? Quantos são! Como se chamam? » E depois, como se pedisse desculpa:

« Agóra não posso mandar as meninas coarem café para você, o pó acabou. » E quando lhe deixámos nas mãos o dinheiro que traziamos, dizendo-lhe que era para doces: « Não é preciso... não é preciso... »

Quando saímo' da casa da Santa, o sol derramava pelos ares uma luz vivificante e um calor aprazível e brando: Era domingo. Rocieras, em bandos, voltavam da missa e caipiras vestidos de tré azul puxavam carqueiros de canna e milho verde pelo caminho.

Alguns meninos penduravam-se alegremente na porteira do pasto, fazendo com que os outros a abrissem e fechassem muitas vezes para seu delite, e o ranger da porteira, batida com força, ecoava ao longe, num queixume inconsciente...

Nós caminhavamos em completo silencio. vinhosham com o coração dilacerado...

A Santa morreu com cento e muitos annos de idade.

— Pobre velhinha! Para que mais ainda justificasses o teu appellido e mais te perpetuasses em nossa lembrança não te fallou sequer a auréola do martyrio e a mais perfeita resignação!

Prescilianna Duarte de Almeida.

PASSEIO MATUTINO

A's dez horas da manhã de 26 de Novembro de 1818, em Bruxellas, um homem sahio á rua para procurar um amigo. Ambos deviam dar um passeio. De carro, conversando, rindo, dirigiram-se a Waterloo, o campo da ultima batalha do primeiro Napoleão.

Tres annos apenas separavam os passeadores matutinos do grande dia 18 de Junho de 1815 no qual a carreira do maior cabo de guerra moderno se fechava com chave tão verdadeira.

Mais ou menos á hora em que os excursionistas de 1818 chegaram a Waterloo a pelega se ferira, cyclone mortal soprado pelos destinos em borrasca da Europa inteira.

A's 11 da manhã de 18 de Junho de 1815, Waterloo era um lamaçal. Chovera. A terra molle parecia recusar-se á dureza da carnificina e da ferocidade humana. Até ás tres da tarde proseguio, violenta sempre, indecisa contudo. Soldados aos milhares, chefes ás dezenas, juncavam o solo, de membros mutilados, de gemidos, de cadaveres.

Luctava-se corpo a corpo, nos arrancos do odio, no fervor dos desesperos. As balas e as crueldades entravam juntas nas feridas.

Os francezes traziam á testa das tropas o bravo entre os bravos, Miguel Ney, leão assanhado nas jaulas escancaradas da batalha.

De pé nos estribos, hirto de pernas, convulso de braços, Ney apontava o sabre as alturas do Monte São João onde os batalhões inglezes aguardavam a passagem do aniquilamento ou do triumpho. A' indicação do sabre de Ney seguio-se surdo e medonho clamor animal de vinte e seis esquadrões como o relampago põe sempre a sua ruga ignea na face da trovoadas antes da resposta do trovão, grave, invisível e profundo.

Depois das paginas dos *Miseráveis* ninguém tente descrever a carga de Waterloo atirada ao rosto da infantaria ingleza qual soppo de ferro.

Ney vinha á frente dos esquadrões, insano de heroismo, ardente de coragem, subindo o declive do Monte São João como descera a Besina, em busca da salvação pela gloria. Ney suppria Murat. Este, o antigo conductor estupendo da carga da Moskowa, era agora transfuga, da familia napoleonica, da honra e da saudade.

A cavallaria abalou fulgurante, em tromba, de estandartes desfaldados e cornetas aos guinchos estridentes, ao crepitar da mosquetaria, ao regoço dos canhões.

Em Fontenoy, a infantaria ingleza adiantava-se na planície, rolando para esmagar as guarda-francezas, vestidas de azul e encarnado, até que o Marechal de Saxe, concentrando toda a artilharia do seu exercito, partio a

lumna dos infantes a tiros de peça como quem procura inutilisar a cobra, pela varada, se dirige á espinha dorsal.

Em Waterloo, a infantaria ingleza não se adiantou como em Fontenoy. Ennovelada no Monte São João, ao redor de Wellington, esperou o choque de maré armada da cavallaria franceza. Esta desembocou em bolo rapido e estrepitoso. De subito, na frente, se lhe desenhou o caminho de Ohain, fosso hiante entre a gente de Ney e gente ingleza. O fosso foi tapado, a homens e a cavallos. N'elle rolaram até formar senda para os cavalheiros da rectaguada cujos cavallos amassavam mortos e feridos.

A noute vinha cahindo, no rutilo vagar das tardes de verão, trazendo aos campos encharcados de sangue sobre lama a mesma serenidade que lhes daria se os achasse explodidos em flôres.

A infantaria ingleza, em treze quadros, dous batalhões por quadro, sobre duas linhas, sete na primeira e seis na segunda, esperava de espingarilhas apontadas. Em breve a fuzilaria saraviu sobre a massa de cavalheiros a chegar impetuosa, pavorosa de ancias homicidas. Os inglezes amoleceram ao embate. Assim o laço derretido toma a forma imposta pela pressão vigorosa do sinete. Sobre a tropa britannica tombavam a derrota e a treva crescentes. Napoleão lá vencer. A velha guarda, temperada ao fogo das batalhas, trazia-lhe a victoria na ponta dos sabres grossos, cantada nos clarins agudos.

Os inglezes recuavam como outra os francezes em Marengo, ao descer tambem da tarde, quando Melas despachava um correio para Vienna com a noticia do triumpho austriaco. Bonaparte tratava da retirada. Mas, eis a nuvem inesperada de poeira. Surge, cresce, estoura do lado de Novi. E' Desaix, é o reforço, é a victoria.

Tambem no campo de Waterloo. Uma nuvem apparece, como descida do céu á hora do crepusculo, ao lento desmoronar da fogueira suprema do sol. Nôvi não se reproduz porê. Aos passos avulta e se espalha, nodosa de oleo no mar da pugna, o exercito de Blucher, este alcunhado o *General Para a Frente*.

Os francezes largam pé e o terror panico lhes desarticula a resistencia. O vigor dos braços desce ás pernas.

Correr é a senha. Apenas os grandeeiros da guarda se mantem firmes, em quadro, um general no centro d'elle: Napoleão.

Por fim os canhões abrem brecha n'esse muro humano. A guarda corre a calir, em breve a debandada é geral.

Napoleão succumbem em Waterloo. Disso tudo vinham conversando os viajantes, um inglez e outro aus-

triano, que vimos sair de Bruxellas, a 26 de Novembro de 1818.

Acabaram por percorrer o campo de Waterloo, parando aqui, apontando ali, recomeçando a andar, detendo-se de novo, como jogadores de xadrez que na ausencia das peças, á simples vista do taboleiro, ideam a partida e acompanham-lhe o aperto dos lances arriscados.

Os dous visitantes de Waterloo, na manhã de 26 de Novembro de 1818 (o passeio e a data d'elle foram registrados na Historia.) chamavam-se o *Duque* de Wellington e o Principe de *Mettelnich*.

(Para a "Revista Feminina")
Escragnolle Doria

A CORÔA DE NATAL

Vós que não tendes belleza, alegrai-vos com a belleza dos outros:

Vós que sois ignorantes, jantai-vos nos sabões e mofinosos francezes; e, sem inveja, Vós que sois defectuosos no fraco, levantai os olhos para os esportos e para os fortes:

Vós que sois vellos, sede felizes com a presença da juventude:

Vós que não triumphastes, alegrai-vos com o bom exito e o triumpho dos outros:

Vós que sois surdos, e lizo dos outros:

Vós que viveis um bilhete branco na fuzilaria, rido contudo, de boa coração para a felicidade e para a sorte dos outros:

Vós que espreitais pelas góbernas das aguas furtadas e viveis em pobres mananciaes, contentai-vos com prazer as fúndas onde fangamplam as luzes das festas:

Vós que sois desconhecidos sem honra e sem nome, applaudi os famosos celebres:

Vós que saís e pensis no trabalho, vede, com um sorriso, o lizo dos outros:

Vós que sois sem pecado, congratulai-vos com a paz e a belleza dos que são maus:

Vós que não sois pobres, amai a pobreza:

Vós que não tendes humilhaes e desconhecidos, adurai os genios:

Vós que sois pobres, não invejais os ricos: Vós que não tendes vietas e sois obscuros, possaei talvez dos terracos aljardados dos principes, olhai para os palardos e blates dos millionarios, contemplai os diamantes reluzentes ao passeio das duquezas, recutai as nucladas que padis, apoiari sem as terças compostas, fidei ao lado, entre a multidão, sem um pensamento de amargura, ao ver o hepe que passa:

Vós que não tendes amargura, senti, em hora, um genuino prazer ao devisar nos olhos dos outros a alegria de serem amados: Vós que não tendes filhos, contentai-vos porque elles bebem e saltam na casa dos outros:

E vós — ah! não vós que estais coronados e triumphastes nos limitados do Parozão — não invejais os que não tendes no meio das trevas e que, todavia, possuis em vós qualquer cousa de divinalmente humano nos vossos corações sem invidia, compartilhai da benignidade dos que vides ao longe ou ao perto:

Para vós, eu vos offereço a Corôa de Natal: A vós em don o prelo do dia, a pedra branca, na qual está escripta um nome que ninguém pode ler senão aquelle que a tem e aquelle que a deu:

Para vós é a grandeza nunca vista: vossa é o grande e maravilhoso successo: e cujos corações não fere o espilho do odio: Porque a vossa pureza do inveja é melhor do que a virtude:

O vosso poder de compartilhar da reconpensa dos outros, que nunca sera vossa, é mais forte do que a Fozza, mais bello do que a Belleza, mais victorioso do que a Victoria: E se assim for o divino Mestre, pelas leis adoraveis do Céu, não pôde deixar de vos approvar abertamente, e emboa ramilhetes para elle no serrodo da noite Elle vos dará o santo beijo da Paz:

Vosso é o Premio Escondido: Vossa é a Corôa de Natal: Vossa é a tremida Estrella da Manha:



Oração de bohemio

AO DR. CANTINHO FILHO

I

BERNARDO, áquella hora matinal, no seu gabinete de trabalho, frescamente abotoado n'uma quinzena de linho, bocejava, correndo preguiçosamente os olhos pela sua numerosa correspondência: fóra cucurritavam os gallos, e o sol resplandecia na folhagem das arvores do seu quintal. De repente, sobre a escrivaninha, desatou a tocar o telephone; lançando elle mão do aparelho, indagou:

— Alô! Alô... Quem é?

— Franziu as sobranceiras:

— Como?! Não me diga! Está a agonisar? E pronuncia o meu nome? Deseja ver-me? Sim, sim: está bem! Já vou lá!

E levantou-se precipitadamente, abriu a porta: chamou pela creada:

— Maria! Maria! Depressa! Vae dizer á senhora que lhe quero fallar! Traz-me o fraque preto, o chapéo, e avisa o chauffeur que me prepare o automovel!

A sua mulher não se fez esperar: appareceu logo em seguida, enchendo de gravidade o aposento, com o seu porte altivo, o semblante fechado, sempre carregado de sombra. Perguntou-lhe secamente:

— Que foi que houve?

— Sabes: o Oswaldo está a agonisar!

— E que tenho eu com isso?

— Oh! meu Deus!

— Está claro! Que tenho eu com isso? Que se vá queixar ao mulhierio com quem sempre viveu! Tu lhe não invejavas a sorte? Não me dizias:—"Feliz é o Oswaldo"?... Aposto que hoje que não tem mais vinente, que está completamente arruinado, não encontrará nem quem lhe lave a cara, lhe faça a ultima toilette! Para essas cousas, somos boas, nós, as esposas! Querias, talvez, que lá lhe fosse fazer essa esmola, não é verdade?

— Oh! meu Deus!

— E ia a sahir, quando se voltou:

— Representa-se hoje a "Gheisa": é um beneficio; não quero deixar de ir ao theatro. Acho conveniente avisar-te, desde já, para que não me digas, depois, que não me podes acompanhar, lá por causa da morte do teu amigo.

E bateu-lhe com violencia a porta á cara.

— Ah! megera!

Ha dez annos que ella assim o martyrisava; não havia santo dia que lhe não allegasse o dote que trouxera, o conforto que lhe dava: a cama e a mesa. E não tinha atractivo algum, com aquella cara assassina, talhada a machado, desconhecendo os mais elementares preceitos de educação.

— Que importa, — pensou elle, — que morra o Oswaldo abandonado, que seja mesmo sepultado com a cara por lavar, e os cabellos emmaranhados. Não fóra elle sempre um bohemio? Então? Morria como um bohemio!

O facto é que elle amára, e amára intensamente: Bernardo sempre lhe tivera inveja. Quantas vezes embevecido. lhe não ouvira contar as doces sensações, que experimentava, ao pé de uma linda mulher, vendo fugir, á noute, no céu, um quarto de lua, brilhar muito alto o cruzeiro do sul... De mais, tinha um bello temperamento de artista: tudo na natureza o commovia: o cantar de uma cigarra n'um dia de sol; o pingar de

uma goteira n'um dia de chuva... E na sua vida, no seu passado, não havia um recanto, uma nesga, em que se não entrevissessem, desabotoados em flor, apaixonadamente a sorrir, uns labios humidos e apaixonados...

A's pressas despiu Bernardo a sua quinzena, vestiu o fraque, que lhe trouxe a creada, e desceu a correr as escadas.

— A' casa do Oswaldo, — gritou ao chauffeur, — á rua Abranches.

E o vehiculo, desaferrado, poz-se a rodar vertiginosamente.

A manhã estava clara; transparente: o céu azul. No largo do Arouche ia grande a algazarra: por debaixo das arvores, e ao longo das sargetas, crepitava o mercado volante ali installado: vendedores de legumes, de fructas, de flores... A carroça de um icitelôro com um desarranjo nas rodas, deteve-lhe um momento n'uma encruzilhada o automovel: Bernardo olhando distrahiadamente um capira, agachado junto de umas gaiolas, onde saltavam a cantar uns passaros, teve uma d'essas vagas saudades, que não se sabem explicar de quê, e os seus olhos marçaram-se-lhe de lagrimas.

Oswaldo morava, agora, em casa de uns portuguezes: estava de facto arruinado. As suas rendas demasiadamente exigias lhe não permitiam mais grandezas: alli vivia n'um modesto quartinho, com uma janelia sobre o quintal.

O automovel parou diante do portãozinho de ferro; José que estava a fumar, sentado na soleira, levantou-se a abrir-lhe a portinhola.

— E então? — perguntou Bernardo pressuroso.

— Está por pouco, meu senhor. O medico até nos aconselhou que avisássemos a empresa funeraria, porque o enterro deve ser feito hoje mesmo. Ao que parece, o seu corpo já entrou em estado de decomposição, apesar de ainda estar com vida.

Fôra, no terracino, que ia do portão á sala de jantar, achavam-se espalhados diversos objectos: uma cadeira de palha com o dorso partido; uma grande mala de viagem coberta de rotulos de companhias transatlanticas, de hoteis por onde arastára Oswaldo outrora a sua vida elegante; e com uma restea de sol, a dansar-lhe doidamente pelas abas, o seu chapéo côco sobre um porte-manteau.

— Por aqui meu senhor! — disse Maria, a mulher de José.

E Bernardo, na ponta dos pés, atravessou a sala-nha de jantar; entrou no quarto.

Um homem, já velho, baixo, gordo, de cara rapada, afastou-se discretamente da cama, onde jazia o muribundo; foi encostar-se á janelia, murmurando em italiano:

— "Povero!"

Desprendia-se alli um cheiro acre, enfoativo, de iodoformio e outros medicamentos. Oswaldo, livido, tinha as mãos trançadas sobre o peito, as unhas arroxeadas, resfolegando com ansiedade. Aos cantos da bocca, burbulhava-lhe uma baba viscosa; de quando em vez, contrahiam-se-lhe os traços, entortava-se-lhe a cara, e os seus olhos como que lhe saltavam das orbitas.

Maria chegou-se-lhe ao ouvido; gritou:

— Ah! está o senhor Bernardo!

Elle, porém, não deu accordo de si.

E Bernardo com o coração confrangido, achava agora bem triste o final de vida do seu amigo: a morte:

de um bohemio. Nem aquella mulher, cuja photographia alli se encontrava sobre o creado-mudo, fôra capaz de vir, de lhe trazer o conforto da sua presença. E no entanto, houve uma epoca em que ambos se adoraram!

— Ella ignora, que elle está a morrer? — perguntou Bernardo a Maria.

— Quem, meu senhor?

Elle apontou a photographia.

— Não: nós a mandamos chamar; José foi lá duas vezes: contou-lhe tudo. Ella, porém, deu uma desculpa: disse que viria depois: certamente não virá.

O homem, já velho, gordo, de cara rapada, sorriu tristemente; balouçando a cabeça; considerou:

— "Oh! le donne!"

Bernardo sahio; na salinhu de-jantar, indagou:

— Quem é esse homem?

— É o senhor Pietro, o artista comico da companhia Tomba, que alugou aqui um quarto. Parece ser uma boa pessoa: tem-se condoido tanto da sorte do senhor Oswaldo...

II

O enterro realison-se n'esse mesmo dia, no cair da tarde, nas baixadas do cemiterio do Araçá. Para as bandas da Hygienopolis, começavam a piscar os candieiros; os grillos toupeiros cantavam, mettidos nas fendas das campas, e no céu alvejava um pedaço de lua.

Acompanhavam o feretro, — Bernardo, José, Pietro e um padre. Sentia-se-lhes no semblante o desejo de precipitarem a "cervêze", de acabarem logo com aquillo. A encomendação, na capella, ainda assim, demorou um bocado por causa da chave, que emperrára na fechadura do caixão.

Quando levantaram a tampa, Bernardo ficou sur-

preso: o defuncto muito bem trajado, de casaca e sapatos de verniz, tinha os cabellos penteados, a barba feita.

— Quem foi que o compoz assim? — questionou elle.

José respondeu-lhe:

— Foi o senhor Pietro.

E acrescentou:

— Que bom coraçào tem elle!... Se o senhor visse como que carinho fez isso tudo!...

Bernardo, então, voltou os olhos para o velho artista, e acompanhou-o nos seus minimos movimentos com respeitosa admiração.

III

A' noite, vestia-se de gala o anligo barracào do Polytheama, abrigando, debaixo do seu telhado de zinco, tudo quanto S. Paulo possui de chic, de fino, de requintadamente elegante. O espectáculo desdobrava-se com alegria e a sala divertia-se fartamente.

Ao fundo de uma friza, Bernardo, atraz da esposa, sentia pequenino o coraçào: tinha as lagrimas na garganta; a mulher, cuja photographia se encontrava sobre o creado-mudo, á cabeceira do Oswaldo, lá estava n'um camarote, indifferente, a acenar para uns rapazes na platéa; e, no palco, o côro, acabando de cantar:

"Mimosa bella all'incanto anòrd
All'asta, ahimé, vendula, qui sara",

o senhor Pietro, maquilhado no seu papel de *Marchese Jmari, capo della Polizia*, — repetia fazendo rir os espectadores: — "Gata... cara, cara... cara, cara, cara, cara..."

RÉNÉ THOLLIER

(Villa Fortunata)

NOITE DE REIS

EM que pensas tu, assim tão sozinho? Nas contos da fim do anno? Não, os teus pensamentos devem ser muito serios. Pensemos nos teus desastres financeiros? Para dos-fazer a amargura dessas cousas fúnebres pensa... nos Reis Magos. E em nada mais? Sim, numa mulherzinha sonhadora que vêrs um momento com um ramo de violetas no peito...

Continuas a meditar no anno que findou... e naquelle que ha de vir?

Éa se que tu penses em tudo isto e por haver adivinhado os teus secretos pensamentos quero que saibas dos meus. Estou só, com os meus cuidados, com as minhas recordações, com os meus sonhos lútosos. Achando-me assim quasi esquecida, recebo uma visita que, pressumo, será tambem a tua.

Vais vir. Esta noite dei-me-me sem te lembrar. Tinha milhissimo que fazer e vontade nenhuma de trabalhar. Lá algumas paginas de um romance e no fim senti que tinha frio e que o despertador marcava as quatro. Gritei que dei duas voltas ao fio do electrico e fechei os olhos, porque se pensa melhor assim, pois continuava a não ter somno e a minha imaginação começou a correr atraz d'elleste pensamento: o romance que abjurá da honra e sacrificára a vida para salvar, aos olhos do mundo, a honra de uma mulher... E vi-o, senti que o meu cavallo, o seu cavalleiro, o seu cavallo portava para muito longe, muito longe. E achei-me num jardim florido, numa terra encantadora, cujo céu era desse azul de safira que faz brilhar os astros como diamantes. Estava eu sentada numa especie de pedestal, tapetado de jasmim a rosa, quando ouvi um rumor muito suave, e folheagem abria-se e os meus olhos quedam-se atônitos.

Uma mulher loira, divina, estava alli perto; mais longe um carro de coucha e nearar, puxada por cavallos brancos, arreados de ouro; e o cocheteiro e o lacaio vestidos pellos brancos; o ultimo, com a portinhola aberta que mostrava o interior forrado do azul celeste, esperava aguar.

A deusa, pois assim parecia, a coberta de pedrarias, os cabellos soltos presos por um diadema de perolas e um manto azul, cravejado de turquezas. Olhando-a embavejada alli disse-me assim:

• Não me conheces? venho lembrar-te pois assistes do valle de lagrimas e abrolhos

e falta muito pouco para chegar nos campos floridos. Eu te levarei pela mão: sou a riqueza; ante mim humilharam-se todos e o Amor dorme a meus pés. Perto d'aqui está o teu formoso palacio, guardado por amores sem dia, e a tua vida se aguarda nos docos cavalleiro: que am-te e fatá que os teus caprichos sejam ordens e que os seus vasallos te adorem lútuva. Vem, não lútosos: que fazes lá-aí, lá triste, enquanto ríem os demónis? Deixa o valle de lagrimas e abrolhos, onde, para ti só ha espinhos que dilaceram os pés e afloza os que vão em pé de ti, para não torçes; vem nos campos floridos onde só se respiram aromas; ahí deixarás reboios e estúdios, ahí encontrarás amores e esperanças.

Fiz um movimento para a divindade que me extendia os seus dedos rosados, cheios de anéis brilhantes, mas, no mesmo tempo, vi, entre elle e eu um vulto branco que devia ter surgido do espazo. Travia o peito cingido por uma grunhada de setenas e sobrava um esudo branco, com letras de ouro. Olhava para mim sem dizer palavra. No seu semblante reflectia-se uma pena profunda. Senti uma impressào dolorosa como se o coraçào não me coubesse no seio. Pareci-me ter visto sempre aquella figura: um ser de olhos azuis e os seus modos de outro já me não diziam nada; senti frio. Contemplei mais uma vez o carro esplendido: os cavalleiros pareciam-me leões e as lacinas horríveis esqueléticas; tive medo. Espontaneamente me refugio ao pé da figura vestida de branco que me sorria atravez das suas lagrimas, apontando-me o seu exodo. Este desconfiança-se um coraçào outro, atravezado por um espinho e os seus divinos estas palavras: • Os meus possuirão a terra...

Ansiosa por que ella me fallasse, echegue-me mais perto e ouvi-lhe estas palavras do Senhor: • Se tens cabeça não ha de ter coraçào? •

— Quem éas tu — perguntê-lhe — e porque me fallas assim?

— Sou, — respondeu ella a fada dos corações de ouro que perleram a illusão e neste dia me envia Deus a arrastar-lhes as espinhas, illuminando-lhes o caminho com a luz da entrela do Oriente que a mim me guia. Não deixes o valle dos abrolhos no qual quem fór após de ti se fero nos pés, ambara sorrindo. Não estás tão só como os teus pensamentos... Não creias na existencia

dos campos floridos, nem nos olhos com setas sem dardos, nem no amor do deus cavalleiro que por tua causa nunca soffrerá... Se nem ha temores e esperanças, ha tambem amores e esperanças. Dos espinhos que tu pisas alguma coisa fica para quem teve para ti um desejo sincero de alma.

A fada acariocionou-me a fronte. Com os seus dedos do seda e beijou-me nos olhos. Quiz segurá-lhe nos mãos, mas ella disse-me: • Vou reconfortar outros corações que vacillam... Seguei-a pelo veti, soui um ruído... abri os olhos...

O sol estava atravez dos cortinados brancos; o despertador marcava as dez. Sobre a mesa de trabalho, os meus meus trabalhos por acabar e, entre a pena e as tiras, um ramo branco de lilaz e um guano tirado a lingua, no pincello da montanha... me estufou do rosto... signal de que algum rei de barba branca havia penetrado pela janella fechada.

A fada fôr-se embora sem que eu lhe desse resposta. Se ella te visitar, o que não deixará de succeder, dá-lha tu por mil; diz-lhe que continuei pensando os abrolhos, diz-lhe que fico só com os meus pensamentos, com as minhas recordações, com os meus lútosos sonhos. E em paz d'isso, eu continuarei a guardar os teus segredos e rogarei aos Magos que te apresente hoje, como pre sente de bons annos, o cumprimento do teus desejos...

CARMEN

PARA TINGIR OS CABELOS

Podemos annunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azeviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despesa do correio.

De Eva antiga a Eva moderna

O Triunfo, do Rio, mantere durante a estação que ora termina, uma serie de conferencias de que foram incumbidos diversos de nossos escriptores. Em seguida a Almeida e Albuquerque e João do Rio realizo-se a conferencia de Cláudio de Souza, que hoje começamos a publicar em primeira mão, e que tanto pelo seu assumpto como pelo humorismo e a ironia que a vestem, deve agradar as nossas leitoras.

SETE foram as pragas com que Deus castigou o povo do Egypto. Este numero tão restricto de flagellos prova que a vida da humanidade de antanho era muito mais commoda do que a vida das civilizações modernas. Ella se tem complicado progressivamente á proporção que o homem descobre novas formulas de commodidade, surgindo um novo calos após cada novo sapato. Muitas e muito mais variadas pragas teria hoje o bom Deus para castigar a rebeldia de seus rebanhos, si, escanhado e vestido pelo ultimo figurino do Hammond, de Londres, quizesse descarregar sua colera com os mil gramofones que infestam as cidades, com as centenas de pianos que atordoam os ouvidos da visinhança, com os telefones que canalizam o desespero para o interior das casas, com os taxímetros em disparada, que nos devastam os bolsos e nos deceparam as pernas, com alguns dos clubs de regatas que fazem delirar as nossas mulheres, com uma dezena de chás das cinco com recitativos em linguas vivas e intraduzíveis, com algumas recitas de amadores dramaticos e, para terminar esta deficiente exemplificação, com o terrivel phantasma que navega como um submarino pelo nivel baixo dos soccos de nossas casas, que é assombroso e apavorante, infatigavel como o delirio ambulatório do Judeu Errante, terrico como o remorso, insomne como o Hamleto, diabolicamente imaginativo como Dante, e que se chama, simples e modestamente e — a banda allemã!

Muitos outros são os variados supplicios de que a civilização nos acolchoa a vida de commodidades. Ha um genio folgazão, como o Mephistopheles, a deslocar o ar com as abas largas; de sua capa, que assobia estrepidamente nos ventos da evolução, a distribuir com as mãos espalmas, como o sementeiro dos quadros classicos, os germes de sua garotice por todas as fazez do aperfeiçoamento das especies. Foi, sem duvida, este genio maliciosamente galfoteiro, que inventou o conferencista.

Na opinião dos mais conspicuos psychologos indigenas é a conferencia uma praga que a todas as demais supera, em intensidade e monotonia, posta mesmo em frente com um soffejo de piano ou com um monologo em francez recitado por uma ex-alumna do Sacré Coeur.

A humanidade, porem, e principalmente a humanidade que se diverte, sente muitas vezes, necessidade de aborrecer-se. O fastio só foi creado para valorisar o appetite; e o appetite para definir o fastio. De onde se pode concluir, em boa logica, que não ha melhor appetitivo do que o proprio fastio. Conclusão que provoca uma outra, e é que a boa logica leva a conclusões illogicas. Não é, pois, de extranhar, que tendo sido a conferencia inventada como poderoso succedaneo dos mais poderosos narcoticos, tenha ella o poder de reunir-vos nesta sala, ás 4 horas da tarde. Estou perfeitamente informado de que vistes assistil-a, para exercitardes vossa força de resistencia contra o somno. Asseguro-vos que alguns de vós conseguirão conservar-se acordados durante o primeiro quarto de hora. Outros, mais raros, conservarão os olhos abertos, com um piscar de palpebras das azas de um ventilador, até o fim do segundo quarto. Nenhum de vós vejo, no entanto, capaz de chegar aos tres quartos.

Conheçe vossa capacidade para o soffrimento. Já vos tenho visto despertos até o fim de um bailado russo; já vos tenho visto resistir ao terceiro acto de uma opera allemã; sei que tendes assistido comicios em que lallam meia duzia de oradores patriotas; vejo-vos diariamente lêr jornaes politicos de trinta e tantas paginas; e informarem-me que frequentais a galeria da Camara dos Deputados, que tendes sido julgadores de prestios carnavalescos e que, realizastes, sem apparente esforço, a façanha maxima de, em dias de gala, assistir de cartola e sobrecasaca, sob os 40.º do morão tropical, ao

desfile de dez mil homens de guerra sem deixardes de tirar a cartola a uma só das bandeiras! Tudo isso é nobre e heroico. Não me convence, porem, de que tenhaes o emijamento preciso para ouvir uma conferencia inteira.

No curso das chloroformizações cirurgicas costuma o operador mandar que o doente conte de um a cem, enquanto lhe dá o narcotico.

Nas primeiras dezenas a voz da victima é clara e distincta: os numeros succedem-se, rapidos, como as gottas de uma batega de agua. Pouco a pouco, porem, se entorcece. A lingua torna-se lerdã, e progressivamente, tropega e arrastada, como si sobre ella se despejasse uma carga de chumbo em grãos, que ella tenta debalde equilibrar. Atraza-se; desfallece. Começa a repousar em hiatos de silencio, que são seguidos de uma dezena pronunciada rapidamente, num impulso frenetico que denota a luta do espirito por se não deixar vencer. São os derradeiros arremessos. A lingua, empastada e molarenga, já não pronuncia: baba apenas syllabas indistinctas. Chega aos noventa... Arrasta-se, de borco, no hausto de um parelheiro esfofado, num ultimo arranco, tentando alcançar o poste dos cem. Ha, porem, apenas, um remexer de labios. A voz morre, com uma onda baixa, antes de atravessar a commissura espumarenta. O somno fecha de vez as palpebras e sobre o corpo interido e insensivel pode a cirurgia calmamente errar.

Por caridade vou poupar-vos o trabalho da contagem. Tenho tal confiança na minha conferencia, que si vos devesse fazer contar pediria que começasse a contar de traz para diante, de cem a um, para poder ter a ventura de ouvir alguns de entre vós chegados aos noventa e cinco!

Dormi, pois, á vontade. As cadeiras, apesar de caras, não são, talvez, bastante commodas. Para compensar este inconveniente eu prometto esforçar-me por attingir o maximo do enfadonho. Entregae-me com confiança vossa paciencia. Eu a operarei com escrupulo, cortando-lhe, como fazem os bons cirurgios, tudo o que fór util e deixando intacto tudo o que fór inutil. Dentro de alguns minutos as patas avelludadas das abelhas do somno fecharão insensivelmente vossas palpebras. Dormi! Dormi tranquillamente, a boa hora de somno que eu vos vou proporcionar. Si ouvirdes durante ella algum forte estalo de uma viga que desaba, não vos dê isto nem susto, nem cuidado. Será o vosso visinho que ronca beatamente...

O thema de minha conferencia — De Eva antiga a Eva moderna — exigia, de facto, uma previa chloroformização. Eva antiga nasceu de uma operação de costellotomia effectuada com enorme precizia, no ultimo dia da criação do Mundo. O operador chamava-se Deus; o operado Adão. A operação correu sem incidentes. Para não offender a reconhecida modestia do operador, Adão não fez nenhuma publicação de agradecimento pelos jornaes, que, hoje em dia, por maior segurança, os operadores redigem antes da operação.

Feita sem nenhum dos cuidados da moderna asepsia aquella operação faz o desespero dos drs José Mendonça, Alvaro Ramos, Daniel de Almeida e outros dos nossos cirurgios, que ainda não conseguiram chegar ao resultado notavel de extrair de uma costella masculina o corpo de uma mulher, e isto... sem tintura de iodo!

Eva nasceu, pois de uma subtração clandestina, que se tornou historica, por não haver ainda sido criada a Policia, instituição sabiamente inventada para indicar sobre a vigilância os objectos de valor que devem ser subtraídos. Vem dahi o habito que adoptaram os inglezes. Lertes lerdres da Biblia, de dormir em quartos separados, fechados com duplas fechaduras Yale, e de se conservarem magros para poderem numerar as suas costellas, sobre a pelle.

Chamou-se Eva a primeira mulher. Quando se quer conhecer a origem de qualquer vocabulo é de elemental prudencia não recorrer aos etymologistas que, como os specialistas, envelhecem a estudar os meios de complicar a materia. Assim é que cada povo lhe deu uma significação. Os chinezes pretendem que Eva, ou Hong-tou, significa aquella que enlaça os outros no seu proprio mal. Os rabinos davam, igualmente, a Eva, o significação de causadora... O Veidhan, dos antigos brahmanes, afirma que Eva quer dizer vida, enquanto os phenícios e os hebreus traduzem-na por serpente. Ha quem affirme que estes ultimos têm razão. Ao fim destas indagações etymologicas ficamos certos de que Eva se chamou Eva, pela mesma razão elemental que Adão se chamou Adão. O sr. Candido de Figueiredo, que é exímio em compilar taes assumptos, está estudando algumas novas formulas para confundir de vez as definições de seus collegas chinezes, brahmanes, egypcios e hebreus. E' muito possivel que o consiga. Para tal fim já tem elle catalogado o quadro completo das diferentes denominações do vocabulo mulher, nas linguas vivas e vivas. Assim é que chegou a descobrir a sensacional de que mulher, em chinez, é Nü, dedavatsi em georgico, guinea em grego moderno, paran-puan em malayo, kobleta em polaco, e — coisa espanhola — borou-borou em batta! Inegavelmente ha etymologistas que têm sogras de excepcional paciencia. Entre nós, si algum tem se atrevesse a dizer a sua sogra, que em batta ella seria borou-borou, ariscaria certamente a integridade de suas restantes costellas!

Outros pesquisadores exgotaram-se, como toda a gente que por não ter o que fazer excede-se de trabalhos, em indagar si a primeira Eva tratava o seu Adão pelo seu proprio nome, ou por algum dos carinhosos diminutivos com que a Eva moderna costuma approximar dos olhos do marido a ultima conta da modista. Eva tem hoje uma gema inteira daquelles diminutivos, que ella sabe graduar com infinita arte, do polysyllabo ao monosyllabo, enfeitando-os com a tentação de seu sorriso que brinca sobre seus labios como um Cupidinho de Sévres. Conheci, a proposito, um cavalheiro, director de uma sociedade de encorajamento ao trabalho, que se chamava Philogonio. Era obeso como um melão, calvo como um nabo, e opulento como um inhame, que se presta a mil applicações industriaes, entre as quaes, a marmelada, de collaboração com raros marmelos. Em dias de amôr conjugal elle chamava-se simplesmente Philogonio. Nas lojas de moda, nos institutos de belleza, nos joalheiros, nas chapelarias, e em todos os demais commercios da elegancia feminina, Eva sabia extrahir daquelle nome de inconfundivel esterilidade, interessante mosaico de syllabas... Em frente de um vestido de um conto de réis Philogonio era Filó; em frente de um collar de perolas Filó era Fifi; deante de um chapéu de "aigrettes" verdadeiras Fifi era Figinho! era Gógó; e em occasiões mais expansivas o meu excellentemente acomodado amigo Philogonio era absurdamente, o Gogoninho!

Nem páram ahí as astucias de Eva. Recorre aos vegetaes, e, até, aos diminutivos zoológicos. São pequenas armas de que Eva se serve, como de quadrangulos de assucar, para domesticar a nossa ferocidade economica. E tendo o primeiro homem tentado resistir á sua sedução — o que seria inacreditavel si Adão fosse brasileiro — é de suppôr que ella o tenha desde logo baptisado com um daquelles diminutivos. Com o melhor de seus sorrisos, no qual a serpente cavava a tentação hiante dos labios abertos, numa attitude plastica de suprema belleza da torna virgem, nascendo com o vigor das forças inaproveitadas do chaos, o busto ligeiramente inclinado, ondulando as linhas selvagens e bravias de seu torso intangido, a face aclearada pela luz humida e oleosa dos olhos, na qual se actuavam as essencias primeiras da genese, toda ella vestida de tom, embalsamada das fragranças do bosque, corada e empampada de rosas, como as figuras pagãs das frisas jonicas, devia Eva de ter exclamado, com o mesmo sorriso da Eva moderna, extendendo a Adão, o fructo prohibido:

— Coma, Dadá, para fazer a vontade de sua filha!

Dadá foi, inequivocamente o appellido do primeiro homem, mesmo porque nenhuma outra combinação se poderia extrair de seu nome. Aliás esta supposição é confirmada pelo facto de ser aquelle mesmo o appellido caseiro do sr. Adão, do "Journal do Commercio", segundo informa o sr. Felix Pacheco que, com indiscutivel brilho superintende a etymologia daquella casa. Sobre Eva foi-nos mais difficil a pesquisa, por não haver ne nhuma Eva no "Journal do Commercio", ou arred.

A proposito do primeiro peccado Eva tem sido immensamente calumniada pelos historiadores, o que não admira, desde que se sabe que os subsidios historicos são quasi sempre fornecidos pelos amigos mais intimos do historiador. Que a culpa de Eva foi a menor, prova-o a attitude do julgador. Deus dirigiu-se primeiramente a Adão e reprehendeu-o severamente por se não ter sabido comportar num jardim publico, onde só pela atrapalhão de ter criado tanta coisa em tão poucos dias, esquecer-se o criador de mandar afixar taboietas com o districto: — "E' prohibido pisar na gramma."

Só depois é que elle se dirigiu a Eva dando-lhe um castigo muito leve, como fosse o de ter muitos filhos, pois no mesmo momento dispoz a existencia futura do dr. Moncorvo Filho, com o seu Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia. Thomas Moore, commentando a seguinte frase divina dirigida á serpente: — "Eu lançarei a inimizade entre ti e a mulher" — conclue que Deus quiz assim exprimir que continuava a ter a mulher sob sua guarda, divorciando-a da serpente que era o espirito do mal. "*Si deinceps Eva inimica diabolo, ergo fuit amica Deo*".

E era justa a benevolencia divina para com a mais formosa das suas criações, que surgira numa nevoa de sonhos e de fragranças, num halo vaporoso, vestida pela gaze da phantasia, que equilibra a vida entre a estagnação do paúl e a gloria do sol, como uma sombra indecisa, como a nota deliciosamente dolente de uma barcarola que navega no lago branco das horas placidas.

E' innegavel, porem, que a conducta do primeiro Adão foi deploravel durante o julgamento. Quando foi trazido á barra do Tribunal, por alguns animaes moralisadores que sempre existem em todas as sociedades humanas, ao ouvir a voz tonitrante de Deus, que surgia da concha bivalve de uma nuvem, o pai da humanidade, encolhido e apavorado, não teve escrupulos em accusar Eva.

Quando Deus lhe perguntou:

— Adão, onde estás?

Respondeu-lhe Adão:

— Eu ouvi tua voz no Paraizo e tive medo porque estava nu...

— Donde soubeste que estavas nu senão porque comeste da arvore prohibida?

— A mulher que tu me deste por companhia, deu-me da arvore e eu comi — respondeu Adão, com a melhor das logicas masculinas.

E berrou: Elle era fraco, innocente e ignorante. Eva tentara-o; chegara mesmo a morder o fructo, com seus dentes alvos, dando-lh'o depois a provar. O julgador frazziu a sombrecella; a multidão riu-se. Um grande mocho, que era o official da audiencia, envolto na meia capa negra de suas azas, bateu a campainha de seus pios, ameaçando evacuar o recinto.

Eva foi então sublime. Adeantou-se serena, flancos abertos, seios erectos, o ventre fecundo ao sol. Uma piedade infinita desde então se lhe abriu na alma, por aquelle animal humilhado, que, momentos antes, lhe ditara as vontades de seu amor. Não negou o seu peccado, nem accusou o homem... E atravez dos seculos, Eva continuou a ser a coragem, a decisão, o heroismo, a abnegação, em todos os dramas de amor, em que o homem se calça das lans surdas da prudencia. Seu amor tem a volupia do sacrificio e da immolação. O perigo tenta-a. Ella quer sentir no beijo o travo agri-doce do sofrimento. E neste particular, sua capacidade de illusão resiste a todas as decepções que nosso sexo lhe inflige, ao fim de cada entrevista.

Claudio de Souza.

(Conclue no proximo numero)

O THEATRO DA VIDA

1918, qual será o teu horoscopo? Será o arco-iris da paz? Quem sabe? Não basta ainda de guerra, de carnificina, de horror? O que ha tres annos e meio a humanidade deseja, virá agora, nesse anno novo que vae começar? Ao esperal-o, pensamos, não em um millagre que enternea os corações dos homens, não em uma pagina ingenua e maravilhosa de lenda dourada, mas sim num acontecimento ferreo, material, necessario, como o *Fatum* impassivel dos antigos: no exgo-tamento das forças physicas e moraes de alguns dos belligerantes, quiçá de todos elles. E esse lyrico arco-iris da paz, ao estender-se sobre tantos campos talados, tantas cidades destruidas, tantos monumentos e tantas industrias em ruinas e sobre o proprio ossuario das gerações novas exterminadas nas batalhas, talvez não haja de luzir com os sorrisos da aurora, cheia de promessas de Boa Nova, mas parecerá nos primeiros momentos como que a tocha fanebre da hecatombe formidavel.

E, todavia, a vida continuará... a vida eternamente vencedora da morte, até que chegue o cataclysmo cosmico. Legiões de trabalhadores volverão ás cidades e ás aldeias destruidas; levantarão planos os engenheiros e architectos; multidões de obreiros de todas as artes da construção fabricarão, sobre as ruinas, novos edificios, restaurarão os monumentos, ruas e caminhos. Nos campos, onde ja z em enterrados milhares e milhares de combatentes, tornarão a estender-se as fitas interminaveis das estradas de ferro; as chaminés de novas fabricas elevarão para o ar os seus penachos de fumo, no ceu impassivel e sereno. O lavrador conduzirã de novo, o arado pacifico pela paizagem, tornada á sua bella tranquillidade georgica. Ao cair da noite, entre os mil rumores do campo, pares de namorados murmurarão as eternas palavras dos seus idyllios e fallarão da vida, boa e formosa, e, nos lares das cidades convalescentes começarão a accender-se as lampadas familiares, enquanto um sino sonha ao longe e os olhos serenos e ternos das mães contemplam as louras cabeceiras agrupadas em torno da mesa, onde fumeja a sopa quente nos pratos...

Esta enorme catastrophe é, na historia humana, como uma tempestade passageira. Os annos succeder-seão, velozes ou lentos, segundo lhes mede a marcha a dor ou o prazer. O pesadelo da guerra ir-se-á esfumando e apagando rapidamente. Os velhos, talvez algum mutilado glorioso, fallarão das trincheiras em que fizeram uma guerra de toupeiras, dos zeppelins, dos canhões 42; contarão as cargas indomaveis dos segnezaes, o impassivel valor de um regimento da Escocia, o heroismo do Marne, de Verdun, do Iser e do Somme. E talvez entre os que ouçim a esses velhos as jornadas da grande lucta das nações, haverá algum philosopho que murmure: felizes os povos, felizes os tempos que não têm historia...

E é verdade, embora seja banal e repetidissimo o proloquio. As cousas mais banaes são quasi sempre as mais verdadeiras. O que lhes succede é que passan-

do de mão em mão o tempo os desgasta, apagando-lhes o cunho como ás moedas e parecem assim defeituosas e truncadas, sem relevo nem sculto. A felicidade não tem historia ou se a tem, ella é tão singela, tão trivial, que ninguém se atreve a conta-la com receio de que os outros a não acreditem.

A felicidade não tem historia... quer dizer, não a historia de cothurno, a historia epica, poetica, a historia das guerras, das dynastias, do que parece *memoravel* como scena da tragedia humana. Os costumes, o trabalho, os valores, a habitação, os menus da culinaria, as modas, as diversões, as idicias, as reñças, as superstições, os misteres, os ritos da familia e os ritos da morte, tudo o que encheu a vida, o que foi a propria vida da immensa maioria dos homens e assignalou a marcha da Civilisação, tudo isso, até ha pouco, não era Historia. A Historia era outra cousa; era demasiado aristocratica e senhoril para occupar-se disso. Os seus themas eram as vidas dos principes e a guerra, desporto de heroes.

Mas no conceito da Historia vae-se operando uma revolução; já vae sendo historia tudo o resto, a vida civil, a civilisação, a existencia dos homens e vae se vendo na epopeia uma especie da pathologia dos

povos, a hora das Furias. Mas como não estamos acostumados á mudança, ainda nos parece que a historia não é verdadeira se não trouxer no seu escudo uma cabeça de Medusa ou a caranca de um tyranno.

Quem sabe?! Talvez razões psychologicas defendam o conceito antigo da historia. A recordação nutre-

se de emoções fortes. Em nossa humilde vida individual, que é um leve, insignificante episodio, na corrente do existir humano, os annos mais felizes são tambem os que não têm historia, aquellos que deslizaram com pés alados, sem deixar sulco profundo de saudades na alma, e nos quaes não pesou sobre nós a vida que corria. Em compensação, têm historia, que é recordação, o annos de angustia, de lucta, de martyrio, em que se derrubou alguma cousa dentro de nós mesmos; em que a vida foi dar desengano, anciedade e a sentimos e a aborrecemos ao mesmo tempo que continuavamos a amal-a, como a uma amante infiel. Tudo isso é recordação e saudade que com o tempo soffria e se condensa na historia, e, ao cabo de tempo, remove fibras muito intimas no intimo de nossas almas, nalgum momento de solidão e nostalgia em que passamos em revista a vida que já vivemos...

1918, qual será o teu horoscopo? Não podemos desejar-te que sejas um anno sem historia, porque seria pedir o impossivel. Estás condemnado a ser um anno historico, cheio de surpresas, já porque continhas os horrores da guerra, já porque nos tragas a todos as alvas pombas da paz. Oxalá se escreva, ao menos, na tua chronica, essa desejada pagina da pacificação universal, na Liberdade, no Direito e na Justiça de uma Humanidade nova, mais perfeita e melhor como mais puro é o ar e mais brilhante o sol depois da caligem das noites tempestuosas...

A. B.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL — \$5000

As assignaturas podem começar em qualquer mez terminando um anno depois no mez correspondente.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura, gratis.

Pisamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminarem neste mez, que devem mandar reformal-os quando antes, enviando assim que lhes seja suspensa o remessa da REVISTA

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á directora Virgínia de Souza Salles, Palacete Briccola, Rua do Rosario.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.



Boa amiga Lili

Recebi tua carta em que me perguntas pelo Alfredinho, que, dizes, ha dois mezes não te manda noticias suas. Não sei como te hei de responder, receioso, como estou, de augmentar, com a minha revelação, a serie de maguas de que te queixas e que, á proporção que os dias passam, mais e mais se avolumam. Fazes bem em te demorares ahí entre os teus cafezaes, contando a tí mesma e a mim, em cartas repassadas de tristezas, os teus aborrecimentos. Conta-os a tí mesma e a mim, mas a mim só, que sou o mais discreto e, porventura, o mais sincero dos teus amigos. Não saias do teu rincão por enquanto. Deixa-te ficar ahí, a olhar, da tua janelinha femoldurada de glycinias pendentes, a cordilheira azulada, que se esfuma, ao longe, na ultima linha do horizonte. Se vieses para cá, para te integrares de novo em teu ambiente e em teu mundo, só encontrarás decepções.

Falas-me no Alfredinho. Ha muito que o amas. Adivinhei-o desde aquelle remoto dia em que, tão galante em teu vestidinho de manola, te vi vendendo flores na kermesse organizada em beneficio das creanças belgas. Elle, o guapo garção de cara escanhoadá, muito direito em sua farda kaki de atirador, guardava-te o flanco, estendendo a sacola ás esportulas generosas. Adivinhei-o. O meu dever de amigo impunha-me correr a tí e dizer-te francamente quem era o moço a cuja côrte tu, seduzida, correspondias, e que havia de occupar, mais tarde, um logar tão grande em teu coração. Mas tu não me contaste o teu segredo, e eu, amado, calando o meu resentimento, não tentei desvjar-te da má direcção que dèste ao teu affecto. Fomos ambos culpados. Tu, por inadvertencia, eu, por capricho.

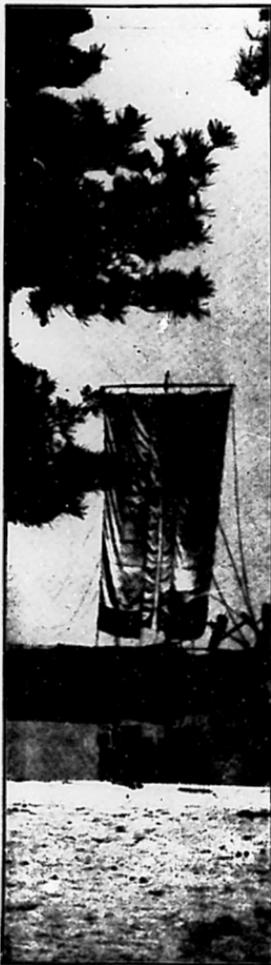
Mas teimas saber em o que é feito do ingrato rapaz. Embarcou hontem para a França. Curiosidade de assistir á guerra? Pruridos juvenis de entrar na luta? Não o sei. E' verdade que os motivos que o levam a Europa disse-os ellé a todas nós e a todas ellas; mas é verdade tambem que elle nunca abriu a bocca senão para mentir. Eis por que eu, que o conheço de perto, continúo a ignorar os verdadeiros motivos dessa viagem. Elle publicou a sua viagem de todas as fórmas, em cartões de despedidas, em visitas ás familias da sua intimidade, em declarações pelos jornaes e só a não publicou em taboletas e em annuncios luminosos porque esse processo lhe pareceu excessivo... Elle foi sempre um frívolo, e, talvez porisso mesmo, grandemente amado. Tinha a habiliidade de se fazer amar, forçando, com um olhar apenas, os corações mais difficeis de se abrirem. Todas as tuas amigas, todas, pagaram tributo á sua seducção. Nenhuma, d'entre tantas, ao receber a sua visita de despedida, escondeu a sua dor. Algumas, mais impulsivas, choraram. Outras estenderam-lhe os braços, á hora suprema, numa supplica. Elle impava de orgulho, victorioso. Eu assisti a todas estas scenas, enojado.

O que me consola é que tu, minha boa amiguinha, escondida providencialmente entre teus cafezaes, não fizeste parte dessa dor collectiva. Deixa-te, pois, ficar ahí, até convalesceres da immensa dor que esta carta te vae causar. Sem mais, adeus.

Do teu amiguinho
Julio Cesar da Silva

NÃO posso bem descrever a alegria que experimentei quando, no confortavel escritorio da Toyo Imin Goshi Kaisha, em Shin-Sakana-cho (Kyobaschiku), amigos novos e que serão velhos amigos, directores daquela importante empresa colonizadora com ramificações em muitos paizes e designadamente no Estado de São Paulo, se dignaram de fazer-me gentilissimo convite para um banquete na melhor *tea house* (casa de chá) de Tokio e soube que esse banquete seria entremediado com trabalhos variados de distinctos artistas japonezes então na capital do imperio do Sol Nascente, sobrebreto por uma grande actriz que fóra chamada de Kyoto.

Um banquete japonéz, assim organizado, é muito caro e por isso mesmo é bastante raro... Como nem todos que vão a Roma vêm o Papa, tambem nem todos que visitam o Japão têm a felicidade de tomar parte nesses festins a que concorrem apenas meia duzia de convidados, que mui pouco comem, custando isso, como custou este, a bagatella de quatro contos de réis. Aguardei, pois, com particular interesse e até com certa ansiedade, o dia fixado para o banquete, de modo que na tarde convenconada e antes da hora preestabelecida, já eu passeava, impaciente, pelo jardim do Imperial Hotel, cujos canteiros ostentavam bellissimos jacyntos e chrysântemos, quando ahi chegou, com rigorosa pontualidade, o nosso distincto Encarregado de Negocios, tambem amavelmente convidado pela importante companhia. Levava-me elle, satisfazendo anterior promessa, os brancos borzequins de algodão



que eu deveria calçar naquelle e em outras noites mais ou menos inolvidaveis, sempre que penetrasse os humbrases das casas japonezas: guardo religiosamente esses commodos borzequins — elles sabem melhor do que eu por onde é que andei nessa minha passagem pela ilha de Nippon e a elles recorrerrei para que me avivem ou esclareçam a memoria, sempre que esta se me amortoça ou me atraçoie... Cada um em sua *jinrikisha* (vehiculo de duas rodas tirado por um homem que corre ininterruptamente) seguimos para um *tea-house*: no amplo perystilo um *gesokuban* recebeu os meus sapatos americanos e ajudou-me a calçar os borzequins japonezes. Entramos, sempre affectuosamente saudados — *Irasshai, irasshai!* — subimos poucos degraus e percorremos alguns corredores até depararmos uma dama, que era a dona da casa, a qual nos poz sem demora em contacto com os amphitryões e os outros convidados que já nos aguardavam num vasto salão fartamente illuminado por grandes focos de luz electrica pendentes do tecto nos angulos e no centro e cuja luz era suavemente amortecida pelo fosco dos globos. Ao longo de duas paredes feitas de pequenos rectangulos de papel opaco, brancacento, parecendo vidraças, exactamente como as dos palacios imperiaes, alinhavam-se nove pequenas mesas de charão, artisticamente trabalhadas, tendo uns quarenta centimetros de largura, outros tantos de altura e talvez cincoenta de comprimento; em frente de cada uma estava a bandeja com a garrafa de fina porcellana, contendo o tradicional *saké*, e ao lado a tigellinha em que se bebe essa forte e desagradavel aguardente de arroz; proximo achava-se o *yacan*, recipiente com agua destinada á frequente lavagem dessa tigellinha; detraz de cada mesa, no chão, havia uma almofada de seda que constituia a cadeira e ao lado direito um encosto, ainda mais baixo do que a mesa, formando curva no centro, onde é estolado, para que as pessoas possam descancar o corpo no intervallo do serviço; finalmente, de duas em duas mesas, um magnifico *hibachi* de bronze do qual se evolava ininterruptamente um agradabilissimo e discreto perfume de incenso em nada comparavel ao que se queima nas nossas egrejas.

Feitas as saudações do estylo, que, naquelle imperio, são revestidas de uma tal urbanidade e de uma tal delicadeza que não encontram similar em qualquer outro paiz do mundo, tomamos os lugares que nos foram destinados e sentamo-nos com as pernas em cruz sobre as almofadas: *gheishas* de rara belleza, graciosamente salitantes, surgiram sobre a finissima *tatami* (esteira) que cobria todo o soalho, envolvidas em custosos vestidos de seda bordados á mão. Vinham servir-nos o *saké*, que, não se harmonizando com o meu paladar nem com o do illustre diplomata meu companheiro, foi logo substituido por todos — eramos nove — pelo champagne excitante e animador; mas, no correr do jantar, o *saké* foi devida e frequentemente honrado nas repetidas saudações que é praxe trocar e que consistem em levantar-se um conviva e ir com sua tigellinha vasia á frente de outro, fazer uma grande mesura e tomar do seu *saké*; depois, mergulhando a tigellinha no *yacan*, passa-se para a pessoa saudada afim de que esta tam-

BANQUETE

NOTAS DE

que eu deveria calçar naquelle e em outras noites mais ou menos inolvidaveis, sempre que penetrasse os humbrases das casas japonezas: guardo religiosamente esses commodos borzequins — elles sabem melhor do que eu por onde é que andei nessa minha passagem pela ilha de Nippon e a elles recorrerrei para que me avivem ou esclareçam a memoria, sempre que esta se me amortoça ou me atraçoie... Cada um em sua *jinrikisha* (vehiculo de duas rodas tirado por um homem que corre ininterruptamente) seguimos para um *tea-house*: no amplo perystilo um *gesokuban* recebeu os meus sapatos americanos e ajudou-me a calçar os borzequins japonezes. Entramos, sempre affectuosamente saudados — *Irasshai, irasshai!* — subimos poucos degraus e percorremos alguns corredores até depararmos uma dama, que era a dona da casa, a qual nos poz sem demora em contacto com os amphitryões e os outros convidados que já nos aguardavam num vasto salão fartamente illuminado por grandes focos de luz electrica pendentes do tecto nos angulos e no centro e cuja luz era suavemente amortecida pelo fosco dos globos.

Feitas as saudações do estylo, que, naquelle imperio, são revestidas de uma tal urbanidade e de uma tal delicadeza que não encontram similar em qualquer outro paiz do mundo, tomamos os lugares que nos foram destinados e sentamo-nos com as pernas em cruz sobre as almofadas: *gheishas* de rara belleza, graciosamente salitantes, surgiram sobre a finissima *tatami* (esteira) que cobria todo o soalho, envolvidas em custosos vestidos de seda bordados á mão. Vinham servir-nos o *saké*, que, não se harmonizando com o meu paladar nem com o do illustre diplomata meu companheiro, foi logo substituido por todos — eramos nove — pelo champagne excitante e animador; mas, no correr do jantar, o *saké* foi devida e frequentemente honrado nas repetidas saudações que é praxe trocar e que consistem em levantar-se um conviva e ir com sua tigellinha vasia á frente de outro, fazer uma grande mesura e tomar do seu *saké*; depois, mergulhando a tigellinha no *yacan*, passa-se para a pessoa saudada afim de que esta tam-

que eu deveria calçar naquelle e em outras noites mais ou menos inolvidaveis, sempre que penetrasse os humbrases das casas japonezas: guardo religiosamente esses commodos borzequins — elles sabem melhor do que eu por onde é que andei nessa minha passagem pela ilha de Nippon e a elles recorrerrei para que me avivem ou esclareçam a memoria, sempre que esta se me amortoça ou me atraçoie... Cada um em sua *jinrikisha* (vehiculo de duas rodas tirado por um homem que corre ininterruptamente) seguimos para um *tea-house*: no amplo perystilo um *gesokuban* recebeu os meus sapatos americanos e ajudou-me a calçar os borzequins japonezes. Entramos, sempre affectuosamente saudados — *Irasshai, irasshai!* — subimos poucos degraus e percorremos alguns corredores até depararmos uma dama, que era a dona da casa, a qual nos poz sem demora em contacto com os amphitryões e os outros convidados que já nos aguardavam num vasto salão fartamente illuminado por grandes focos de luz electrica pendentes do tecto nos angulos e no centro e cuja luz era suavemente amortecida pelo fosco dos globos. Ao longo de duas paredes feitas de pequenos rectangulos de papel opaco, brancacento, parecendo vidraças, exactamente como as dos palacios imperiaes, alinhavam-se nove pequenas mesas de charão, artisticamente trabalhadas, tendo uns quarenta centimetros de largura, outros tantos de altura e talvez cincoenta de comprimento; em frente de cada uma estava a bandeja com a garrafa de fina porcellana, contendo o tradicional *saké*, e ao lado a tigellinha em que se bebe essa forte e desagradavel aguardente de arroz; proximo achava-se o *yacan*, recipiente com agua destinada á frequente lavagem dessa tigellinha; detraz de cada mesa, no chão, havia uma almofada de seda que constituia a cadeira e ao lado direito um encosto, ainda mais baixo do que a mesa, formando curva no centro, onde é estolado, para que as pessoas possam descancar o corpo no intervallo do serviço; finalmente, de duas em duas mesas, um magnifico *hibachi* de bronze do qual se evolava ininterruptamente um agradabilissimo e discreto perfume de incenso em nada comparavel ao que se queima nas nossas egrejas.

JAPONEZ

VIAGEM

todos os casos, o *saki* é despejado nas tijelinhas pala menina (aprendiz) que está sentada quasi defronte de cada conviva.

Logo que tres *tezuma* (prestigitadores) tomaram lugar em um estrado erguido deante de nós, o salão encheu-se de meninas e de moças de peregrina belleza, selecção difficillima naquella raça: eram as *gheishas* aprendizes, as *gheishas* de companhia, as *gheishas* dansarinas, a *gheisha* actriz. Bonecas graciosissimas ou graciosissimas figuras de biscuit, em que nós, de outra raça, quasi temos medo de tocar, tal o receio de as ferir... Recordo as aprendizas Koman e Satochiyo, formosissimas; as maiores bellezas do imperio como Takamura, ex-favorita do príncipe de Connaught, irmão do rei da Inglaterra; Suyechiyo, a melancolica, que nesse mesmo dia tinha recusado as flores que lhe mandára um embaixador de potencia europá; Takagiku, a taciturna; Koskuzu, Fukuha e Kureka, as tres graças do Japão, e, finalmente, a divina Noburu, allí estavam todas, luxuosamente vestidas e artisticamente penteadas, honrando dois occidentaes entusiasmados por tanto luxo e por tanta graça.

Terminada a exhibição dos prestigitadores que fizeram magnificos trabalhos e concluíram deixando a *tatami* completamente coberta de chrysântemos amarellos, começou a ser servido o jantar—tudo por *nekauri* (moças) que quasi se prosternavam offerecendo os pratos. A cada conviva corresponde uma *gheisha* aprendiz e uma *gheisha* de companhia, as quaes se revezam successivamente, de modo que todos gosam por seu turno da palestra de todas ellas, que deve ser encantadora para quem conhece a lingua, porque são sempre moças instruidas e tendo o curso da Universidade de Kyoto. A função especial de *gheisha* de companhia, que alias não come com-nosco, consiste em entreter-nos, contar-nos historias e dar-nos de comer com os dois pausinhos ou duas varetas de marfim, uns e outras artisticamente esculpturados, quando o estrangeiro ainda não teve tempo ou paciencia para aprender o seu manejo.

Eu não sei de cousa mais deliciosa do que essa affavel companhia de mulheres de rara belleza, com os dedos revestidos de valiosissimos aneis segurando os dois pausinhos que delicadamente levam á nossa bocca ahí deixando um pedacinho de peixe salgadissimo ou de uma outra iguaria para nós intragavel e inclassificavel. E como o beijo no Japão somente é considerado lascivo quando dado na bocca, imagine-se se será agradável beijar castamente, respeitosa e docemente aquellas formosas moças e sentir o contacto de nossos labios com aquella pelle branco-lactea mais macia do que a mais fina seda e do que o epicarpo dos pecegos da Persia e do que as petalas das rosas avelludadas...

Quantos beijos se dão e se trocam num banquete destes? Tomando em consideração o numero das moças e o seu revezamento constante junto de cada conviva, o que não permite que nos enfatiemos dellas, deve attingir a uma cifra agradável e respeitavel. Beijam-se as faces, o collo, os braços, a nuca e tambem as mãos bemditas que nos matam a fome... Simultaneamente, prosegue o banquete, a palestra anima-se e uma nova' exhibi-

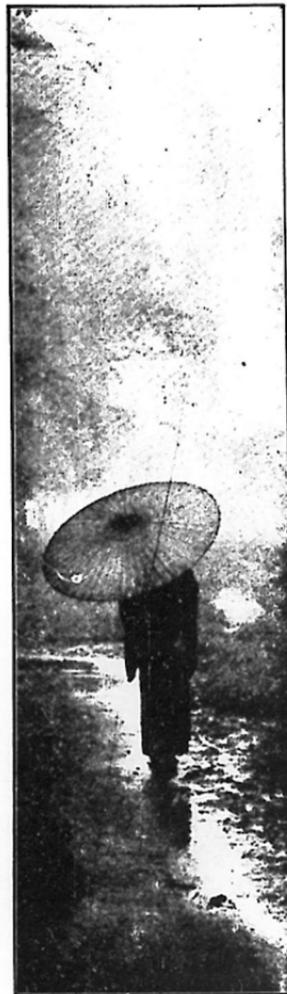
bem beba por ella. Longo tempo se gasta nisto — mais do que em comer... Em

bição nos é offerecida; dançarinas revoltueiam como mariposas todas envolltas em trajes pesados mas elegantes e de cores alegres. Mais iguarias e mais beijos vão dilatando o jantar, até qua a grande tragica, cujo nome deploravelmente não registrei e esqueci, nos conta, sem palavras mas com rigorosa fidelidade de sentimentos e naturalidade de expressão, a triste historia de uma moça rica que fóra raptada por um bandido, o qual, depois da a maltratar horrosamente, a vendera a um desconhecido que ia para longes terras

Jamais pensára eu que, sem palavras e sem o mais imperceptivel movimento dos labios, se pdesse fallar uma linguaem tão clara, tão comprehensivel: os acionados, os olhos, a bocca, a posição do corpo, por sua respectiva propriedade, penetração, expressão e situação, subtiliza, elegancia e ductilidade geral, substituem-nas talvez com vantagem!

Tarde da noite, bem tarde mesmo, acabou o banquete e pouco a pouco as *gheishas*, trocando comnosco os ultimos beijos, calmas como irriãs que se despedissem de irmãos, foram saindo, levando como recordação unica daquella noite, para nós inesquecivel, as bandeirinhas brazileiras com que haviam ornamentado o salão. Nós as imitamos, levando as bandeirinhas japonezas. A porta da *tea-house*, casa de todo o respeito e aonde não vi chá, descalcei os borzeguins japonezes, calcei os sapatos americanos e entrei na *jurikisha*, a qual percorreu algumas ruas estreitas antes de chegar a uma grande arteria. Olhei, curioso, a placa da esquina: *Triumphal Road*. Estrada triumphal? estrada do triumpho? Como?! si eu estava estonteado e só!

Estonteado... Que é que me estenteava então? o *saki*? o incenso? o champagne?



O VERDADEIRO FEMINISMO

Do Sr. Dr. J. A. Corrêa de Araújo, distinto escriptor e intelligente magistrado, revellado a primeira carta seguinte que seria laureavel auctor de umas leituras. Ella com os seus sinceros agradecimentos:

Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles:

Afastado durante algum tempo desta cidade, só agora, ao regressar, é que, havendo lido a generosa noticia editada pela sympathica *Revista Feminina*, sob a epigrapha *Duas Palestras*, a respeito do modesto trabalho litterario por mim offerecido á redacção, me cumpre agradecer, *ex imo pectore*, as captivantes palavras com que a brilhante *Revista* houve por bem acolher a minha insignificantemente offerta.

Tenho em mãos o ultimo numero do periodico que obedece á sensata direcção de v. exa. e muito me apraz registrar que, como os anteriores, tem seguido a mesma orientação intelligente e nobre, no desempenho do bello e fecundo programma que se traçou, não só em prol da perfeição intellectual e moral da mulher brasileira, como para a defeza das uteis e elevadas ideias, as quaes possa bem servir aos interesses primaciaes da familia e da patria.

Já de ha muito que se fazia mister a creação de um órgão que fosse, por assim dizer, o reflector da intellectualidade feminina entre nós, e onde as nossas patrias possedessem, umas reaffirmar os seus creditos autoraes em nossas produções litterarias, outras apresentar as primicias de seus estudos e de sua capacidade intellectual.

E a *Revista Feminina* veio, não ha negar, preencher esse vacuo que existia no ambiente intellectual feminino de nossa patria.

Quem quer que tenha opportunidade de manusear a terá, sem duvida, a optima impressão de que folheia um excelente *magazine*, onde palpita a delicada alma feminil, repositório que enfeixa não só modelos de vestuarios e artefactos femininos, regras de arte e de esthetica, como e principalmente, os mais bellos conselhos, as mais sensatas lições conducentes á felicidade domestica, essa delicada e fina-flor que perfuma e suaviza a vida conjugal.

E — circumstancia relevante — a *Revista Feminina* sem embargo do nome que adoptou, não é, como se pôde afigurar a alguém, um órgão de combate em prol da feminalidade, o que lhe daria talvez uma feição menos sympathica; ao contrario, com se occupar de tudo que concorra para o desenvolvimento e perfeição da *psyché* feminina, não iça bandeira de guerra, não assume character bellicosos e, longe de azedumes, tem gentilizes e doçuras para com o chamado *sexo forte*, que, em compensação, lhe atrai, sorridente, campos de flores.

Essa efficaz orientação que o espirito culto de v. exa. tem sabido imprimir á *Revista*, dá-lhe um aspecto altamente sympathico, sobretudo na presente phase da vida social, em que a febre de emancipação, as aspirações aos direitos politicos e ás posições de representação publica têm inflamado algumas feministas entusiastas — cabecitas eszufiantes, de cabelos em desalinho, rendas e plumas agitadas, em busca de ideias ainda irrealizaveis...

Si assim me expresso é que, como se viu da *enquête* aberta ha pouco tempo pela imprensa fluminense, as mais eminentes representantes da feminalidade entre nós, se manifestaram contrarias, por prejudicial ao equilibrio feminino, á ingerencia da mulher nos negocios attinentes á politica.

Effectivamente, não convenho em que a mulher deva disvirtuar a sua augusta e nobilitante missão de *anjo do lar*, que ell' aformoseia e edulcora com a sua graça e os seus donaires, como companheira e confidante do homem em sua vida privada, para se converter em adversaria na disputa de cargos de representação politica ou em comicos cleitoraes, em detrimento de seus afazeres domesticos.

A gerencia da casa, a direcção do serviço familiar de que se acha incumbida a mulher desde os primordios sociaes, não a humilha, como erroneamente se

pode suppor; ao inverso, a eleva, por isso que é uma consequencia economica da divisão do trabalho e, como tal, condição essencial aos progressos humanos.

Seria de lamentar se, após longo processo de elaboração e evolução de costumes, depois de termos chegado á instituição da familia moderna, caracterizada pelos sentimentos de amizade, pelo amor e pelas afeições mais ternas e mais duradouras, se esbarraçasse todo esse edificio solido, para voltarmos por um processo de involução familiar, a uma epoca em que predominavam, nas relações domesticas, os mais egoistas e grosseiros instintos.

E aquelle "fim commum, igualmente querido de ambos os esposos, capaz de fortalecer a sua ternura mutua e que tende constantemente a prevenir ou moderar os conflictos resultantes de uma insufficiente conformidade de opiniões ou de temperamentos", desappareceria fatalmente na luta e nas ambições de ordem publica, com o afrouxamento dos laços moraes, a quebra dos vinculos de solidariedade, levando, com a emulação e a rivalidade que se estabeleceram na conquista de posições politicas, a discordia e as dissensões ao seio do organismo domestico, contribuindo para o enfraquecimento, sinão a desintegração da familia. Porque, como já dizia um philosopho inglez "a organização familiar moderna não se limita, como nos primordios da sociedade, ao simples par conjugal, tem mais amplitude, mais largueza, compreendendo em seu seio, muitos todos pelos laços da afeição, da veneração, da bondade e do amor, os pais, os filhos e os parentes".

Si nos reportarmos á outra face da questão, veremos que as responsabilidades oriundas da investitura de funcções publicas causariam atordoamento ao *sexo fragil*. Isto, sem levar em linha de conta as dissimulancias physicas (não falemos nos mentaes) existentes entre o homem e a mulher, as condições sexuaes desta que lhe não permitem certa ordem de trabalhos que só podem ser executadas convenientemente pelo homem.

Demais, de confusão, de desequilibrio, de incongruencia, se não se possesse distinguir os limites das attribuições dos dois sexos, proporcionalmente á mulher o serviço que mais se appropriasse ás suas condições biologicas ou á sua natureza feminina?

Nada de mais chocante e que possa produzir impressão mais ingrata do que mulheres suffragistas e politicanes a provocarem, sob os impulsos incoerciveis do partidarismo, tumultos e agitações facciosas...

Para que mais bella aspiração, ó divinas mulheres, do que a de rainha do lar que santificas com os vossos affectos de mães e dulcificas com o sorriso e a ternura de esposas! Para que gloria mais radiante do que fruis como soberana da sociedade, onde dominas pelo amor, pela virtude e pela belleza, immortali!

Quantas vezes tendes inspirado os gemos, impellido-os á procreação de obras immorredouras, — seja o cinzel de Praxiteles, a palheta de Raphael, o calamo de Dante ou o estro de Petrarca!

Reportando-me, afinal, á *Revista Feminina*, objecto de minhas considerações, vejo que, na questão tão debatida da feminalidade; ella visa muito honrosamente um escopo elevado e nobre: — o levantamento do nivel intellectual e moral da mulher, pela cultura de seu espirito e perfeição de suas aptidões, — garantia segura da educação da prole, felicidade do lar, regeneração dos costumes e, pois, engrandecimento da nação e da patria.

E se additarmos a esse bello programma cultural e civico, a cujo serviço está ella devotada, o merito intellectual de seus directores, a perfeição technica com que é impressa, a selecta colaboração de que dispõe, emanada da penna de estylistas notaveis e consagradas escriptoras patrias, teremos a justificativa dos successos que tem alcançado e do prestigio que ha fruido no seio da familia brasileira a magnifica *Revista Feminina* de São Paulo.

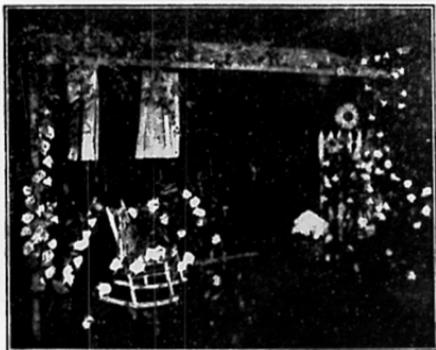
Renovando os meus agradecimentos, creia-me de v. exa. admirador respeitoso e sincero:

JOÃO A. CORRÊA DE ARAÚJO,

Recife, Novembro 1917.

KIOSQUES E BARRAQUINHAS

Quando se organizam kermesses de caridade em jardins publicos, é comum construírem-se barraquinhas destinadas a feições de prendas, à venda de chá e a mil outras variedades, todas úteis e, não raro, inúteis, mas que servem de pretexto para a coleta das quantias em dinheiro que serão empregadas para um fim piedoso. Agora, por exemplo, que estamos em guerra e que a patria vai exigir dos seus filhos os maiores sacrificios, é provavel que se organizem festas de caridade em favor da Cruz Vermelha, das famílias das victimas dos submarinos alemães e para outros



lins igualmente justos e elevados. Dadas como são as nossas patricias de um alto espirito de caridade, é provavel que, por todo o vasto territorio do paiz, se reunam senhoras e moças para esse fim patriótico.

É oportuno, portanto, guiar o gosto das nossas patricias na concepção e construção de kiosques de kermesse e de festas de caridade. Porque — é preciso que se diga francamente — a construção de barraquinhas não é coisa tão facil, como à primeira vista parece. O que geralmente se faz, salvo raras excepções,

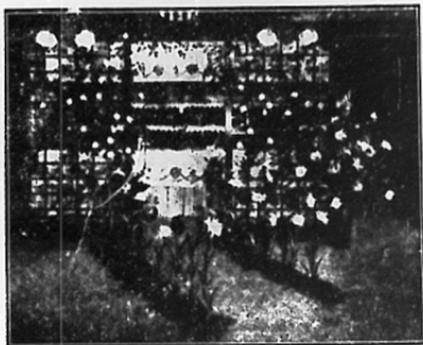


é de máo gosto. O que se vê por ahí são kiosques mais ou menos japoizes, onde uma linda senhorita, phantasiada mais ou menos de fiesha, oferece chá aos transeantes, são caramanchéis de bambú, são casinhas de pão tocco enfeitadas de setim, e nunca uma construção de bom gosto, suggestiva e original.



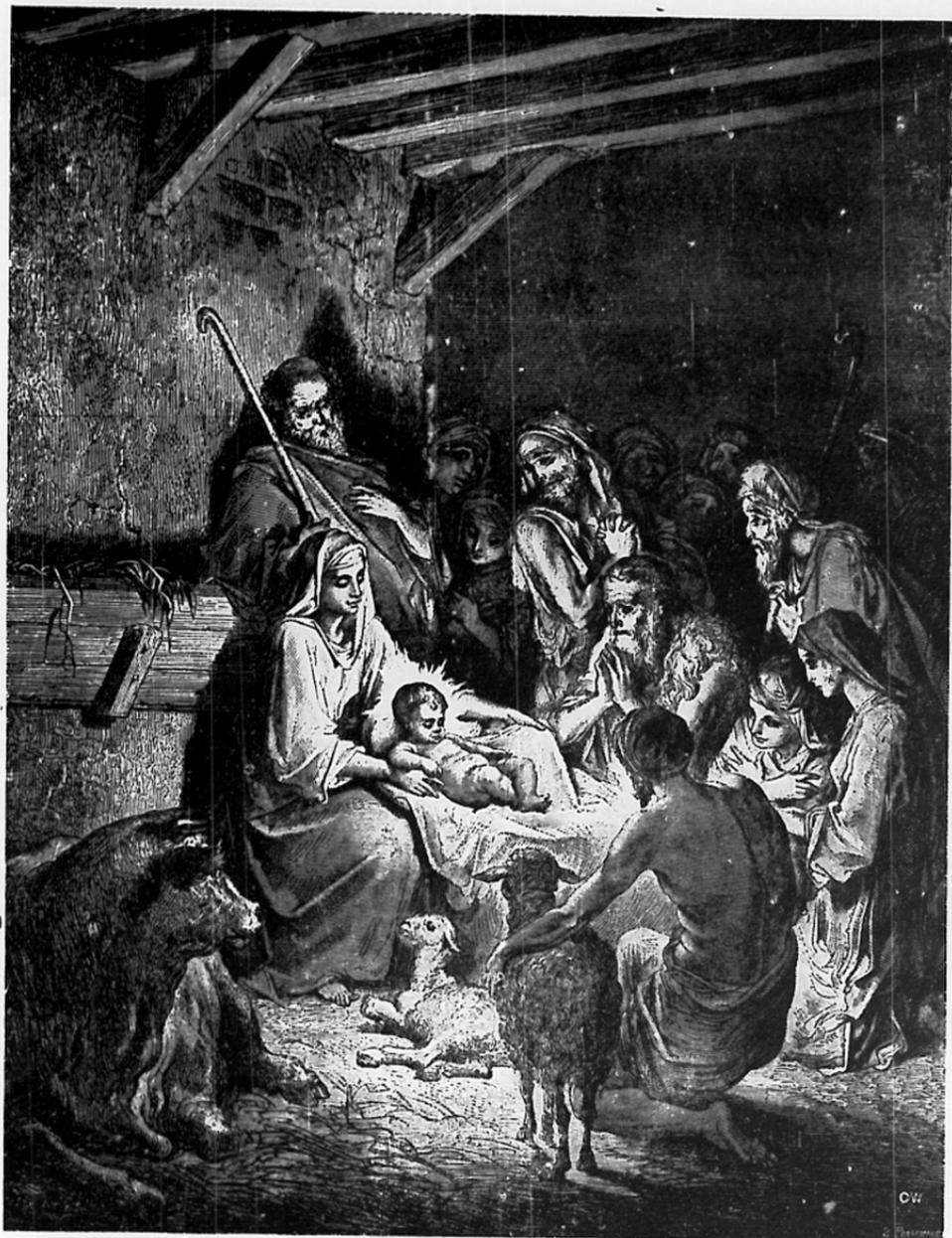
Não vae nisto, por certo, nem humaceisura agosto das pesssoas que promovem festas desta natureza. Essas festas, como se sabe, são organisadas de improviso e realizadas em prazo curto, de modo que não dão tempo aos seus promotores de estudar, discutir, delinear planos e entregar a artistas a cuidado de conceber e crear coisas novas no genero. Tudo em nosso paiz é feito às pressas e atabalhoadamente.

Porque uma festa de caridade tem apenas um ou dois dias de du-



ração, não é razão para que se lhe não junte um pouco de arte. Nada é bello fóra da arte.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as gravuras desta pagina. Dentre essas lindas barraquinhas não ha uma a que não tenha presido um gosto extranhamente original. Todas ellas são aproveitaveis como modelos.





NOS VELHOS TEMPOS...

Havia dantes, por ali pensões familiares tão antigas e tão serias, que, pode bem dizer-se, constituíam uma espécie de república onde tudo era harmonia e encanto, uma verdadeira família, onde a patroa era mãe carinhosa de todos e todos se consideravam como irmãos. De portas dentro havia uma intimidade affectiva, um respeito absoluto, uma obediência rigorosa ás praxes da casa que nem era preciso formulá-las em cartazes enquadrados, tão facilmente ellas se transmittiam de uma a outra, prontamente accetidas pelos recém-vindos e observadas a preceito pelos mais antigos.

Lembro-me de uma dessas pensões que havia n'essa rua ali para os lados da rua da Boa Morte, frequentada por gente pacata, na maioria estudantes da Academia e empregados do Commercio. Vivia-se ali como deus com os anjos, havia limpeza, muito aceso, a comida era abundante e bem feita, reinavam-se todos a horas regulares á roda da mesa sob a presidência da sra. Anninha, que era, além de uma excellente dona de casa, uma verdadeira mãe para todos os que, n'ella, tinham o prazer e a honra de hospedar.

Nunca lhe ouvimos uma palavra mais aspera nem a rajadice de uma impaciencia, até mesmo nos dias de maior trabalho, nos sabbados, e que a esfrega de todos os aposentos era obrigatória, pondo na casa uma impressão de desalinho passageiro.

Não era tambem a boa senhora de exigencia desmedidas na pontualidade do pagamento e, ás vezes, o seu extremo chegava a emprestar dinheiro para as despesas imprevistas dos menos providentes que, a meio da mez, arrebatavam, numa estrombe, todos os acanhados limites dos seus orçamentos de escolares.

A's noites, em volta da sala de jantar, muitos ficavam a palestra sob a luz discreta do candelão, jogando as cartas ou fazendo paciências, enquanto se fazia o chá, um delicioso chá mate a que eram convidadas algumas amigas, moças delicadas e serias com quem faziam respeito a camaradagem e se teciam innocentes fofos.

Era a verdadeira vida em familia, em que havia o respeito, vida pacata, aconchegada e feliz, feita da harmonia de todos e dos carinhos maternos da boa senhora Anninha, que sabia manter o seu lugar com uma compostura rara, bem denotando a sua boa educação e a sua procedencia de linhagem, pertencente como era a uma boa familia, caída mais ou menos na miseria depois da morte do marido.

Restava-lhe uma unica filha, uma linda rapariga que á força de muito trabalho, além de ajudar no governo da casa, ainda encontrava tempo para cursar a Escola Normal, com notavel aproveitamento, classificada sempre em primeiro lugar...

Lembro-me sempre do ultimo Natal que passei na pensão da sra Anninha. Não tinham alguns hospedes

podido ir confraternizar com os seus, nessa noite de intima effusão, uns porque moravam muito longe, outros porque, como eu, andavam na vida com as amarras partidas, exilados da familia, labutando e ganhando o pão de cada dia para os entes queridos que demoravam muito distantes...

Nessa noite havia festa. A patroa esforçava-se por fazer esquecer todas as saudades e todas as tristezas. Na ceia classica não faltavam os manjares appetitosos, os bons doces, as guloseimas, tudo isso embebeado de flores e luzes discretas e castigas.

Além disso naquella noite havia duplo motivo para regosijo. Era que a *meuzinha* terminara o seu curso na Normal, com distincção. Estava a professora, a ser collocada num optimo lugar. Parece até que não lhe faltavam já pretendentes, atraídos pela sua belleza e pela sua bondade, mas talvez sobretudo pela collocação garantida com uma conta certa e positivera no thesouro herança não a tinha ella porque o rendimento da pensão mal chegava para saldar compromissos antigos da familia, dividas em aberto por occasião de doencas. Mi-serias passadas e cômicas, mas que sobrecarregavam a boa da senhora Anninha com o rude peso de sofrimentos moraes e difficuldades sem conta.

Se eu fiz observar que ella era ingenuamente santa e não sabia expor, tratando os seus hospedes, por assim dizer á vela de libra!...

A ceia decoreu na maior animação e numa intimidade perfeita. Fallou-se muito de Leonor, a filha da patroa, muito festejada pelos seus triumphos escolares, pela sua applicação e pelo seu trabalho. Todos lhe levantaram brindes, prognosticando-lhe a mais brilhante carreira na vida. Que ella seria feliz, não lhe faltariam partidos vastos e inutil seria continuar o pesado sacrificio da mãe.

Ella ouvia-meo distrahida essas cousas, esses brindees e esses louvores. O seu pensamento andava errado por longe. Parecia absorta em cogitações dolorosas.

Ao fim, lembro-me bem dessa scena tão bonita e tão simples, ella levantou-se e abraçando a boa velhinha agradeceu a todos e disse apenas mais ou menos o seguinte:

— Bem poderia deixar esta casa e seguir o meu destino. Tenho um diploma com direitos garantidos. Mas o que uma professora ganha mal chega para o seu sustento decente. Mamãe tem compromissos que a minha educação lhe causou. Não a abandonarei. Ficarei aqui e tomarei conta da casa, para que ella possa descansar junto de mim e eu ser verdadeiramente feliz junto d'ella.

E Leonor, desde esse dia, foi realmente a dona da pensão, dessa agasalhadora pensão em familia, onde os dias corriam suaves porque todos se estimavam de veras e se respeitavam como irmãos.

Já se vai muito tempo e creio que a pequena republica se desfaz. Cada um foi para seu lado.

As pensões de hoje já não são as mesmas. Perdeu-se a tradição e pena foi porque ellas eram verdadeiros ninhos em que se vivia num aconchego cordel que ainda agora me traz saudades...

S. Paulo, Dezembro 1917.

Mozelles

O PATRIOTISMO ENTRE AS MULHERES

(A propósito de umas palavras da exma. sra. d. Anna Cesar)

Um facto que deve falar bem alto ao nosso orgulho patriótico é a attitude que, no Brasil, têm assumido certas senhoras, neste momento de incertezas que atravesamos. A mulher brasileira não é inferior, em questões de civismo e de orgulho nacional, a qualquer mulher de outra nacionalidade. O momento a fará heroica. A propósito desse soerguimento do caracter feminino, lemos num jornal de Fortaleza, "Correio do Ceará" um esplendido e ardente artigo da exma. sra. d. Anna Cesar, distincta escriptora cearense.

Esse movimento patriótico que se tem observado entre as nossas patricias, de norte a sul do Brasil vem provar, mais uma vez, que a mentalidade da mulher, em nosso paiz, não é inferior ao da mulher européa. Aqui ha tambem heroísmos, aqui ha tambem iniciativas femininas que devem ser estimuladas. O artigo a que nos referimos, devido á pena da illustre senhora d. Anna Cesar, é vibrante e deverá ser lido por todas as nossas patricias para que ellas saibam manter o seu caracter á altura do angustioso momento que atravessamos.

Aqui transcrevemos um trecho do notavel artigo.

... Eu, vós e outros, que sabemos comprehender a alta e dignificadora missão de bem servir a patria, que sentimos a necessidade de maiores expansões, mais vastos horizontes e melhores destinos; vivemos tristes, coagidos, ansiosos, ante os dias, que se vêm desdobrando, amargurados para todos, ante a incerteza do nosso amanhã. E se assim pensamos e sentimos, devemos cumprir o dever, trabalhando ininterruptamente, tudo fazendo para que uma patria mais feliz e gerações mais robustas despontem. Para isso, precisamos de luzes, muitas luzes. A mulher brasileira em grande parte compete elaborar esse trabalho herculeo. E' a mulher que educa, é ella que forma o caracter, que molda o coração e atira na arena da vida o homem forte, apto, activo e digno para representar e defender o seu paiz e as suas instituições. Não será a mulher ignorante, banal, sacrificada a preconceitos e prejuizos, sem noção das couzas mais rudimentares, que virá remodelar o caracter, resurgir nacional-

dades. O trabalho mais importante que se tem de fazer no Brasil, é combater a ignorancia, e, de preferencia, a da mulher. Mães esclarecidas, lares illuminados, libertos de superstições e tolices, cheios de verdade e de fé, de saber e civismo; eis o que precisamos.

O destino do Brasil, como o de todos os povos, está nas mãos das mães. E' no regaço dellas que as crianças devem aprender a conhecer a patria, cantar os seus hymnos, amar a sua historia. São as mães que devem fazer de cada filho um digno e forte defensor da Bandeira, gravando em seus corações a imagem della. Nas patrias em que as mulheres choram e se julgam deshonradas ao verem os filhos vestirem a farda para defendel-as, não pode haver estimulo, nem respeito, nem amor, nem dedicações sinceras, capazes de soerguel-as. As mães francezas acalentam os filhos, cantando a marseilha; e quando elles vão para os collegios, já sabem todasas canções patrioticas de sua terra.

Na Allemanha, as mães não choram quando os filhos morrem na guerra, e julgam-se honradas em vel-os sacrificados pela patria. E' por isso que a Allemanha é forte e tem soldadas de aço.

Dizeis que eu, como Coronela desta guarnição, devo tomar a iniciativa de promover um jury entre intellectuaes com o fim de obter canções para os soldados cantarem.

No exercito e marinha, soldados e marinheiros cantam, todos os dias, ao som das fanfaras, hymnos e canções de guerra e de marcha.

Na caserna aprende-se tudo isso. Lá, a educação civica é completa, e, se a maioria do povo brasileiro não vivesse sob o terror infundado da farda, inculcido pelas mães aos filhos, distanciando-os dos quartes e ensinando-lhes a ver o servidor da patria por um prisma mui diverso do que realmente é, todos saberiam cantar com os soldados e como soldados, canções de marcha e de guerra.



ROBE DE CHAMBRE

Nunes é demais aconselhar ás senhoras que, embora na intimidade do seu lar ou da sua alcova, mantenham uma certa linha de elegancia, ou mesmo, certa "coquetterie", que vai sempre bem á mulher. Senhoras ha em nosso meio — e não poucas, sem duvida — que só se mostram "coquettes" quando recebem visitas ou quando apparecem em publico. A mulher nunca deve transigir com a vaidade, seja qual for a sua elle em posição. Nada mais furmudo, é certo, a uma senhora, apparecer nos seus, pela manhã, logo que se levanta do leito, com a "toilette" já preparada e cuidada como se fosse preciso em publico. Os cuidados dos seus arranjos domesticos não lhe dão tempo para tratar da "toilette". Entretanto, umas simples tocas de renda e uma robe de chambre lastam para compor, e com excessiva graça ás vezes, a "toilette" matinal. A toaca serve para encobrir o deslizo dos cabellos, enquanto se espera a hora opportuna para fazer o penteado, o que, como é sabido, demanda mais tempo que outra qualquer tarefa.

O modelo que damos acima, para a apreciação de nossas leitoras, é como vêm, graciosissimo. As robes de chambre são facilmente "coquettes" sem ser dispendiosas. Os toiles e crepons de algodão são aconselháveis, podendo-se fazer com esses tecidos baratos as mais lindas e frescas "toilettes".

E' notoso, cremos, descrever o modelo que illustra estas linhas. Qualquer costureira habil poderá executá-lo. Elle é aconselhavel pela finura do seu conjunto e pela graça airosa dos seus detalhes.

Como se percebe, pela leitura dos trechos transcritos, trata-se de uma solemnidade patriótica a que a sra. d. Anna Cesar foi convidada. Ser-nos-ia agradável transcrever todo o artigo da illustre patricia, o que teria, para as nossas leitoras, um interesse polifonto. Mas não o fazemos porque o espaço que dispomos não nos permitto

O QUE É O RISO

(Trecho de uma conferencia)

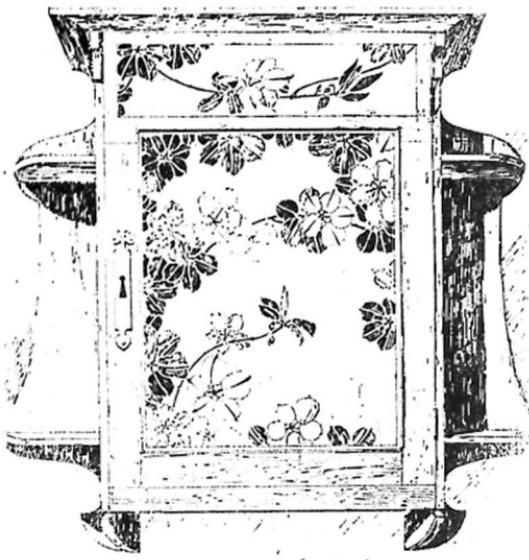
DISPENSEMOS a definição, meus senhores; ou, se, absolutamente, queirês uma definição, ide pedida, não aos physiologistas, mas... aos poetas; sobre essas questões, que entendem mais com o espirito do que com o corpo, os poetas, apesar da sua ignorancia apparente, possuem uma sciencia ingenita, revelada pelo sentimento, que nelles funciona melhor do que o raciocinio.

Pedi essa definição aos poetas, e elles vos dirão que o riso, irmão gêmeo da lagrima, expressão da bondade e da maldade, vehiculo da piedade e do sarcasmo, da alegria innocente e da ironia perversa, é uma das duas faces da alma mysteriosa que anima todos os seres e todas as cousas, porque nem somente o homem e os outros animaes riem e choram... Ha risos ás vezes, como ás vezes ha lagrimas, nas arvores e nas aguis, nas pedras e nas nuvens. Todas as paixões humanas, e todas as modalidades da expressão, que essas paixões se revestem, terão as suas correspondentes em toda a natureza. O homem não é uma parcelle de vida independente e autonoma. É uma parte integrante da vida universal. Laços intimos, apertados, inextricaveis, ligam a nossa existencia á existencia de tudo quanto nos cerca.

Porque não hão de as arvores, as aguis, as nuvens, as pedras, como nós, alternativas de alegria e de tristezas? Ha riso nas madrugadas, como ha lagrimas na agonia dos dias, — porque cada crepusculo matutino é uma esperanza e cada crepusculo vespertino é uma saudade. As arvores riem quando se carregam de flores, como choram quando se despojam das folhas. Riem as aguis quando flueem ao sol, beijando as raizes das plantas, banhando a ponta da aza dos passaros, e choram quando trazidas pela terra, enlappando-se nas furnas, escondendo-

se no seio escuro da floresta... Assim, o riso é a vida, a força, a saúde, a expansão, espirital de todos os seres e de todas as cousas: a definição e de poeta, mas nem por isso é mais incompleta ou mais futil do que a dos physiologistas!

Afastada a difficuldade da definição, estudemos o riso humano.



Armario-Bibliotheca. Este pequeno móvel para parede tem applicações como quanto não tenha uma definição, e pôde ser collocado em qualquer lugar. Reflectindo um pouco, veremos a necessidade que ha de encontrarmos um pequeno móvel como esse, para dar hospitalidade a tudo que não encontra lugar nos móveis classicos. Na sala de visitas estes móveis podem ser um côfio ou uma vitrina. Ha vez sempre alguns livros, vasilhas, para os quees quizeramos encontrar um local para o plantanio. Em um gabinete de 2,20m. nem tudo pôde ser fechado em um armario ou em um pedestal, e na sala de jantar o classico buffet ou o móvel classico guardado-comidas não basta para tudo, já não fallamos nas antecamaras onde não se pôde dotar um móvel grande e muitas vezes nem um pequeno, onde este armario na parede não se enfiaria como tem grande utilidade.

Este móvel comporta nos todos ditas condições, onde poderão ser collocadas flores ou estatuetas. A gaveta do meio será dividida em duas, por uma taboa. Deixamos ao gosto da leitora escolher os objectos que ali devem ser guardados conforme o lugar para o qual o móvel for destinado. A ornamentação é composta de folhagens em diversos tons, introduzidas sobre as portas, e o pequeno frontispicio.

Esta decoração pôde ser executada em manichetteria sobre um fundo de madeira transparente mas seria muito delicada a executar o mesmo trabalho, será melhor pyrogravação e pintar, ou então fazer em pintura faience e madreperla que dará muito valor ao móvel. Aquellas de nossas leitoras que não comprehendem esse trabalho poderão apprehender em nossos cursos de trabalhos femininos, onde se ensinam todos os trabalhos que uma sena deve saber.

e façamos o possível para que a conferencia, dizendo com o assumpto, seja alegre. Não sei se ella será toda alegre... Shelley disse, em dois lindos versos, que "o nosso riso mais franco traz sempre consigo alguma tristeza." João de Deus escreveu que "é de risos e de lagrimas a vida"; e é facto de observação vulgar que,

certos repentines de riso exagerado, as lagrimas vem aos olhos de quem ri, — como se e quizessem dizer "Somos tuas irmãos, o riso! e aqui estamos, para lembrar-te o nosso parentesco!" Não quero, minhas senhoras, que alguma vez choreis, ouvindo-me hoje; mas nem sempre haveis de ri, porque, no correr desta conferencia, não poderei deixar de referir-me ainda que apressadamente, a certas especies de riso, que não amarguradamente tristes...

Assentemos desde ja que se não pôde estabelecer uma distincção bem marcada e nitida entre o riso e o sorriso. O sorriso, — que é a vossa arma predilecta e o vosso recurso habitual, minhas senhoras, arma e recurso de ataque e de defesa, de franqueza e de disfarce, de acquiescencia e de recusa, de amor e de desprezo, e o esboço do riso, é um riso incompleto.

O sorriso e a flor entreberta, o riso é o fructo amadurecido. Um sorriso, — de sympathia ou de escofnico, — tende sempre a completar-se, a transformar-se em riso. Um accesso de alegria, por exemplo, começa sempre por um sorriso, que, á medida do crescer da alegria, se vai gradativamente accentuando e avultando, até abrir-se na grandola da risada. O riso é a plenitude de expressão; é um adulto, assim como o sorriso é um riso infante. É verdade que ha sorrisos que nunca chegam a risos; mas tambem ha flores que nunca se transformam em fructos...

A unica distincção que se poderá talvez estabelecer entre o riso e o sorriso seria esta: o riso, franco, aberto, ruidoso, e selvagem, primitivo, natural; ao passo que o sorriso, discreto, comedido, fino, é civilizado e artificial. A creação ri francamente, porque ainda não sabe ser hypocrita.

Nós, escravos das conveniências — raras vezes ousamos ri. A mais estúpida de todas as estupidas imposições do que se chama a "boa educação" consiste na quasi formal e completa prohibição da risada. Em todas as casas, e nas

escolas, diz-se sempre ás crianças: — é feio rir diante de gente!... Que barbaridade e que tollice! o que é feio, a meu ver, é não rir quando ha vontade de rir! Felizmente ellas não se suomettem, em geral a essa tyrannia: recebem ralhos e pancadas; veem-se privadas do recreio e da merenda, mas continuam a rir.

As crianças, ás quaes costumamos dar o nome de "crianças terríveis", não são excepções; todas as crianças que tem bom sangue, boa saúde, boa vida, são "crianças terríveis."

Imagine-se esta scena: toda uma família reunida, á espera de um visitante, que os da casa não conhecem ainda, mas que é uma personagem ceremoniosa e influente, que é preciso seja bem recebida e bem tratada, porque pôde dar um bom emprego ao chefe da familia, ou arranjar um noivo rico para a filha mais velha. O chefe entregou a sua mais nova sobrecasaca, a senhora arvora o seu mais bello vestido de seda, a moçoila passou toda a noite sem dormir, com a cabeça torturada pelos papilotes com que frizou os lindos e complicados cachos que ostenta; e a pirralhada, bem pentada, ouviu uma admoestação minuciosa e longa: — "meninos, vejam bem o que fazem! não falem, não troquem beliscões, não se metam na conversa, não introduzam o dedo no nariz, — e, sobretudo, não rião!" "Não rião!" é a principal recommendação! — porque, para certos paes, a criança, que ri diante de visitas, commete um crime mais grave do que o de quebrar toda a louça, ou o de rebentar com os pés a palhinha de todas as cadeiras! Mas eis chega o visitante: — é um tímido, um acanhado; entra, vae cumprimentar a dona da casa, atrapalha-se, tropeça no tapete, estende-se a lio comprado no chão. O pae, que precisa de emprego, a senhora, que ambiciona um genro, a menina, que reclama um noivo, teem vontade de rir, mas, em risco de estourar, contem o riso... A pirralhada, não! varre-se-lhe da cabeça a recordação dos conselhos e das ameaças; os pequenos sabem que, d'alli a pouco quando o visitante se fór embora, inaugurar-se-á para elles o regimen do chinello, do puchão de orelhas, do somno sem ceia; mas riem, riem á farta: — é uma symphonia de risadas, é um fogo de artifício, de notas agudas e graves, correndo toda a escala do jubilo: porque conter o riso de uma creatura nessa idade é tão difficil como impedir que a seiva suba e desça pelo caule de uma planta forte...

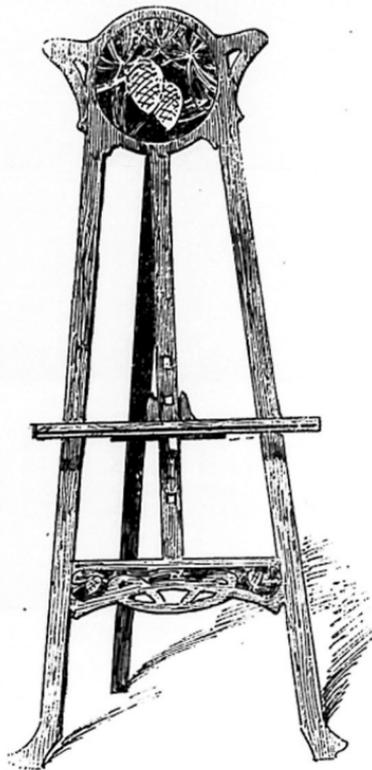
O riso é necessario. A prova d'isso é que até nos adultos, subditos

e servos das conveniencias, ha occasiões em que elle é irreprimivel. Ha quem tenha perdido uma fortuna, quem tenha comprometido todo o seu futuro, quem tenha arriscado a vida por causa de uma risada inconveniente: lá vem um momento em que a necessidade de rir, como uma lei imperiosa e fatal, rompe todos os diques, e,

humana: todas as cousas boas, em geral, pôdem matar. Mas os maleficios de rir são raros e excepcionaes: os seus beneficios são que são constantes e regulares. Ha casos de molestias curadas e de accidentes remediados pelo riso, medico que todos teem em casa, e que não pede dinheiro aos doentes. Erasmo, o auctor do Elogio da Loucura, conta que certa vez, torturado por um abcesso maligno, convenceu a ler, para se consolar, as *Epistolae obscurorum virorum*, escriptas no latim barbaro dos theologos escolasticos, e, em certo ponto da leitura, riu tanto da incongruencia do estylo, que o abcesso rebentou por si mesmo. E ha casos de pessoas engasgadas com uma espinha, em que as cócegas, provocando um frouxo de riso, são mais efficazes do que o e. prego das sondas e das pinças esophagianas... Abençoado seja o riso, que até faz concurrencia aos cirurgiões!

Já um pedagogista inglez, citado por Sully, lembrou a necessidade da creação de "Escolas de Riso" para crianças. Parece uma phantasia de... inglez. Mas é uma idéa, e uma idéa em que não vae extravagancia, porque revela o intuito de desenvolver nas crianças uma disposição natural que vae desaparecendo.

O riso é tão natural, que ninguem o ensina ás crianças. O reconhecimento começa a sorrir logo no primeiro mez de vida. Ha neste auditorio com certeza muitas mães: eu bem sinto a sua presença por uma especie de atmosphera moral de sympathy e de carinho, que me está cercando, desde que comecé a fallar de crianças... Que essas mães lembrem a anciedade, a soffreguidão, o inquieto e delicioso sobresalto, com que, ajoelhadas junto ao berço do filhinho recém-nascido, como junto de um altar, esperaram e espiaram nos seus labios pequeninos o alvorecer do primeiro riso... Não é ainda propriamente um riso, nem um sorriso: é um germen de sorriso... Dias depois, o movimento dos labios accentua-se. No quinto mez, já a criança saída com um sorriso intelligente as physionomias que commecam a ser-lhe familiares; no fim do primeiro anno, já esse sorriso, por assim dizer, raciocina: aprova, reprova, concorda, contradiz, aceita, recusa; ao mesmo tempo completa-se, transforma-se, em certos momentos, numa risada franca; e, d'alli por diante, toda a infancia é um largo riso insubordinado, que que zomba da estúpida imposição de "não rião!" Na adolescencia, o sorriso e o riso são de amor e triumpho: no sorriso do adolescente, ha supplicas, aneios, delirios; no seu riso, —



Cavalete para quadros. — Usa-se muito collocar sobre um cavalete no salão, um quadro de valor ou um lindo retrato. É muito bonito este modelo todo feito de madeira incrustada, pintada e pyrogravada; podendo tambem ser executado em estanho repousé. O modelo é confeccionado em nozeira, sobre um fundo escuro, sendo as fructas em vernello vivo e a cercadura em madeira escura.

impetuosa, estronda em explosões escandalosas. Ha situações em que o homem ri... ou morre.

O riso faz bem. Não é preciso ser physiologista ou higienista, para saber que elle é hygienico, porque, alterando e activando a respiração, altera e activa a circulação do sangue. Tambem é verdade que o riso pôde fazer mal: quando exagerado, pôde matar... É a triste condição da sorte

riso de alegria de viver e da satisfação de amar,—ha clangores de clarins, e gritos de victoria. Agora, eis ali chega a virilidade, com as suas «conveniencias» e com a sua hypocrisia; já não ha risos nos labios dessa creatura, ao desabrochar de cujo primeiro sorriso assistimos: ha sorrisos, sim, mas nem sempre de alegria ou de amor, antes de sarcasmo, de ironia, de despeito...

Chega, porém, a velhice; e, na velhice, reaparece o mesmo innocente riso da infancia. Ainda ha pouco tempo, visitando o Asylo da Velhice Desamparada, observei, com enternecida curiosidade, o constante sorrir dos pobres velhinhos e das velhinhas meigas, que se abrigam naquella casa de infinita misericordia. Aquecendo-se ao sol, como embalados num sonho doce, todos elles sorriam, com um sorriso de anjo... E' que com o mesmo divino sorriso, ingenuo e puro, saida a vida a criança, e della se despede o ancão...

OLAVO BILAC.

Da Academia Brasileira de Lettras)

ooo

O MACACO

Um velho macaco astucioso, tendo morrido, foi para o inferno, e pediu ao diabo para voltar ao mundo. O diabo accedeu, com a condição, porém, de o reencarnar na pelle de um burro, estúpido e pesado, para lhe tirar sua agilidade, sua vivacidade e sua malicia. O macaco fez taes graças que o inflexivel rei do inferno não pôde deixar de rir, e permitiu que elle escolhesse sua reencarnação. O macaco pediu para entrar no corpo de um papagaio. «Ao menos», disse elle, conservarei, assim, alguma semelhança com os homens, que eu imitava, repetindo-lhes os gestos.» Apenas a alma do macaco foi introduzida no corpo de um papagaio, uma velha palradora comprou-o, e installou-o numa bella gaiola. O papagaio fez as delicias da velha, que com elle conversava todo o dia, não sendo mais sensata que elle. O macaco emprestou ao papagaio os seus gestos antigos, e fazia-o mexer ridiculamente com a cabeça, e imitar todos os trejeitos da velha, que o admirava, lamentando-se, apenas de ser um pouco surda, o que a fazia perder algumas palavras de seu interessante companheiro. O papagaio, assim animado, tornou-se palrador, importuno e doído. Elle tanto se bateu na sua gaiola e tanto vinho bebeu, que acabou morrendo. Regressando ao inferno, o diabo, quiz reencarnar no corpo de um peixe, que sendo nullo, não incommodava. Mas o macaco fez ainda uma engraçada pantomima deante do rei do inferno. E os poderosos que não resistem aos pedidos das mãos typas que os sabem lisongear, permitiu que elle se reencarnasse no corpo de um homem, o que era seu mais ardente desejo. Mas como o diabo teve escrúpulos de o introduzir no corpo de um homem honesto, encarnou-o num parlapição, num discursor, fastidioso, fastidioso e importuno que mentia, que se vangloriava sem cessar, que gesticulava ridiculamente, que motejava de todo o mundo e que interrompia todas as conversações, as mais polidas e as mais solidas, para dizer inutilidades, ou grossas asneiras. Mercurio, que o reconheceu, no seu novo estado, disse-lhe, a rir: — Oh! Oh! Eu te reconheço! Tu não és mais do que um composto de macaco e de papagaio. Quem te tirasse os gestos e palavras que aprendeste de oitva, nada deixaria em ti. De um engraçado macaco e de um bom papagaio, fizeram um homem bobão...

(Trad. para a Revista Feminina)

FENELOU.

CARTA POR TERRA

Vejo-te em toda a parte e a todo instante.
Meu pensamento em ti sempre é constante.
A tua sombra me acompanha em tudo
Meu sonho de veludo!
— Sombra que se faz sol quando ás vezes escuro
Eu vejo tristemente o céu do meu futuro.

Columna em fogo ardente.
Da escriptura,
Gulando sabiamente,
O povo de Israel pelo deserto infindo
E's tu me conduzindo,
creatura,
Para o teu coração, Chanaan prometida
A mim que te amo sempre e quero toda vida.

De ter-te amado ás vezes me arrependo

E este affecto maldigo.

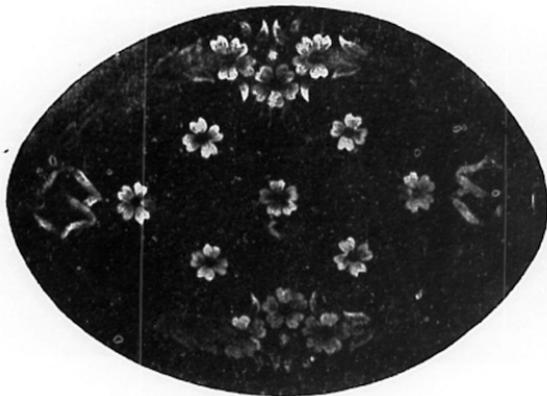
Perdoa a confissão, meu nobre amigo,
Eu não te offend.

Tão grande é o meu carinho e o soffrimento é tanto!
Que a minha vida está desfeita em pranto.
E foi-se para sempre a minha paz...
Não demores assim, vem por piedade!!
Viva talvez tu não me encontres mais!...
— Eu morro d. saudade!

(Ilha Esmeraldas).

Palmyra Wanderley

Rio G. do Norte—Natal.



Bandeja oval fôrma Imperio. — Uma bandeja para cartas e cartões em uma ante-sala é um *tableau* quasi indispensavel. Damos a reprodução de um modelo encantador, inteiramente coberto de *geranium* cor de outro velho, bordado sobre o qual collocase um vidro. As folhas dispostas em torno do fundo da bandeja, formam um lindo contraste com os *geraniumes* semeados na parte central.

As folhas são matizadas em seis tons verde Imperio, as flores em ponto claro são em seda cor de malva e sombreadas por um cor de ouro velho mais escuro.
As rasalhadas são oppostos laços de fita bordadas a malva e ponto claro em tres tons de ouro pallido. O modelo mede 25 cent. de comprimento por 25 de largura.

Corôas

Corbeilles, bouquet, ornações publicas e para festas familiares PROCURAE a Unica casa Nacional no ramo

Flora Brasileira

Rua Boa Vista, 5-A
Telephone Central—570

NA MANSÃO DOS PRINCIPES E DOS REIS

DEPOIS dos templos, dos theatros e dos casinos das praças aristocraticas, mansões de prazer onde, ha tres annos, se agitava a turba luxuosa e cosmopolita, abrem-se aos feridos da guerra os palacios dos principes e dos reis.

Actualmente grande parte do palacio do Quirinal

de Roma está transformado em hospital de sangue e nas suas estancias sumptuosas, carregadas de tausto, demasiado augusto, na sua *Sala Regia* decorada de frescos por Lanfranc e Saraceni, na sua *Capella Paulina*, construida por Maderna, enriquecida de estuques dourados e copias *en grisaille* dos Apostolos de Raphael, na sala das Recepções, cheia de tapeçarias ricas e mosaicos preciosos, alinham-se os leitos brancos onde soffrem moços pálidos e febris. Vão e vêm enfermeiras pelos corredores soemnes, por onde, em outros dias felizes, passeavam os creados de diferentes categorias — desde o assinarado ao nobre que considera orgulho obelhecer a um amo — com os seus bordados, as suas condecorações e as suas espadas virginaes.

Em vez das testas palacianas com damas muito decoradas e cabeleiras rutilantes de pedraria, o lucto da visita sacerdotal, de leito em leito, onde a morte se extendeu a sua rede implacavel...

E nas tardes tranquillias, quando já sorri a convalescença humilde, como uma enfermeira gentil a mais que vae de leito renovando as flores nas jarras, soam canções de caserna ou cantigas do campo, aprendidas muito longe das venezianas, em teito de liras, das lampadas enormes, dos brocados e das sedas dos cortinados, dos vultos e dos reflectores semelhantes a laços tranquillios...

E' uma invasão popular nos palacios reais. Apoderam-se os humildes, por fim, das mansões dos poderosos. Ao largo das estancias luxuosas o povo aranja com os seus sapatos cravejados, de olhar absorto e alma ingenua tremendo de medo e orgulho, ao mesmo tempo.

Os reis, todavia, podem estar tranquillios. Elles, esses homens do povo, não chegam em rebellião forte, com a sanha das turbas equalitarias. Não trazem na mão os chuchos homicidas nem os fachoos incendiadores. Não cantam os hymnos de emancipação, com a voz

enrouquecida pelo fragor da guerra civil, em que ha sede de polvora e o estranho sabor de sangue humano que se exhala dos vinhos da rapinagem e do saque. Ao contrario. Todos elles se approximam debaixo, sangrados em vida, sustentados por frageis mulheres aristocraticas, vestidas de branco... Não vêm contra o Rei: acabam de defender. Não amaldiçoam com rugidos libertarios: victoriosamente com vozes humildes e timidias de escrivão...

Mas isso mesmo é perigoso. Imagine o dia de amanhã, quando os esmoços estiverem sãos ou se elles cerrarem os bordos, ainda frescos, das ampações inevitaveis. Que pensarão esses homens aos quaes, mesmo tempo-

ariamente, se mostrou como vivem os reis e os nobres e como se divertem os ricos, nos casinos e nas praças aristocraticas, enquanto o grande rebanho suavel e triste e passa fome nas minas e nos campos, nas usinas e nos casebres, abandonados e pobres?

Voltando ás suas miserias antigas, aggravadas pela guerra, esses homens que contrahiram talvez e ternidões incuraveis, aos quaes faltam talvez braços e pernas, ou o que é peor para os poderosos — a caída crença de que, defendendo o que defenderam, era a sua Patria a defendida, pensarão, por um momento, ao menos, em renovar a vida.

E então talvez não cheguem aos palacios, temerosos e febris, apoiados nos braços de uma enfermeira aristocratica que considera uma interessante moda a mais o habito da Cruz Vermelha.

Porque, depois deste fim do imperialismo, depois do ultimo arranque da auto-cracia, escravizadora, depois da tentativa final de regresso a um tempo em que não havia direitos e só dominava o capricho cruel dos senhores — depois de tantos sacrificios, tantas mortes e tanto sangue, a este seculo estava reservado o espectáculo esplendido de um triumpho glorioso e renovado das soberanias populares e o reino do lema admiravel e consolador da verdadeira herdeade, da sincera Fraternidade da absoluta Igualdade da eterna Justiça.



«o palacio do Quirinal» em Roma, transformado em hospital de sangue para os feridos italianos.



O NATAL NAS TRINCHEIRAS

A sentinella: — «Eh' lá? Compadre? Vê se te escaparam os sapatos... Os podes de fumaça para nos; os deus para a pele e a fome para os que dormem da outra lado para os da capotei pontaguda».



AMANHECER

(A ARTHUR DE CARQUEIRA MENDES)

Silencio... Tremeluz o noite... De repente,
A' feição do entrecabir de palpebra hesitante.
Uma meiga de albor se esquelra, no levante.
E ia' illro-se na treva inefinidamente...

Crepusculeja... Fino, em murmuro corrente,
Sopra o zephyro. Canta um passaro distante.
E, logo, porque todo o passado conta,
Be uma alleluia ao ar, glorificando o oriente.

Corre de estrella a estrella uma verligem casta.
Já no arrebol pompa a luz, que mais se amplia
De um lado, enquanto, do outro, a sombra mais se colata

Tudo exala um frescor de limpida alegria.
Ves tomando a expressão de uma torquiza casta
O Céu... Subitamente, trompa o sol: E' dia!

LUIZ CARLOS.

A MODA



A despeito da guega e das consequências que ella acarretado, das dificuldades de toda sorte que assoberbam a humanidade, a mulher continúa, com o mesmo delirio de antes, a pagar o seu tributo à vaidade. Os «faisers» de moda, em Paris, continuam a lançar as suas criações, cada qual mais encantadora e mais suggestiva. De dez annos a esta parte, ou melhor, desde o advento da saia «fourreau», a silhueta feminina tem passado, de estação a estação, por transformações extraordinarias. Não é aqui, porém, o lugar para fazer o historico da «toilette» da mulher; o que nos occupa a attenção é a moda actual. Ella é, em suas linhas geraes, muito logica, e dá ao corpo da mulher uma graça muito viva. D'entre os ultimos modelos, creados em Paris, e que estão sendo adoptados actualmente em S. Paulo,



alguns ha que, pela originalidade de certos detalhes, offerecem uma belleza de conjunto difficilmente attingida em outras epochas. O motivo é facil de imaginar. A's velhas modas, como é sabido, presidia, não raro, um certo cunho de luxo e sumptuosidade, incompativel com a epocha que atravessamos. A amplitude exaggerada das saias, o luxo dos «dessous», a riqueza, ás vezes, brutal de certos attributos de «toilette», tudo isso, no actual momento, foi, em boa hora, substituido pela simplicidade de bom gosto. As modas nunca podem ten-



der para a simplicidade e isso porque as criações desse genero são extremamente difficéis. Os creadores da moda, sem excluir mesmo os grandes nomes de Paquin, Roedfeln, e outros, preferem lançar mão do artificio, para fugir á difficuldade que a simplicidade exige. Mas a verdade é que as clientes dos grandes costureiros estão tambem impondo o seu gosto, e esse, felizmente, deixou de ser arrebicado para se tornar, tanto quanto possivel, muito simples. A silhueta actual é positivamente encantadora.

As senhoras paulistas, como é notorio, procuram, com o mais louvavel dos cuidados, adaptar-se sempre ás novas modificações introduzidas na «toilette». S. Paulo já offerece, ás senhoras que capricham em vestir-se, um campo mais ou menos largo de observação. Nas ruas, nos theatros, nos salões de concerto já se apontam «toilettes» absolutamente elegantes. Já se encontram aqui ateliers de costura que podem confeccionar, com o rigor exigido em obras desse genero, «toilettes» elegantissimas e do mais recente chic.

Vizitando, ha dias, as vastas lojas de modas da casa Mappin, observámos, entre muitas criações dignas de reparo, alguns modelos que, pela sua opporrtunidade e novidade, nos



Letra D

eriram de prompto a vista. Alguns delles, apanhados ao acaso, illustram esta secção. O modelo, representado pela letra A, e que é offerecido ás suas clientes pelo preço modico de 175\$000, é o que ha de mais gracioso. E' um modelo muito original e de estylo artistico, executado em georgette branco com enfeites de Ninon em desenhos contrastantes e com golla ligeiramente plissada. O modelo B é uma robe «d'après midi» unido em crepe georgette. Estylo simples. Este modelo é muito mais barato, mas não menos chic. O modelo, anunciado por 250\$000, é muito bello. E' um vestido «Modelo» proprio para dias de cerimonia, ás tardes e para soirées. E' confeccionado em georgette plissée, com a golla enfeitada de pelle oppossuno.

Observámos tambem, na mesma casa, uma immensa variedade de blu-



Letra C



Fig. A

sas. O modelo de blusa indicado com a letra A é muito suggestivo e constitue uma verdadeira criação da casa Mappin. A que apresentamos é admiração das nossas leitoras, indicada na gravura sob a letra D, é uma blusa em crepe da China, em diversas cores, com gola e punho em cores contrastantes. A que vem indicada sob a letra C, é um lindo modelo em crepe georgette ou em crepe da China, de riquíssima qualidade.

O preço da primeira é 55\$000 e o da segunda, 62\$000.

Na collecção de chapéus encontram-se também magníficas variações. O modelo com que illustramos esta pagina é extremamente gracioso.

As senhoras elegantes devem visitar com assiduidade a casa Mappin, examinar as ultimas criações, estudal-as, observal-as bem para poder escolher, em confronto com as demais, as que mais lhes convenham. De resto, a casa Mappin oferece ás suas clientes um ambiente muito elegante e confortavel, concorrendo para isso os seus chás, que são frequentados pela elite paulistana

Já que o assumpto que nos occupa é a moda, assumpto que tanto interessa ás nossas leitoras munda-

nas, não é fóra de proposito falar de fazendas. O tecido, tanto como o figurino, tem uma importancia capital para a moda. Com tecidos velhos, "demodés" ou sem oportunidade, não se póde executar uma toilette, mesmo sorrível. Os tecidos variam de moda, tanto quanto os modelos. Em Paris, o costureiro do dia, quando lança uma nova criação de toilette, lança também muitas vezes por elle e de accordo com o industrial tecelão, o tecido que lhe corresponde, as suas nuances de cor e a variedade do desenho. Essa liberdade de criação, tão cara ao "faiseur" de moda pariziense, não a tem as nossas costureiras, que tem de contentar-se com o que lhes chega de Paris, segundo a indicação dos jornaes de moda.

O tafetá está em pleno apogéo. É preferível, sem duvida, para certas toilettes, o tafetá laminado de ouro, que lança um discreto reflexo metalico atravez das suas dobras. Esses reflexos ainda tem gradações que vem annunciadas com os nomes de *fulgurante*, *bacanal*, e *maharajá*, todas ellas



Fig. B

Modelos da casa
MAPPIN STORES
SÃO PAULO

perfeitamente distinctas. Ha grande abundancia de tecidos recamados, com lindos desenhos muito juntos. Ha tecidos com recamos de ouro mate. A influencia chinesa, persa e india é notavel nesses desenhos. A sua graça reside talvez nesse exotismo. Os motivos escolhidos são pagodes hindús de torres ponteadas, mandarins bojudos, de rabicho e chapéo em feitto de telhado de kiosque, geishas airozas com seus dois chrisánthemos amarellos ao lado de cada orelha.

Talvez nisto se possa ver mais uma influencia, e não das menos curiosas e interessantes do cosmopolitismo derivante da guerra. Em todo o caso, mesmo que isso não fosse uma homenagem aos povos que participam no tremendo conflicto, expontaneamente ou arrastados por fatalidades diversas, seria um encanto particular e uma descoberta altamente suggestiva.

Entre os tecidos leves ha a apontar os lindos moirés particularmente o moiré *babyamé*, os crepons, com desenhos de tapeçaria, a tunisienne, que é muito "souple" e que tem a sua applicação em nosso estio.



Fig. C

NO SANTUARIO DA MULHER



EXISTE sempre em todas as casas uma ou muitas peças, ás quaes a mulher imprime a sua nota particular, que são decoradas e arranjadas á sua semelhança physica e moral.

E' o salão intimo onde ella vive da vida intellectual e artistica, onde gosa da vida social, na sua mais alta expressão: affeições de eleição, amizade, sympathia. E' o seu quarto de dormir, onde ella vive da vida intellectual e artistica, onde gosa da vida social, na sua mais alta expressão: affeições de eleição, amizade, sympathia. E' o seu quarto de dormir, onde ella vive da vida intellectual e artistica, onde gosa da vida social, na sua mais alta expressão: affeições de eleição, amizade, sympathia.

de se concentram as recordações da felicidade familiar: ternura materna e ternura conjugal. Enfim, é o gabinete de «toilette», a parte mais recondita do santuario, onde não é admittida pessoa alguma por mais querida que seja. E' alli que ella encontra os meios necessarios para captivar ou reter o coração de um homem, cultivando seus dons physicos; que se arma para os combates da vaidade ou que luta para a felicidade, defendendo a sua belleza contra os ataques do tempo, e as fadigas da vida. Póde ser luxuoso e, entretanto, ser puro como o pensamento de uma joven, ser simples e testemunhar recursos de uma garridice infernal.

Não fallo de mulheres que quem ser aduladas por todos, mas tão somente daquella cujo unico cuidado é conservar o amor de quem o seu coração escolheu para companheiro de sua jornada: terrestre; da mulher que pretende, justamente, tornar-se seductora aos olhos do pae de seus filhos, que quer reter em seu lar o chefe da familia; da que comprehende a san garridice; que sabe que foi creada para fazer as delicias dos olhos e do coração daquelle que serve de apoio á sua fraqueza encantadora e com o qual deve continuar a longa cadeia dos antepassados; da que sabe que tem a missão de agradar, que é o ideal da vida rude do homem, e que póde cair do pedestal em que foi collocada.

A mulher que sabe essas cousas, que escutou a voz interior, não se desleixa e trata de estar sempre garrida. Para isto não é preciso dinheiro: a esposa a mais modesta acha sempre meios de agradar ao marido quando lhe tem verdadeiro amor.

Muitas vezes, por uma errada concepção de seus deveres, uma mulher terna e mãe extremosa, commette a falta de descurar a sua saúde e a sua belleza a ponto de perder uma e outra. Preocupada absolutamente com o bem—estar daquelles que a cercam, sacrifica-se sem descanço, e não cuida de sua *toilette*.

Não pensa em si, a não ser que, depois de ter prodigalizado tudo aos seus, reste para ella algum tempo e algum dinheiro. E, por se ter importado tão pouco do seu vestuario e de sua apparencia, perde, ás vezes, o amor do pae, a quem precisava prender em casa pelo seu encanto, e

algumas vezes tambem o respeito dos filhos.

A' mulher cumpre conservar o coração do marido, para felicidade della, delle e dos filhos. Por conseguinte, mesmo na idade madura ou mesmo na velhice, nunca ella deveria pôr de parte uma certa garridice, que não passa da expressão do desejo legitimo e sagrado de agradar até ao fim áquelle que elegeu por esposo. Não é necessario gartar dinheiro para se enfeitar com bugieangas caras, mas isso não a dispensa de fazer realçar o talhe por meio de vestidos de corte elegante, de pentear os cabelos, para lhes conservar o lustre e a abundancia e emoldurar o rosto no mais bello dos ornamentos naturaes, de ter cuidado com as mãos para apagar os vestigios dos trabalhos grosseiros, e, sobretudo, de conservar a sua pessoa e os seus vestidos num estado de limpeza escrupulosa. E' muito desgracioso ver-se uma mulher despenhada, de pantufos sem meias, com os cabelos em desalinho e conservar-se desta maneira até ao almoço, chegando-se de seu desleixo por ter de olhar pelo arranjo da casa e preparar os filhos que vão ao collegio. Não se comprehende como uma mulher, que tenha recebido alguma educação, proceda desta maneira, pois mesmo as que lutam com parcos recursos para a manutenção da familia podem ser garridas com alguma modestia. Quanto custa uma touca feita de molinos com rendas, para realçar os cabelos despenhados, um gracioso roupão que se póde vestir apressadamente até que seja possivel discurrir algum tempo para a *toilette*?

A mulher deve saber aliar o bom gosto, a garridice natural a uma moral impeccavel e ás obrigações de uma boa esposa e opiana mãe.

A mulher desleixada não consegue manter por muito tempo o entusiasmo do esposo. Este, se for muito puro de moral e dotado de uma rara delicadeza de sentir, poderá, quando muito, dedicar-lhe uma affeição sem calor, essa vaga ternura que, no homem, tem menos por base o coração que o habito. A esposa em voz cercal-o-a de carinhos, de meiguices e de muitos cuidados, por que o companheiro se corresponder a esses carinhos, fallo-a movido pela delicadeza mas nunca com sinceridade. Se a mulher viver bem aguçada a percepção, comprehenderá o que li de falso nas meiguices do esposo. A virar-se bem dito. O homem necessita, mais que a mulher, pensar a sua existencia. Essa poesta elle a synthetisa na esposa. E' preciso, pois, que ella se torne digna desse ideal, mostre-não-se ao esposo pelo seu exterior aspectu. Se o não faz, se se desleixa, se relaxa todos os cuidados da sua «toilette» e das suas graças naturaes, não póde aspirar mais ao entusiasmo do seu esposo. E neste caso, toda a felicidade domestica ficou comprometida.



VISÕES DA GUERRA

7 A COLHEITA DOS MORANGONS

JÁ por essas ruas das cidades passam vendedores com os cabazes cheios de morangos frescos, perfumados, rutilos de côr. Nas orelhas dos tableiros plantados das chacaras, entre o verdor intenso dos legumes espertais as cabeceiras vermelhas abverçadas de seiva, ressendendo aromas após as orvilhadas destas manhãs de verão, desafiando o appetite dos sabiãs, com a mesa posta para banquetes esplendidos. Em toda a parte apparece a fructa deliciosa e sumarenta, na vivenda do pobre e nos salões luxuosos dos ricos, sempre cubiçada, sempre preferida, pondo a sua mancha viva de côr, entre as folhas rusticãs ou entre o brilho metalico das baixelas de prata trazendo do campo uma visão de primavera e sol, um traço de luz e um sabor de sombra adensada por avoedos e regatos murmurantes.



Como são doces

e bevindos esses morangos vermelhos, quaes boquinhãs de creança, humidados de beijos, quaes labios tentadores de mulher, carminados de saude, sorridentes de amor! O que elles não dizem da vida feliz e serena dos campos, do bucolismo da natureza em festa, das canções aladas dos passaros, perseguindo-se de ramo em ramo, enquanto as cigarras ensaiam orchestras de som, rechinando ao sol! E' todo esse encanto que revive nas piramydes de cabeceiras rubias amontoadas nos cabazes dos vendedores que passam, góitando piegões somoros, é toda essa paisagem que se reproduz nas mesas dos ricos e dos pobres, em salvas douradas ou em pratos de barro...

E essas corbelhas galantes da fructa appeleçada fazem pensar no sangue da terra sempre fecunda e tambem — oh tristeza! — no sangue dos homens que se batem tão longe numa guerra sem fim.

Tambem nesses campos houve morangos vermelhos e frescos, tambem nos lares em lucto — e elles são tantos! — elles foram comidos com delicia e talvez chegassem até ás linhas de batalha, enviados do recanto da aldeia amada em carinhosos presentes de mães, irmãs ou noivas...

Na Inglaterra o morango é uma das fructas predilectas. Mas os campos andam tão abandonados e desertos!... Onde estão os homens que os colhiam outrora, nas manhãs estívaeas, ao nascer do sol, entoando cantigos? Foram para a guerra, para as minas ou para as fabricas, trocando o amanho suave da terra pelo contacto rude dos machinismos e das armas. E todo esse exercito de soldados e operários, nas linhas da frente, nos postos e nas usinas, fez falta para a ultima colheita.

Pois bem, a mulher comprehendeu o seu dever e salvou os morangos exquisitos e perfumados, a fructa pomposa que é o encanto supremo da mesa britânica e

traz á memoria um mundo inteiro de recordações e talvez de saudades.

E então as mulheres aos bandos e as creanças foram para os campos, como servas intelligentes e patrioticas em nada parecida com as escravas do trabalho rural nas terras meridionaes, porque lá, entre as brumas da Bretanha, o sol não escalda nem calcina implacavel, não embrutece nem atordoa nem mata.

Ha nesse labor campzino o que quer que seja de senhoril, de pacificador e bom que faz lembrar quadros de Watteau e celozos pastores sonhadas por Garcilaso ou Bernardes.

Mas, eis que entre as nuvens baixas que o vento tange, no silencio encimado da paisagem, se ouve um ruído abafado e secco.

As mulheres levantam a cabeça.

E' um aeroplano que passa.

E' a guerra cruel, com toda a sua phantasmagoria de mortandades e minas.

Ha um momento de hesitação, de duvida de medo... O pensamento vóa para longe, para junto dos entes queridos que o destino afistou, que a fatalidade roubou...

Depois a Inglaterra não acreditava que o seu solo, o seu mar, os seus ares, possessem jamais ser profanados. Era uma convicção fojada pelo dobrar dos seculos. Quem sempre saíra triumphante ainda não foira posto á prova. E esta convicção lançára raizes profundas nas ultimas camadas socias do povo inglez. Reflectia-se no rosto das mulheres, nos olhos azues dos grandes marinheiros.

Sim, mas um aeroplano passa. Não será o inimigo, trazendo vos seus flancos de aço a bomba destruidora e assassina? Não será a morte a pairar lá em cima, nas azas do abutre que redenolha numa ancia de espaço, singrando o azul?

E' um aeroplano que passa e talvez esses morangos fiquem salpicados com o sangue de mulheres e creanças e seja violado por uma audacia de dominio a virgindade sagrada da ilha sobeiba.

Mas não. O passaro minas segue rumo ao longe, afastando-se em torvelinhos de ar espandando pelas helices.

E a colheita prossegue, na serenidade bucolica da manhan cheia de sol.

E' preciso que não falte em cada mesa, nem mesmo nas trincheiras, a pequena ração da vermelha fructa, humida e fresca, perfumada e opulenta.

Bellos morangos que os vendedores apregoam nas ruas baru hentas, que de cousas não fazeis lembrar! A natureza calma, na apoiadura da seiva, os cantos e os ninhos, as sombras e as aguas — e sempre o pesadello irremovivel! — a guerra, esta guerra cruel, tão cheia de visões estranhas e de amargas tristezas.

(Para a Revista Feminina) Z. M.



TRABALHOS FEMININOS



Chapéu para

meninas

Graciosa touca

em linon bordado

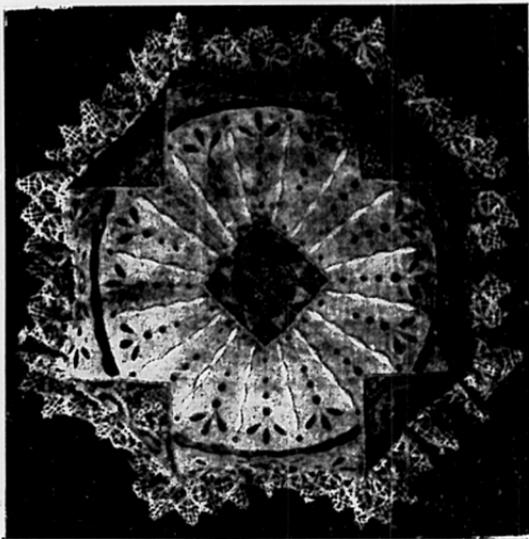
Graciosa touca em linon bordado — O proprio desenho ensina como deve ser confeccionada esta touca. Os lados e a frente são bordados; cinco passadores festonados, para a fita completam sua confecção.

Chapéu de fitas picotadas para meninas. — É muito bonito este chapéu que pode ser confeccionado em casa, podendo ser aproveitado um chapéu que já esteja enxovalhado.

Como vem as leitoras, o aorno do chapéu é feito de diversos pedaços de fita picotadas n. 5, devendo os picots ficarem todos do mesmo lado; começase a pregar a fita da aba para a copa, terminando em cima por uma laçada. Três ou quatro ordens de fita passadas em volta da copa terminam por um pequeno *capote* de rosas.

Almofada octogonal.

Original esta almofada



ooo ————— ooo

tro vê-se um grande quadrado em Veneza, tendo 8 centímetros em torço do qual vem-se diversos raios bordados alternativamente em ponto de relevo e ponto inglês simples. O fundo é de setim verde imperlo, circundado de uma renda de Chiny ligeiramente frangida.

Avental e bolsa para guardar trabalhos. — É muito interessante transformar um velho avental em bolsa de trabalho e esta em um lindo avental.

Com a mesma peça com que preparamos nosso vestido, terminada a barra de trabalho, formamos uma pequena bolsa que pode conter nosso trabalho sem todos seus acessórios, sem outra despesa.

O modelo que apresentamos tem, estas duas vantagens, sendo necessario acrescentar somente á guilherda de rosas que ocorre, umas cossas para passar a fita que dando muita graça ao avental, permite a sua transformação.

Almofada octogonal, com applicões de fité e bordado inglês.

ooo ————— ooo

fada redonda mas que a realidade é uma almofada quadrada da qual os angulos foram dobrados sobre si mesmo, assim como o indicam os triangulos de fité enrustados em cambraia de linho.

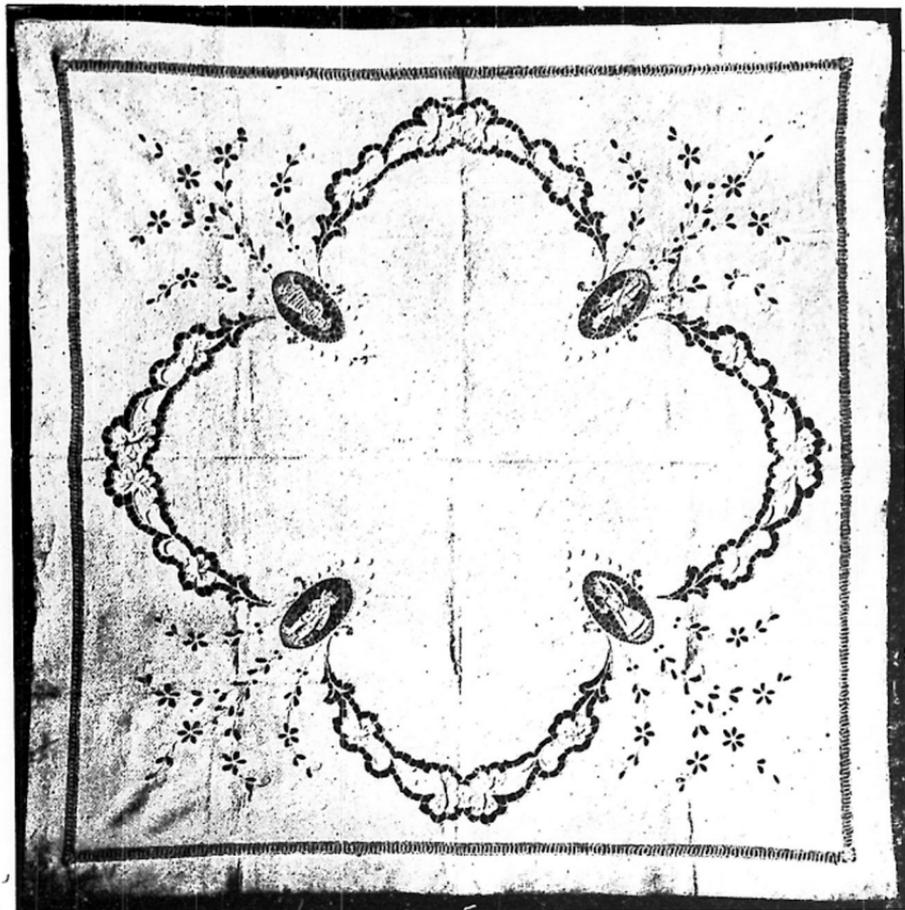
Os triangulos medem cada um onze centímetros. No cen-

ooo ————— ooo



Bolsa para guardar trabalhos

Lindo avental bordado a ponto inglês

LINDÍSSIMA TOALHA PARA CHA'

Mede a toalha 110 cent. e é cercada de uma larga bainha aberta. O bordado, muito delicado, é executado, parte em *Richelieu* e parte em ponto inglês.

As aplicações ovas incrustadas sobre os ângulos, são executadas em Veneza muito fina e poderão ser substituídas por filé, crochet, renda de Milão, conforme o gosto.

Enviamos o desenho para o bordado por 4\$.

COMO SE DEVE ENGOMAR UMA CAMISA



Fig. 1

Como se deve plissar a frente de uma camisa

Parece um trabalho sem importância o engomado de uma camisa, entretanto tem sua sciencia. Perde seu valor uma roupa mal passada, mesmo que seja muito fina e que suas rendas sejam verdadeiras. E' indesejavel que a roupa esteja muito

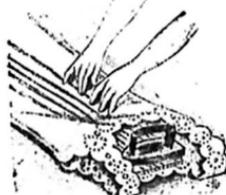


Fig. 1

Fixação das pregas das costas

clara, em primeiro lugar; nada mais desagradavel que uma roupa encardida, na qual o azul foi empregado para encobrir os restos de impurezas de o e o tecido estava impregnado. Não se deve molhar uma peça de roupa que esteja encardida, sem primeiro eliminar esta.



Fig. 7

Plissagem terminada

Vamos dar alguns ensinamentos para eliminar as nodoas a que estão mais sujeitas as roupas.

Para as de café: deve-se depois de as ter lavado em agua pura pas-

sar em agua com sabão á qual se adicionam 9 gotas de espirito de vinho; as de urina tiram-se, lavando a nodoa com ammoniaco dissolvido em agua; as de sangue deve-se untar com petroleo e lavar em agua quente e sabão; nas de bolor deve-se deitar summo de limão e sal e deixal-as expostas ao sol, durante algum tempo; as de ferrugem desapare-

cia de tercbenthina 5,5 partes, benzina incolor 4, 5, e misture-se bem; enquanto a massa ainda está em fusão core-se com a materia que se desejar, juntem-se-lhe algumas gotas de ammoniaco, molde-se o sabão e somente passados alguns dias é que se poderá fazer uso delle. Para applicar use-se uma escova; toda a nodoa de corpos gordos desaparece sem estragar a fazienda.



Fig. 2

Plissagem das pregas das costas

cem com o seguinte: Cremor de tartaro em pó 32 grs. Acido oxalico 63 grs. essencia de limão 1 gr. Humedece-se a nodoa com este composto; tirada a nodoa, lava-se com bastante agua; para as de summo de limão e laranja é sufficiente embeber a fazienda numa porção de alcali volatil, que neutralisa o acido.

Faz-se o seguinte sabão que dá muito bom resultado applicado sobre as nodoas. Toma-se 260 partes do

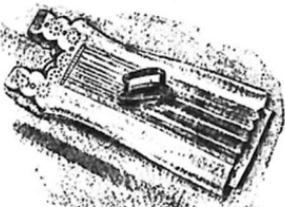


Fig. 3

Passagem do ferro sobre as pregas para bem fixal-as

A roupa bem lavada auxilia muito o engomado.

Para dar a roupa branca um brilho extraordinario, empregue-se a seguinte gomma: Amido fervido 1 litro. Silicato de potassa 160 grs. Gomma arabica 30 grs. Assucar refinado 60 grs. Tudo que fór engomado com esta mistura, apresentar-se-á polido e lucido como um espelho.



Fig. 5

Como se deve dobrar a camisa

melhor sabão e reduz-se a pequenos pedaços; colloca-se esse sabão num frasco de bocca larga com 83 partes de agua e 15 partes de fel de boi. Tapa-se bem o vidro e deixa-se de infusão durante 12 horas. Passado este tempo aquece-se levemente, afim de que o sabão se dissolva sem contudo ferver. Quando a agua tiver evaporado e a massa tomar um aspecto de mel—junte-se-lhe essen-



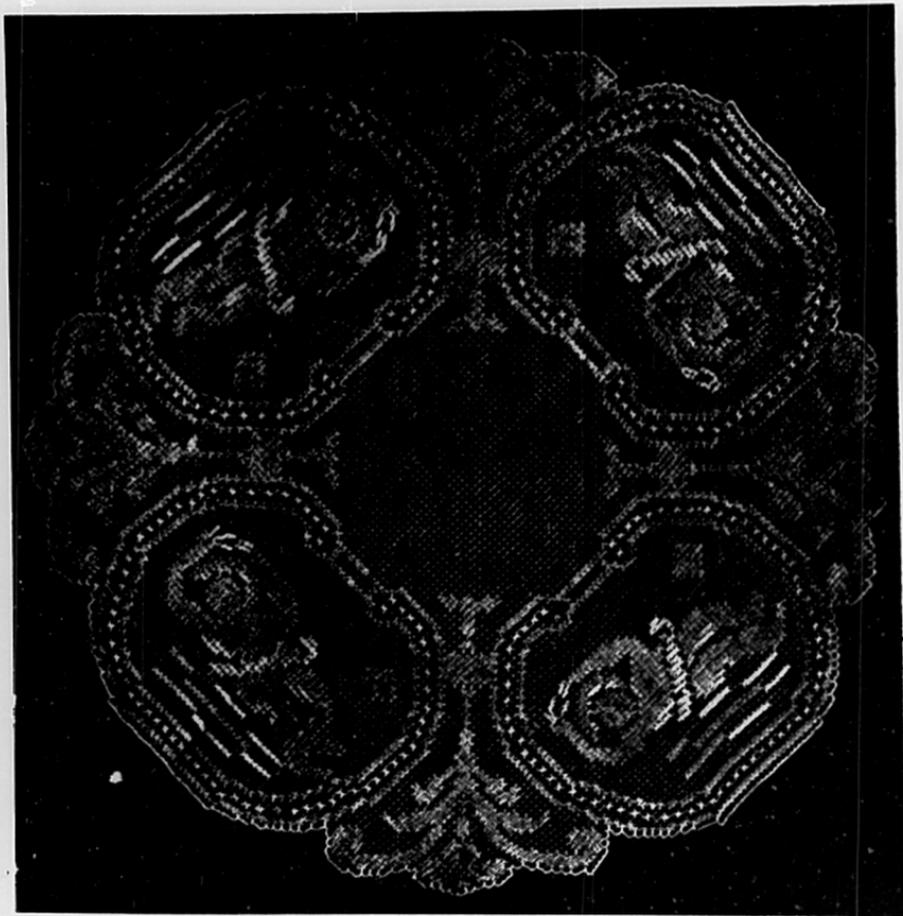
Fig. 6

Dobra dos lados sobre as costas

So se deve empregar gomma muito branda para dar um aspecto de nova a roupa. Para que as rendas e bordados tenham uma bonita apparencia deve-se passal-as pelo avesso e com a ponta de um alfinete estirar suas pontinhas.

Em nos-as gravuras ensinamos a maneira como se deve engomar uma camisa.

TRABALHO EM FILÉ ESTYLO 1700 ITALIANO



Fundo para copos, vasos, *table-mat*. Oferecemos este lindo modelo em tamanho natural para que possam nossas leitoras confeccionar-o sem dificuldade. Precisamente pelas festas do Natal queremos renovar os enfeites de nossa casa, pois sendo a festa da família, a dona de casa quer que esta seja um primor, quer apresentar novidades que encantem os olhos do marido.

Feito em estylo 1700, é bordado com finissimo gosto, a ponto de tecer, ponto de seguimento e festão.



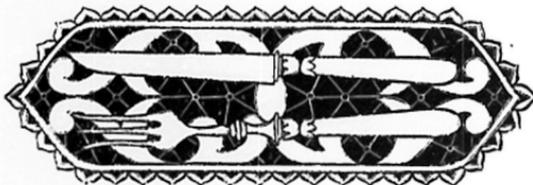
Pequeno ferro para talher de salada

Doas pequenas toalhlinhas para desenho do trinchant e do talher para salada.

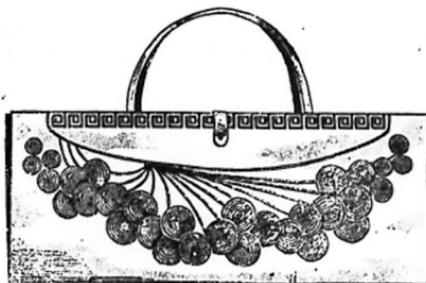
Original por sua forma e rico pela beleza do desenho, estes dous servie s muito vão agrar dar às nossas leitoras, pois sendo de facil execução dão um encanto extraordinario á mesa.

Os contornos são leites em ponto de fusão, e as pequenas linhas interiores são feitas em ponto de cordão.

O primeiro serviço mede 30x12 centimetros e podemos enviar o desenho por 185000; o segundo mede 45x15 e custa 28000.



Ferro para o trinchant, em bordado Richelieu



Pasta para musica; bordado em linha cruzada

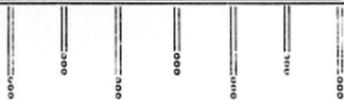
PASTA PARA MUSICA. - Pode-se bordar esta pasta como o modelo acima, ou então a ponto de cruz, com desenho symbolico "A Musica".

O modelo é trabalhado em linho oriental, com torçal grosso em dois tons cinzentos, e a ponto de haste.

O modelo "A Musica" trabalha-se sobre linho genero Flandres, cor de couro escuro, a ponto de cruz em cores escuras azul, grenat, verde musgo velho, cor de ouro escuro.

E' facilissima sua execução e de grande utilidade para conduzir musieas.

Preço do desenho 28500.

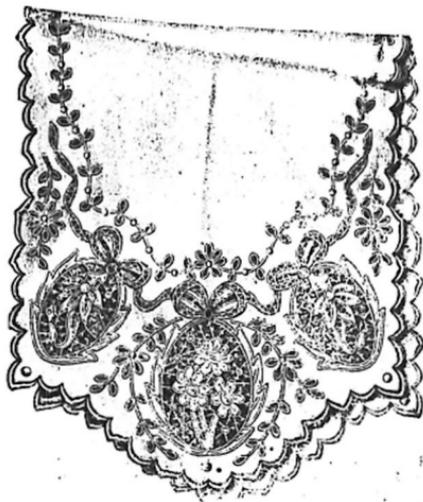


CENTRO DE MEZA. - Tres mimosas applicações em Renascença formam o principal desenho deste bellissimo centro de meza.

Guirlandas de pequenas rosinhas dão um realce encantador ao trabalho que é festonado em volta.

Os grãos de ervilha que se veem nos cantos são feitos a ponto chato.

Trabalha se com linha brilhante D. M. C: 25 e enviamos o desenho por 38000.



Rico centro de meza em bordado Renascença

A COSINHA MODERNA

Economisar tempo, passos e trabalho é uma das melhores normas que uma boa dona de casa deve procurar seguir. Isso, para ella e para os seus, representa commodidade e conforto e torna mais suave a tarefa dos creados, pois é preciso fazer entrar seriamente em linha de conta esta questão, porque se torna cada vez mais difícil encontrar, como antigamente, creados dedicados e pouco exigentes que, pouco a pouco, se tornavam com a família e ficavam a fazer parte da casa.

O trabalho da cozinha, ás vezes bastante duro, pode suavizar-se por uma boa disposição dos instrumentos de trabalho e pela collocação mais intelligente do mobiliário. Com os fogões economicos e sobretudo com os fogões a gaz, essa dependência da casa diminuiu de proporções nos edificios modernos, impondo portanto o melhor criterio no aproveitamento do espaço.

Uma cozinha convenientemente disposta, em que tudo esteja á mão, facilita extraordinariamente o traba-



lho e satisfaz essa necessidade imperiosa de conforto que as cozinheiras sentem, como toda a gente e torna-se um meio de aprender ao serviço, e afiçando-as ao lar onde prestam os seus serviços. Ainda uma vez, esta que-tão das creadas complica-se mais e mais e hoje, a não haver muita paciência, muito tacto, muita condiscendência, um dono de casa não ficará constantemente mudando de pessoal, o que é um grande aborrecimento para todos e um principio de desordem.

Procure-se, pois, melhorar a situação material da cozinheira e para isso tanto basta introduzir na cozinha um pequeno numero de regras bem praticas e uma instalação sufficientemente comoda.

As illustrações que publicamos nesta pagina são assas claras. A primeira representa um armario bem construido, contendo varios utensilios de cozinha. E' de construção muito simples e qualquer carpinteiro é capaz de o fazer. Na parte interna leva uma boa disposição de pregos para collocar os utensilios e telas sempre á mão. Na parte posterior da porta ha umas prateleiras para as peças que se não possam pendurar.

Este armario deve collocar-se o mais perto possível da pia de lavar, afim de evitar os passos inúteis. A' esquerda vê-se outro armario para diferentes utensilios de louça e a mesma disposição se esclarece melhor na gravura do centro.

Em baixo vê-se como intelligentemente se pôde



aproveitar a mesa grande da cozinha para cozinhar. E' tão claro e tão simples que não exige explicações.

Uma das coisas que mais attenção demandam numa cozinha é a pia. E' preciso dispor as coisas de maneira que elle fique bem ao alcance e faça evitar passos inúteis. Conventuar que uma boa dona de casa e uma boa criada não dentro de casa e sem ser preciso, alguns kilometros por dia, perdendo tempo e esforço.

Vê-se que tudo anda bem liopp. Ha certas cozinhas e certas cozinheiras que se a gente as visse ao trabalho, não teria coragem de comer...

Sempre varrido, esfregado, luzido deve ser tudo diariamente. Porisso, é que se aconselha e até mesmo a hygiene municipal obriga o soalho e ás paredes de azulijo, as pias de marmore, etc.

Quem houver de comprar baterias de cozinha ou reformar algumas peças, deve preferir a louça de aluminio. E' mais cara mas dura mais, economisa calor e é mais lioppa.

Uma boa dona de casa deve zelar particularmente pela sua cozinha que é o laboratorio da familia, para que haja o maior saeio, a maior commodidade, o preciso conforto. Lembre-se tambem que a economia é uma das mais imperiosas virtudes e veja se pôde poupar na lenha, no carvão, no gaz, na luz, nos mantimentos etc, etc. O que não deve poupar é no sabão e na lixivia para manter a mais esmerulosa limpeza.





ALBA DE AMOR

Mãos de minha terra, se algum dia
N'elos campos em flor, ao sol quente,
Ficardes dentro em vós a nostalgia
Fic' em v'ra vida, não apenas se apresenta;

Se o eterno "vulgo da melancolia,
-sembrança (quem nos diz?) de um bem suavente
"Baiar na paz azul d'el' e a terra,
Montado-vos os olhos se repente;

Mãos de minha terra - n'essa hora
Dá vos não pertenceis: ameis por certo,
Pois ama quem não sabe porque abra...

N'esse divino instante de doura,
Injos palpitam pelo céu deserto
E o Grande bendiz a Grandeza!

S. Paulo, 1917.

CYRO COSTA.

O IMPERIO DO CÉO

A attitudo recentemente assumida pela China, pondo-se ao lado dos inimigos da Alemanha e offerecendo-lhes o seu concurso moral e material, fez com que se voltassem para ellas as attentões do mundo. O mundo volvia a sua attenção para a guerra e não se preocupava mais com a China, que, entretanto, desde algum tempo a esta parte, andava ardendo no incendio de constantes revoluções. A cada revolução correspondia outra contra-revolução.



Missão catholica de ensino infantil na China



Paizagem nos suburbios de Hong Kong

quasi sempre sangrenta, e o paiz, minado nas suas bases pelo elemento revolucionario, degenerou na anarchia.

A republica, proclamada ha alguns annos, constituída, não dos elementos intellectuaes do paiz, mas de audaciosos sem programma viavel, fracassou. Restabelecida a velha monarchia, ella vacillou, porque algumas provincias, que a não acceitaram, proclamaram a sua independencia.

Não sabemos, hoje, ao certo, se as coisas no remoto imperio asiatico entraram em seus eixos e se a vida lá se acha inteiramente normalisada.

O que nos punge, entretanto, é que o velho imperio vaie perdendo, dia a dia, os seus aspectos originaes, o que o fazia tão extranhamente pittoresco. O decreto lançado pelo primeiro pre-

sidente da Republica mandando cortar o rabicho a todos os habitantes do paiz, sem distincção de classe e de hierarchias sociaes, foi o primeiro passo para a democratisação do paiz. Um paiz democratico, regido por uma constituição é o que pôde haver de menos interessante para o artista, para o forasteiro curioso e para os amantes das coisas pittorescas.

A mulher chinesa, que, desde tempos immemoriaes, desde talvez, a fabulosa dynastia dos Mings, andou sempre com os pés apertados em sapatos-torniquetes. Com os pés deformados, rachitizados, minusculos, ellas, as encantadoras filhas do Imperio Celeste, não podendo firmar o passo por falta de base, marchavam aos pulinhos, como os passaros. As pro-



Uma casa de chá na China

rias roupas que usavam, de faixas voejantes e mangas largas como azas, concorriam tambem para dar aos seus corpos, magros e pequeninos, uma tal ou qual apparencia de aves exoticas.

Pois toda essa tradição ameaça desabar. O chinez, principalmente o habitante dos centros adiantados, onde é grande a população ingleza e americana, está ameaçando a interessar-se pelas modas e habitos europeos. Ha mandarins que já não usam o chapéo de palha de arroz em feito de telhado de kiosque, e que saem á rua coifados horrorendamente de chapéo melão. Esse chapéo melão, de feltro, é fabricado no Japão exclusivamente para uso dos chinezes.



Um fumador de opio



Um sapateiro chinês

Todas estas transformações são decorrentes da influencia nipponica. São transformações lentas, que se vão operando vagarosamente, e que, por fim, num futuro que se não nos antolha muito remoto, acabarão por dar ao cerebro chinês a mentalidade occidental. Nesse dia, que se aproxima, o pittoresco terá desaparecido da face da terra.

Os chins que, em Hong-Kong ou em Shanghai, se contaminam com o contacto europeu, não têm a mais remota semelhança intellectual com os que vivem no fundo do Imperio, donde ainda não puderam chegar as missões catholicas.

Ha ainda, é verdade, diferenças ethnicas que estabelecem a mais funda separação. Na mesma raça, no mesmo cantão ha uma série de castas e de grãos de cultura que vão desde os mais baixos estadios de bestialidade até aos mais subteis refinamentos culturais, de que são exemplo os poetas e os exegetas da philosophia de Confucio...

Mas essas duas classes, tão fundamentalmente separadas, têm dois traços de união communs: é o desprezo da mulher e a pouca estima da vida. Esse instinctivo desprezo pela mulher é coisa que se observa em todo o Oriente; é commum ao turco, ao persa, ao marroquino, ao tuareg, mas na China esse

sentimento, que tanto repugna á nossa moral christã, toca as raías do absurdo. Resta o desprezo pela vida. Esse desprezo, entre os chinezes, não tem limite.

Os homens de letras estarão porventura lembrados do «Barco florido», templo de prazer que singra mollemente as correntes do Tchu-Kiang e a que se refere Octavio Mirbeau. Ritos são, de certo, os que não recadam com deleite alguma



Uma belleza chin

pagina evocadora desse refinamento oriental que se chama o «barco florido», que não tenha sonhado, um dia, poder emprehender uma viagem para ver e gosar esse milagre do vicio, esse paraíso envenenado do amor asiatico.



Vendedor ambulante de Carvão

Arthur Ambrogi, quando, pela primeira vez, visita Cantão, pergunta ao seu guia pelos «barcos floridos».

— «Barcos floridos!» exclamou o homem, arregalando os olhos num espanto, não sei o que isso é.

É uma lenda que se apagou. Os taes barcos já não existem, ja não deslizam, como antes, sobre as aguas de Tchu-Kiang, como mysteriosas cabanas fluctuantes, fabricadas de madeiras aronaticas, cobertas de almofaraz e pelles de panthera, adornadas de flores, onde soavam musicas mescladas de beijos e sorrisos e onde, durante a noite, sob a luz do luar ou sob os globos foscos das lanternas de papel, se rendia homenagem ao amor e ao opio...

A China, dessa forma, vae perdendo os caracteristicos que a tornavam tão interessante para se atfazer aos moldes exoticos que tanto a afeiam. Imagine-se uma China onde os predios

sejam, como os americanos, construidos de cimento armado. Imagine-se uma população chineza, vestida á moda europeia, esquecida do opio, esquecida da sua arte de armar papagaios de papel, de tecer varetas de bambú para os seus lindos leques e de gravar as suas encantadoras figurinhas em chavenas de porcelana, finas como casca de ovo e translucidas como opalas desmaídas!

J. C. S



Camelleiro da Mandchuria

A Cegonha

(A GONÇALVES VIANNA)

Sobre a margem do lago, a erma e triste cegonha,
em quêdo soliloquio, em dolorida scisma,
tem a vaga expressão abstracta de quem sonha
e olha o mundo através dum mysterioso prisma...

Uma alma irmã da minha! alma exul e tristonha,
o seu vulto, sombrio e extático, prediz-m'a:
não a vejo uma vez sequer, sem que supponha
vê-la na mesma angustia em que meu ser se abysma!

Minha alma, como a sua vida, á duvida propensa,
num suave isolamento ás vezes se enclausura
e olha tudo através duma tristeza immensa!

Sua alma, irmã da minha, em êxtase profundo,
vive continuamente invocando a ventura
de insular-se da vida e esquecer-se do mundo...

Gassiano Ricardo.

NÓ REGIMEN DAS ECONOMIAS

(PÁGINA HUMORÍSTICA)



Em Julho de 1918—Ora aqui têm, minhas senhoras e meus senhores, um dos mais ricos commissarios, de solidos haveres, que se vai prevenindo contra os rigores possiveis da carestia, guardando muito sorrateiramente, olho aberto, que ninguém o veja, uma ceboula preciosa... Prudencia e... ceboula nunca fizeram mal a ninguém.



Lição de caridade.—Lá para o meio do inverno proximo vamos ter muitos espectaculos desses: a dona compadecida e o gatinho da casa comendo juntos o almoço... reduzido a caté simples, se a... Allemanha o não comprar todo...



Crime num boudoir — A exma. sra. d. F., senhora da nossa mais alta sociedade, mostra-se agradavelmente surpreendida com um excellent *ragout* de miúdos e legumes da vespera. A criada, á cautella, para que ninguém suspeite de descubra o banquete, vai tapando o buraco da fechadura...



O teu amor e... uma folha de couve — Agora sim que a velha phrase tem sentido. Estes e outros, em equaldade de condições amováveis, é que não sentirão, enquanto durarem os idylls e as luas de mel, a carestia ou a falta de viveres.



Queiram servir-se, minhas senhoras... — A mesa está posta; o creado espera as suas ordens. — E sobre a mesa vê-se a toalha de linho de uma alvura incomparavel...



Um prato caro — Suas Exas., em familia, rivalisam de polidez e desinteresse... disputando-se um rabanete...

SOFIA e seu pae, o financeiro Jorge, por aquella manhan esplendida, almoçavam no terraço do seu palacete senhorial.

As feições, aliás communs, do banqueiro reflectiam um estado de abandonada satisfação difficultando á filha a tarefa de secretaria, dando despacha

GATO POR LEBRE

(EPISODIO HUMORISTICO)



ção á correspondencia que acabava de receber e que, distrahidamente, percorria com os olhos sagazes, meio attenta, meio distrahida.

— No "Argus Financeiro" vem hoje uma columna que realmente merece a pena ler-se: refere-se á "Aurifera" e dizem que nunca alli houve uma unica pepita de ouro e que tu, papá, o sabias quando constituiste a sociedade.

— Ora! é preciso que os meus inimigos se entretenhiam em alguma cousa.

— Mas tu tens em teu poder o relatório do engenheiro, não tens?

— Claro que tenho. E o capital levantado para explora-la assenta nesse relatório. Ainda me recordo das discussões que tivemos na primeira reunião e do entusiasmo que esse relatório despertou, pelo nosso optimismo mais do que pelo seu exame critico. A fallar-te verdade, porém, o nosso engenheiro nunca viu a mina. Para quê? Está num dos lugares mais afastados do Brasil, onde o clima é terrivel... Isto dizia Jorge com lentidão, meio aborrecido.

— Mas esta gente diz que enviou um tecnico comprovar a existencia da mina e que, dentro em poucos dias, receberá noticias que serão publicadas no numero proximo. Não julgas que seja preciso fazer alguma cousa?

— Não penses em tal, menina. O negocio está feito. Tudo o que pode acontecer é que o Napoleão financeiro encontre nesse caso o seu Waterloo. E eu sentiria isso immensamente nas actuaes circumstancias em que tudo parece conjurar-se contra mim. Tudo isso por umas miseraveis vinte mil libras que sabe Deus, nos obrigarão a partir d'aqui quanto antes.

— Com que indifferença tu dizes isso, papá. Parece que estás a brincar, que não tem importancia essa boa quantia! Dir-se-ia que para a tua posição isso não representa mais do que uma picada de alfinete.

— Em papeis, em acções, em debentures ou cousa assim, isso realmente não passa de uma picada de uma picadella de formiga, mas a tra-

tar-se de moeda em ouro, de notas do banco, isso representa mais do que um dente de elephante, pois não tenho essa importancia e o meu fim é Santa Helena.

Jorge appropriava-se mais uma vez do similite de Napoleão financeiro. Como jogador, elle figurava na ponta. Todavia, no fundo, não podiam ser mais simples os seus manejos. Por exemplo: se a "Sociedade Criadora de Animas Domesticos", fundada por elle, num momento de aperto, não dava os altissimos juros que promettera ao publico, bastava dar aos accionistas mais revoltosos e terriveis algumas acções preferencias da "Nova Sociedade para a extração do ouro do Oceano", constituída a toda a pressa. Quando estavam prestes a vencer-se os dividendos, tomava-se o dinheiro do capital recolhido pela "Sociedade Aquatica do rei Salomão". E assim successivamente até ao infinito, havendo momentos em que Jorge julgava ter resolvido o problema do Fundo Perpetuo, como quem diz, do movimento continuo.

A unica cousa que poderia deter a carreira triumphal de Jorge era um caso como o presente, em que o publico se precatasse do jogo e começasse a exigir dinheiro bem sonante em vez de acções de outra empreza.

Jorge era philosopho, mas naquella occasião não podia conter uma pequena amargura envenenada pela trivialidade do caso que deitava por terra todos os seus planos. Manejára milhões e agora afogava-se numas miseraveis vinte mil libras, como elle dizia.

— Estás então certo de que nada pode fazer-se? — insistia a filha.

— Nada, absolutamente nada, menina. Pesei o provavel e o impossivel: seria preciso que o auxilio viesse das nuvens, voando...

Não acabára elle de proferir estas palavras, quando, sobre o bosque, appareceu um aeroplano, em direcção ao campo, descendo graciosamente como um passaro, a menos de cincoenta metros do terraço.

Orlando saltou da barquinha com rapidez. Na sua aterrissagem precipitada, parecia como que um naufrago ao pisar a terra. Sentia-se aniquilado, febricitante, sacudido por um forte catarrho que lhe sacudia o peito; as mãos e os pés tinham-se gelados; tinha fome e sede; as suas feições não occultavam a profunda aversão para com o aeronauta que o levára através do espaço.

Nesse estado de alma, absorto com essas contrariedades, não percebeu a presença de Jorge e da sua filha até estar deante delles, quando estes indagavam se occorrera algum accidente. Nem sequer se detivera um momento a pensar como é que aquellos estranhos conheciam o seu nome. A verdade era que Sofia, muito afeiçoada á imprensa illustrada, o reconheçera pelos seus retratos no "O Tirano Elegante" e, durante o trajecto do terraço até ao campo, informou a seu pae das principaes circumstancias do

recente-chegado jovem triumphador. Só quando o banqueiro soube que Orlando devia possuir umas quarenta mil libras no banco, é que, apressadamente, se dirigiu ao lugar onde aterrara o aeroplano.

— Não fomos victimas de accidente algum, apenas uma pequena interrupção no motor, mas não tem importancia, um momento e tudo está prompto.

O mecanico que acabava naquelle momento de concertar o defeito da machina, levantou-se, saudando o banqueiro e sua filha.



— Perdoem por termos descido dentro da sua propriedade; não será por muito tempo a nossa permanência aqui. E dirigindo um olhar radiante a Rolando, disse: — Está tudo pronto, podemos seguir.

— De modo algum — disse o outro, com decisão. Dar-te-lhe quatro centas libras se me deixares em paz e te fores embora imediatamente, prometendo não me tornar a pôr deante dos olhos essa machina terrível.

Rolando sentiu um grande alívio, como quem lhe tirasse um peso enorme de cima do peito, quando, cinco minutos depois viú, o aeroplano desaparecer, por cima do bosque.

— Não se sente bem, sr. Rolando? — perguntou Jorge, ouvindo-o espirrar repetidas vezes.

— Apanhei uma forte constipação; esse homem maldito perdeu o caminho e andamos a voar toda a noite. Se os sr.s tivessem a amabilidade de me indicar um hotel nestas imediações, ser-lhes-ia infinitamente grato.

— Hotel? Quem pensa nisso? — Disse Jorge com aquella voz suave e melliflua que, em mais de uma vez, magnificara a milhares de descontentes e furiosos accionistas.

— O sr. ficará em nossa casa e v. u. já dar ordem para que lhe preparem um aposento.

Até depois de se encontrar, como se diz, em valle dos lençõs, Rolando não soube o nome de seus generosos hospedes, o que lhe deu vontade de escapullar-se sem ser visto. Nos circulos que frequentava ouvira fallar, ás vezes, de Jorge como do cerebro mais privilegiado da sua epoca.

Ter que apresentar-se de novo, como um inválido, ante aquella homem eminente, proporcionando molestias a sua casa, era uma cousa que Rolando não podia suportar. As attentões do banqueiro e sua filha, dispostos a fazer tudo por elle, confundiam-no.

Pouco a pouco, convalescendo, Rolando ficou mais tranquillo. Eram tão sinceros, tão bondosos que perdeu o medo e só sentiu a gratidão. Abriu-lhes o coração, informando-os da sua vida, desde os primeiros tropeços até á conquista da riqueza.

— Ha-de lhes parecer isto innocente, mas é verdade: não sei como emprega-la.

Jorge sorriu paternalmente ao dizer-lhe que se o conselho de um velho, experto em assumptos financeiros, lhe podesse ser util, estavam ás suas ordens.

— De ordinario não dou conselhos a ninguém — dizia — mas como o sr. se me tornou tão sympathico desde o primeiro instante em que o vi, não tenho duvida em recomendar-lhe a "Aurifera".

Jorge pronunciou aquellas palavras com o ar do alchimista que acabava de confiar o seu maior segredo.

— Como lhe poderei retribuir todas as suas bondades?

— Deixemos isso. Quanto estaria o sr. resolvido a empregar nessa empreza? Trinta mil libras? Afigure-se a revolução que isso não vai causar na Bolsa. E' preciso proceder com cautela. Eu me encarrego do negocio.

Enquanto os dias passavam, Rolando pensava que seria aquella a epoca mais brilhante da sua vida, quando viu perturbados os seus pensamentos risinhos por uma accentuada sombra de tristeza no rosto de Sofia. Então se recordou do silencio que entre ambos se estabeleceu na primeira refeição que tomaram juntos.

Senhor Rolando, preciso falar-lhe — disse-lhe a jovem momentos depois. — O sr. não estava acordado quando meu pae partiu esta manha; por isso tenho eu que contar-lhe o caso. Trata-se da inversão que meu pae vai fazer em seu nome, das acções da "Aurifera". E' horrivel, meu Deus, é horrivel! — e começou a chorar, num desespero — Afigure-se que as acções acabam de soffrer uma baixa enorme...

Rolando sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha vertebral.

— Meu pae está desesperado julgando-se o unico culpado por esse cataclysmo. Ainda hontem á noite con-

versamos sobre isso, depois do sr. se retirar, chegando á conclusão de que só nos resta um caminho, comprá-lhe essas acções pelo mesmo preço que o sr. as pagou e aqui tem um cheque de 30.000 libras do meu peculio particular para que o credito de meu pae não venha a soffrer.

Um raio de esperanza surgiu no obscuro horizonte de Rolando; mas bem depressa os seus sentimentos cavalleirescos dominaram, impedindo-o de aceitar tal sacrificio. Afinal, para que se que o dinheiro? Como emprega-lo melhor correspondendo á generosa hospitalidade que lhe haviam dispensado?

— Não, posso aceitar — dizia elle, repellendo o cheque — é impossivel manifestar-lhes de outro modo o meu reconhecimento pelas infinitas bondades com que me têm cumulado, *Noblesse oblige*...

E dispunha-se a sair quando chegou o creado com os jornaes da manha. Sofia recebeu-os e percorreu alguns, rapidamente com os olhos. Se, naquele momento, Rolando tivesse contemplado o rosto da jovem, bem pudéra ter visto os signaes de um espasmo curioso, logo seguido de uma palidez de morte. Por sua vez pegou nos jornaes. Era uma distracção ás emoções recebidas e, automaticamente, desdobrou o primeiro. Num recanto da primeira pagina havia uma nota em paronymas carregadas.

A mudança das suas feições não podia ser mais rapida: nos olhos estampou-se-lhe a surpresa mais estupenda.

— Que é isto? A "Aunifera" no primeiro logar? E com letras graúdas?

Sofia cerrou os olhos, num desmaio, enquanto Rolando principiava a ler:

"A AURIFERA"

"ENORME SURPRESA NA BOLSA,"

"ALTA SEM PRECEDENTES,"

Fôra de adjectivos superfluos e geraes exuberancias periodísticas, o que o jornal dizia era muito semelhante ao que se segue:

"O enviado especial do "Argus Financeiro" que foi examinar as minas da "Aurifera" para dar o golpe de misericórdia ao banqueiro Jorge, encontrou, com grande surpresa, enormes depositos de ouro. A descoberta do nosso filão, o maior e mais rico do mundo, produziu uma dramatica impressão na Bolsa, á chegada do nosso enviado especial. Não precisamos recordar aos leitores que as acções estavam sem valor algum: só uns quantos incautos nellas depositavam fé. O seu maior accionista, o banqueiro Jorge, está agora com a sua fortuna centuplicada."

O mundo rodava á roda de Orlando; estava estupefacto, quasi atterridado; parecia que o ar lhe faltava. Segundo tanto quanto o seu cerebro era capaz de pensar naquelle momento, o seu capital augmentára de 200.000 libras.

— Ah! minha adorada amiguinha, o caso não podia ser mais lisonjeiro para nós todos. Se eu ganhei 200.000 libras quanto não terá ganho seu pae?

O bom do Orlando não podia comprehender que Jorge lhe tinha vendido as ultimas acções que restavam. A lebre convertêra-se em gato para elle e o gato transformara-se em lebre...

ooo=====ooo

CONSELHOS UTEIS

OS SUORES MAL CHEIROSO

Pessoas ha que, a despeito dos seus cuidados de asseio e dos banhos constantes sentem que os seus suores se vão tornando mal cheirosos á proporção que vão seccando sobre a epiderme. Os pontos do corpo em que, geralmente, se accentuam esses cheiros são os pés e as axillas.

Nada mais desagradavel para uma senhora do que, num baile, numa partida de tennis ou após um passeio a pé, observar que o seu corpo ja não tem a mesma frescura inodora de momentos antes. Para as senhoras, por meios odalosas que sejam, constitue isso um dos peores supplices. Entretanto, é tão facil evitar esse mal cheiro. E' usar o *Melial*. E' uma especie de pó de arroz. A sua efficacia é grandemente comprovada por quantos o usaram. O seu preço é 6\$000 e mais 500 reis para o porte do correio. O *Melial* não se encontra no Brasil.

Pedidos á redacção da "Revista Feminina", S. Paulo.

NOVAS FELICIDADES

Tradução especial para a Revista Feminina por MIMOSA CASTRO

(N'um palacete da praça Vendôme, o capitão Jean Barois, acendinda um cigarro, sorri à sua mulher Lucienne Barois: olha-o carinhosamente, com a cabeça um pouco inclinada, os dois cotovelos apoiados sobre a mesa, onde acabaram de jantar.)

JEAN. — (Tomando de uma garrafa de charcuterie). — Queres um saquê?

LUCIENNE. — (Abremente). — Esqueceste de me fazer parte da Liga Anti-alcoolica de Angers: sou mesmo secretária...

JEAN. — E fazes bem! É um veneno o álcool! Assim mesmo não deixa de ter a sua graça um copinho... E n'uma como'êsta, reconforta!

LUCIENNE. — Cuidado!... (Torna a provar). — Assim mesmo não deixa de ter a sua graça um copinho... E n'uma como'êsta, reconforta!

JEAN. — Quem? A madame de Treuilles?... Ella vive com a nariz vermelho como um pimentão...

LUCIENNE. — Cuidado!... (Torna a provar). — Assim mesmo não deixa de ter a sua graça um copinho... E n'uma como'êsta, reconforta!

JEAN. — Calêste! Não fallamos n'isso!

LUCIENNE. — Tens razão!... Mas, diz-me: então não queres que te acompanhe?

JEAN. Não, meu amor: acêto melhor que não vás... (Torna a beber). — Não, meu amor: acêto melhor que não vás... (Torna a beber). — Não, meu amor: acêto melhor que não vás... (Torna a beber).

LUCIENNE. — Agora por exemplo!

JEAN. — Sim, agora. A riqueza, por vezes, é um empecilho ao amor: distrahe muito: ficase com vontade de comprar tudo o que se vê... A gente é feliz pelo facto de poder gastar... Gasta-se de commum accordo: depois cada um gasta do seu lado... E acêto por acontecer o que lá aconteceu...

LUCIENNE. — Quasi que nos separámos!

JEAN. — É verdade! Nas vésperas da guerra, estavas ahí á volta com os teus advogados, e eu com os meus...

LUCIENNE. — E no entanto, tinhamos poucas culpas ambos!... Grave, propriamente, não havia nenhuma.

LUCIENNE. — (Elas sorriem-se um momento em silencio.)

LUCIENNE. — (Pronuncia depois gravemente) Meu querido marido!

JEAN. — Minha querida mulherzinha!

(Elle paga-lhe na mão: abrange-a elle.)

LUCIENNE. — Quando penso que afortunado já estarás de novo na tua trincheira!

JEAN. — No meio dos meus soldados!

LUCIENNE. — Que frio não deve lá fazer!

JEAN. — Oh! É uma questão d'hábito!... Demais a mais, leve quente o coração: levô-te dentro delle... As vezes, fico estarrecido a pensar se não fosse esta horrível guerra, eu nunca saberia que amava tanto, assim, a minha querida Françoise, e que te amava tanto a ti também!... Foi graças a ella, que nos reunimos um ao outro: descobrimos dentro de nós tanto affecto, tanto carinho, tão bellos sentimentos!... Essa guerra, que tem roullado em que nos iamos separar para sempre, ella nos veio demonstrar que estavamos enganados: que havíamos nascido em para o outro...

LUCIENNE. — Mas, que bom não seria se ella acabasse tenho tanto recio...

JEAN. — (Interrompendo-a). — Que eu tombe no campo de batalla? Não, não o tenho. Ainda havemos de ser muito feliz: é um presentimento meu. Tem esperança!

LUCIENNE. — Terêi, sim!

JEAN. — (Após um pequeno silencio). — Amo-te Lucienne! — E eu adoro-te!

(A guerra da hora da partida, alli ficaram a abraçar-se em silencio, commovidos.)

LUCIENNE. — Tire essa impressão, sim! E no entanto lá se vão dez annos!

JEAN. — Achei, porém, que, desta vez, nos am'amos muito mais!... Quando nos casámos, eu te conhecia apenas a quozidade má, á tua inutilidade!

LUCIENNE. (Protestando). — Como?! A' minha moçidade?

JEAN. — Então, estavas lá velha assim?

LUCIENNE. — Não quero dizer com isso que estojamos vellos! Eu, por exemplo, estou com trinta e cinco annos, e tu tens...



LUCIENNE. — (Interrompendo-o). Vinte e dois... (Sorri-lhe). — Devo tel-os, ao passo que, ha dez annos atroz, eu tinha dezesseite insipientes!

JEAN. — Eramos duas creanças.

LUCIENNE. — Tu principalmente.

JEAN. — É possível... brincavamos com tudo: não levavamos nada a serio... E eramos ricos!... Não se deve ter muito dinheiro, quando se é moço... Devesse tel-o mais tarde!

LUCIENNE. — Agora por exemplo!

JEAN. — Sim, agora. A riqueza, por vezes, é um empecilho ao amor: distrahe muito: ficase com vontade de comprar tudo o que se vê... A gente é feliz pelo facto de poder gastar... Gasta-se de commum accordo: depois cada um gasta do seu lado... E acêto por acontecer o que lá aconteceu...

LUCIENNE. — Quasi que nos separámos!

JEAN. — É verdade! Nas vésperas da guerra, estavas ahí á volta com os teus advogados, e eu com os meus...

LUCIENNE. — E no entanto, tinhamos poucas culpas ambos!... Grave, propriamente, não havia nenhuma.

LUCIENNE. — (Elas sorriem-se um momento em silencio.)

LUCIENNE. — (Pronuncia depois gravemente) Meu querido marido!

JEAN. — Minha querida mulherzinha!

(Elle paga-lhe na mão: abrange-a elle.)

LUCIENNE. — Quando penso que afortunado já estarás de novo na tua trincheira!

JEAN. — No meio dos meus soldados!

LUCIENNE. — Que frio não deve lá fazer!

JEAN. — Oh! É uma questão d'hábito!... Demais a mais, leve quente o coração: levô-te dentro delle... As vezes, fico estarrecido a pensar se não fosse esta horrível guerra, eu nunca saberia que amava tanto, assim, a minha querida Françoise, e que te amava tanto a ti também!... Foi graças a ella, que nos reunimos um ao outro: descobrimos dentro de nós tanto affecto, tanto carinho, tão bellos sentimentos!... Essa guerra, que tem roullado em que nos iamos separar para sempre, ella nos veio demonstrar que estavamos enganados: que havíamos nascido em para o outro...

LUCIENNE. — Mas, que bom não seria se ella acabasse tenho tanto recio...

JEAN. — (Interrompendo-a). — Que eu tombe no campo de batalla? Não, não o tenho. Ainda havemos de ser muito feliz: é um presentimento meu. Tem esperança!

LUCIENNE. — Terêi, sim!

JEAN. — (Após um pequeno silencio). — Amo-te Lucienne! — E eu adoro-te!

(A guerra da hora da partida, alli ficaram a abraçar-se em silencio, commovidos.)

ASSOCIADOS





A MESA DE NATAL

A noite de Natal não se compreende sem a ceia tradicional em que se reuna a família toda numa agape carinhosa estreitando os vínculos de affecto, quicá mais ou menos lassos com as vicissitudes da vida durante um anno inteiro. E' á mesa de Natal que se renova esse intenso e forte sentimento de amor familiar que é bem christão e só christão pôde ser. E' em volta da velha mesa onde os paes primeiro se reuniram na construcção do seu ninho de amor e onde os filhos foram lentamente apparecendo e crescendo, que se revive todo o espirito de união e se reata o laço que prende o passado com o presente e com o futuro. Triste será o lar onde, na

noite bendita em que Christo nasceu, fundando numa trindade santa, a família, como núcleo social, não se levante a mesa de uma ceia, rica e cheia de crystaes e luzes da modesta e simplesmente ataviada com os recursos singelos da pobreza! E' que nesse lar a família estará desfrita ou prestes a desfazer-se.

E' necessario, hoje mais do que nunca, esforçarmo-nos por conservar as bellas tradições do passado, as ingenuas instituições dos tempos de simplicidade e fé em que dentro das casas havia presepeos floridos e todos se abraçavam no mais quente amplexo de affecto, depois da missa do gallo, em volta da mesa grande da casa, onde todos os da família tinham assento e retenperavam as almas no ambiente pacifico do tecto paternal.

Alguns faltavam ás vezes. Logares vazios, de anno para anno, appareciam, numa nota discordante de tristeza: eram os mortos, os ausentes. Mas a presença espirital de todos sentia-se, apesar de todas as lacunas. A cadeia, não obstante alguns elos partidos, reunia-se e caldeava-se na sinceridade dos mesmos sentimentos de amor.

Façamos viver sempre essas santas tradições e passemol-as adiante com todo o respeito e com todo o carinho.

Preparemos na noite bendita de Natal a nossa mesa para a ceia da família e ponhamos nesse trabalho toda a nossa boa vontade e todo o nosso cuidado.

Primeiro que tudo não esqueçamos as flores. Na mesa onde faltam as flores ha uma impressão de banalidade e tristeza. E' preciso espiritualisar tanto quanto possível a funcção material de comer que nos é commum com todos os animaes. Para isso estão naturalmente indicadas as flores que 'elevam a alma e fazem respirar um ambiente superior.

Na noite de Natal as flores mais apropriadas são as rosas. Uma linda cesta de rosas ao centro da mesa é do mais lindo effeito.

Evidentemente todas e quaesquer outras flores servem; aquellas, porém, são e serão sempre as mais ornamentaes. Espalhem-se depois pequenos ramalhetes pela mesa em sabbia proporção em delicadeza e harmonia. Mas não haja receio de exagerar na distribuição florida.



As luzes constituem outro ponto essencial. Requer-se uma luz discreta, aconchegada, que instinctivamente favoreça o convívio familiar. São de grande realce e bom tom os candelabros de prata, bem polidos e brilhantes, os castiças com pequenos quebra-luzes de recatadas cores, desenhos e feitios. Quem dispuser de luz electrica melhor se lhe torna alumiar a sala e a mesa de Natal com ineditas e interessantes combinações.

Toda a gente cuida de illuminar a precito a arvore de Natal, mas quasi ninguem se recorda de que a mesa da ceia deveria ter todas as preferencias já por, que está mais nas nossas tradições de raça, já porque representa um agape que é uma verdadeira commemoração.

□ O NATAL EM NOVA-YORK □

HA, nos Estados Unidos, uma época do anno em que os americanos dão livre carreira a sua invencível inclinação, á sua irresistível necessidade de proceder diferentemente de todo o mundo, de provocar a admiração de *quæter*, de ir, em todo, até ao extremo: é a última quinzena de cada anno.

A julgar pelas apparencias, dir-se-ia que um sentimento de entusiasmo e amor pelo proximo se apoderou de cada um dos 90 milhões de habitantes da Republica, por occasião do anniversario do nascimento do Salvador. Existe, com effeito o costume — e é um costume observado a rigor — que todo o individuo, homem, mulher ou creança, deve então fazer um presente a cada um dos seus amigos, e, além desses, a alguns pobres — para os tornar felizes. E se o entusiasmo com o qual toda a gente se submete ás exigencias desse costume, pôde considerar-se como uma pesada obrigação imposta pela moda, elle dá tambem e medida dos sentimentos altruisticos que existem a respeito do proximo. É verdade que a America do Norte é uma terra privilegiada, mais bem disposta do que qualquer outra para realisar o sonho do Paraizo Terrestre.

Mas... ha sempre alguns «mas», em tudo e em tudo isto tambem. Primeiramente esse amor do proximo que não dura senão duas a tres semanas, no maximo, por anno, pôde ter um certo valor de contrição e explica-se pelo desejo de algumas almas peccadoras obterem indulgencia plenaria do ceu para as suas culpas no Purgatorio das religioes respectivas. Mas e se o sentimento não basta para garantir a paz e as boas relações tão desejadas e cumprimentadas em cada fim do anno. O amor do proximo é, tanto como a liberdade de um povo, uma conquista que exige, para se conservar, uma luta de cada dia.

Em segundo lugar, essa benevolencia expansiva — se a estudassemos um pouco de perto — vem mais do espirito que anima o commerciante e o negociante, de que de um sentimento de caridade, propria mente dita.

Sem duvida, as senhoras, os homens, as moças, os rapazes que mandam presentes a todos os seus amigos e a alguns pobres, não fazem economias distribuindo esses presentes: mas quem seria capaz de descrever a immensa desillusão dos amigos se elles não podessem fazer troca de presentes e dos pobres se não tivessem tambem occasião de fazer imprimir os nomes dos seus beneficentes nas paginas dos maiores jornaes? E, quem sabe se, procedendo assim, esses generosos beneficentes não fazem uma pequena especulação? Oh! muito modesta, com a esperança, no fundo do coração, de que o presente que hão de receber em troca valerá mais do que aquelle que tiverem dado...

Assim, em todas essas grandes compras e presentes de fim de anno, não haveria outra cousa senão a prodigiosa, a extravagante prodigalidade americana que se sente muito feliz por aproveitar essa occasião convencional para ter livre jogo sem recear muito as suspietas e as criticas. O desperdicio é, de certo, um mau habito, tanto para os homens como para as nações, mas, ás vezes, esse mal acaba por se impôr á

quasi admiração geral, quando praticado com coragem e grandeza. Ora, o desperdicio americano é uma cousa de proporções tão magnificas que, mesmo os puritanos mais rigidos acabam por considerá-lo, com admiração, esquecendo toda a critica e toda a vontade de dizer mal.

Como facilmente se pôde suppor e advinhar, Nova-York é o centro desse desperdicio americano, tal como é o coração, bom ou mau, da America inteira.

A furia das compras, por occasião do Natal, torna-se uma especie de frenesi que, á medida da approximação da festa, toma proporções de um perigo publico, sendo preciso, como este anno, ao menos para salvar as apparencias do estado de guerra, que o proprio governo intervenha, recommendando, praticamente á Yankee, a compra de bonus do emprestimo da Liberdade, para presentes, afim de apurar dinheiro que reverta em beneficio directo da nação. Essa recommendação, porém, não acabará com o costume antigo dos presentes e, este anno, como os demais, nas lojas de Nova-York, nos bondes, nos trens, agitar-se-ha uma espantosa multidão, preoccupada com a obediencia aos velhos e enraizados habitos. Os estaleiros, os empregados de balcão, nesses poucos dias, perdem a cabeça, em consequencia de uma tenção formidavel de espirito, trabalhando febrilmente das oito da manha ás onze da noite.

Nessa multidão e graças á desordem que provoca, aqui e além, os gattunos fazem negocios de ouro e a policia tem mais trabalho em regular e conter esse entusiasmo de periodica generosidade do que em desnascar as tramas urdidas pela «Mão Negra», suffocar as greves e reprimir as fraudes nas Alfandegas e a perversidade dos trusts, durante um anno inteiro.

É preciso, todavia, admitir que é necessario ter mais firmeza do que, por ordinario comporta o caracter dos homens, para resistir a essa tentação das loucas despesas, para se oppor ao arrastamento da corrente geral... Nesta estacão, nenhum fala em Nova-York senão de presentes. Os anuncios nas ruas, nos theatros, os discursos dos soldados e *soldados* do Exercito da Salvação, occupam-se unica e exclusivamente disso. Os jornaes e as revistas acompanham ou tomam a deanteira do movimento. Por uma columna de texto, offerecem-nos uma pagina de anuncios que, nos tons mais variados e convidativos, nos repetem a mesma cantiga: *comprez isto! comprez em tal parte!*

E não julgueis que o convite seja timido ou discreto: não. É tão atrevido, tão insolente que seria capaz de fazer córar de vergonha todo o individuo culpado de não ter feito ainda compra nenhuma nessa quinzena. E esses anuncios insolentes não se contentam em vos offerecer *bíbels*, objectos pequenos!

Abri, ao acaso, um jornal. Eis o anuncio dum joalheiro que falliu — é elle que o affirma! — e liquida o seu *stock*. Elle avisa o publico de que vende toda a sua mercadoria com um terço de prejuizo e offerece-vos um collar de perolas que custava 36 contos por vinte e quatro. Quem não gastará 24 contos para economisar quatro?

UMA IDEIA MAGNIFICA

*Uma das nossas gentilissimas leitoras que diz ella, e a acreditamos e lhe agradecemos, muito se interessa pela REVISTA FEMININA suggerindo a ideia de abrir aqui uma secção, por intermedio da qual as assinantes podessem corresponder-se umas com as outras, a b um *caudany*, podendo deste modo trocar poesias, pequenas trechos de prosa, recitulos, curiosidades e outras informações e... amabilidades.*

Não vemos realmente motivo para deixar de attender aos desejos da nossa amavel mystivista. Essa secção seria interessante e mesmo muito util. Assim poderiam as nossas estimadas leitoras contrahir amizades agradaveis, de maneira divertida, por não se conhecerem.

Na muito que estavamos pensando na maneira de fazer com que as nossas assinantes e leitoras se encarnassem mais, de alma e coração, com a REVISTA FEMININA, interessando-se por uma publicação que é dellas e para ellas, collaborando de modo efficiente e interessante.

*Eis a occasião de realizar esse nosso desejo. *Stjudent* nos as nossas amigas enviando-nos muitas cousas interessantes e uteis.*

*Reservamos-lhes, doqui por deante, em cada numero da Revista, um pequeno *journal* fechado, uma *scorazilha* onde não entrarão mltos profanos, e que *tit-lo* haverão de dar a esta secção?*

Queiram suggerir-nos ideias, desde já, exmas, e gentilissimas collaboradoras.

Outro negociante declara-vos que deveis comprar-lhe uma pelle de arminho: seria tão graciosa vossa mulher, á sahida do theatro, com essa *Jourure*, out'ora privilegio das rainhas! E, afinal, é uma bagatela: são sete contos e quinhentos!

Outro mercador chama a vossa attenção para as suas loças: porcelana ingleza, pratos pintados á mão, ao custo de 3:600\$000 a duzia... uma ninharia.

Outro oferece-vos toalhas de renda de Veneza, ou a ponto de Burano (pequena aldeia dos arredores de Veneza), á escolha, a preços' extremamente reduzidos: tres a seis contos!

Outro apresenta-vos lenços de linho finissimo — um pequeno presente feito expressamente para vós — a 300\$000 cada um.

Outros ainda oferecem-vos pianos ao preço de tres contos — uma miseria! — vasos japonezes que valem 12 contos, ou objectos de *toilette* de marfim, 300\$000 a escova, o espelhinho e o pente!...

E' verdade que tudo isto pôde parecer modesto, ser destinado somente a miseraveis, se se pensar que um cidadão de Nova-York, encommendou, uma vez, um serviço de mesa no valor de 200 contos e que esse bom velho Carnegie deu out'ora alguns milhões para a ornamentação e decoração do Palacio da Paz em Haya, cuja utilidade tornaram muito mais que duvidosa estes tres annos e meio de guerra.

Mas se se pensar que o entre os homens capazes de comprar um serviço de chá desse valor, não ha muitos e que mesmo só existe um Carnegie bastante rico para se pagar essa inutil phantasia de burguez pacifista; se se notar, por outro lado, que os commerciantes não pagariam annuncios carissimos nos jornaes para vender colares de 24 contos ou lenços de 30\$000 cada um, se o annuncio não encontrasse o caminho do bolso de muitos compradores — ha que reflectir em tudo isto e profundamente.

Ha demasia de riqueza e, contrapezo natural, — excesso de miseria em Nova-York. Esses excessos de riqueza e miseria andam tão perto uns dos outros, o desequilibrio é tão excessivo, agora sobretudo com os lucros formidaveis das industrias de guerra, que era precisa esta guerra e será bom o sacrificio generoso do sangue para evitar que a grande nau estale ao peso dos milhões abrotados pelo trabalho e desperdiçados, passados de mão em mão, pelo governo de tantos...

(Para a Revista Feminina)
G. L.

NOTAS DE HENRIQUETTA

A elegancia dos movimentos

A sciencia da esthetica tem uma boa applicação na graça dos movimentos da mulher que constitue o fundamento da sua elegancia e são facies de adquirir, na intimidade do *éssoir*, depois de um demorado estudo no espelho.

Ao andar deve-se ter muito cuidado em dar os passos mais curtos do que largos, pois estes suggerem tendencias variadas. Deve pisar-se com suavidade, sem tocar os pés nos abridos nas pontas, pois além disso resultar muito feio, prejudica os calcanhars e deforma o calçado. Este ponto é essencial, queixas leitoras, pois deveis saber a attenção com que os homens olham para estas cousas.

O movimento dos braços ao andar deve ser suave também, evitando-se toda a violencia e rapidez, nunca um movimento uniforme que resulte excessivamente militarizado. E' de muito bom gosto trazo-lhes caldos sem lhes imprimir movimento algum, porque o contrario revela a mulher de pouco espirito e perigosas confianças.

Quando algum objecto, quer seja a bolsa ou o melheiro, se leva suspenso de um dos braços ou mãos, procure se fazer com que elles não balancem e o braço livre nesse caso deve ter um movimento vigoroso, mas não exagerado, que obedeça ao natural instincto.

Ao fallar a companha os gestos com um suave e carinhoso, procurando evitar toda a aspereza que cobria o interlocutor, assim como a excessiva familiaridade que o inclue a perigosas confianças.

Omnia's herberá em que, atravessando uma crise de desgosto, tentamos que dirigiu-nos a um estranho. Então exige-se de nós um grande esforço de vontade para não nos apresentarmos num estado de inferioridade muito semelhante á hypocrisia que se existe no desajuste pela educação. Amabilidade e doçura são sempre invejáveis e servem de prego ás outras qualidades da mulher. O tom de voz não deve ser nem tão baixo que obrigue a pessoa que ouve a interrogar nem tão alto que alcance os estranhos e anime a curiosidade; deve fallar-se lento e claramente para evitar confusões e hesitações ridiculas.

A bocca procure-se conserva-la sempre muito limpa por ser outra das formosuras da mulher, evitando nella todo o cheiro desagradavel na conversa.

As artistas elegam a possuir esses movimentos e gestos desembarçados e elegantes que nellas ammiramos, mercê de um estudo quotidiano. Com perseverança tudo se consegue neste mundo.

Aquellas que não possuem a graça dos movimentos deve recomendar-lhes que pratiquem estes precitos geras até adquirirem tão apreciadas qualidades, realces de belleza que se conjugam em irresistiveis encantos.

A ECONOMIA NO LAR



Calçado que pouco custa

A sandalia japoneza

A mulher franceza, que tanto admiramos em sua garridice, inventou durante a guerra diversos processos de economia domestica, muito engenhosos, para poder continuar garrida, sem grande despeza; entre outras coisas descobertas por sua habilidade, está a confecção da sandalia japoneza para usar de manha. Este calçado já era usado antes da guerra pelas elegantes, sendo moda calçar-as ao levantar-se, havendo algumas que possuam uma collecção dellas, em côres variadas, formando uma decoração original em seu gabinete de *toilette*.

Recorta-se, como se vê na gravura, um pedaço de papelão que tenha 25 centimetros de comprimento por 9¹/₂ de largura, que corresponde ao calçado n. 38.

Este papelão é de mediana espessura, podendo ser recortado de qualquer caixa velha e recoberto por um pedaço de flanela, sendo esta coberta por seda ou mesmo por uma fita já usada. Um cadarço de cor viva debrua a sandalia, podendo ser substituido por uma fita n. 5, se se quizer fazer um trabalho mais fino. Deve-se escolher tons vivos para que sobresaia o tecido da sandalia. O contraste das côres dá elegancia a este simples objecto. Podem ser em azul chinez debruada de amarello, verdes orladas de vermelho e pretas orladas de azul vivo.

E' tão facil sua execução que dispensa quaesquer explicações quando se tem presente o desenho.

Comprehende-se logo que a fita de cima do pé e que outra fita dupla prende para traz, é atada com um laço.

Esse calçado é muito gracioso para as creanças que podem ao mesmo tempo trazer os pesinhos nus, como manda a hygiene, sem estarem descalças.

Chamamos a attenção das nossas leitoras para a grande liquidación que está fazendo «AU FALAIS ROYAL»
Rua de S. Bento, 72.

*Deus fez toda a doçura matutina
Do colorido e meigo rosicler
Na gottinha bem leve e crystallina
Das lagrimas que chora uma mulher.*

*Diz a lenda que, um dia, na Bretanha,
Ao rollarem do mar os pescadores,
Rugiam vagalhões em fera sanha
Debatendo-se em loucos estertores.*

*E sobre a agua cerula e infinita
Sorria a branca espuma immaculada,
Como, á tona da vida, em luz, palpita
O beijo doce da mulher amada.*

*Corria um barco a vagar nas aguas
Revoltas e cyclopias, ao ló...
E, mães e esposas em profundas maguas,
Fergiam mãos santíssimas ao cêo...*

*Em cada peito havia a prece ardente
Que aos lábios achora com meiguice;
E, depois, já gritavam fortemente
Para que Deus no cêo melhor ouvisse.*

*Foram crescendo os brados infinitos
Junto aos rugidos da procella a uivar:
— Na terra firme, corações afflictos,
— E corações afflictos sobre o mar!*

*Mas uma pobre Mãe, de voz já rouca,
Chorando um filho em trêmulos gemidos,
Debruça-se na agua, quasi louca,
Sem fé sem esperanza, sem sentidos...*

*E lagrimas aracutes, rebrinculo,
Lagrimas escaldando, como lava,
Lagrimas que eram esse orvalho lindo
Que da sua alma linda gottejava.*

*Foram caindo sobre a branca espuma
Muito doces e brandas, á's dezenas...
E, aos poucos, logo as ondas, uma a uma,
Ficaram mais humanas, mais serenas.*

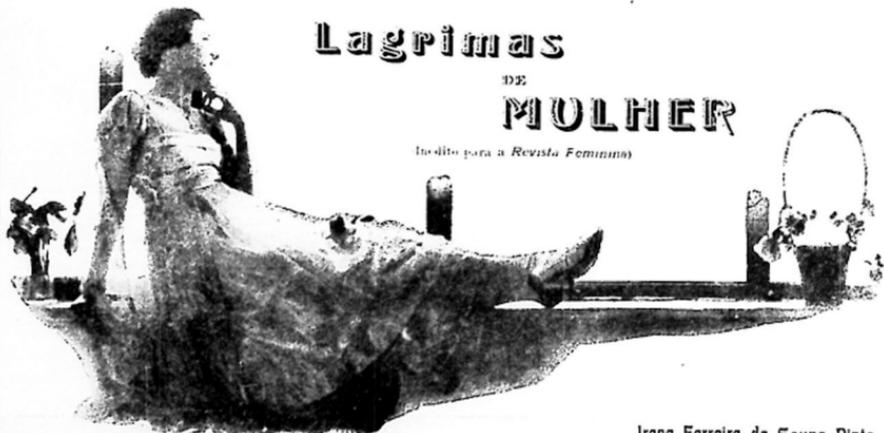
*E os pescadores dizem inda agora
Que o mar acalma quando Deus souber
Que, em dias de tormenta, afflicto, chora,
O santo coração de uma mulher.*

Lagrimas

DE

MULHER

(Incluído para a Revista Feminina)



Irene Ferreira de Souza Pinto.



FÉRIAS COLLEGIAES

Approxima-se a época das férias. As creanças, por mais estudiosas e applicadas que sejam, só tem um ideal, uma unica ambição: as férias. Ellas são, de facto, o melhor premio que se pôde offerecer ás creanças. A preocupação do horario das aulas, o estudo, o terror dos exames, a presença constante do vigilante e outras obrigações diarias acabam por exaurir os petizes e aneaçar-lhes seriamente a saúde. Já se vê que o collegio, o externato, a classe, enfim, não é hoje o que d'ant'ez era: uma prisão, da qual as creanças anciavam por escapar. Mas, embora já não seja a mesma coisa, não deixa entretanto de produzir nos organismos infantis, uma certa depressão. As férias, pois, constituem um tonico necessario,



como as pessoas grandes precisam, de "estações de banho para tonificar o organismo combatido pelo esforço que desenvolvem durante o anno.

Como estamos em pleno estio, estio que se annuncia torrido, as "toilettes" devem ser muito leves. Os pés tambem necessitam de descanso, e é aconselhavel calçar-os em sandalias, como as que actualmente estão em voga. Convem mesmo trazel-os nus, para se curarem dos calos que foram creando.

Os modelos que damos nesta pagina, que são inteiramente opportunos, não apenas porque obedecem ás ultimas creações da moda para creanças como tambem porque correspondem á estação que atravessamos, são, como se vê, de muito facil execução.

E' occioso até descrevel-os.





uma vez um rapaz tão amigo de estropear as paredes, portas e janelas com seus desenhos grotescos, que não havia maneira d'impedir que, fosse onde fosse, elle não fizesse alarde de sua estúpida habilidade.

E digo estúpida, porque das suas mãos só sahiam uns bonecos primitivos, como a cabeça redonda com uma bola de bilhar, os olhos e o nariz formando uma especie de colchete, e os braços e pernas delgadas como fios, terminando por umas mãos e uns pés que precisavam 'um leitreiro para não julgarmos que fossem suas disciplinas.

Um bello dia aproximou-se do muro da propria escola e alli, com o maior descaramento, poz-se a rabiscar com carvão uma das suas preciosas figuras. Pedrito, que assim se chamava o rapaz, traçou o contorno da cabeça do mono, fez-lhe os olhos e a bocca e, ó prodigio! o calanga começou a piscar os olhos, a abrir a bocca e a deitar a lingua de fóra como um desesperado.

Pedrito não era medroso e por isso não se assustou com a manobra da sua pintura; e assim, continuou a desenhando com o carvão os braços e todo o resto do corpo. Mas, ainda bem não tinha concluido, destacou-se da parede a mão do boneco, deu-lhe uma soberba bofetada que o fez perder o equilibrio, e teria malhado com os ossos no chão se outra caritativa bofetada da outra mão e na bochecha opposta o não tivesse a tempo suscitado de pé. Pedrito ainda quiz fazer de conta que não era com elle, mas sahíram tambem da parede as pernas, e dois vigorosos ponta-pés que apañou: acabaram de o convencer de que um d'elles alli era de mais e que esse um era elle precisamente.

Já convencido, preparava-se para se pôr ao fresco quando o boneco, todo desprendido da parede, de um salto, veio pôr-se-lhe a cavallo nos hombros e começou a morder-lhe o cachaço.

Pedrito correu como um galgo para casa, sentindo no pescoço aquella

A MANIA DOS BONECOS

(CONTO PARA CRIANÇAS)

carga inesperada; mas esta, pouco a pouco foi-se tornando tão pesada como se em vez d'uma pintura se se tratasse d'uma estatua de bronze.

O pobre rapaz deixou-se cahir por terra, e ao levantar-se viu ao seu lado, no meio da praça, o boneco em questão, alto como um gigante e transformado numa estatua de ferro.

Tratou de fugir; mas a estatua agarrou-o pelo pescoço com as suas mãos zozoras e levantando-o em peso, collocou-o em cima dos hombros; e acto continuo deitou a correr em direcção ao campo. Os seus passos produziam um ruido como o chincalhar de ferragens, muito desagradavel, qualquer coisa parecida com um sacco cheio de pregos que se agitasse.



...collora...o em cima dos hombros e deitou a correr...

Era de noite, e o nosso gigante, com o Pedrito ás costas, corre que corre, encaminhou-se para um monte proximo até ir dar a uma gruta escura, onde penetrou sem precisão de lumes, porque dos olhos sahiam-lhe umas luzes muito intensas.

No meio de tudo isto, — porque não ha-de dizer-se? — Pedrito tinha mais medo do que vergonha, e não sabia nem era capaz de imaginar em que ia acabar tudo aquillo.

Por fim, depois d'uns tantos minutos nesta marcha accelerada pela gruta, o homem de ferro fez alto, e, dirigindo a luz dos olhos para um recanto, accendeu com o olhar um candieiro que pendia do tecto da rocha; feito isto, deuceu os hombros Pedrito e sentou-se.

— Tu és capaz de não saber quem sou eu — disse o boneco, abrindo a bocca num sorriso horrivel — mas, assim que eu t'o disser, vão-se-te abrir as carnes com o medo.

— Isto é que eu não creio — disse o rapazito — porque já as tenho abertas, o mais que pôde ser; e como

não posso ter mais medo do que o que já tenho, á força de tanto ter, já me vae passando o que tinha.

— Pois eu sou o feliceiro Ade-fezo, que estou farto e refarto de que me pinteis, tão feio e tão parecido, vós todos, os rapazes. O que mais me damna é que todos vós me pondes os olhos sem meninas e o nariz tapado de todo, sem respiradoiros. Além disso, pondes-me umas orelhas que parecem as azas d'um tacho, e já começo a enfiar-me de ver que o meu retrato anda pelo mundo assim desfigurado e tão mal feito. Porque não aprendem vossés a desenharem um pouco, antes de se metterem a fazer d'esses horrosos desenhos? Ora sabe que o castigo que vos espera é fazer-vos todos os dias o vosso retrato.

— Olha que castigo! — exclamou Pedrito já todo contente.

— E' que eu tambem não sei desenharem mais do que vossés — objecto o homem de ferro; — e o peor da historia é que, á medida que vos vou desenhando, vossés vão-se parecendo com o que eu desenho, de maneira que, enquanto o diabo esfrega um olho, ficades vós desfigurados. Cora que então não te parece o castigo bastante energico? Vaes vê-lo de caminho.

E agarrando o Pedrito por um braço, puchou pelo candieiro que estava suspenso do tecto e logo se abriu neste um grande buraco, por onde o candieiro subiu, arastando consigo pelos ares o boneco e o Pedrito.

A luz continuou a subir sempre por uma especie de tubo que se ia illuminando, e cujas paredes estavam forradas de livros cheios de desenhos mal feitos, paginas arrancadas, pedaços de bancos com gravados feitos a canivete e carteiras escangalhadas a força de pintar nellas. Aquillo era o museu do homem de ferro, e cada



...puxou a corda e guindou-o...

vêz que elle o via enchi-se de cora lera contra os rapazinhos pintores que assim o estropeavam de toda a maneira.

Em breve se encontraram num espaçoso salão, decorado no estylo arabe e mobiliado com um luxo extra-ordinario.

Ao fundo havia um cavalete de grandes dimensões e em cima d'elle uma lousa onde estava pintada uma infinidade de bonecos do mesmo jez que os que Pedrito fazia.

— Bravo, que bom! — disse o peizote contemplando os desenhos; — até parecem veltos por mim.

Ora, agora vaes ver-lhe as consequências.

Dizendo isto, sacudiu os dedos, que produziram um som metalico, e immediatamente appareceu alli, por uma porta, uma quantidade de petizes de diferentes edades. Mas de que maneira! Todos tinham a cabeça redonda, os olhos como bogalhos, o nariz assapado e a bocca como a fenda da caixa de correo, muito escachaça e arreganhando uns dentes como serras. Os braços eram delgados como arame e terminavam por uns dedos compridos e sem articulações.

Pedrito é que não se assustou ao vê-los entrar. Então o homem de ferro disse-lhe:

— Pois vaes ver-te assim dentro em pouco.

— Isso é que é exaggerar! — exclamou num sorriso o nosso Pedrito — contudo, vendo-o, dou-me por convencido. E' quanto me basta.

O homem de ferro pegou num giz, e, aproximando-se da lousa, começou a desenhar a cabeça do Pedrito; mas elle, chamando a attenção do mono para outro lado, enquanto este olhava, ia-lhe apagando tudo o que estava na pedra.

O homem devia ver muito pouco, porque continuou a pintar muito tranquillo da sua vida ao passo que Pedrito ia apagando d'um lado o que elle fazia do outro; e quando o homem de ferro imaginou que já tinha concluido, agarrou no peiz, levou-o ao pé da luz e imaginem a sua surpresa ao vê-o como d'antes. Cheio de raiva, tornou para a lousa; mas neste mesmo tempo Pedrito passou-lhe uma rasteira e fê-lo cair com todo o peso do seu corpanzil. Então atirou-lhe para cima a lousa e o cavalete, subiu para cima d'elle e começou a dar patadas sobre o boneco; e, chamando pelos seus companheiros, gritou:

— Aqui! Aqui! Venham cá antes que elle se escape!

Acudiram os rapazes, e subindo para cima da lousa, não deixaram com o seu peso que o boneco se mexesse.

Mas a coisa ainda não ficou assim; porque é preciso que saibam que Pedrito era rapaz muito atravessado e, apanhando uma corda que estava alli á mão, atou pelo pescoço o homem de ferro, passou a corda pelo braço do candieiro, e, com a ajuda dos companheiros, puxou a corda e gindou-o acima. Mas o ou-

tro, como era de ferro, não se enforçou; e assim ao dependuro não podia fazer mais que aquelle celebre D. Quevedo, que nem subia nem descia nem estava quedo.

— Descet-me! — gritava o infeliz — e podeis continuar a pintar o que quizerdes.

— Isso não colla, meu amigo — respondeu o Pedrito rindo dos gestos



... e encontraram-se logo á sahida da caverna.

do boneco, e todo contente por se ter livrado d'aquella algada. — Bem tolo era eu te deixava agora escapar. Ou imaginas tu que me esqueço da ensinadella que me deste?

Os outros rapazitos ataram a corda a um grande sofá, para se não caçarem, e capitaneados por Pedrito começaram a percorrer as dependencias da cova. Todas ellas eram preciosas, salvo o adorno das paredes, que era grotesca bonecada á semelhança do dono.

A sahida da gruta é que parecia não ser por banda nenhuma. E, é claro, como o meio de sahir era pelo candieiro em que estava pendurado o spantho, não havia que pensar nelle; isto sem contar que por alli seria preciso descerem um a um, com grave risco de abrirem a cabeça.

Pedrito já estava a inquietar-se, quando tornou a indagar por todos os cantos, e, incommodado de vêr pelas paredes tudo o que lhe recordava a sua desditosa aventura, tirou do lenço e poz-se a apagar todos os desenhos; então viu, com extraordinaria surpresa, que os rapazitos retomavam a sua forma primitiva. Ao apagar o ultimo desenho ovuiu-se um estrondo formidavel; o homem de ferro tinha-se desfeito como o fumo, desapareceu o palacio e encontraram-se todos logo á sahida da caverna.

D'alli marcharam para o povoado, onde seus paes os esperavam ansiosamente.

Ahi contaram o succedido, enquanto as avózinhas davam graças a Deus, e todos elles prometteram não tornar a pintar bonecos em parte nenhuma.

Pedrito foi um homem de bem, dedicou-se a valer ao desenho e veio a ser um grande pintor; mas nunca esqueceu aquelles monos, que tão caro lhe iam custando.

José Escoamez.

□□□□ □□□□□□□□□□ □□□□□□□□□□

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Na resenha que nesta secção fazemos dos livros que gentilmente nos são enviados, é preciso notar bem, não nos queremos comprometter quanto ao seu valor moral. O accusar a recepção de um livro não indica, de modo algum, que lhe aconselhamos a leitura.

Ninguém melhor do que nós comprehendere a responsabilidade que para as almas pode advir do simples folhear de um livro, pois alguns ha em que o veneno, apesar de muito dissimulado, escorre em gottas insidiosas. E' mesmo nas ampolas minusculas que se guardam os serums mais letaes. Dada esta expliçãõ, que deve ficar uma vez por todas, passamos a resenha deste mez:

Timor Immortal, de José Antonio Nogueira, com uma carta-prefacio de Alberto de Oliveira. A obra está muito bem escripta, num estylo elavado, nervoso e elegante. Tem capitulos inteiros e paginas numerosas de grande elevação e bella philosophia... escripta. Será esse porém um defeito insanavel para as almas crentes. Fora disso, um excellent livro, ainda uma vez singularmente bem escripto.

Agradecemos a amavel dedicatória com a gentileza da offerta.

Setembro, versos de Manuel do Carmo, da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, com illustrações de Alpeçua do Carmo. E' um elegante livrinho de duzentos e tantas paginas, com grande variedade de poesias na forma, na elevação e no estylo. O poeta que evidentemente dispõe de recursos vastos sacrificou, porém, a quantidade á qualidade. Poderia dar-nos menos trabalhos mas estes bem lapidados e perfectos. Assim o seu livro é como uma montra de joalheiro onde ha toda a casta de joias, umas bom lavradas e de bom quilate, outras por engastar e polir...

Não quer isso dizer, porém, que o sr. Manuel do Carmo não tenha dada á publicação um livro interessante e que suggestivas e lindas illustrações tornam ainda mais atrahente. Agradecemos a offerta, muito penhorados e captivos da amabilidade do autor.

Voluntario escolar, é uma linda cançoneta, musica da sra. d. Maria Olivieri, versos do distincto poeta sr. J. Pollegoni. Não ha duvida que a composição musical é muito inspirada, patriótica e entusiasmica para o que muito concorrem os versos, sonoros, suggestivos e bem lapidados. Numa palavra uma bella composição que certamente se vaie tornar muito popular. Agradecemos, penhoradissimos a gentileza da offerta.

Conferencias. Recebemos e agradecemos a offerta que se dignou fazer-nos o rev. conego dr. Manoel Leite do resumo de suas conferencias e aermão pregões na egreja da V. O. T. do Carmo desta capital. O alto prestigio do orador sacro, um dos mais eloquentes dentre o illustrado clero paulista, dispensa todos os elogios.

No mundo dos pequeninos



Para aquecer, em caso de necessidade, a roupinha de creança nada mais praticado que uma simples caixa, forrada em que se colloca uma *bouillotte*, que pôde ser uma simples botija com agua quente.

OS filhos são as grandes bonecas das mães e para ellas é preciso renovar essa inagotável solicitude de quando ellas eram pequenas, essa atenção pressurosa e constante, para os trazer bonitos e fazer invejar às outras. Essas bonecas animadas e vivas dão, é certo, mais trabalho, mas são infinitamente mais queridas porque são carne da nossa carne, floração esplendida do nosso amor.

As mães fazem actualmente prodígios de engenho para harmonizar a economia, a hygiene e a *coquetterie*. Não é difficil, porém, harmonizar tudo isso, nem ellas, na sua immensa ter-

nura e dedicação, precisam aprende-lo porque o fazem instinctivamente. Esta pagina, porém, pode suggerir-lhes algumas idéas no tocante á *toilette* das bebês que devem absorver-lhes todos os sollicitos cuidados.

Escusado será recomendar nos quartos das creanças a mais absoluta limpeza, mas é preciso que a *nursery* seja bonita, elegante, airoza, como os inglezes a sabem fazer. Os pequenos moveis em laca branca são baratos, commodos, numa palavra, os mais recommendaveis. As paredes devem ser pintadas a oleo, em cores claras, e ser ador-

nadas de pequenos quadros de cores vivas e assumptos muito simples. Na pequena casa da grande boneca, como a propria boneca, tudo deve ser alegre e claro, como um sorriso de anjo.

O vestuario do bebê esteja sempre em ordem, como todos os de-



Vestidinho de *mousseline* branca, franzida em volta do pescoço e guarnecido de pregas do mesmo tecido. Uma pequena giza alourada bem chata quence o alto. O cinto e a parte inferior da manga são feitos de fita de setim enfiada num passador caseado.



Outro vestidinho de *mousseline* branca, modelo muito elegante e bonito



Vestidinho de «voile» azul guarnecido de pequenos galões em mignardise, cosidos aos grupos de dois, quatro e seis. O corpinho é simplesmente franjado na cintura, com rosetas de fita.



Pequena commoda, com gavetas, para guardar a roupinha do bebê.

mais apetrechos, tudo bem disposto. A creança, desde o berço, observa e aprende: é, pois, necessário que a virtude do methodo se lhe incarne na retina logo ao abrir os olhos.

Damos nesta pagina tres gravuras de um vestidinho de creança, um em tulle branco, bordado a soutache e orlado de preguinhas. Outro de musselina branca, outro emfim de *voile* azul guarnecido de pequeninos galões, cosidos em grupos de dois, quatro ou seis. As figuras são bastante comprehensíveis sem que preciso seja entrar em mais pormenores.

Vê-se aqui tambem um pequeno movei muito geitoso: são quatro gavetas, dispostas de maneira mul-

to pratica: é a melhor commoda e com extrema facilidade se pode mandar fazer. Propriamente são duas mesinhas com gavetas, que ajustam uma na outra.

O berço, cujo modelo reproduzimos é guarnecido de fazenda em côres rusticas e claras. Na parte inferior tem uma interessante cesta, coisa muito pratica, para guardar os brinquedos, o *biberon* etc.

Na educação da primeira infancia as inglezas podem-nos dar lições. A *nursery* a que ellas dedicam o maximo carinho é uma cousa encantadora de graça e frescura. Aprendamos na sua escola e tornemos um paraizo a pequena casa onde vivem as grandes bonecas que são os filhos do nosso amor...



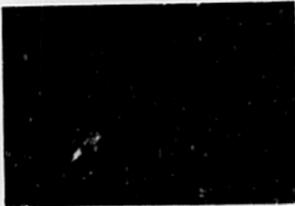
Berço adornado de tecido claro, em cores alegres. Por baixo uma cesta muito pratica para guardar os brinquedos da creança.





As Aventuras da Familia Ratazia

(Para creanças)



lá no fundo, no bosque onde crescem as arvores de Natal, vivia o sr. don Raton, com a sra. d. Rata e seus quatro filhinhos, os Ratos, sem extravagancias nem exageros, mas em solido conforto, na sua casita, dentro de um toco velho. Em toda a redondeza eram conhecidos pela sua proverbial hospitalidade e nunca nenhum ratinho perdido, debalde lhes bateu á porta num momento de perseguição e fome. O primo, um furão medio e bem tratado, dizia que don Raton e d. Ratazia repartiriam até á ultima coqueia e bom coração, de fina tempera — era alli.

Ora naquella manhan gelada e ventosa, don Raton, apesar da crise



e havia grande ceia, a tradicional ceia para a qual se reservam os melhores thesouros da dispensa.

A alegria era franca e os trabalhos proseguiram na maior animação.

Mas havia outra gente que tambem preparava a sua festa de Natal e o Chiquinho era um delles. Saira elle, com effeito, ao bosque a brincar com a sua pá a ver se desenterrava, dentre a neve a mais linda arvore do Natal.

E então, feita a escolha, alli pertinho da casa da familia Ratazia, toca a trabalhar. E a pá do Chiquinho ia e vinha num ardor entusiasta, enterrando rapidamente debaixo de uma montanha de neve a casita da familia Ratazia.

Ao tempo, como lá dentro já eram horas de almoço, estavam todos á mesa petiscando, — um pequenino lunch afim de não perder o appetite para o grande banquete da noite. O Ratinho mais novo no berço experimentava os dentitos numa lasca de queijo.

Foi quando don Raton sentiu o



do frio, andava muito contente, e atarefado com a sua pá na mão, abrindo e varrendo o caminho da toca, porque em occasião de festas as visitas não faltam e era preciso mostrar cavalheirismo e sociabilidade até para com o forasteiro que, nada tendo de comer em casa, vae *pousando* methodicamente na casa dos outros.

Ao cabo de pouco tempo, suando apesar do frio, don Raton, concluido o serviço, entrava em casa, a escorrer agua com o gelo a derreter-se ao bom calor da cosinha. Iam por alli grandes preparativos de festa. D. Ratazia não tinha mãos a medir no preparo dos pudins e gulozeimas, enquanto os filhos, ajudando a mãe, abriam nozes, descascavam fructas, com as patinhas ligeiras e habeis. Era a noite de Natal



estrupeido no tecto da casa, das pás de neve que Chiquinho amontoava com furor, procurando desenterrar a sua arvore de Natal. Foi um susto em termos. Don Raton levantado na cadeira gritava de pavor. Os meninos Ratos, caíam aos trambalhões das cadeiras e dona Ratazia, muito afflicta, mas boa mãe, pegava no filhito mais novo. Que seria, que não seria? O facto é que estavam todos sepultados debaixo de muitos pés de terra e neve.

Mas na vespera, noite e dia de Natal, a providencia vela por todos e não quer que ninguém soffre. Aliás a familia Ratazia não fazia depredações nas casas e contentava-se com os



restos colhidos no bosque, fructas e nozes, migas de pão das creanças e outras cousas somenos, que são sobejas da abundancia para os passaros e animaezinhos filhos de Deus.

Sucedeu pois que o primo Furão vinha justamente visitar a familia Ratazia. Presentes não trazia e parece mesmo que vinha muito disposto a ajudar-lhes a comer a ceia. O certo é que, ao aproximar-se da casita, esburacada na toca, com tanta paciencia e trabalho, viu-a soterrada debaixo daquella avalanche. Julgou que a neve tivesse caído ali mais forte, mas depois de dar a volta á elevação branquejante, percebeu logo que aquillo era desastre e que a familia Ratazia estava correndo sério perigo de ficar alli sepultada para sempre.

Felizmente don Furão não era egoista e compadecceu-se logo daquella desgraça. Desfazor o monte de neve



mas não sem grande esforço para as forças dos pequenos trabalhadores.

La dentro, don Raton e d. Ratazia seguiam com o coração a bater o trabalho, ora esperançados ora tristes e sem coragem, julgando que nunca seriam salvos.

Atinal desobstruiu-se a entrada e don Furão, dando um

era trabalho superior ás suas forças, mas a boa harmonia e amizade da vizinhança para alguma coisa havia de servir. Toca, pois a pedir o auxi-

encontro á porta, entrou precipitadamente pela casa dentro, cahindo nos braços dos primos, agora satisfeitos como quem lhes tirasse do peito o peso de uma montanha. Os pequenos Ratos guinchavam de alegria.

Mas entre todas estas manifestações de entusiasmo, don Raton, espreitando pelo buraco da janela viu uma multidão que vinha vindo ao longe, em grande algazarra. Parecia uma mudança e alguns até puxavam carrinhos em que as senhoras acomodadas com conforto seguiam os fillotes. Toda aquella

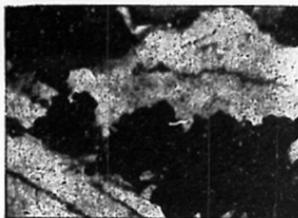


ratazada se dirigia para alli. Eram os amigos e vizinhos que tinham ajudado no salvamento e vinham agora trazer as suas felicitações e cumprimentos.



lio dos vizinhos e amigos e don Furão, animado de uma pá, com os primeiros que acudiram foi, de porta em porta, reclamando socorro. Foi um alvoroço. Ninguém se recusou a prestar o seu concurso. Ratos e ratinhos accorreram todos, promptos ao trabalho. Até as senhoras ratas e as senhoritas ratinhas ajudaram com a melhor vontade.

Com tal auxilio a montanha de neve desapareceu depressa,



mentos.

Don Raton foi generoso: recebeu os seus visitantes na saia de visitas onde se erguia a árvore de Natal, cheia de luzes e presentes e não consentiu que ninguém se fosse embora sem receber o seu presente.



ADALIUS

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contém grande copia de receitas de cozinha, doces, licores, etc. todas experimentadas e muito praticas.

Elegante livrinho util a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 15000 Réis

Remettei essa importancia em sellos do correio com o vosso endereço á *Empresa Feminina Brasileira* Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) — S. Paulo e immediatamente receberéis o "Adalius" pela volta do correio.

A Ciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: « Isto elle bebeu com o leite » e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber, a força, a saúde, o *mens sana in corpore sano*; com o leite pode-se também beber o rachimismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, renunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preoccupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite

com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da creança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teri evitado se tomasse cada dia quatro *Malcom Tricalsic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo—Um vidro com: 100 partilhas: 20\$000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira
Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) — São Paulo



A toilette dos bebês

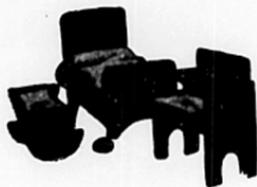
Nunca é demais chamar a atenção das mães de família para a toilette dos seus filhinhos. Isto é uma questão de grande importância, embora as nossas patricias, as do interior do paiz sobretudo, não lhe liguem

a importância que merece, advertindo que as crianças não precisam de luxo, e que a vaidade e o amor próprio são sentimentos que se vão educando á proporção que a idade avança. Nada mais errado do que isso. O sentimento da vaidade — da vaidade bem dirigida, já se vê — deve ser insuflado na criança desde os seus mais tenros annos.

As crianças que foram creadas com desleixo, são desleixadas na idade adulta.

As meninas, até á idade de dez annos ou até mais tarde, conforme o seu desenvolvimento, devem usar, como se observa nos modelos que apresentamos nesta pagina, as saias bem curtas, um pouco acima do joelho. Essas saias curtas têm a propriedade de chamar a attenção das meninas para o seu passo, obrigando-

as a disciplinal-o e, sobretudo, evitando-lhes que marchem com os joelhos flectidos, o que é terrivelmente desgracioso.



A MEDIDA DAS HORAS

Medir o tempo! Nós somos assim, só temos consciencia delle e só podemos compenetrar-nos das suas tristezas ou das suas felicidades, com a condição de o contar, de o pensar, com dinheiro que não tornaremos a vêr. Elle só toma corpo, só adquire substancia e valor nos complicados apparelhos, que nós imaginamos para o tornar visivel; e, como não existe por si, pede emprastado o gosto o perfume e a forma do instrumento que o determina. E' assim que o minuto, marcado nos nossos pequenos relogios não tem o mesmo aspecto que o minuto, distendido pelo grande ponteiro do relógio da torre ou da cathedral.

Conven pois não ser indifferente ao nascimento das nossas horas. Assim como temos copos, cuja forma, cor e brilho variam conforme são chamados u offerer aos nossos labios o leite bordêus, o opulento borghona, o fresco veno, o substancioso porto, ou a alegria da champagne, porque não seriam enumerados os nossos minutos, consoante são apropriados á sua tristeza, á sua inércia, á sua alegria? Por exemplo: os nossos mezes laboriosos e os nossos dias de inverno, dias de azáfama, de negocios, de pressa, de inquietação, comprehendese que sejam estritamente, melódicamente, severamente repartidos e registrados pelas rocas, pelas agulhas de aço, pelos discos esmaltados dos nossos relogios de parede, dos nossos mostradores electricos ou pneumáticos e dos nossos minusculos relogios de algibeira. Neste caso, o tempo majestoso, senhor dos homens e dos deuses, o tempo, immensa forma humana da eternidade, não mais é que um insecto pertinaz, que ríe mecanicamente uma vida sem horizonte, sem céu e sem descanso. Quando muito, nos momentos de ócio á noite, á luz do candieiro, durante a brevissima vigilia subtrahida ás exigencias da fome ou da vaidade, sera permittido ao amplo pendulo de cobre do relógio de Brux ou de Flandres retardar e solenizar os segundos, que preceitam os passos da noite grave, que vai andando.

Maeterlinck



O ALUMINIO

*Uma grande fabrica em S. Paulo
de utensílios de alumínio.
Fundição e estamparia*

S. Paulo, como é notório, não é apenas o Estado agrícola mais adiantado da União, mas também o mais industrial, abastecendo com os seus productos todo o paiz, de norte a sul, e a muitos paizes da America do Sul.

D'entre tantas industrias, porém, de que se podia justamente ufano o nosso Estado havia uma cuja existencia se impunha e que, durante muito tempo, passou despercebida aos nossos industrias, que não se occuparam com ella, deixando os nossos mercados abertos á invasão de producto estrangeiro. Referimo-nos á industria dos artefactos de aluminio.

Graças, porém, á iniciativa de um grupo de capitalistas, foi creada, sob os melhores auspícios, a Companhia Paulista de Artefactos de Alumínio, que é, hoje uma companhia poderosa, não sómente pelo capital empregado, como também pela acceitação que têm tido os productos do seu fabrico.

Essa fabrica é a unica que existe no Brasil.

Os seus productos rivalisam com os melhores que nos vêm do estrangeiro e, por vezes lhes são superiores pelo acabamento e perfeição. Nem sempre, como é sabido, a industria nacional é comparavel á européa, mas a de aluminio, como ficou patentemente demonstrado na Exposição Industrial de S. Paulo, realisada recentemente, é uma das mais aperfeçoadas. Os productos dessa Companhia se recommendam por todos os titulos. A materia prima empregada é a melhor, o seu acabamento nada deixa a desejar. Comprovam-no os diversos diplomas que a Companhia possui.

O seu presidente é o dr. Mario Cardim, que, mercê do seu espirito da iniciativa, muito tem contribuido para o progresso da Companhia, a cujos destinos, com tanta intelligencia preside.



Um aspecto dos excellentes productos da Companhia de Artefactos de aluminio na Exposição Industrial.

As pessoas que quizerem observar de perto todos os artefactos fabricados devem visitar o escritorio central, á rua S. Bento, 25, (sobrado) onde estão sempre expostos os diversos typos e variedades destinadas á venda.

E' ocioso encarecer a vantagem que tem o aluminio sobre o ferro para a bateria de cozinha. Essa vantagem é notavel. O aluminio é mais hygienico e economico. As panelas de ferro esmaltado têm inconvenientes que dia a dia são explicados ao publico pelos srs. hygienistas.



Uma chaleira, um escafido e uma panela, fabricados pela Companhia Paulista de Artefactos de Alumínio, que apresentou magníficos productos do seu fabrico na Exposição Industrial.

A ELEGANCIA DO CALÇADO



A historia do calçado, minhas senhoras, evoluiu tanto, desde o tempo primitivo da sandalia ao sapatinho de setim da *Cendrillon* que só num grande tratado um erudito tratadista a poderá tratar com a amplitude devida e um artista illustral-a com o carinho que merece. Ha tanto de elegancia, de mimoso, de quasi infantil num sapatinho de mulher! Ha nelle tanta graça que talvez algum queira pensar que toda a atracção lhe venha do pezinho que calça. Mas não é, não. E' certo que lhe dá mais brilho a suavidade setinosa da meia transparente e o verniz espelhante da modelagem; é certo que nelle anda um pouco de vida a latejar num eco amortecido e o rythimo nervoso do sangue — Mas não fosse o primor da forma e um cuidado de confeccção quasi artista e todos os seus encantos se esbateriam ou desapareceriam por completo. E' como um vaso contornando uma flor: ninguém dirá que não é mais bella a rosa que esmaece numa jarra de porcelana ou num solitario de crystal do que a outra que definha num modesto pote de barro.

Para ter um bom par desses sapatinhos *mignons*, dessas botinas que prendem os olhos pela sua muita graça accrescentada a graça da sua portadora é preciso arranjar um bom calçado, um bom fornecedor, quasi um artista. Nós conhecemos um dos authenticos, dos que conhecem o *métier* porque, como competente profissional outra cousa não tem feito senão estudar e observar, seguir a evolução da moda, prever harmonias de combinação, elegancia e novidade. E' o sr. Marfim Pontes, o estimado proprietario da Casa Pery, Rua Direita n. 4-B, de S. Paulo. Os calçados que adornam as preciosas vitrinas do seu estabelecimento são positivamente o que de melhor se pôde encontrar e a preços baratos.

Quando virem na rua deslizar um sapatinho elegante, quando virem uma pessoa bem calçada — digam logo, sem hesitar, que é da Casa Pery. Não se enganem.

Por isso é que podemos recomendar, com sinceridade, a todas as nossas leitoras que prefirm aquelle estabelecimento e os que tiverem de se fornecer em S. Paulo não percam tempo a procurar noutras casas. De resto o estimado negociante vai distribuir um esplendido catalogo que muito facilitará a escolha da sua cada vez mais numerosa clientela. Para esse catalogo se pede desde já a maior attenção.

RENDE hoje, a *Revista Feminina*, homenagem ao seu prezado e distincto collaborador, sr. Dr. Esagragnolle Doria, director do Arquivo Nacional, publicando-lhe a photographia seguinte, ao mesmo tempo que offerece aos seus leitores um das suas bellas produções ineditas, — "Um passeio a Waterloo".

Quem o não conhece no Brazil, — elle, que ha tantos annos, emprehendo *Journal do Commercio* do Rio, o brilho do seu talento, em chronicas elegantes, pedidas, cheias de linba, que os demais jornaes, em seguida, transcrevem com enthusiasmo... Modesto como todo o homem de verdadeira valor, não anda Esagragnolle a fazer alarde da sua competencia: vive afastado de tudo e de todos, tranquillamente a sonhar, entre os seus livros, ao pé de uma campoleira intelligente que o comprehende e o anima.

René Thallier, que é um dos seus grandes amigos, assim descreve um dos seus trabalhos, que pretende publicar sobre o Rio, a emaranhada intellectual que com elle manteve: "Quantas vezes do alto do S. Bento, ou, então, lá para as bandas despretadas da Gamboa, ao cair da tarde, o suave zuzilar de um rendilhado de serras, ao longe, nos não fez quozer silenciosos um silencio quasi mystico?... um pedoco de porto saheira, onde se hincavam, n'uma cadeira de gaveta, milhões de mastros de navios, o negro borão de fumo de uma chaminé, que, a espiralar-se, lá, nos pontos, deltinando-se saudosamente pelos ares..."

Depois, era no seu apartamento-linho do Campo de Santa Anna, toda a familia d'obraes d'arte — helleas occasivas, que nos entrelinhamos a conversar, perdidamente, acerca de episodios, referencias á historia da Cidade. E Esagragnolle, que é um artista e um erudito, que a conhece fascinantemente a fundo, prendia-me attentos a attenção, confundindo-me, com a sua palavra colorida, factos e scenas d'outr'ora...

N'esses momentos, porém, de quando em vez, abria-se-lhe o semblante bonito, rubravam-se-lhe os olhos entristecidos, e elle considerava a conjuncção e conjuncção a conjuncção...

Infelizmente tudo outra, mudamos os aspectos, e nós que não temos aqui o culto de cousa alguma, vamos, indifferentes, despendendo, a torto e a direito, golpes de piruetas... Até os nomes tradicionais das nossas ruas, como que envergoados, prostramos apagalos as pressas, tornando-os esquecidos para sempre...

D'alli subiamos para o seu gabinete de trabalho instalado com austeridade no andar superior. E o nosso resto sagrado para todo o escriptor, onde só se recobem os muitos liltimos, os verdadeiros iniciados, mais fraternal ainda se tornava a nossa camaradagem. Esagragnolle, abria-me os seus armarios, as suas gavetas; mostrava-me as suas obras publicadas, planos de outras que pretende publicar, — o dava-me a ler a volumosa correspondencia, que, ha muitos annos, alimenta com celebrados intellectuaes do velho Continente.

Foi por carta que elle se fez amigo de Francis Capde, de Julio Verne, de quem possuia uma photographia, e com uma directoria affectuosissima, de Maurice Rollinat, Frederic Masson, Stephane Mallarmé, Edmond de Goncourt, Saint Saux, Mistral, Adeline Hestori, e, ainda hoje, periodicamente continua a corresponder com Maeterlinck, Paulo e Victor Marguerite, Rodolfo, Pierre-Loti, Willy e muitos outros.

D'entre essa preciosa colleção de autographos, que será legada á Bibliotheca Nacional, segundo me contou, uma cartinha existe a que me não posso furtar ao desejo de transcrever a aqui. E' a que lhe enderece-o de Nlee, a 25 de Maio de 1888, a mão de Guy de Maupassant, agradecendo-lhe, com uma liltima mão tremula, os pezaes, que recebera por morte do seu filho illustre: Elna:

Já sou muito velha, e muito doente: não escrevo mais. Ainda assim, não posso deixar de todo, sem resposta, uma carta como a sua, em que se misturam, de um modo tão innocuo, os grandes elogios que faz do querido morto, e as razões tão delicadas que diz á sua pobre mãe. Receba, pois, meu caro senhor, os meus agradecimentos, e acredite nos meus melhores sentimentos.

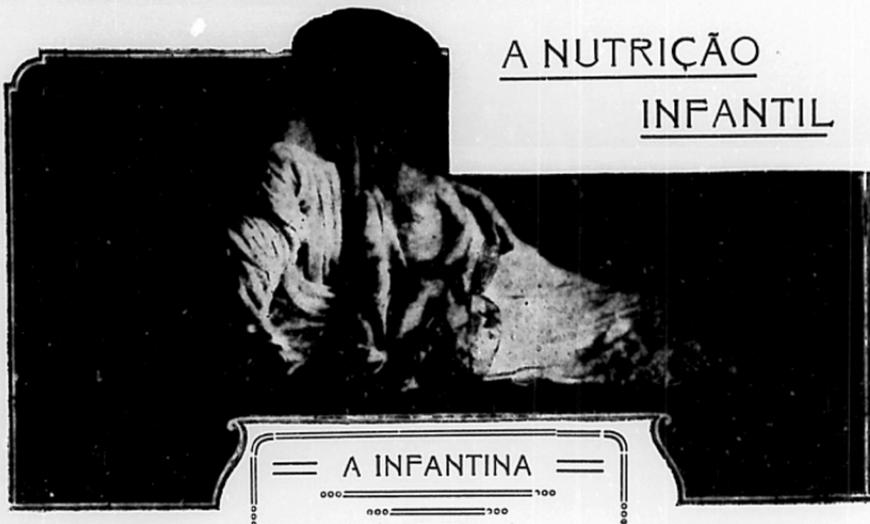
Meu caro Senhor, — "as cousas tão delicadas que diz á sua pobre mãe", como que se me apresentam, ao espirito, bem definida a personalidade d'esse homem, — fitalgo de raça, que mais se lhe fica a gente a querer, quanto mais se se conhece com elle. Esagragnolle é delicado em tudo, — delicado no sentir, no pensar, no escrever, nas suas maneiras. Foi pela delicadeza que elle se impoz, conseguiu tornar modelar o Arquivo Nacional, uma das repartições mais marchadas do paiz, e fazer dos seus escriptorios, que o receberam, a começo obliquamente, de olhos desconfiados, verdadeiros camaradas, que hoje se orgulham de trabalhar sob as suas ordens.

E se é verdade o que diz Duicé — "qui possède un grand trésor, — eu tambem possuio o meu, e a faculdade de não o occor, cada vez que penso na grande amizade, que me une a Luiz Gastão d'Esagragnolle Doria."



ESAGRAGNOLLE DORIA

A NUTRIÇÃO INFANTIL



A INFANTINA

A alimentação infantil, fóra do leite materno, foi sempre um problema. Em geral, as crianças, salvo raras exceções, quando não são alimentadas pelo leite materno, mas sim pelas farinhas em que o leite entra como elemento principal, entram a sofrer de perturbações gástricas, intestinaes, e o seu desenvolvimento organico opera-se, não raro, com uma lentidão que torna apprehensivos os pobres paes.

E' ocioso recordar aqui quanto é grande a mortalidade infantil em nosso paiz, principalmente em S. Paulo, e isso devido quasi que exclusivamente, consante o documento estatistico fornecido pela imprensa, á má nutrição, ou melhor, á nutrição viciosa.

Entretanto, é preciso advertir ás mães que não podem amamentar os seus filhos ou que não tenham meios bastantes para lhes dar amas de leite, que, mesmo na alimentação artificial, ha recursos que bastam para uma nutrição perfeita.

A *Infantina*, por exemplo, dos srs. Granado & Comp., é uma das coisas melhores que ha, sendo de notar que, segundo attestados valiosissimos firmados pelos mais competentes mestres em clinica infantil, ella pôde substituir perfectamente o leite materno.

Trata-se de uma farinha lactea malto-phosphatada cujas qualidades, como nutrição são dia a dia compro-

vadas por quantos tiveram occasião de as observar.

O dr. Monteiro Vianna, que, como é notorio, é em S. Paulo, um dos mais reputados conhecedores da clinica infantil, tendo experimentado largamente a efficacia da "Infantina", refere-se a ella nestas palavras, que, de bom grado reproduzimos:

"A *Infantina* Granado é uma excellente farinha: gosto agradabilissimo, assimilação perfeita e facilmente aceita pelas crianças. Por estas qualidades é ur dos alimentos mais recommendaveis depois do sexto mez."

Estas palavras do distincto clinico paulista é o melhor attestado das excellencias da *Infantina*.

Essa farinha é preparada com as mais puras e nutritivas farinhas, entrando em sua composição, como elemento principal, o leite de vacca, com uma porcentagem ligeirissima de glycero-phosphato de cal. Essa porcentagem de glycero-phosphato de cal é inteiramente assimilavel, sendo de notar que ella concorre poderosamente para a formação do esqueleto e para a resistencia dos dentes.

Pelos processos especiaes da sua fabricação e da maltagem empregada, quasi toda a substancia amylacea-se encontra trasformada em dextrina e maltose. Isso é muito importante porque o malte contem um fermento, conhecido pelo nome de maltina, que tem a propriedade de auxiliar a digestão dos feculentos.

Na alimentação complementar das crianças de tenra idade, quando a secreção salivar exerce ainda quasi nulla influencia sobre os amylaceos, as farinhas maltadas com o seu amido transformado em dextrina e maltose e o seu gluten em parte dissolvido, constituem um alimento preciosissimo, susceptivel de substituir o leite materno.

A adição de dose minima de glycero-phosphato de cal assimilavel, completa o valor dessa farinha, sabendo-se que o activo trabalho de formação do tecido osseo, na criança, reclama uma absorção de Phosphato de cal que supra todos os gastos. Ora, na maioria das vezes a alimentação é insufficiente para prover a todas as necessidades, podendo attribuir-se grande numero de casos de fraqueza constitutiva, atrophia ossea e dentição tardia e defeituosa á deficiencia de Phosphato de cal fornecido pelos alimentos.

Notadamente nutritiva e de facil digestão, ella contém todos os elementos necessarios á nutrição da criança, podendo, como já dissemos, substituir o leite materno toda vez que se faça necessario recorrer a alimentação artificial.

Essa farinha, de resto, não é apenas destinada ás crianças, mas tambem ás pessoas de idade avançada, aos debilitados, aos convalescentes, a todas as pessoas emfim que precisam de uma alimentação especial.



O LAGO DAS FADAS OU SONHO DE NATAL

(CONTINUAÇÃO)

TEDDY ouvia a sua ama contar histórias dos tempos em que as vassouras fallavam, historias fantasticas que encliam a sua imaginação de bellos sonhos. Mas de todas, a que mais lhe o agradou, foi a do Lago das Fadas.

"Onde estará esse lago?" perguntava Teddy aos seus gatinhos; — elle tinha o curioso habito de conversar com diferentes objectos, quando estava sosinho. "Será um lago cor de rosa, com cysnes azuis, ou um lago de mel com doces crescendo em redor?"

Era vespera de Natal. Teddy resou, mas em vez de pedir presentes ao Papá Natal, elle rogou do fundo d'alma que o levasse aquella noite ao Lago mysterioso. A creança fechou os olhos para abril-os logo mais, não no seu quarto, onde ha pouco rezara, mas no reino de Morpheu, onde as flores fallam a lingua que nós fallamos.

Sentado num morro coberto de relva aveludada, tinha a ceus pés uma interminavel floresta. Não havia duvida que Papá Natal o collocara alli. Teddy reflectia sobre a sua situação, quando viu uma gazella branca olhando-o com curiosidade. Era um gracioso animal com olhos de rubi e chifres dourados. Ao primeiro movimento do menino ella desapareceu na floresta. Teddy seguiu-a, mas a sua attenção foi distrahida por um peixe exquisito que descia um ribeiro, deixando atraz de si uma corrente de bolhas que fluctuavam á flor d'agua, arrebentando-se, uma por uma, sobre uma pedra. Cada bolha encerrava uma palavra scñora formando uma linda canção que revelava o caminho do Lago das Fadas.

O lago estava no fim do ribeiro e era preciso um barquinho para lá chegar. Mas onde encontrar um barco naquelle logar deshabitado? Uma voz que parecia o murmuro da briza, despertou o menino do seu profundo pensar. Era um grilo que Teddy salvaria, quando a ama o quiz matar, uma noite que elle gritava "Cri, cri, cri" em baixo do berço. O insecto reconhecido queria pagar o beneficio recebido e offereceu-se para construir um barquinho.

O trabalho começou sem demora. Os obreiros eram ratinhos e lagartas;

aquelles, em grande numero, roiam um tronco de arvore enquanto estas teciam uma vela de seda. O grilo corria de um lado a outro dando ordens "Cri, cri, cri" e num instante construiu-se um elegante barquinho de proa recurvada.

O grilo subiu a um tronco e começou a proferir um discurso para solemnizar o lançamento do barquinho á agua. Elle principiou assim: "Cri, cri, cri" cuja traducção é: "Minhas senhoras e meus senhores". Os ratinhos fingiam comprehender e sacudiam a cabeça affirmativamente.

Um camaleão aproximou-se cautelosamente e, com um golpe certo da sua lingua comprida, apañou o orador, em pleno discurso. Os ouvintes desaperteceram como por encanto. Teddy, já impaciente, atirou o barquinho á agua e disse apenas: "Pobregri!" A sua aventura era encantadora de mais, para pensar em coisas tristes e elle esqueceu logo o sacrificio do grilo, entregando-se ás mais disparatadas manifestações de alegria, pondo ás vezes o barquinho em perigo de virar.

O ribeiro recebia aqui e alli o concurso de varios regatos titillan es, alargando-se aos poucos. O barquinho, que navegava todo esse tempo com a graça de uma galvoeta em pleno vôo, parou subitamente deante de uma grossa corda de myosotis entrelaçados, que atravessava o ribeiro de lado a lado.

Teddy estava distrahido com as andorinhas que o acompanhavam e bateu a testa no mastro. Não fora a presença de bellissima Sylphide andando sobre a agua, certamente o pequeno aventureiro teria chorado até acordar. "Aqui não passas, atrevido!" disse a Sylphide zangada, batendo o pequenino pé sobre a agua. Elle quiz explicar e começou: "Mas..." "Basta" gritou a Sylphide. Neste momento uma abella dourada poizou na orelha da Sylphide, que a escutou com um sorriso. "Agora podes passar, disse ella, nossa rainha acaba de permittir a tua entrada no Reino das Fadas".

A um signal da Sylphide a corda de flores subiu e o barquinho passou triumphante.

Os animaes e aves fugiam á aproximação de Teddy, porque nunca tinham visto uma criatura humana. Um impulso vigoroso do vento levou o barquinho ao meio do lago encantado. As fadas curiosas affluíam de todos os lados para verem o extranho e atrevido viajante que ousara penetrar no sagrado reino O palacio encheu-se de Sylphides, Ondinas, Sereias, Nymphas e Naiades que pediam protecção á sua soberana. Ella acalmou-as explicando que se tratava apenas de uma inoffensiva criança que vinha do mundo impuro dos homens para visitar o seu reino.

Ellas correram então ao encontro de Teddy e fizeram-o descer mas, quando elle percebeu que estava andando sobre a agua, assustou-se e voltou para o barquinho. Uma nymphaz fez-lhe ver que não corria o menor risco de afundar porque elle estava sob a protecção da rainha. Teddy encheu-se de coragem e seguiu as suas encantadoras companheiras que o levaram á presença da soberana.

A rainha recebeu-o em pé, descansando um cotovello sobre a cabeça de um urso branco, que trazia um grosso collar de ouro no pescoço. Aves esquisitas de plumagem deslumbrante, esvoaçavam sobre a sua cabeça. Ella conversou com Teddy um pouco e convidou-o a visitar os seus soberbos jardins.

O primeiro era o Jardim dos Passaros, onde os passaros do mundo aprendiam a cantar. No meio de abundantes flores e arvoredos viam-se ricos templos de alabastro e ouro. O primeiro, o mais perto do palacio, o predilecto da rainha, era o templo dos Sabiões. Milhões delles rodeavam uma Sereia que revelava aos seus mimosos pupillos os segredos da sua voz sublime.

O segundo templo era dos Pintasilgos. Os irrequietos discipulos imitavam os trinadoes produzidos pela flauta de crystal de uma Nymphaz, meneando suas cabeças pretas com um enthusiasmo encantador.

Depois veio o templo dos Canarios. Uma harpa de ouro levemente tangida pelo dedinhos transparentes de uma Naiade e uns pequenos sinos

O MENU' DE MEU MARIDO



Sopa de creme de aspargo

Vae ao fogo uma cassarola com duas colheres de manteiga, na qual se freme ligeiramente umas rodellas de cebola que se tira depois de fritas tendo-se o maximo cuidado de não deixar a manteiga queimar. Junta-se á manteiga uma garrafa de leite e o caldo já coado por um panño para tirar a gordura e qualquer ossinho que possa ter, engrossando com duas colheres de maizena desmançada num pouco de leite resultando um creme pouco espesso. Cor'a-se os aspargos em pedaços de cinco centímetros e deita-se no creme, juntamente com a agua que elles trouxerem. Desmancha-se á parte quatro gemmas num creme juntando-as depois ao resto e retirando-se a panela do fogo antes que ferva de novo. Na occasião de ir para a mesa acrescenta-se uma colher bem cheia de manteiga fresca.

Paté de fol gras

Pica-se 250 grammas de fígado de vitella até reduzi-lo a massa e mistura-se com 125 grammas de banha. Tempera-se com sal, pimenta da Índia, cravo, noz moscada, e salsa picada. Junta-se-lhe dois ovos batidos, meia chicara de leite e um pouco de farinha de trigo para engrossar. Em uma forma untada com banha, arruma-se alternadamente uma camada de lascas dalgadas de toucinho e trufas, outra de massa feita com o fígado. Vai cosinhar em banho-Maria e está prompto logo que, introduzindo-se-lhe um palito este sáia limpo. Tira-se da forma depois de bem frio.

Costeletas de carneiro, vitella ou porco

Bate-se as costeletas com um batedor para que a carne fique chata e impedir que estufe ao fritar. Tira-se a pelle á carne que se encontra junto ao cabo, até á altura da carne que forma a costella. Para frigar polvilha-se a costella com um pouco de sal e pimenta, dos dois lados e vai ao fogo em frigideira de ferro com manteiga quente. Não se deve virar sem estar já corada de um dos lados.

Croquettes de gallinha

Deita-se ao fogo uma cassarola com gordura, logo que esteja quente junta-se-lhe uma cebola cortada fina, tomates, pimenta e cheiros. Estando refogado põe-se a gallinha cortada em pedaços, mexe-se para que todos os pedaços tomen gosto e corem ligeiramente, feito isto, deita-se-lhe um pouco de agua, tampa-se a cassarola, e vai cosinhar lentamente. Estando bem cozida a gallinha tira-se-lhe os ossos e pica-se bem, faz-se um refogado com cebolas, tomates, pimenta e louro, ao qual junta-se a gallinha refoga-se um pouco pondo-se o caldo da gallinha e um pouco de leite. Tira-se então a cassarola do fogo, junta-se á massa seis gemmas mistura-se, até ficar bem ligada, leva-se novamente a cassarola ao fogo para cosinhar um pouco, havendo o cuidado de mecher sempre para não pegar no fundo, depois retira-se do fogo, despeja-se em uma travessa para esfriar. Quando estiver fria, faz-se os croquettes, passando-os primeiro em farinha de rosca, depois em ovo batido e novamente em farinha de rosca, freme-se em gordura quente. Aruma-se num prato sobre um guardanapo e enfeita-se com salsa frita.

Perú assado

Depois de bem depennado a secco, e de ter tirado o papo por baixo e sem lhe romper a pelle, lava-se muito bem o Perú e deita-se num molho de vinho branco e sal deixando até o dia seguinte. Prepara-se uma farofa com farinha de mandioca e manteiga, azeitonas e ovos cozidos duros e enche-se o papo do Perú, mas não tanto, para não arrebentar quando assado. Depois envolve-se em manteiga o Perú todo e cobre-se-o completamente com papel e vae ao forno quente para assar. Serve-se com fatias de presunto.

PUDINS

Pudim francez. — Em fórmula lisa arruma-se uma camada de palitos de pão de lot, uma de geleia de groselhes, outra de palitos, outra de geleia de abricots e assim até encher a fórmula.

Rega-se então o pudim com uma mistura de tres colheres de Rhum e seis de agua. Deixa-se o pudim em logar fresco até ao dia seguinte. Na falta de Rhum serve qualquer outro licor. Tira-se da fórmula no momento de servir e rega-se com creme de baunilha bem perfumado.

Pudim de chocolate. — Toma-se 180 grammas de manteiga, bate-se com uma colher de pau até tomar a consistencia de creme; continua-se a bater juntando-se pouco a pouco as doze gemmas, 125 grammas de assucar crystallado, 100 grammas de chocolate em pó, cinco grammas de fécula de batata e um pouco de baunilha; mistura-se então as doze claras em neve. Barra-se uma fórmula com calda grossa, forra-se toda com palitos de pão de lot deita-se a massa e põe-se a cosinhar em banho-maria durante bora e meia.

Soufflé. — 100 grammas de assucar, 30 grammas de manteiga, tres gemmas, tres colheres de fécula de batata. Desmancha-se isto em meio litro de leite e vai ao fogo mechendo-se constantemente; põe-se mais quatro gemmas, uma a uma e uma ou duas colheres de Rhum, tira-se e junta-se sete claras bem batidas, 150 grammas de passas Sultanas, 150 grammas de ditas de Corintho, 150 de cidrao picado, numa fórmula untada com manteiga, põe-se a massa, cosinha-se em banho Maria no forno.

Sorvete de creme. — Um litro de leite, oito gemmas, quatrocentas grammas de assucar. Bate-se as gemmas com assucar, junta-se-lhe o leite e meia fava de baunilha, batendo-se tudo com uma colher de pau. Põe-se a panela em fogo vivo e antes de ferver retira-se, continuando a mexer até engrossar; depois passa-se por uma peneira e estando frio congela-se.

Creme diplomata. — Uma garrafa de leite fervido com baunilha, doze gemmas bem batidas, com doze colheres de assucar. Passa-se uma camada de geleia numa fórmula, forra-se os lados e o fundo com palitos de pão de lot, junta-se o leite ás gemmas, põe-se na forma e vai ao forno em banho-maria.

Os serões familiares

QUANDO meu marido argumenta sobre seja o que fór: alfalates ou política, religião ou batatas, desde que o faça com quem não acompanhe as suas idéas, que se parecem paradoxas, têm um grande fundo de justiça e de sinceridade, eu estremeço, como se o visse arre-meter de lance em riste para o meio da multidão ulu-lante. Embora elle querele com um individuo só, tenho sempre a estranha sensação de vel-o debater-se com a cidade em pezo, porque as suas apreciações não se confundem com as do vulgo, e elle investe dezas-sombriadamente contra todos os preconceitos sociais, querendo desbaratar-os a golpes de razão e de lógica. Ao meu espirito conciliador e tímido alvoroça aquella verbozidade riscada de fuguetes impre-vistos e em que estrodeiam bombas da mais atrevida pirotec-nia! Nessas ho-ras de exaltação todos os termos que elle empre-ga são definiti-vos e entram-me

pelos ouvidos como pezadas placas de chumbo pela agua; á proporção que se lhe acce-leram as pulsações do en-tusiasmo, e que a sua voz sobe de diapazão, acompanhada pela vehemencia dos gestos e o fulgor do olhar, eu como que ouço badalar todos os sinos da cidade, e vejo prender sobre o meu telhado todas as suas torres. Se tento então balbuciar um simples monossilabo, elle estrangula-o como um gigante pôde estrangular um hu-nilde tico-tico acabado de sair do ovo, encolho-me ar-rependida para o meu canto. Ah, ainda quando essas polemicas são com os estranhos, a minha atribulação não é tão grande; mas quando são entretidas com meu padrinho, eu dezejaria que o chão se abrisse para en-gulir-me, não me deixando de fóra nem as pontinhas dos cabelos! Os homens são teimosos e quereleentos, e andam a cata de pretextos para se degladiarem. As mu-lheres conversam; os homens discutem. Dindinho mes-mo, que sempre supuz que fosse ponderado e pacifico, percebo agora que é um exaltado; grande respeitador das coizas estabelecidas, elle é um espelho dos senti-mentos communs da burguezia e defensor das tais coizas estabelecidas, mesmo que ellas sejam mal consideradas pelos proprios que a ezeccutam.

E ora que bonito papel faço eu entre estes dois homens quando, em um face do outro, clamam, berram e dezatfinam, porque cada um delles tem das idéas que enuncia opiniões opostas? A minha attitude resume-se a olhar suplicemente, ora para um ora para outro, a tor-cer-me na cadeira e a suspirar por que entre alguma vizita para pôr termo á questão. No fim eu sei que tu-do acaba em bem. Afinal, elles não se injuriam. Din-dinho esquece-se de que o meu marido tem vinte e sete

anos, que a profissão de advogado lhe dezenvouleva a oratoria, que é um rapaz moderno, educado por outros mestres, outros exemplos e outros livros; por sua vez meu marido esquece-se de que Dindinho tem sessenta e tres anos, que lhe serviu de pai, que foi educado por um frade que lhe ensinou desde o A. B. C. até o latim...

E' que os homens não attendem a nada quando tratam de defender as suas opiniões. Ha pessoas contra as quais não é permitido a ninguem ter razão, e logo por minha desgraça tanto meu padrinho como meu ma-rido pertencem a esse numero de individuos! O mesmo fato é examinado por um sob uma luz branca, por outro sob uma luz vermelha, e assim sendo o mesmo o fato em si, muda de fóрма e de côr segundo a observa-ção de cada um...

Como a minha opinião de mulher tem pouco pezo, em certas circunstancias, na consideração desses senhores, eu guardo para mim as sugestões do meu criterio, sentindo-me resvalar para os estados oppres-sivos do abatimento, da contrariedade e da conster-nação... até que uma filosofia especial da indifferença ou do habito, venha, ainda o espero, curar minha alma des-norteada e impotente.

Se eu só com um gesto tivesse orças para arrefecer-lhes o ardor des-sas conten-das inúteis!

Depois, o que de algum modo me des-vaira e as-sombra, dan-do-me a o mesmo tempo certa con-solação, é que, posto o ponto final nas discus-sões, elles são tão bons amigos como eram antes... No fundo da minha conciencia agita-se então a duvida de que essa ami-zade não seja apenas fi-cticia, man-tida por amor de mim, tan-to essa suc-cessão de de-bates porcau-

zas insignificantes ou alheias á felicidade do nosso lar, lhes deve ter azedado a simpatia mutua.

Mas o homem é o maior enigma do universo.

Nem o diabo o entende. Quem me dirá se a sua amizade se não fortifica com essas contradicções, que a mim me aterram como grandes causas de efeitos irre-mediaveis?! Nós as mulheres não sabemos discutir; zangamo-nos de uma vez; é mais perigoso, mas é mais simples.

E' a nós que elles chamam' complicadas e indeci-fraveis! Tambem só os muito magnanimos são dignam ouvir a nossa voz em tudo que não seja materia de amor. Ha, porem, um certo periodo na vida em que o homem sotopõe voluntariamente, as suas opiniões ás



KOLA SOEL - Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago.
Util no crescimento das creanças.

opiniões da mulher: o período do noivado. E ainda com a condição de que esse período seja curto. Depois de cizado, adeuzinho, meu anjo! As coisas são como elles quezem e nunca como a mulher entende. Entricheirados no seu critério, como numa fortaleza erigida de pontas de ferro, consideram que toda a gente que não pensa como elles pensam, nem fazem o que elles fazem, erra miseravelmente... e depois, somos nós as vaidosas, somos nós as esquizitadas!... Quem escrevesse uma norma para guia da felicidade conjugal, deveria expôr em termos convincentes que uma mulher perderá tempo e ganhará bilis se teimar com seu marido. Se ella afirmar que uma nuvem é côr de roza e espreitando á pressa pela janela elle afirmar por sua vez que é sombria ella deve mudar de conversa, senão elle deixará de a achar sombria para achal-a preta, e de preta passará a classificá-la de negra ou de negerrima, sem que por isso a nuvem tenha deixado de ser côr de roza. Realmente, se os homens não soubessem falar de amor tão bem, seriam insuportáveis!... Foi por cauza do amor que ainda hontem á noite elles tiveram aquella discussão tão acalorada... Dindinho esqueceu-se de que se delicitou na vida com a variedade de tres lares diferentes, porque cazou e enviuvou sucessivamente tres vezes, além de vinte paixões avulsas para atacar agora o divorcio como uma lei destruidora e fatal; e o senhor meu marido esqueceu-se da felicidade que lhe dou, e que nenhuma outra mulher lhe daria tão perfeita, para defender esse mesmo divorcio, com um denodo tal, que

me trespassou a alma com o ferro da desconfiança. A cada um dos tremendos argumentos de meu marido os olhos de Dindinho procuravam os meus, como a dizer-cautella! vê as disposições deste sujeito!... e eu sorria, para tranquilizal-o, com um sorrisozinho mais amarelo que a casca de uma laranja... O que eu soffri! Estes serões familiares de que os moralistas gabam as docuras, dão ás vezes assunto para reflexões bem exquzitas! Uma das que me acudiram depois que elles acabaram de jantar e tomavam em boa camaradagem o seu chá com biscoitos (porque enquanto elles disputam minha cabeça é um caos), foi que o divorcio não é só uma libertação para os cazamentos desgraçados, como também uma ameaça util para os felizes. O homem ama tanto mais a mulher quando tem medo de perdê-la. E talvez por isso que em certas ligações ilegias as mulheres são adoradas como deusas enquanto que nas legitimas são tratadas como creaturas humanas sujeitas a defeitos... E' que os bens diferentes acabam por nem parecerem bens, se não se erguer diante delles uma ameaça qualquer... Quem sabe? O divorcio desempenhará talvez bem esse papel, guardando á vista, como uma sentinella, a felicidade do lar. Uma idéa! para castigo do sofrimento que meu marido me infligiu hontem, quem vai logo á noite fazer a apologia do divorcio, sou eu! Sempre quero ver a cara que elle faz...

Julia Lopes de Almeida

SONHO DE AMOR

(Inedito para a REVISTA FEMININA)

I

Longo tempo, a sonhar, busquei-a entre as paragens Do Amor, com o merencoreo espirito vagando, Aqui, além, mais longe: embalde! E só miragens Dubias e tredas vi, no céu se evaporando...

Sonhei, soffri. Na terra, exul, como o eremita, Para os ermos fugi, desprezando as mulheres. E apenas fui colhêr, aos hortos da Desdita, Uns espinhos fataes e uns murchos malmequeres.

Sei que hoje não ha mais os romances de outrora, De Daphnis e Chloé, de Romeu e Julieta. Ninguém morre de amor, no seculo de agóra, Nem siquer, por paixão, veste a sotaina preta.

Ai, scismas ao luar e idyllios á alvorada, E castellos do Rheno e balcões de Veneza! O tempo é do interesse; a vida, requeintada; O amor, convencional; a scena, bem franceza...

II

Mas eu quizera amar uma virgem mui doce — Astro feito mulher, poesia feita encanto —, Que, assim qual herá ao tronco a mim ligada fôsse, Ora a gosar-me o riso, ora a soffrer-me o pranto.

Pudesse eu transfundir minha alma na sua alma, De mãos presas nas mãos, de olhos fitos nos olhos, Enlevados, a sós, em fina e etherea calma, Do coração sondando os íntimos refolhos!

Iriamos viver numa casinha branca, A' beira-mar, num sitio alegre e solitario, Em que o sol entornasse uma alegria franca E aonde não fôsse ehear o rumor mundanario.

Seríamos mui bons, querendo o céu e as aves; As ondas e o arvoredo, as flores e as crianças As leituras subtis e as barcarolas suaves; As meiguices e a paz, a crença e as esperanças...

III

Afinal, sou feliz. Pois em meio ao caminho Da Vida, sem pensar, conquisto o ardente sonho — Clara estrélla de um céu, tranquilla ave de uminho, Terna consorte ideal, manso affecto risinho!

E, assim como se espraia um bonafoso lago, Sorri-me agóra o céu, azul, placido, immenso, Onde boia um clarão serenamente vago, Qual um céu de noivado, além, molle, suspenso...

Pareço ouvir, ao longe, um bimbalar de sinos, Ver flores de laranja e alvissimas camellas, Sentir casta harmonia e uns mysterios divinos, Que servem, no momento, ás nupcias das Ophelias.

E' que amo e sou amado, indescriptivelmente, Na antevisão do Ideal, purissima de graça, Que fulge, e atrai, encanta, e vibra, e adora, e sente! Depois, amar... viver... sonhar... E a vida passa!...

EURICO DE GOES.

S. Paulo — 1903.

O LENÇO BORDADO

O meu lenço bordado?

Ah! é uma história cumprida!... quasi a minha própria história... Esse lenço bordado, é para mim, uma reliquia.

Os fios sedosos e minuculos desse pequeno rectangulo de bretaínia parecem-teceidos pelas minhas recordações mais preciosas e pelas ternuras mais delicadas. Enquanto ao aroma de violeta, discreto e doce do meu lenço, dir-se-ia que ele se evola da própria essencia dos meus mais intimos sentimentos.

O importantissimo papel do meu lenço bordado começou com a naurra da sua vida que foi tambem a minha.

Bordaram-nô para mim as delicadas mãos da minha melhor amiga de infancia, uma gentil mocinha da minha idade, a quem as outras companheiras de collegio chamavam a fada de cabelos de ouro, tuas e tantas eram as obras primas que saíam dos pontos da sua agulha, sempre docis aos mandatos dos seus dedos rosados e ageis.

Isabel—que assim se chamava a minha doce companheira de infancia — tinha por mim entranhavel affecto e comprazia-se em achar no meu nome, Amarilla, as mais poeticas inspirações para os seus bordados.

A minha amigulha, sem provavelmente ter jámais pensado na origem grã desse nome, afirmava que elle lhe fazia lembrar a ideia de lirios...

Impunha-se pois um motivo ornamental em que entrassem os lirios para o bordado do meu lenço. Mas, que delicada grãndia não saiu das mãos de Isabel! Dir-se-ia que cada caule e cada flor assumiam uma personalidade verdadeira; e suas mostravam-se altivos, como que recordando o lirio de Salomão, em toda a sua gloria; outros reclinavam as corolas virgineas e recolhidas, como o rosto de primeiras comungantes; alguns, largos e flexiveis como flores de verão que o sol accende, apoiavam-se graciosamente nas letras do meu nome; e todos harmoniosos e elegantes, floresciam nesse jardimzinho de linho, rodeado por uma fina cercadura de *valenciennes*, subtil e vaporosa.

No dia da minha primeira communhão o lenço figurou, como era de se esperar, entre as alvas prendas da minha *toilette*. Tremula de emoção, colloquei-o piedosamente entre as folhas do livro de rezas e as minhas contos para mais facilmente enxugar as lagrimas de ternura e alegria que, de vez em quando, brilhavam na borda dos meus olhos infantis.

Seis annos depois, prestou-me aquella magnifico lenço um novo e mais importante serviço, ajudando-me a dissimular e recolher — não queria perdel-a — a minha primeira lagrima de amor! Decididamente, o meu lenço associava-se a todas as minhas horas de ventura, na terra.

Quão longe estava aquella fada linda de cabelos de ouro, quão longe estava ella de prever, ao executar aquelle finissimo e delicado lavor, o seu glorioso destino.

Alguns annos antes de estallar a ignominiosa guerra que hoje é a vergonha da civilização, fui convidada pela primeira vez na minha vida, para um baile de sociedade,

no qual a inexperiencia dos meus dezoito annos e a minha timidez me fizeram commetter mais de uma torpeza.

Ai de mim! Não tardei em saber, por experiencia propria que a taça do prazer contem sempre mais ou menos gottas de amargor...

Ao regressar a casa dei fé de ter perdido o lenço querido... Uma torrente de lagrimas, que o meu companheiro inseparavel não podia enxugar, brotou-me dos olhos. Tive mesmo uma crise de nervos...

Teria perdido o talisman da minha felicidade? Tal era a minha exaltação, que meu pae não hesitou em accordar o "chauffeur" o qual, apesar das buscas mais minuciosas não conseguiu encontrar o lenço dentro do automovel. Nessa noite não pude dormir. Era mais do que um objecto, mais do que uma recordação o que havia perdido. Era um amigo e quasi um irmão!

Henrique, filho da senhora que dera o baile a que fomos convidados, inspirado sem duvida, pelo meu anjo bom, passeava no salão, fumando o ultimo cigarro. Os convidados tinham-se retirado.

— Maman — disse elle, terá perdido algum um torçal de bordar? — Mas, inclinadose para levantar o insignificante objecto, reparou que era um lenço bordado. O nome captivou-o: Amarilla! Que nome tão grãcioso! De quem será este lenço, nman?

— E' o nome dessa mocinha tão amavel e linda que fez hoje a sua estreia na sociedade — respondeu a boa senhora.

As faces de Henrique tingiram-se de vivo carmin.

— Ah! já sci... Convideia-a, precisamente, para dansar e achel-a encantadora... Vou levar-lhe o lenço. Onde mora ella?

— Mas, julgas que ás duas horas da madrugada é hora apropriada para ir devolver um objecto que se extraviou? Se queres devolve-lo pessoalmente, podes fazel-o amanhã ás onze, não agora...

Henrique não dormiu, segundo me confesso tempos depois, nem, toda a noite, quiz separar-se daquelle lenço. Aos primeiros alvares da madrugada, andava já elle pelas casas de flores a escolher o mais lindo ramallete de lirios brancos e, entre as suas copas flexiveis e perfumosas, occultou engenhosamente o meu lenço, acompanhando-o de uma breve e sentida carta. Em mão propria foi entrega-lo á nossa porteira, de sorte que, apenas me levantei, tive uma explosão de felicidade que singularmente contrastou com o meu recente desespero. Beijava o lenço, beijava os lirios. Felizmente não estava alli o meu salvador.

A minha vida soffreu uma grande mudança e, com ella, tornou-se cada vez mais querido o lenço adorado. Com o tempo converti-o num *sachet* perfumado, onde depositel, primeiro que tudo, uns fragmentos dos formosos lirios brancos, depois o retrato de Henrique, a sua primeira carta, etc. etc. O meu relicario enriqueceu e teve á immensa felicidade de guardar alguns dourados cabellos do meu bebê...

Ai de mim! Quem houvera imaginado que aquelle dia tão feliz devia preceder de muito pouco a mortal angustia e o patriótico dever: a partida de Henrique para os campos de batalha?...

Todos os meus, excepto meu estado que para com elle tinha uma gratidão amorosa, tinham-se rido, a meu do, do valor moral que eu attribuia ao meu lenço.

— Henrique, — disse-lhe, na hora da partida — sabes que este lenço é um talisman... leve-o.

E nello foram collocados os nossos retratos, a loura mecha do nosso filho, uma medalha da Virgem, algumas flores symbolicas, recordação daquelles brancos lyrios, amarellecidos ha muito... Depois da minha primeira lagrima de amor não voltára o meu lenço a enxugar tantas lagrimas como as que verti, em segredo, nessa despedida tão cruel.

Nem uma carta e eu sabia que elle se achava na linha de fogo!... Julguei enlouquecer... E quando, cada noite, depois de rogar a Deus, com esse fervor dos que só nelle confiam, como uma creação que perde a cabeça, não me cançava de repetir, entre soluços: — Protege-o tambem tu, lenço querido!

Nem uma carta, nem uma noticia! Enfim, depois de todas as ancias de um tormento que tomava, no meu espirito atribulado, as formas mais dolorosas e os matizes do mais negro desespero; depois de uma angonia de espirito que durou quarenta dias, recebi umas duas linhas de uma ambulancia, na retguarda das linhas de batalha. O medico procurava tranquillizar-me, dizendo-me que Henrique reclamava a minha presença, mas que não podia acreditar-me pois tinha uma ferida no punho da mão direita, ferimento que pudera ter sido mortal si não fosse uma circumstancia quasi milagrosa.

Havia adivinhado... e logo que me foi possivel, cai nos braços de meu esposo, muito fraco ainda por causa do sangue derramado e contel-lhe a sua historia como se tivesse visto tudo com os proprios olhos.

— Que sorte, Henrique, que sorte! Quer dizer que podeste atar o braço, no proprio campo da batalha, com o lenço bordado e assim salvar a vida?

— Assim foi, exactamente... Sem o lenço bordado teria perdido demasiado sangue... O meu lenço não havia bastado para conter a hemorragia... e a minha salvação fôra impossivel sem esse lenço que traz bordado o doce nome que soubeste gravar no meu coração — accrescentou elle, com ternura.

Devia-lhe um testemunho de reconhecimento, de gratidão, á minha querida Isabel, dos cabelos de ouro, a boa fada que tão auspiciosamente se me deparára na infancia com a sua delicada offrenda, e escrevi-lhe num fervoroso impulso, sem reparar que pudesse ser confuso o meu estylo:

« Minha Isabel:

Henrique foi salvo da morte, graças ao meu lenço bordado. Uma vez mais devo a minha felicidade ao talisman que, em dias já tão longinquos, me offereceste como testemunho de entranhavel affecto. Deixa que te felicite por só teres lhas: assim poderás ensinar-lhes a bordar, por sua vez, deliciosos lençinhos que, oxalá, sejam outros tantos talismans de felicidade e ventura. Abraçate a tua *Amarilla*.

B. de B.

A pelle do urso

(LEVER DE RIDEAU)

(O marido está sentado numa larga poltrona, lendo o seu jornal. A esposa arranja os livros na estante, entalando-os, depois de os limpar cuidadosamente. Bêbê, silenciosa, veste e despe a sua boneca, com uma serenidade muito grave.)



A esposa: arranja os livros

O MARIDO

Verdadeiramente, isto está se tornando massador. Tu não poderias fazer esse serviço em silêncio?

A ESPOSA (com os dentes cerrados)

Isso te aborrece?

O MARIDO

Parece...

A ESPOSA

Sinto muito.

O MARIDO

Creatura encantadora! Alegria da minha casa!

A ESPOSA (colocando um livro)

Balzac...

O MARIDO

Está bem. Vou sair desta sala. Vou até ao meu gabinete.

A ESPOSA

Emilio Zola, Rousseau...

O MARIDO

Desde que entro em casa, a senhora minha esposa, que ignora quanto o repouso se faz necessário a quem trabalha, aproveita-se da minha presença para espanar o pó dos livros, dos

livros que ella nunca leu e que não lerá nunca. Apesar disso, vive a perturbar os poucos minutos de tranquillidade que me restam.

BÊBÊ

Oh! papae!

O MARIDO

Fala, meu anjinho.

BÊBÊ

Que idade tem a minha boneca?



A bêbê veste a sua boneca

O MARIDO

Se ella te agrada, não tem idade. Mas, se não te agrada, tem pelo menos a idade da tua mãe.

BÊBÊ (espantada)

Ah!

O MARIDO

Sim. Minha resposta é talvez um bocadinho fina para o teu espirito, mas exprime a rigor o fundo do meu pensamento. Quando as mulheres têm tudo o que é preciso para nos agradar, nossos olhos se habituam a vê-las, não taes como são, mas taes como nós as supomos.

BÊBÊ

Ah!

O MARIDO

Tua mãe, por exemplo...

A ESPOSA (livida de colera)

"Tua mãe..." Que homem gentil!

O MARIDO

Cuidado, minha senhora. Não é preciso ensinar a esta

creança innocente certos gestos que a senhora usa toda vez que se rompem as hostilidades.

(Entra a creada, com a terrina de sopa, que fumeja. Colloca-a sobre a mesa. O marido dobra cuidadosamente o seu jornal, levanta Bêbê nos braços e faz-a sentar-se na cadeirinha alla, entre elle e a esposa.)

A ESPOSA (seccamente)

Pensaste ao menos em comprar o bilhete de loteria de que te falei?

O MARIDO

Nunca me esqueço de nada, quando se trata de satisfazer um desejo teu. Cá está o bilhete. Custou-me dois mil réis. Se Deus nos ajudar, poderemos tirar a sorte grande. São duzentos contos.

A ESPOSA

Que ventura! Sahiremos desta vida mediocre e sem ideal.

O MARIDO

Não é tanto como dizes. Uma familia que tem quinhentos mil réis mensaes para viver, não tem muito que se queixar...

A ESPOSA

E' porque tu não tens ambição.

O MARIDO

Seu um homem simples. Contento-me com pouco.

A ESPOSA

E as minhas botinas, imbecil! Olha em que estado estão!



... 30 marido lê o jornal

O MARIDO

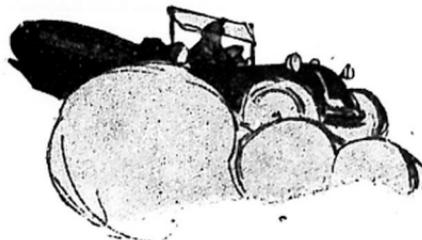
De certo.

A ESPOSA

Então?

O MARIDO

Então, consolo-me em olhar as



Ter um auto...

minhas, que estão em peor estado.

A ESPOSA

Estou sem roupa.

O MARIDO

Eva andava nua.

A ESPOSA

Muito engraçado isso. E o meu chapéu? Já viste o meu chapéu?

O MARIDO

Não tive essa honra...

A ESPOSA

Todos os homens que o olham, viram a cara.

O MARIDO

Não creio.

A ESPOSA

Ein?

O MARIDO

Porque tu és bonita.

A ESPOSA

O que eu sou é desgraçada.

O MARIDO

Desgraçada! com uma filhinha tão galante!...

A ESPOSA

Sou positivamente sem sorte.

O MARIDO

Talvez não. Não desesperemos. (ficariando o bilhete e agitando-o no ar). A sorte nos está espiando.

A ESPOSA

Que loucura.

O MARIDO

Palpites. Este bilhete me dá esperanças.

A ESPOSA (como se sonhasse)

Se tirassem a sorte! Ah! se comprássemos um automovel!

O MARIDO

Fechado, naturalmente.

A ESPOSA

Sim, fechado. Todo forrado de setim azul.

O MARIDO

Não é distinto. O forro deve ser cor de chocolate.

A ESPOSA

Com uma buzina bem estridente, para alarmar os transeuntes. Duas lampadas electricas.

O MARIDO

Basta uma.

A ESPOSA (séria)

Duas!

O MARIDO

Está bem, duas. Não briguem os por causa disso.

A ESPOSA

O motor bem alto para evitar os choques.

O MARIDO

Isso não tem importancia.

A ESPOSA

Tem muita! Ora já se viu! Quero tambem que tenha dois assentos bem confortaveis para nós e um banquinho defronte para Bébé.

BÉBÉ

Para mim?

A ESPOSA

Para ti, queridinha.

O MARIDO

Nada de banquinho. O banquinho não permite que a gente estenda as pernas.

A ESPOSA

E onde é que se senta a pequena?

O MARIDO

Entre nós dois.

A ESPOSA

Não.

O MARIDO (decidido)

Sim.

A ESPOSA

Não.

O MARIDO

Digo-te que sim. Então onde é que se senta a menina?

A ESPOSA

Defronte de nós, no banquinho.

O MARIDO

Não. Ao lado do chauffeur.

A ESPOSA

Desalmado! Então queres que Bébé apanhe uma constipação?

O MARIDO

Não te rales. Dá-se-lhe uma toilette propria.

A ESPOSA

Não quero. Ha de ser no banquinho.

O MARIDO (cerrando os punhos)

Ao lado do chauffeur.

A ESPOSA

No banquinho.

O MARIDO

Ao lado do chauffeur!

A ESPOSA

E' a tua ultima resolução?

O MARIDO

A ultima.

A ESPOSA

Veremos.

O MARIDO

Pois veremos.

A ESPOSA (levantando-se)

E com esta, boa noite! Não posso viver com idiotas.

O MARIDO

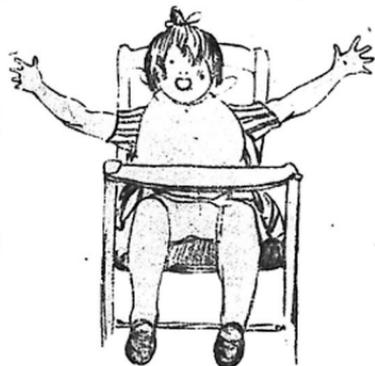
Nem eu!

(Ella sac' pela direita, batendo o pé. Elle sac' pela esquerda, rilhando os dentes. Bébé fica só. Cuidando que elles representaram uma farça, põe-se a bater palmas com frenesi.)

BÉBÉ

Bis! bis!

PIERRE WOLFF



Bébé



NOCTURNO
DO
NATAL

HOGUE um tempo em Flandres, em que os pintores punham em suas telas figuras milenárias, vestindo as longas roupagens recamadas de pedrarias, que então eram d'uso. E nos calcários, o discípulo amado parecia ataviado com uma toga reluzente, ornada de prata e ouro, e virgens dolorosas cobriam os caminhos com as caudas largas dos áureos vestidos.

Esse gosto passou para o modo de contar os contos. E foi assim que eu ouvi a história da vigília da Natalidade, quando as terras do Natal lançavam s'obre a terra a brançura eucarística da sua bênção.

Batia a chuva nas vidraças como mil dedos perdidos na treva a tentar o caminho. As nuvens tinham tomado todo o céu. No negume que invadiu o horizonte, nem olhos de pastor poderiam dizer aonde, nas noites calmas, vinha acender-se a luz já cansada das estrelas.

A tristeza do ar parecia dar contentamento ao fogo. Nunca dentro da cosinha ele cantara tão claro e alegre. As paredes iluminavam-se; derramava-se por toda a quadra uma claridade quente, que passava pelas almas como um afago.

Sentados à lareira, dois velhos esperavam a meia-noite. Era na véspera de Natal. Ambos tinham os olhos postos nas brasas do lume. Nenhum falava; e parecia que evitavam vêr-se. O silêncio pesava, e as horas eram mais lentas que em outra parte. Alguma grande contrariedade os trazia apartados.

Ela tinha um perfil magoado, em linhas transparentes, finas, e os olhos miudinhos como contas de rosário,

lembravam lágrimas coalhadas, tão brilhantes eles eram. Ele tinha a face adusta, os olhos fundos, baços, e a barba espessa, branca e larga.

Esgueu-se o velho. Renovou a lenha. Quando voltou a sentar-se, sentiu que os olhos dela o procuravam numa expressão de súplica e piedade.

Continuaram calados.

O fogo, remexido, estava agora mais forte. A cal das paredes era um lençol de luz. Reluziam pelas prateleiras os jarros de cerveja, e os pões amarelos de metal pulido tinham reflexos de ouro.

Sobre a pedra da lareira cantavam as risas quentes da lenha que morria. Só nos corações deles o frio se tornava mais intenso: havia mais calor nas cinzas abandonadas. Sentiam-se inúteis um em frente do outro. E não se queriam mal. Mesmo quando eram mais ásperas as maneiras dele, logo uma grande doçura lhes tomava a fala, e ficavam tão mansinhos como se uma grande esperança acordasse neles.

No princípio a vida fora rude para ambos. Tinha suportado juntos todas as dores, a fome, o frio. Nem um palmo de terra lhes pertencera quando vieram de casar; mas nourejaram com tanta alegria no que era dos outros, que puderam juntar uma mediana para o filho que esperavam.

Foram envelhecendo, curvava-os o cansaço. Já ficava longe o sonho de toda a sua vida, e não havia doçura em recordá-la, porque o melhor dos seus desejos não se realizara nunca.

Agora, na consuada, quando todos os lares estavam cheios de risos de

crianças, envolvia-os um silêncio fúnebre, um imenso vazio alargava-se à roda deles.

O fogo continuava crepitando. Já não bastava o calor dum coração para aquecer o outro. E na tristeza solitária em que aquelas almas agonizavam ao abandono, corriam arrepios de frio.

Redobrou a chuva nas vidraças. O vento, em torvelinho, levantava a neve em poeira, e vinha bater contra os muros e contra as arvores, num delírio de destruição. E emquanto cordas cerradas d'água, flagelavam as janelas, o fogo tomava na lareira uma claridade mais tranquila e ardente. Nisto, sentem-se na porta da cosinha pancadas apressadas. Olham-se os dois velhos. Há surpresa e terror. Quem poderia ser?

A tempestade, fóra, imitava o mar em fúria. Parecia que as ondas vinham bramir d'encontro à casa.

Voltaram a chamar. A velhinha levanta-se. Chega à janela. Quando ia a abri-la, o marido repreende-a numa voz seca, brutal. Ela encosta-se à hombreira, piedosa e humilde. E de novo a aldraba cai sobre a porta e ecôa no silêncio da casa como um grito de socorro. Ela volta ao marido um olhar que era uma súplica, e ele consente:

— Vê lá quem é!

Ela corre os ferros da janela.

Eleva-se do caminho um murmúrio de vozes, e um pé de vento, entrando, corta o ar de frio, vêrga as chamas da lareira e enche a casa de fumo.

Numa voz compassiva, cheia de candura, a velha volta para o marido e diz:

— E' uma mulher pejada e o homem pede abrigo para os dois!

Sêcamente, os olhos postos no gôfo, êle responde:

— Não!

Há um silêncio. Ela torna:

— Vai tanto frio, tanta chuva...

— Não!

Um temporal desfeito! E a mulher, coitadinha, naquêle estado, por um tempo dêstes, até faz pena! Quasi não tem roupa...

E êle, outra vez, como se fallsse consigo mesmo:

— Não!

A velhinha insiste ainda:

— Se tu visses como a noite é negra! Mete medo! Digo-lhes que entrem, digo?

— Não! Que vá parir debaixo duma penha. Já lhes basta a felicidade de terem um filho. Nós nunca conhecemos essa ventura, a maior, a única que esperamos! Não!

Corre direito à janela, e grita para baixo:

— Sãiam-me da porta! Não os quero vêr!

E ruidosamente bate as vidraças.

Na desvairada cólera que o assaltára nem já ouviu o suspiro débil, resignado, com que a mulherzinha grávida recebeu aquelas duras palavras.

Alli não havia outra casa. A jumentia que a mulher montava, com os membros entorpecidos pelo frio, recusava-se tambem a andar. O companheiro bateu-lhe mansamente com o bordão. E sobre a neve, que na noite negra reluzia e feria como lâminas afiadas, a jumentinha retomou o caminho num passo miúdo e lento.

Da janela, a velha virá-os partir.

Pelas rugas da face pergaminhosa iam rolando demoradas lágrimas.

Tornou ao pé do marido, e numa voz de magoado acento de doçura e melancolia, repetiu:

— Estamos sósinhos, tão tristes, podíamos ao menos contentar-nos com a alegria dos outros! O frio que vai lá fóra! Como havia de sêr gostoso êste bem de caridade!

O homem continuou calado, a cabeça baixa, pensativo. Dos olhos ninguém saberia dizer se pousavam num ponto fixo, ou se andavam perdidos por longe. Eram como estrelas dormindo sobre a água. Talvez estivesse chorando...

Aquêle silêncio encorajou-a, e foi tão sincero o seu lamento, que êle, ainda absorvido na meditação que o tomára, consentiu:

— Que entrem!

Numa alegria infantil, a velhinha corre à janela. Abre-a.

Clareava o céu. Passára a tempestade. O vento dormia na transparência do ar. A aragem era duma suavidade perfumada e moana, como se andasse a alma das rosas beijando a boca dos jasmims. O caminho branco, como a neve punha há instantes uma claridade áspera, agressiva, parecia agora ungado de luar. Mas já os peregrinos não se viam nêle, nem havia sinal de vida no socêgo da campina êrma. Só no céu, dum azul esmaecido, líquido, uma estrelinha ardente ia a correr.

Tinha sido Nossa-Senhora e S. José quem por all passára, a caminho de ir dar obediência ao edicto de Octavio Cesar.

E foi por isto que Jesus não nasceu em Flandres!

Luis de Almeida Braga.



Dr. Agnello Leite Filho

O dr. Agnello Leite Filho é hoje um dos vultos conhecidos e notáveis médicos de Popos de Caldas, onde tem seu consultório e conquistou esse lugar de distinção de força de muito trabalho e da maior dedicação. As pessoas que frequentarem a famosa cidade thermal não deixarão de ter um conhecimento com esse ilustre especialista que muito honra a sua classe.

OS PASSAROS DO NATAL

As canções populares de Natal constituem, em França, parte notavel da litteratura. São trechos encantadores, singulars de um sabor antigo, verdadeiramente exótico.

Eis alguns especimens dessa multidão de cantilanas que ajudam a reconstituir o drama pastoril que a imaginação dos trovadores do povo bordou no thema severo da historia.

Este é particularmente saboroso e vae, em parte, no original, para lhe não diminuir o encanto.

Quando os pastores partiram, veem os passarinhos, por entre as ramagens, tão variadas como as dores trazidas, em saudação ao grande Rei.

A cotovia quer deixar as alturas onde costuma pairar pela humidade do presepio.

A andorinha substituirá a pobre manjedoura por um grande palácio que ha de construir!

Je m'entends à les faire

Je suis un peu maçon.

O corvo, mais humilde, tem unicamente o thesouro de voz, apanhada nos campos desertos e deixa-a cair aos pés do Infante divino, sem esperar o menor cumprimento.

O rouxinol selvagem, depois de ter feito ao Salvador as mais ternas promessas, accrescenta com tocante energia:

Je vous jure et j'engage

Pour foi de ce qu'ai dit

Mon joli nid,

Ma voix et mon bocage,

Et mes petits.

Que puis-je davantage?

Nada, com certeza, de melhor pode elle offerecer, coitardo. Mas quem leva a palma, é um desdenhado, o peru, que, não tendo nem voz nem belleza, se offerece para a cozinha da santa habitação:

S'offre pour la cuisine

De la Sainte Maison.

Os outros dão — elle dá-se, imola-se. Não é o sublime da abnegação?



A gravura acima representa os filhinhos do dr. Bruno Barbosa, meritíssimo Juiz em Xiquary, no territorio do Acre, a saber, da direita para a esquerda Cordeira, de 5 annos e meio, Rolando, de 4 annos e 5 meses, Branco, de tres annos, Edilio, de 1 anno e sete meses. S. Ezer, nos horros vagos do seu espantoso cargo, dedica-se a poesia, com uma enunciação tão natural e espontanea que se tornam um verdadeiro encanto os seus trabalhos sempre tidos com o maior apreço.

A Revista Feminina que tem a honra de contar o sianite e distinto Juiz, no numero dos seus colaboradores tem a honra de agradecer-lhe, com a maior sinceridade, a sua intelligente propaganda e todos os preciosos servicos prestados em tão longinquo recanto do territorio brasileiro. E' o que faz nestas linhas, saudando ao integro magistrado e excellento poeta, formosamente votos pela sua felicidade e dos seus.

COMO A ESPOSA

CONSEGUE ATRAIR

O AMOR DO MARIDO



A base fundamental do casamento e da felicidade conjugal é a simpatia.

Sem simpatia, o casamento deixa de ser a precisa e inquebrantável união do homem e da mulher para juntos atravessarem as dificuldades da vida. Sem ela não pôde existir felicidade conjugal.

Infelizmente, nem todos os casamentos se realizam por simpatia entre os conjuges.

Muitos casamentos se fazem tendo em mira o dinheiro. São os chamados casamentos por conveniência e que apesar do nome, em muita pequena conta tem todas as conveniências dos esposos.

Há os casamentos por inclinação aparente de gostos.

Mas uns e outros a não ser que relações prolongadas tenham estabelecido entre os noivos um conhecimento perfeito dos seus caracteres, a simpatia não está suficientemente radicada, porque nasceu mais de impressões exteriores e superficiais do que de um mutuo conhecimento íntimo.

Contudo, o casamento é o ponto de partida de uma boa harmonia e até da felicidade conjugal, como já vimos.

A amizade e simpatia, ainda mal despertadas nos primeiros tempos, vão-se desenvolvendo e vão unindo cada vez mais os esposos, paralelamente ao conhecimento que um do outro adquirem e graças aos hábitos da vida commum. Com o tempo e com a experiencia, avaliados profundamente os defeitos e qualidades que um no outro encontram, pondo de parte illusorios preconceitos, chegam á conclusão de que as satisfações e contrariedades da vida conjugal tornam a existencia em commum, não só toleravel, mas cheia de encantos e de vantagens no futuro.

Além disso, marido e esposa, pelas ensinamentos que lhe fornece a vida do lar, vão adquirindo novas maneiras de ver, aprendem coisas que ignoravam e assim formam do casamento juizo muito mais acertados.

Não lhes será precisa uma longa experiencia para se certificarem de que há muitos outros esposos que, não sendo creaturas de privilegiada perfeição, vivem juntos em bom accordo. Estabelecem-se então comparações: o marido, observando como procedem outras mulheres casadas, vê que não está mal acompanhado; a esposa, por seu lado, nota quanto seu marido é superior a muitos outros. Assim vão descobrindo novas qualidades que a vida conjugal fez brotar ou desenvolver.

volveu aumentando dessa forma, a poderosa e dominadora simpatia conjugal. Esse sentimento não se adquire logo nos primeiros tempos do casamento, a não ser quando os noivos se conhecem de longa data.

Nos casamentos por amor, e algumas vezes nos casamentos por conveniência, a simpatia manifesta-se pelo desejo de agradar, que encobre os defeitos e faz realçar as qualidades.

A noiva, em virtude da má educação que recebeu e que não lhe deu nenhuma noção verdadeira do que é o casamento e do que é um marido, só conhece do seu esposo as boas qualidades físicas e o lado bom do caracter: bom humor, delicadeza etc. E, como pretende agradar, por seu lado, somente deixa transparecer a atenção para a sua formosura e para todas as bondades que lhe adornam a alma.

Por estas garridices se deixa seduzir o homem porque o domina o amor sentimental e porque o lisongea ver todo aquele empenho da mulher em lhe agradar. Assim vem o casamento e a lua de mel, doce temporada que durará enquanto os esposos procurarem agradar um ao outro, o que succede só quando um e outro estão sob a influencia do amor sentimental.

Mas o amor sentimental como todas as exaltações dos sentimentos humanos, não é duradouro. A pouco e pouco vai-se desvanecendo, e se ao mesmo tempo não começa a amizade conjugal a occupar o lugar vazio do amor, dá-se então a crise de que falamos, um choque de temperamentos que de repente se encontram um diante do outro muito differente do que se viam até ali.

E' este o momento crítico de as recém-casadas caírem nos braços de suas mães, dizendo, entre soluços:

Meu marido é um monstro!

Inutil seria perguntar-lhes porque dizem essa coisa horrivel: não encontrariam um motivo capaz de justificar o seu despejo.

Ceramente aquele monstro é um belo e excelente rapaz que praticou o tremendo crime de não continuar ajoelhado, em adoração eterna, diante de sua esposa, e que ousou mesmo contradizê-la, sim contradizê-la no fim de um ou dois mezes de casado, na importante questão da cor d'um vestido, da forma dum penteado ou de coisa parecida.

SONETOS

Teve a imprudência de dizer-lhe:

Isto é conforme os gostos. Como se ele podesse ter outros gostos que não fossem os da esposa, a que o perfido antes do casamento, cem vezes repetiu: Os teus gostos serão os meus.

Se ela é porem uma mãe egoísta, autoritária e sem critério, ju-gando efectivamente sua filha infeliz, então em vez de lhe acalinar o nervosismo, sobrexeita-o e intervem na vida do genro, transformando às vezes uma coisa insignificante, que por si própria se dissiparia, numa catastrophe conjugal.

A pessima fama que tem geralmente as sogras nem sempre é justa, mas deriva da sua desastrada intervenção na vida conjugal de suas filhas.

Os conflitos entre esposos serenam muito mais depressa quando os dois se encontram a sós um com o outro, do que quando algum se mete de permeio.

Devemos acrescentar que em taes conflitos ha quasi sempre uma questão melindrosa de delicadeza ressentida e ligada com o que de mais secreto e misterioso tem a nossa alma.

Todas essas tempestades que revolvem o lar não extinguem porem a simpatia abrigada na alma dos esposos. Não foi em vão que os dois sentiram um pelo outro as indelevels comogões do amor sentimental, no tempo de namorados, e depois quando noivos. O amor leva a cabo a obra divina que Schopenhauer classifica de *sublime do natureza*. Com as suas primeiras impressões sensitivas foi semeando no coração a semente fecunda da amizade, a qual não tarda a crescer, a ir ocupar o lugar que o amor vai deixando vago.

E, nesse momento, quando o amor começa a enfraquecer depois das illusões perdidas, se a amizade não desenvolve, por ser prejudiciada pelas divergencias de caracteres contrarios, a culpa na maior parte é da esposa. Compete á mulher evitar cair em tal falta, que é de consequencias gravissimas. Acontece que, passado o periodo do amor, a mulher pouco esforço emprega para que continue a boa harmonia do lar por meio da simpatia conjugal. Isso é o resultado da pessima e falsa educação que a mulher recebe em solteira e que em nada a prepara para o casamento.

As moças ensinam-se geralmente o que elas nenhuma difficuldade tem em aprender o que era quasi desnecessario ensinar-lhes: quanto é útil agradar ao noivo antes do casamento. Mas o que ninguém lhes ensinam suficientemente e o mais importante é a maneira de agradar ao esposo depois de casada.

Instintivamente, a mulher, nos primeiros tempos de casada, continua a mostrar-se agradavel ao marido exatamente como no tempo de solteira. Dura isto emquanto dura alguma coisa do amor de namorados.

Mas, pouco a pouco, a esposa vai-se desleixando, não procura agradar ao marido, e é *esta falta capital* o maior erro que a mulher pode cometer.

Da mesma forma o homem, mais cedo ou mais tarde, por igual caminho, esquece as delicadezas e cuidados dos primeiros tempos. E isto, extingue em ambos o desejo de serem agradáveis.

Mas não tratamos aqui do marido: é a esposa que nos dirigimos.

A missão da mulher no casamento, é na verdade mais importante do que a do homem, no que diz respeito á transformação dos sentimentos affectivos dos esposos.

O marido, geralmente, em virtude da educação vulgar nos homens, não liga mais que uma importancia secundaria a certas coisas como o cuidado de vestir bem, e é por isto que ele começa a mostrar despreendimento. Este facto não teria, de resto, importancia, se não fosse um exemplo dado á esposa a qual, por sua vez, poderá tambem desleixar-se na maneira de se vestir, o que seria um facto grave.

Na verdade, se o homem é naturalmente desleixado e não se preocupa em apresentar-se com garridice, não há duvida que o impressiona bem e até o encanta a beleza a graça e a elegancia feminina.

Uma apresentação esmerada, um lindo penteado, um visuario irrepreensivelmente elegante, embora simples, tem sempre o condão de encantar e de agradar,

Um pendulo a rhythmar, melancolico e exacto,
O tempo que se esvae impiacavel não torna
Era o meu coração — musculo intemerato
Que a magua não combate e o prazer não suborna;

Mas desde que te vi e em meus olhos retrato
Tua imagem que o amor de mil graças adorna,
E' de ouvir-o no peito a bater insensato
O incontinido pulsar que me muda e trastorna.

E hoje o seu palpitar é estupendo prodigio
Que prova e reproduz de Lazaro o milagre
E o expirante me impelle em ansioso renigio...

Transformou-se em doçura o meu fel e vinagre
E o supremo holocausto cu te farei crigir-o
E não ha força ou luz que te não dê e consagre...

Não que te possa dar como oblatu suprema
Toda a gloria immorttal das Eleitas de outrora:
Em sonetos de sol e tercelos de aurora
A corôa de Laura ou de Sautiz o estermana;

Pois esta rude mão que compõe este poema
Não pôde entretencer a grinalda sonora
Da estrophe que sorri, canta, soluça ou chora,
Porque na Arte divina o Genio só se extrema.

Mas tudo o que contém a infinita ternura,
Todo o suave amor intrínseco e risonho,
Entre ideal e real, sem gritos de loucura;

Tudo a teus pés, feliz e confiante, deponho
— Peregrino que vem combatendo á procura
Do seu Sonho e encontrou afinal o seu Sonho.

Bruno Barbosa.

principalmente a um marido que só tem olhos para sua mulher, pois nenhuma mulher agrada mais ao marido do que a sua propria esposa, quando está bem arranjada.

Como pode, pois, a mulher pôr de parte, leviamente e por negligencia, a melhor alma que tem para conquistar o amor de seu marido, como o é a agradar-lhe sempre, zelando cuidadosamente a elegancia e garridice no lar?

Contudo, insensata e desastrosamente o fazem a maior parte das esposas, desleixando-se no seu arranjo e asseo, esquecendo a melhor forma de agradar o marido.

Ele muitas vezes não repara mais em tal negligencia, ou não lhe avalia directamente os efeitos; mas esses efeitos manifestão-se clara e fatalmente, porque o marido deixa de se sentir encantado e atraído como quando a esposa andava graciosamente adornada.

Falando da garridice da mulher, não queremos nos referir ao vaidoso sentimento de querer agradar a todos, o que se torna muitas vezes um grave defeito.

Tal vaidade não perdem as mulheres a occasião de a mostrar e, quando apparecem em publico, muitas delas, mostram-se galantes para toda a gente para os maridos.

A galanteria conjugal, ao contrario dest'outra, é a que leva a mulher a mostrar-se em tudo agradavel a seu esposo, mas a elle somente. F. G.

O Elixir de NOGUEIRA

Mais um Triunpho do grande Depurativo do Sangue
"ELIXIR DE NOGUEIRA"

Aracajú — 22 de Junho de 1917.

Ex.mos. Snrs.

Viuva Silveira & Filho.

Rio de Janeiro.

A gratidão que devo ao grande preparado Elixir de Nogueira, do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, me impelle a dirigir-vos esta.

Minha mulher, D. Ubaldina de Freitas Gonçalves, no decorrer da dieta de um parto, foi atacada por terrivel molestia, que zombando de todos os recusos medicos, e meu alcance, a prostrou no leito por TREZ longos mezes, durante os quaes, soffria dôres horribéis no baixo ventre, muitas febres e outras complicações, tão depauperada já se achava que, já tinha perdido as esperanças de a salvar e especialmente porque algumas senhoras que conheci haviam sido victimas de molestias mais ou menos identicas; porém, tive a providencial lembrança de applicar-lhe o o santo preparado Elixir de Nogueira o qual já me havia curado de crueis dôres rheumaticas, e, com verdadeira admiração opera-se um verdadeiro milagre; minha mulher foi da melhora á cura completa e hoje esta gorda e robusta, com saude a bem dizer o famoso ELIXIR.

Apresento a V. V. S. S. minha eterna gratidão por terem concorrido para a alegria e a paz do meu lar.

D. V. V. S. S. Am.o Aito e Cr.o *Durval Gonçalves do Nascimento.*



D. Ubaldina de Freitas Gonçalves
ARACAJU'

O ELIXIR DE NOGUEIRA

Vende-se em todo o Brasil Republica do Uruguay, Argentina, Paraguay, Chile, Bolivia, Perú, etc., etc.

À ANTIGA PORTUGUEZA X

*Novelha minhota
(Em preparação)*

TRECHO

ENTRE as propriedades rústicas de que o conselheiro Abreu era possuidor, uma havia que lhe merecia preferência especial,—a Quinta do Mirante — bella e rica vivenda situada n'um concheio do Minho.

Era all que elle passava com a familia alguns mezes do anno, affastado de todo o bulcio e de todo o ruido, n'um isolamento e n'uma tranquillidade de espirito que perfeitamente se ajustavam ao seu feição modesto e ao seu viver simples e sem ostentação.

A Quinta do Mirante era feita ha muitos annos por uns antigos caseiros que já all estavam no tempo de seu pae, os quaes tinham entre outros filhos a auxiliarem-nos no amanho das terras e no cultivo das vinhas, uma rapariga chamada Julia, que fazia o enlevo dos seus e dos estranhos.

Contando apenas 22 annos, — os patinhos, no dizer pitoresco da gente da aldeia —, distinguia-se por uma notavel formosura, possuindo os trinta predicaos, ou requisitos, ou como se disser dos espanhols, tornam uma mulher verdadeiramente irresistivel.

Com um modo senhoril que logo a tornava notada entre as raparigas da sua classe, a educação de Julia fizêra-se lado a lado da dos filhos do conselheiro Abreu, sendo tratada por estes mais como pessoa de familia do que como uma rapariga cujo futuro dependeria unicamente de si, do seu trabalho e da sua boa ou má estrella, visto os paes serem pobres e terem ainda mais quatro filhos, um d'estes já no serviço militar.

Por este facto Julia habituára-se desde muito nova a uma vida para a qual, evidentemente, não tinha nascido, e assim pouco a pouco os seus gostos, os seus habitos, os seus costumes, as suas inclinações e as suas preferencias, longe de se amoldarem ás condições da vida trabalhosa e simples dos paes e dos irmãos, adaptando-se ao meio d'onde provinha e adstringindo-se, ou prendendo-se á terra como uma flor do monte, manifestavam-se, pelo contrario, em sentido opposto, o que a levava, muitas vezes, a evitar a propria companhia dos seus, por os julgar em situação e condições inferiores ás suas.

Chamavam-lhe então, ironicamente, a *fidalgã*, nome, aliás, que ella não desgostava de ouvir, com se este epitheto, que envolvia uma troça e uma censura, fôsse já para ella um augurio feliz, um prognóstico de inludivel realisação n'um praso mais ou menos longo.

Depois, como graças á liberalidade do conselheiro Abreu, tinha uma tal ou qual instrução litteraria, Julia entregava-se tanto quanto isso lhe era possível, á leitura de romances e novellas, leitura feita indistinctamente e por isso mesmo nem sempre propria

para uma repariga da sua idade, mas que ella realisava ás escondidas e até, muitas vezes, por noite alta á luz trouxa e mortija da candeia de azeite suspensa da parede nua e fria do seu proprio quarto, por cima do curral do gado, o que mais fundo lhe gravou no coração e no espirito as virtudes e os vicios, as qualidades e os defeitos das respectivas personagens, sem ter, no entanto, a preparação moral necessaria para saber apreciar devidamente os primeiros e detestar, como seria natural, os segundos.

D'isto resultou, dentro em pouco, uma creatura enfaçada e vaidosa, com uma presumpção e uma soberba que depressa lhe alienaram as sympathias de todos aquelles em cujo convívio era recebida. De todos, não.

Alguem fez excepção ao procedimento geral e esse alguem foi o filho mais velho do conselheiro, aquelle Luiz de Abreu que já conhecemos do capitulo anterior d'esta novella.

Não admira, porém, que assim succedesse.

Julia era formosa bastante para arrastar após si, preso na rede das suas graças e dos seus encantos qualquer rapaz da aldeia, ou mesmo da cidade, n'uma expansão, n'um arrebatamento de amor que os seus modos, a sua figura, o seu olhar, toda a sua pessoa emfim, amplamente justificavam, a tal ponto que, um dia, alguem ouviu este dialogo, travado a seu respeito, entre o professor da freguezia e o abade que ha muitos annos a pastoreava :

— *Affirmo-lhe sr. Abade que tendo eu feito tantos viagens d'aqui p'ro Porto e do Porto por aqui, nunca encontrei uma rapariga que mais me quardasse do que esta Julia.*

— *Que admira isso, volveu-lhe o abade, se eu, que nunca mais d'aqui sahi, depois que para aqui vim, ha perto de meio serculo ainda até hoje não vi uma cara tão linda como a d'ella ? E elle que a nossa freguezia passa por ser uma das que possui as mulheres mais bellas de todo o concheio.*

O primeiro fez com a cabeça o movimento de aprovação, depois acrescentou a meia voz como se fallasse com os seus botões :

— *O peor, o peor, é se ella vai parar ás mãos d'alguns valdeveinos !*

— *Crêto, tornou-lhe o abade, Deus a tirará de tal ! E que razões tem o sr. André para dizer isso ?*

— *Ei cá por mim, nenhuma, respondeu o professor fechando os olhos e encolhendo os ombros vagarosamente. Entretanto, acrescentou, como a gente quando estima uma pessoa receta sempre que lhe succeda algum mal, esta a razão do meu dito.*

— *Assim é, respondeu o abade, entretanto ella tem tido bellas exemplos, uma excellente escola e sobretudo uma esplendida mestra — a mãe !*

— *Ah ! lá quanto a isso não quero teimas, sr. Abade. Porém, e comprimis longamente os labios, Vossa Reverencia sabe que isto de exemplos são como os passaros a voar !* (qu'

importa que elles sejam bons se nem a todos os podemos apanhar ? !

— *Deixal-o ! Alguma coisa fica sempre sr. André, e essa coisa é... é... — como lhe diréi eu ? — é o cingalho no fundo da tigella, é o calceiro no interior da caçarolla ! Socegue porém que Deus é justo e tudo faz pelo melhor !*

— *Oxalá ! retorquiu o professor, entretanto, disse, tenho duvidas, tenho duvidas sr. Abade !*

E separarãr-se. Aquelle a sorrir confiado ; este a pensar vacillante.

Qual dos dois tinha razão, — se o velho pastor d'almas, para quem o mundo estava resumido nas orações do seu Breviario ; se o experimentado professor de primeiras letras, para quem a vida era tão familiar como as paginas do A B C —, o tempo o dirá nos capitulos seguintes.

Certa tarde quiz o acaso que Luiz de Abreu encontrasse, ao atravessar um pinhal, a figura esbelta e insinuante de Julia, a qual regressava socegradamente a casa, depois de ter cumprido uma ordem de que o pae a encarregára.

Vinha alegre e satisfeita, cantando, distrahiadamente, uma canção em voga, quando, ao topar com o manco, a sua physionomia tomou aquella cor das cerejas maduras, cor que mais se accentuou no momento em que Luiz de Abreu, cedendo á tentação que ha muito o dominava, lhe declarou, após breves palavras de cumprimento, o amor que por ella sentia, amor capaz de todas as locuras e de todos os sacrificios, — todos.

Essa declaração que Julia deveria, aliás, esperar mais dia, menos dia, se porventura a sua perspicacia a tivesse ensinado a comprehender-lhe o olhar e o gesto, ouviu-a ella enlevada, tal o sentimento que revelava, tal a sinceridade com que o filho do conselheiro lhe abriu, n'aquelle logar e aquella hora, o seu coração enamorado !

Essas palavras que nunca Julia tinha escutado, eram, para ella, alguma coisa nova e ainda, até então, não experimentada, illusão, magia, chimeras, ou sonho, materialisados, corporisados, vividos emfim, a subjugarem-n'a, — a embalarem-n'a, a inebriarem-n'a, — e a perderem-n'a ; eram a revelação inesperada d'um mundo novo e immaginado, d'uma outra religião, d'um outro Deus, d'um outro céu ; eram, emfim, a visão deslumbradora e desconcertante d'uma nova alma, acolhedora e simples, meiga e branda, cariciosa e bemfazeja, — mimosa como a sensitiva, branca como o lyrio, pura como o orvalho ! —, a enleiar-se, a prender-se, a fundir-se, para todo o sempre, na sua !...

Ao despertar de esse sonho d'amor e de ternura, breve como um beijo, doce como o mel, macio como o arminho, o cicio das aves perdia-se no frouxidão dos ninhos ; as pombas arruinhavam nos beirais das casas e nos côlmos dos caseas ; e a propria natureza em festa parecia querer ce-

lebrar também, na transparência, azul do céu, no perfume das flores, nos deslumbramentos da luz, e nos cantos do vento — os esponsas da Beleza e do Amor!

Depois da scena que fica descripta e decorridos mezes após o seu natural desfecho, Julia, em vez de emendar-se, de arrender-se, de conduzir-se d'ahi em diante como a mulher honesta, erguendo-se a toda luminosa altura dos seus deveres e das suas responsabilidades de mulher e de mãe, subindo áquelle pedestal a quem ninguém ousa chegar, perdeu por completo o respeito de si propria, torcendo-se na flor do pantano que o vendaval arrasta e a desgraça persegue!

Por culpa ou responsabilidade de Luiz de Abreu? Talvez sim e talvez não!

Estava porem escripto no livro do Destino que ella seria infeliz e desgraçada, desgraça que não se fez esperar muito, como veremos.

Entretanto chegava ao conhecimento do conselheiro Abreu a informação de que, dos amores de seu filho Luiz, com a filha mais velha do seu velho e honrado caseiro, alguma coisa ficara a pedir reparação immediata e vir sob esta impressão dolorosa e acabruilhante que o conselheiro mandou vir aquelle immediatamente a sua presença, estabelecendo-se entre os dois o seguinte dialogo:

— *E' outro verdade a que acabam de ill, acerca a teu respeito:*

— *Infelizmente, meu Pae!* . . .

— *E que tentavas tu fazer agora?*

Luiz desceu os olhos, fitou o chão humildemente e embarçado respondeu encolendo os hombros:

— *Nada.*

— *Para um seductor?... muito; para um homem de honra?... pouco: voltou-lhe ironicamente o pae.*

— *E que posso eu fazer?* objectou Luiz erguendo a mão os olhos.

— *Essa pergunta deves tu tê-la feito a ti proprio ao dia em que te esqueste do nome que usas: Hoje, vares fazer, e repetiu com energia, sim, vares fazer aquillo que eu exijo que tu faças — e sublinhou estas palavras — vares curar a ferida roa o péto do... mesmo não?* retorquiu o conselheiro sem pestanejar e fitando o filho com severidade.

— *Mas meu Pae!* . . .

— *Esse nome prohibido que voltas a pro nunciar-lo até ao dia em que te tornes digno de mim e de ti?* E voltou-lhe as costas com desprezo.

Quando o pae ia a retrair-se a passo decidido e firme, Luiz de Abreu lançou-se-lhe aos pés n'um choro convulso, depois, fazendo menção de falar, disse-lhe, entre soluços, quaes as suas primeiras intenções a respeito de Julia e quaes, por fim, os motivos porque não podia, j'agora, dar-lhe o seu nome — a não ser que quizesse

vê-lo arrastado pela lama, accrescentou.

O pae pareceu conformar-se e comprehender toda a angustia da sua alma, entretanto disse-lhe ainda no mesmo tom de voz aspero e solenne:

— *Se não podes, é antiga portuguez e conforma as lizes que tens verdade, ector o mal, ou repulso na sua origem, podes ao menos sustentar as tuas consequencias? E uida tem que, ou o redimes tu, ou o redimo... eu!* Comprehendes?

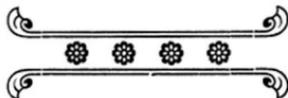
— *Perfeitamente, meu Pae!*

De facto, d'ahi a alguns dias celebrava-se na capella da Quinta do Mirante o baptisado do primeiro neto dos seus proprietarios, recebendo a creança o nome do avô paterno e tendo por padrinhos este e sua mulher, — sua mulher cuja alegria e cuja satisfação as palavras não podem exprimir porque se traduziam em beijos e caricias, muitas caricias e muitos beijos na pobre creança que ella duplamente amava!

— *Oh! o meu neto, o meu neto, como elle é lindo e como eu lhe quero!* dizia ella pegando-lhe ao collo e fitando a sorrir! . . .

Liisboa, 22 de Abril de 1917.

FERNANDO DA COSTA FREITAS.



A MORTE DO COLIBRI

A' minha querida esposa,
beccor de Oliveira Carvalho

(Especialmente para a REVISTA FEMININA)

Na França do Silvedo, entre rosas e espinhos
Roubando a cada flor a perfumosa essencia,
Inqueto colibri adeja, em reticencia,
N'um leve esprezajar de pennas e de arminhos.

Terrível batedor de curvas e caminhos

— Um garoto febril, cheio de prepotencia —
Passa, e fitando da ave a humilima innocencia,
Sente arder-lhe no peito os instinctos daminhos!

Abaixa-se, e um catvalho apanhando, cerejeiro
Golpe destere contra a pequenina ave.
Que tomba inerte e fria á beira do carroiro!

O sol agonizava, em chamas, no occidente,
E a brisa a murmurar um canto terno e suave,
Da ave o corpo gentil roçava levemente!

Botucatu, XIX-X-MCMXVII.

José Julio de Carvalho.



APPARELHOS ELECTRICOS PARA USO DOMESTICO:

Ninguém compre sem primeiro ver os preços da Electro-Technica Paulista — RUA DIREITA



OS ORPHÃOS...

Benção, viatico para a vida; lagrima, orvalho humano... nem benção nem lagrima tivestes, orphãos pequeninos. E, como podeis andar no mundo, almas solitarias? e como desabrochastes, botões cahidos da haste?

Eil-os todos, vestem roupas iguaes: é o uniforme do anonymato e a solidarieidade da desventura como que deu a todos a mesma physionomia. São filhos da mesma mãe — a Caridade.

Vêde como estendem as pequeninas mãos num gesto humilde de quem pede esmola. E que esmola pedem? a benção e todos os abencôam. Ah! mas como lhes saberia mais a benção de uma só, se essa não fosse morta, se essa não fosse ingrata!

Para a planta que nasce não ha rega melhor do que o orvalho do céu nem ha benção como a de mãe.

De onde vieram esses pequeninos? não sabem. Vieram da noite, foram apanhados nas sargetas das ruas, nas moutas das estradas — uma lufada atirou-os á rôda dos expostos. Não têm mãe; não têm pai.

Os pequeninos, mamam descuidados; os que já caminham, andam agarrados ás irmans de caridade, os outros, brincam; os maiores, pensam. Natal! a festa das creanças. Jesus nasceu nas palhas mas teve mãe que o beijou, teve mãe que o aqueceu ao seio e aos labios.

Não foi tão grande o teu martyrio, Christo — mesmo junto da cruz tiveste a Dolorosa e esses pequeninos que, abrindo os olhos, nada viram em torno, entendendo os braços nada acharam, enrouqueceram a vagir porque nenhum sahio a acalentar-os senão os cães vadios que os liberam mansamente achando-os gelados ao relento da noite?

E esses pobrezinhos, Jesus? Entanto bricam e cantam á sombra da arvore do Natal, arvore que appareceu no dia em que nasceste e que fructifucio regada pelo teu sangue, arvore santa que deu a cruz, arvore do patrocinio, arvore de Misericordia cuja folhagem abriga todos os desahasalhados.

Natal! Natal! E elles nem sabem em que preseppe nasceram.

COELHO NETTO.

A ALIMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS (Conselhos das mães)

Um dos problemas que mais devem interessar às mães é o da alimentação racional de seus filhos, que não somente lhes assegura a felicidade do lar, evitando as molestias tão frequentes nas crianças, como ainda assegurando o futuro physico dos entes que lhes são mais caros. A solidez de um edificio depende intrinsecamente do



material e da argamassa com que são construídos os seus alicerces e os seus muros. Uma casa construída sem alicerces é uma habitação plantada na areia e que o primeiro vento forte derriba. Si tendes um jardim em vossa casa, grande cuidado vos merecem as plantas que nascem. Não fazeis economia de adubos, nem deixeis de dar cuidado á terra, porque

disto depende a solidez do arbusto que se prepara e a belleza da sua floração futura.

Muitas vezes, porém, não dispensaes aos vossos filhos as mesmas atenções que tendes na construção de um predio ou na formação de um jardim. Sua alimentação ou vos é indifferente ou não a fiscalisae convenientemente.

Quando a creança ainda está no primeiro aleitamento, o materno, dá-se-lhe a chupar o bico de uma mamadeira ou uma chupeta de borracha. Evita-se assim que a creança chore, si hem que se lhe provoque uma dyspepsia, com a deglutição de uma salivação por demais abundante, acompanhada de mil germens nocivos que a chupeta muitas vezes jogada por terra traz á bocca da creança. Não se fixam horas para que a creança — mame. Vendo-a chorar, a mãe immediatamente procura acalmá-lhe o choro, dando-lhe o seio. Nenhum adulto, no entanto, faz refeições tão irregulares. Todos nós temos horas certas de almoçar, de jantar e de ceiar. Um homem que come a todas as horas não tarda a soffrer as consequências de sua gulodice. O estomago da creança é muito mais deli-

cado e mais rapidamente se resente da indisciplina alimentar. Nos primeiros mezes não se lhe deve dar de mamar senão de tres em tres horas; nos mezes a seguir de duas em duas horas. Uma creança assim alimentada si chora é preciso procurar-lhe a causa do choro, que não pôde ser devido á fome, desde que a mãe tenha leite sufficiente e siga o horario que deixamos indicado. E para que o leite materno seja abundante devem as mães usar o *Tonol*, que é um reconstituinte de primeira ordem e que nos tem sempre dado excellentes resultados.

Nem hem a creança começa a ser desmamada — e quantas vezes antes! — todos de casa apressam-se em dar-lhe doces e guloseimas; viciando-lhe desde logo a alimentação, com fermentações excessivas, que acabam por alterar o chimismo do estomago, provocando-lhe a acidez, a hypercloridria que prejudica a dentição. Ahi está talvez a principal razão da pessima dentição dos brasileiros, que nascem a comer doces e pastelaria. Centenas de creanças que temos examinado em nossa clinica têm a saliva fortemente acida.

É um perigo contra o qual é necessario precavel-as, pois o acido em excesso ataca o esmalte dos dentes, corroe-o e favorece a descalcificação e a carie. Para reconhecer si a creança tem ou não excesso de acidez na bocca, basta um pequeno pedaço de papel de turnesol, que se compra em qualquer pharmacia. Evita-se a acidez com o uso de alcalinos — bicarbonato de sodio — e, principalmente, fiscalisando a alimentação.

Nestas poucas linhas que ora escrevemos não podemos dar um resumo de hygiene alimentar infantil. Fcemos assim, ao acaso, um ou outro dos lados fracos do nosso systema de puericultura.

Uma das questões que muitas mães nos tem feito é a de saber si num clima quente como o nosso deve-se dar gordurosos ás creanças, e — especialmente — o oleo de figado de bacalhau.

É indubitavel que este producto é de grande utilidade ás creanças e mesmo aos adultos debilitados.

Actuam nelle dois principios vitales de primeira importancia: — o iodo e o phosphoro. São dois excitantes geraes que favorecem de modo accentuado as absorções e as eliminações e activando as duplas trocas do metabolismo organico. São ambos duas forças vitalisadoras por demais conhecidas para que seja necessario apregoar-lhes as virtudes. Os gordurosos são muito bem accetios no inverno, como fontes de calorico. Sabe-se que os habitantes polares, para poderem resistir ao frio, bebem litros de azeite de phoca.

Esta virtude, porém, transforma-se em grave defeito nas estações

quentes, provocando um augmento prejudicial de calorico. Muitas creanças que durante o inverno progrediam a olhos vistos com o uso do oleo de figado de bacalhau, são forçadas a suspenderem-n'o durante o verão, pelas perturbações que elles lhes acarreta. Seria, pois, de grande alcance que se pudesse isolar da gordura os principios vitalisadores do oleo de figado, para quando se devam interromper nos dias quentes, numa cura utilissima. **T e r e c o m e n d a v e l .**

Os chemicos já conseguiram isto e não somente isolaram aquellos principios, como ainda maior força restauradora e vitalizante lhes deram, addicionando-lhes outros productos. Nestes casos está o *Juglandino*, preparado de real excellencia e no qual além do iodo e do phosphoro, encontram-se principios purificadores como o daogueira e consolidadores dos ossos como o phosphato de calcio.

Temos ultimamente usado em larga escala deste producto, não somente em creanças, como em debilitados de toda a especie, tuberculosos, convalescentes, escrofulosos, etc. e de todas as nossas observações resulta que aquelle preparado offerece vantagens consideraveis sobre o oleo de figado e as emulsões, devendo ser preferido men's no inverno. De paladar agradável, as creanças bebem-n'o com prazer, quando no entanto lhes é difficil ingerir aquelles ultimos productos. Longe de fatigar o estomago, com excesso de gordura, facilita a digestão. O *Juglandino* deve, pois, ser em qualquer caso preferido ao oleo e as emulsões.

Em proximo artigo pretendemos completar estas notas sobre o regimen alimentar das creanças e sobre a calcificação do esqueleto infantil.

Dr. Pereira da Motta.

Ao telephone Central

3

Peçam o melhor TAXI

asdas das energias super-humanas, os espi-
ritados virilizados pelas esperanças reconfor-
tantes da vida futura.

A confirmar e que acabe de dizer ali
está o perpetuo heroísmo que tem sido a
vida da Igreja fundada por Christo, esse
estupendo heroísmo que se mantém sempre
inundando a terra com o sangue de seus
martyres e povoando o céu com as legiões
dos seus santos confesores!

A confirmar, também, que a fé fortalece e
encoraja as almas nas mais asperas refregas,
constituindo vivo incitamento á virtudes
heroicas, haja vista a extraordinária flegma-
rescência do sentimento religioso nas fileiras
combatentes da magna guerra, a épica bra-
vura de que tão sabido affronta a morte
todos quantos heberam uma luz na fonte
germinal da vida que não morre.

Não precitaria dizer mais para accentuar
a rudeza do golpe que feriu as nossas forças
armadas no grande nervo de sua coragem
vital.

Mas, Senhores, o heroísmo, não é só a
flor purpurea que o desprezo da vida faz
nascer nos campos da morte. O amor da
disciplina, o respeito da autoridade, o sen-
timento do dever, o espirito de abnegação e
de sacrificio, não são todas as virtudes
qualidades que se adquirem e se apuram
pela cultura moral sóa, pelo menos, condi-
ções que constituem tanto para formar o
soldado e apurar o soldado, quanto para
seu patriótico ministerio, como o manejo da
espada ou o exercicio do tiro, pois não há
contestado que um exercicio tal de heroi-
smo, é antes uma guerra pretoriana no ser-
vicio do esquadrimo, dos golpes de Estado,
das intervenções a confederações, das depen-
dências a cortesias da arma, das revoltas foga-
das em sangue, do regimen de indisciplina
nos quartéis, em vez de ser a força armada
para missão sagrada da garantia do direito
da justiça, para a defesa da integridade e da honra da
pátria.

que esse tal contraste entre o que aqui
se passa e o que se vive nos demais países
civilizados de todo o mundo, mesmo nos
países de regimen democratico radical, como
os Estados Unidos, não se explica pela
liberdade religiosa não apenas um artigo
decontrato da lei tística, mas tem existencia
effectiva, sincera, revelada por uma pratica
de moral, fazendos os cidadãos, em seus
publicos e da propria vida da nação!

Nos Estados Unidos, como sabeis, não é
de catholicos a maioria dos habitantes, e
nossos confesões de fé, aliás, que em cen-
tenario e progressivo augmento, representam
ali talvez apenas uma quinta parte da po-
pulação total. Não obstante, tal a respeito
da liberdade religiosa dos cidadãos, não só-
mente em principio, mas no dominio
effectivo que, não há muitos annos, transando
pelo porto do Rio de Janeiro poderosa es-
quadra do almirante Evans, a maior que
tem sido em aguas sul-americanas, a im-
prensa local teve occasião de observar, re-
gistrando com os mercedos commentarios, a
presença nos garlhosos vasos de guerra de
capellães catholicos, graduados como officios,
incumbidos de prestar os servicos de seu
ministerio sagrado aos marinheiros do mesmo
credo religioso.

Na Suíça, sabeis, que serve no exercito
um corpo de capellães militares, determi-
nando a lei que haja um religioso por
testante e outro catholico para cada hospital
de campanha, assim como junto a cada regi-
mento de infantaria, em que seletos regu-
mentados em regular proporção as duas
confessões religiosas.

No Brazil, apesar da sua tradicional uni-
dade catholica, pois que nenhuma diver-
gencia appreciavel jamais dividiu o nosso povo
em materia de fé, a verdade infelizmente é
que, com o advento do novo regimen politico,
foi de todo banida do exercito e da armada
a todo beneficio do culto; a religião depoi-
ta de ter entrada official nos quartéis e nos
vasos de guerra, e o que é mais triste ainda,
os nossos heraos solidos dividiu o nosso povo
até nas linhas de fogo tem morrido á com-
pleta mingua do suffragio espirital, mas mi-
seravels condições de simples machinas de
guerra, como contestados nas campanhas de
Canaudos e do Contestado.

Além de lhes impedir o sacrificio do sangue
e da vida, os publicos poderes lhes impõe
ainda, e em nome da liberdade religiosa,
a morte dos individuos sem nenhuma
consciencia religiosa.

Nem é só o militar que se acha official-
mente ao desabrego, das garantias constitu-

cionaes, em relação aos seus interesses de
ordenar capritual.

De culhões e despedidos desamparo são vi-
cimas todos os encarcerados, especialmente
os que emprega sentença nos estabelecimen-
tos penitenciarios.

Senhores, se ha no mundo uma classe
destrahida, em favor da qual mais do que
de qualquer outra poder-se-ia dizer que, se
a justiça não existisse, seria indifferente que
se matasse o seu dividiu a devese miseros
proscriptos da sociedade, habitantes de uma
morada cujas portas trazem gravada a fatal
legenda de não manter recuar toda a espe-
rança nos que as transigem.

Como incentivo á regeneração moral,
fonte inextinguivel de luz no muito escuro
de sua morte civil, a pratica dos deveres
religiosos, as santas consolações do culto
seriam um incalçavel beneficio, o mais na-
tural conforto prestado ao galfo.

Entretanto, é no infeliz dechido, que
purga o seu delicto cumprindo a pena esta-
tuída pelo codigo, que se não dividiu impor
uma outra pena, aliás em nenhum codigo
estatuída, vedando-lhe o exercicio da liber-
dade cultural.

Em sua realidade, não podendo o senten-
ciado, ver os seus interesses de sua alma, não
podendo reclear-se aos seus espirituales,
sem que os poderes constituídos lhe propor-
cionem os meios necessarios, é obvio que,
deixando de manter officiosos seus peni-
tenciarios as funções do ministerio sagrado,
os governantes agravam, tão arbitraria-
mente, a situação de seus presos, quanto
raveis que, nem se curtem ao opprobrio
do ergastulo, deixaram de ser christãos, al-
jurando ao seu Deus, que não é só o Deus
de alguns poucos, innocentes, é tambem o
Deus dos degradados pelo crime.

E, que não haveria em fazer penetrar um
raio de luz christã naquellas consciencias
torvas, que a fúria das julgas não des-
entrecem? Porque haviam de perigrar as in-
stituições, se um gesto amovavel, que acen-
tando a misericórdia, da Deus a um
infeliz que se transviou, fizesse avolver
uma atroz de esperança onde antes só se
ouviam os soluços do desespero?

Quando os estadistas tem a alma a salvar,
e se a sociedade não soube educal-a, se não
custou de preserval-a do crime, que ao menos
não agrave a propria desdã — agravando a
sua situação de conduta — com uma pena
que nenhuma codigo da terra jamais se
atribuiu o direito de applicar — a de uma
eterna prisão infeliz.

Lembrem-se de que é ao arrependimen-
to fecundado pelas lagrimas que o Evan-
gelio consagra suas mais gloriosas promes-
sas. Quando o Dims expulsa a cruz, ao lado
do Redemptor, as insignias de uma vida de
lactreos, bastou uma palavra do Mestre
perdoando no erimioso arrependido, para
se purificar a alma do castigo, transforman-
do-se em alma de um benaventurado.

Quantos Dims não terão morrido im-
ponentes, em primeiro do Brazil, simplesmente
por lhes ter faltado a hora suprema da pre-
sença de um ministro do Christo?

Parcece-me, Senhores, que não preciso
juntar mais argumentos para demonstrar que
o estado moral da nossa época se caracteriza
por uma accentuada atropia do senso reli-
gioso, por um descredoado repudio do senti-
mento religioso.

Este estado de cousas faz lembrar a si-
tuação do mundo nos primordios da evan-
gelização christã, quando os apóstolos se
abstiveram de consular a alma gentia pela
pregação da doutrina do Mestre.

Emão, percorrendo a gloriosa Hellade,
o grande império S. E. em seus tempos
antigos, attenções um altar dedicado ao
Deus desconhecido. Este Deus desconhecido,
clamava elle aos atthenenses, em venho vo-
lo revelar-vos o seu nome e a sua natureza. Dis-
tinto é, preçoso-lhe o Deus uno, o Deus crea-
dor, o Deus omnipotente, o Deus de justiça,
o Deus de misericórdia, em somma, o Deus
de verdade.

Dada a semelhança da situação geral em
que nos achamos, bom razão tinha eu quando
dizia, que a cultura dos povos, os povos
civilizados, conquistada do novo para a fé,
restaurar a civilização no Christo — é obra
que actualmente não desafia menos o ardor
apostolico do que a evangelização dos an-
tigos pagãos ou a catechese do gentillimo
indigena.

Esta segunda phala da campanha mis-
sionaria dos Jesuítas, no Brazil, a fundação
de Collegio S. Luiz, ha cincoenta annos, re-
presenta uma das obras benemeritas da Com-
panhia

Ell'as que ascende já ha muitos e multos
milhares o numero dos juvenis vindos de
todos os pontos do Brasil e de outros
outros Estados do Brasil, que aqui tem feito
suas primeiras armas nas lides intellectuales,
muitos dos quizes, instrando o renome de
estudo, instituido, de modo que toda a sociedade
se mais eminentes posições na alta admini-
stração publica, na representação nacional,
no exercicio de importantes cargos de
na maritima, em todas as profissões li-
beraes, e agora mesmo é a um dos mais pre-
ciosos filhos desta casa que embe a honra de
estudo, em um occupado com a do Estado.

Fosse possível multiplicar as obras desta
natureza, elevar a sua potencia fructificativa
ao exponente das necessidades postulantes da
nossa época, de modo que toda a sociedade
pudesse abeberar-se das virtudes nutritivas
de sua lympha incomparavel, e em não di-
vidua, há affirmar que o magno problema con-
temporaneo teria entrado em sua phasa re-
solutiva.

Se o conceito é usado dennis para o
destruor de minha desautorizada palavra,
ainda bem que não lhe faltam fadores na
galéria dos grandes conductores de povos.
Precisadamente a influencia da cultura mor-
tal, a cultura da felicidade, a felicidade do
bem da felicidade social, o maior dos ame-
ricanos e uma das mais puras glorias da hu-
manidade Jorge Washington, occorria estas
palavras ao illustre testamento como que
verrou a sua vida publica:

De todas as disposições e medi-
das que se tomarem, a primeira e a mais
politica, a religião, o moralidade são
factores indispensaveis. Em vão ao
dirias patriota o homem que se esfor-
çava por destruir o grande e
colunas da felicidade humana, esses
apoiou, mais firmes que todos os ou-
tros, dos deveres dos homens e dos
cidadãos.

Um volume não chegaria para
descrever todas as suas ligações com
a religião publica e a politica, e
muito que se contenta á influencia de
uma esmerada educação em intelli-
gencias de excepçãoal estrutura, a
raça de americanos, e a grande
esperar que possa prevalecer a mo-
ralidade nacional sem os principios
religiosos.

Se não ha a palavra do prelado
de Estado, do heroe da independência
dos Estados Unidos, se ella precisa ser
corroborada por argumentos que paizo em religião
e mais arto descriptivos, não ha
palavra da philosophia applicada nos factos
sociaes, entio é bem do ouvir a opinião,
que nenhuma poderia arguir de parcialidade,
de um illustre philosopho positivista.

São de Hippolyto Taine, o profundo
investigador das Origens da França Con-
temporanea, estes humilissimos conceitos:

O historiadur pôde avaliar a
contribuição do Christianismo em nos-
sas sociedades modernas, o que nella
introdução de pudor, de decora e de
humanidade, e que, nella mantem de
honestidade, de boa fé e de justiça.
Elle é o organo espirital indispensa-
vel para conduzir o homem, através da
paciencia, da resignação e da ex-
perança, até á serenidade; para levall-
lo a uma vida pacifica, pela pureza e
pela bondade, até á dedicação e ao
sacrificio. Nem a razão philosophica,
nem a cultura artistica e litteraria,
nem um codigo, nenhum governo, é
capaz de substituil-o nesse servico.
O velho Evangelho é ainda hoje o
meio mais eficaz de melhorar o socie-
o. Podem estas auras palavras ser ou-
vidas e meditadas por todos os homens pu-
blicos, pudese subir o nivel da cultura mor-
tal, e a cultura moral, e a cultura
ligião — e tanto bastaria para que a
existencia por tanto patto se tornasse serena,
digna e feliz.

Tivesse esse effecto, o Evangelho a
necessaria observancia entre os homens, o tanto
bastaria para constituir-se uma perene
moralidade de povos, e a cultura moral
de felicidades desconhecidas, nas diferentes
modalidades da vida, na sociedade como na
familia, na ventura como na adversidade, na
abstancia como na abundancia.

Rub o ponto de vista internacional, ve-
riamos as grandes nações da terrã assenta-
rem os alicerces da sua civilização sobre os
principios da justiça, da decora e da
fidelidade dos povos, e não mais sobre a politica
de predomínio e de conquista, a mesma que ha
dois mil annos levava Julio Cesar a excia-

THEATRO DA REVISTA FEMININA

(Salnete especialmente escripto para a nossa REVISTA, pela nossa brilhante
collaboradora e chronista D. Anna Rita Mathefos)

O MARIDO CAPAZ DE IR BUSCAR UMA ESTRELLA...

Para a REVISTA FEMININA, de S. Paulo, só
podendo ser transcripto em outro periodo
com a declaracão do nome desta REVISTA,
de accordo com a lei sobre propriedade
literaria.

Solo rico. Moços de grande luxo, lasepicias raras, objectos de luxo.
Fim de lenter. O moço acaba de tomar o café e corre a posita o um cha-
ruto; a mulher accende o phosphoro.

O MARIDO: — Delicioso jantar! (accende o cha-
ruto no phosphoro que a mulher lhe estende, e sopra
para o ar uma baforada de fumaça) Jantei como um
heróe depois de uma batalha, como um frade depois da
quaresma!

A MULHER: — Não imaginas como fico contente
quando qualquer coisa te agrada em casa! Queres um
licór?

O MARIDO: — Sim; meio calix.

A MULHER: — Cacáu ou Benedictinos?

O MARIDO: — Cacáu... eu sou patriota...

A MULHER: — Porque o cacáu é preto?

O MARIDO: — Porque o benedictino é allemão.

A MULHER: — (provando o licór antes de pas-
sar o calix ao marido) provo-o eu, primeiramente. E'
delicioso!

O MARIDO: — E mais delicioso deve de estar
agora depois que recebei o mel de teus labios!

A MULHER: — Que lyrismo!

O MARIDO: — Quando janto bem dou-me ao ly-
rismo; lembro-me de quando tinha 14 annos e que fazia
sonetos de mais de 14 versos a todos ás creadas de
nossa casa!

A MULHER: — Não te fizeste esperar!

O MARIDO: — Mas que jantar! (bebe o licór) A
mayonnaise estava epica...

A MULHER: — Tã é que estas épico!

O MARIDO: — Parecia felta com o azeite das
almotolias das virgens fieis de que nos fala a Biblia...

A MULHER: — Esposas fieis e não virgens... E
quanto ao azeite era Plagnol, o de sempre, que está
agora pelos olhos da cara!

O MARIDO: — E o soufflé? Fundial Aquillo não
era soufflé; era uma epopéa; era uma nevoa ligeira ba-
tida no prato fundo do céu pela mão do arrebol...

A MULHER: — Foi de facto batido num prat... fundo
mas pela mão da cosinheira.

O MARIDO: — Pois a cosinheira é uma poetisa...
Faz poemas culinarios... Epopéas... E o capão de forno?
Augmenta-lhe o ordenado...

A MULHER: — A quem?

O MARIDO: — A' cosinheira... Toda a historia,
desde a antiga á contemporanea, não registra um capão
eguaí... Nem Lucullo, nem Dido, nem Cleopatra, nem
Nero, comeram um capão eguaí! Tostado e loiro como
a pelle de uma miss enolardada, numa praia do Medi-
terraneo... Eu adoro...

A MULHER: — As miss?

O MARIDO: — O capão! As miss só em versos.
Dá-me mais meio calix de licór.

A MULHER: — Ainda?

O MARIDO: — Ainda, porque? Tomei menos de
uma garrafa de Bourgogne, dois calices de Porto Velho...
Não se póde estar alegre em familia!

A MULHER: — (servindo-lhe "cacáu") Estou brin-
cando... Não leves a mal.

O MARIDO: — Mistura, sim? meio calix de cada.

A MULHER: — Disseste que o benedictino era
allemão...

O MARIDO: — São... são... Os frades do Moste-
ro de S. Bento... Mas não têm nada que vêr com o
licór... Mistura sempre... E' o que nós chamamos no
club "uma metralha"; (bebe im gole da mistura que a
mulher lhe passa) E os morangos? Não nos esqueçamos
dos morangos; seria uma ingratião! Os nos esqueçamos
parchês... Valiam quatro batalhas do Marne... Heroicos,
profundamente heroicos os teus morangos, com aquella

côr de sangue patriótico... Porque os morangos foste tú
como te preparaste... Conheci logo!

A MULHER: — Todo o jantar fui eu quem dirigiu.
Como te queixaste hontem do jantar, e não quero que
nada te desgoste em casa fui hoje á cosinha.

O MARIDO: — Queixar-me, não... Estava salga-
dote, estava... mas não me queixei (querendo enlan-
çal-a) Não ha como a familia!

A MULHER: — Achas?

O MARIDO: — Si achol Eu sou o homem da
familia; o homem integral da familia! Nada como isto!

Um bello jantarinho, um capão de forno, uns morangos
heroicos, uma sala teplida, uma metralha, um lavano
O que querem mais? E ha barbaros que dizem mal
desta coisa admiravel que se chama a familia! Patifesi
Janizaros!

A MULHER: — Si é só pelo jantar, tem elles ra-
zão, porque num restaurant...

O MARIDO: — (interrompendo-a) Qual restaurant!
A propria etymologia da palavra já explica o que
aquillo é... Resto... rant... Vem de restos! Restos é o que
nelles se comm. Na familia é tudo de confiança, tudo de
primeira mão. E uma mulherzinha como tú? Iria eu en-
contrar num restaurant? Nem que eu andasse como
Diogenes, com uma vela accessa...

A MULHER: — Qual Diogenes?

O MARIDO: — Tú não conhecestes; já morreu.

Era um philosopho que andava pelas ruas com uma
vela accessa.

A MULHER: — Com castiçal?

O MARIDO: — (a rir) Tem graçal Que idéal
Perguntar á Historia si a vela de Diogenes estava num
castiçal! Por signal que agora me lembro, não era
vela, era uma lanterna.

A MULHER: — Ah!

O MARIDO: — (que estivera a brincar com a
mão da mulher, leva-a aos labios). A linda patinha!..
Uma mulherzinha como tú tem direito de pedir a seu
marido tudo quanto phantasia. Seria capaz de ir buscar
uma estrella, de arrastar o firmamento a teus pés, si
para tanto desse teu capricho.

A MULHER: — Oh lá... lá! Não é preciso tanto!
Queria pedir-te alguma coisa muito mais simples.

O MARIDO: — O que quizeres! Farei parar o
sol como Moysés... O que desejas? Uma estrella!
Vou buscar-te uma duzia dellas.

A MULHER: — (a sorrir) ...de papel pateado!
E' menos, porem, o que te quero pedir.

O MARIDO: — Vamos, dize, fala! Um dos
raios do sol?

A MULHER: — Muito menos.

O MARIDO: — Um vestido? Um chapéu?

A MULHER: — Ainda menos.

O MARIDO: — Dize-me, dize-me, então! Ardo
de impaciencia por servir-te.

A MULHER: — Queria que me levasse esta
noite ao theatro. Representa-se pela ultima vez a co-
media: *O casamento feliz*?

O MARIDO: — (esfriando de ardor) Ao theatro?
A MULHER: — Dizem que é uma comedia in-
teressante, que faz rir a chorar...

O MARIDO: — Não podias deixar para amanha?

A MULHER: — Hoje é a ultima representacão.

O MARIDO: — D'o *Gasamento feliz*? Não creio...
E é o diabol Eu tenho combinada uma partida de
bridge na casa do consul inglez.

A MULHER: — Podias telefonar...

O MARIDO: — Impossível!
A MULHER: — Era um pequeno sacrifício. Disses-te que eras capaz de ir buscar uma estrela... de arrastar o firmamento...

O MARIDO: — As estrelas são muitas... uma não faria falta. Para o *bride* são necessários quatro parceiros; e um falte não há *bride*. Uma estrela que falte não deixa de haver céu.

A MULHER: — Que eras capaz de fazer parar o sol como Diógenes...

O MARIDO: — Perdão: como Moysés... Não confundamos! E também o sol não é necessário para o *bride*.

A MULHER: — Ha um mez que não tens uma noite para sahirmos juntos...

O MARIDO: — Um mez? Não... não... Ainda na recepção da condessa Mendes...

A MULHER: — E então? Não faz um mez?

O MARIDO: — Si contarmos da hora em que nos sahimos, porque já passava da meia noite. Mas da hora em que nos lá entramos, é que deve regular, são 29 dias, muito bem contados.

A MULHER: — Pois seja! Mas 29 dias!

O MARIDO: — Tu podes sahir com tuas amigas... ninguém te prohihe.

A MULHER: — Não é a mesma coisa; prefiro ficar em casa.

O MARIDO: — Isto não é raro; ha mulheres que se resolveu a passar a vida inteira em casa e acham prazer nisto.

A MULHER: — A vida inteira?

O MARIDO: — As freiras... São mulheres...

A MULHER: — Mas não são casadas...

O MARIDO: — Imagina si fossem... si tivessem marido com compromisso certo para um *bride*...

A MULHER: — Podias levar-me de vez em quando ao theatro... Não digo por mal, mas todas minhas amigas divertem-se... Não posso apresentar-me só no theatro.

O MARIDO: — Começas com teus malditos queixumes. O que te falta em casa? Dou-te tudo o que queres; tens dinheiro para satisfazer a todos teus caprichos... Deste-me um jantar delicioso que me fez confessar que a familia é uma instituição que deve ser conservada... Não me estragues o jantar nem me faças mudar de opinião.

A MULHER: — Mas tambem não é justo...

O MARIDO: — Ora... ora... Não ha então nada justo no mundo... Começo a arrepender-me de não ter ido jantar com amigos a um restaurant...

A MULHER: — Onde te darão restos a comer.

O MARIDO: — (tomando o chapéu para sahir) E foi por isto que eu resolvi jantar em casa, em tua companhia... (fingindo-se carinhoso) com minha rica mulherzinha... Olha: não fosse o raio do *bride* e eu te acompanharia ao theatro... Fica para outro dia... E não iremos a um só theatro; iremos a todos... Porque eu sou homem da familia... Não quero que tenhas desejos que não sejam logo satisfeitos. (vendo-a ainda amuada, tira da carteira uma nota de quinhentos mil réis, que deixa sobre a mesa) Pago-te uma multa, por não poder levar-te ao theatro. Aqui tens para gastares no que quizeres...

A MULHER: — Obrigada... não quero nada... (aparte) Dinheiro de meu dote!

O MARIDO: — Compraras um vestido, um chapéu, jogarás no bicho... o que tú quizeres...

A MULHER: — Muito obrigada... Guarde o dinheiro... não preciso de nada.

O MARIDO: — (guardando a nota) Bem... Neste caso... Não digas, porém, que eu não te dê tudo o que queres... Lá pelo theatro já disse que será para outra noite... Quero que toda a gente saiba que tens um marido que te não recusa nada, que tens um marido que é capaz, para satisfazer a um desejo teu, de ir buscar uma estrela... em dia que não seja de *bride*... Adcusi-nho! Vae descançar um momento que deves estar fatigada. Adeus (joga-lhe um beijo e sáe para a casa do consul inglez)

ANNA RITA MALHEIROS.



Nunca é demais chamar a attenção dos nossos leitores para o modelo de calçado que devem usar. Não raro, como têm demonstrado constantemente os hygienistas, da forma do calçado depende o equilibrio da saúde. A principio e durante muito tempo, essa campanha, encetada, em bom hora, pelos medicos, não conseguia levar a convicção a ninguém; ultimamente, porém, graças á influencia que a America do Norte vem exercendo em questões de moda, os modelos de calçados se foram aperfeiçoando, tornando-se mais logicos, menos caprichosos em suas formas e mais obedientes á forma natural do pé. O calçado para homens, afóra algumas excepções de máo gosto, já offerece ao pé a commodidade que elle exige; do calçado das senhoras, não se pôde, entretanto, dizer a mesma coisa, porque continha, com os seus saltos de altura exagerada, a sacrificio e, por a liberdade do passo, e, consequentemente, a saúde.



Sapato de pelica, envernizado, salto Luiz XV, preço 238.



Sapato de pelica, envernizado, camufla branca, salto Luiz XV, preço 258.

Mas as senhoras necessitam concordar com a moda. Os cuidados da saúde, ante as imposições imperiosas e exigentes da moda, são relegados a um plano secundario. Entretanto, mesmo concordando com a moda, submetendo-se aos seus mais extravagantes rigores, pôde-se fabricar o calçado em condições de absoluta commodidade e sem excessivo de luxo. É esse um problema cuja solução se impunha, e que, felizmente, foi resolvido, pelos srs. J. Medeiros Junior & C., proprietarios da "Casa S. Pedro", Largo do Archivo, 41. Essa casa se annuncia apenas como possuidora de especialidades em calçados finos para homens, senhoras e crianças. Mas as pessoas de bom gosto, as que prezam a elegancia do pé sem excluir tambem a sua commodidade e o seu conforto, devem vizinar a "Casa S. Pedro", examinar o seu luminoso stock desse artigo e examinar os innumeros modelos que estão expostos. Ha-os de todos os feitios, sendo de notar que esse estabe-



Sapato: artigo chic, pelica envernizada, camufla branca, chrom amarello, preço 258.



ULTIMA MODA — Sapato de pelica, envernizado, camufla branca, pelica bege, preço 228, 258 e 278.

lecimento que capricha em offerecer aos seus clientes os melhores productos creados pela moderna industria sapateira, realisa a sua venda por preços notavelmente modicos e, por vezes, excepcionaes, sendo que o material que empregam é da melhor qualidade.

FOOT-BALL

A. P. DE SPORTS ATHLETICOS

O «Glorioso Paulistano» é mais uma vez campeão na Cidade de S. Paulo.

É desde o dia 11 de novembro detentor definitivo da magnífica taça «Jockey Club», o glorioso Paulistano.

Grande dia para o Paulistano e seus inúmeros torcedores. De uma maneira brilhante e digna dos maiores louvores, o glorioso transpoz a última barreira, que se lhe antolhava, a laureada esquadra da A. A. das Palmeiras.

Este encontro era de honra não só por estar em jogo o título do verdadeiro campeão de 1916, como, também, por mais uma vez confirmar este nobilíssimo título e ficar definitivamente detentor da Taça, trophéu este que ficaria pertencente ao Club que conseguisse ser campeão durante tres annos.

Coube ao alvi-rubro realizar essa façanha (1913-1916 e, finalmente, 1917), derrotando todos esses valentes e leaes adversarios.

Além disso, se encontravam mais uma vez em campo estes dois historicos rivaes, tantas vezes aclamados pela multidão de torcedores, que dia a dia mais acoçoza essa eterna rivalidade, não sachando, porém, do terreno do cavalheirismo e da boa educação.

Este dia era ansiosamente esperado. Finalmente chegou o momento de se defrontarem os representantes de ambos os *Teams* e se ver «quem teria garrafas vasias para vender». O *Group* do gentil Club das margens do Tieté estava completamente cheio do que em S. Paulo ha de mais distincto, e, cousa extraordinaria nestes ultimos tempos o elemento feminino predominou, emprestando com o seu encanto e sua graça a nota chic e alegre do memoravel e sensacional encontro.

Quasi todo S. Paulo quiz presenciar o formidavel embate dos dois mais queridos representantes do *football* em nossa terra. Não houve, talvez, quem, mediocremente enfrochado nas questões do nosso principal *sport*, pudesse resistir á tentação de uma prova, que se annunciava com todas as garantias de maior successo, como, de facto, foi essa electrificante pugna.

Ambas as equipes se apresentaram em magnifico estado de treinamento e desejosas de sahir vencedoras do campo da lucta, conquistando, assim, a mais brilhante victoria do campeonato.

O Juiz, que serviu nesta memoravel pugna, foi o sr. Odilon Penteadó do «S. Bento», que esteve á altura dos seus conhecimentos e que por todos foi julgado de maxima correção e apreciado como profundo conhecedor das regras da «Association». Da competição dos valentes *teams* resultou, de facto, um *match* emocionante, no qual a laureada A. A. das Palmeiras poz em campo a fina flor

dos seus eximios defensores, revelando o extraordinario preparo sportivo e mostrando, mais uma vez, ser um dos poucos adversarios que soube «enfrentar com destaque a forte e leal «eleven» alvi-rubra.

Sem receio de erro, podemos afirmar que este fornêlo foi o mais electrificante e renhido da presente temporada. O resultado da inequívocael lucta foi de tres a zero, sahindo victorioso o fidalgo «Paulistano», que pondeu dominar o seu respeitavel antagonista, recebendo, portanto, o tão almejado trophéu da victoria e a corôa de Louros, symbolo de Campeão de S. Paulo.

O primeiro embate deu-se ás dezesseis horas em ponto, dando o primeiro pontapé, Nazareth do *team* alvi-negro. A pugna decorreu mais ou menos equilibrada, o que importa dizer que tanto as defezas como os ataques foram admiraveis. Do *team* das margens do Tieté não houve nome a destacar, pois todos foram verdadeiros baluartes, todos foram heroes nesse jogo; assim mesmo, precisamos dizer alguma cousa de Tuffy, a alma do seu *group*, rival do grande Casimiro; revelou-se um admiravel arqueiro e, quicá, um dos melhores de S. Paulo.

Este jogador, ainda ha bem pouco tempo, defendendo o seu pavilhão, contra o Internacional, fez taes e taes proezas e defendeu bolas com aglidade tão phenomenica, que o publico, entusiasmado, o cognominou de «Satanaz». O Paulistano apresentou-se de ponto em branco; a defesa esteve assombrosa, não havendo nomes a destacar pois todos acompanharam e trataram de imitar o jogo incomparavel do grande Orlando. No ataque todos jogaram de forma a não prejudicar o jogo de conjunto, não se preocupando em impressionarem o publico com «driblings» desnecessarios, com escapadas desordenadas de um só jogador. O jogo por todos demonstrado foi sereno, calculado e intelligentemente desenvolvido. Os pontos da victoria foram feitos no segundo tempo, sendo o primeiro por Maurício, o destemido e respeitado meio-esquerda. Este jogador recebeu a bola de Mario, via Agnello, enviando-a com um certo e violento «drop-kick» á rêde, trazendo com esse feito magistral o primeiro ponto para tão cubicada victoria, que mais haveria de enaltecer o glorioso renome do Paulistano. Este feito foi recebido por uma estrondosa salva de palmas, hurras, uma ovação dellrante, em summa.

Depois deste *goal* foi que tivemos a phase mais rica e empolgante em feitos brilhantes.

Pouco depois o Juiz pune o Paulistano com um «free-kick» a poucos metros do *goal* do glorioso alvi-rubro, Cunha Bueno faz a sua mais bella tirada do dia com violento kick. A assistencia vibra e os atacantes recrudescem nos seus assédios.

N'uma avancada dos Paulistanos, Morelli, tentando interceptar, um passe de Rubens a Mario, é infeliz, cometendo um *penalty*.

Rubens, o jogador mais completo e que por muita gente já era tido como decadente, provou que não se perde assim, ser mais nem menos, o jogo e, portanto, o título de «super-campeão». Na sua nova posição de «center-forward» foi exímio, sendo o escalado para bater o *penalty*. Batido admiravelmente pelo inequalavel Rubens, é marcado o segundo *goal* do dia, debaixo de uma ovação inenarravel. Os Palmeiras não desanimaram e continuaram a carregar sobre o *goal* guardado por Zuzi, mas a assombrosa defesa adversaria tornou-se intransponível, mostrando assim que a victoria lhes fugia e a sorte já não lhes podia sorrir.

Faltava apenas um minuto para terminar o formidoloso embate, quando Rubens, mais uma vez, com um daqueles tiros, que o celebrisaram, fez o ultimo ponto, dando o *golpe de misericórdia* nas illusões do destemido *team* das margens do Tieté.

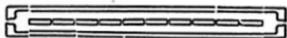
Assim fechou com chave de ouro o campeonato de 1917, o grande e querido Rubens, a quem o Paulistano deve as suas mais bellas e melhores glorias.

Logo em seguida o Juiz dá por finalizado o tremendo mas leal encontro, sendo os valerosos defensores do pavilhão alvi-rubro carregados em triumpho pela enorme multidão de torcedores e admiradores do Glorioso. A' medida que os jogadores iam abandonando a licta, ouvia-se os hymnos de victoria, allegoaks, zaabas, e outros mais, entoados pelos socios, gentis consciacs e galantes torcedores.

Uns perguntavam: «Paulistano perdeu?». Outros respondiam: «Não!». «Paulistano que é?». «E' campeão».

Enviámos os nossos cumprimentos á Directoria do Club A. Paulistano por mais esta victoria e desejamos que essa Directoria eleve ao mais alto grau, o verdadeiro *sport de football* na nossa terra, servindo como exemplo aos demais Clubs, que o cultivam, com verdadeiro amor e sem desfalecimento.

D'Artagnan.



PARA TINGIR OS CABELOS

Podemos annunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azeviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importância de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despesa do correio.

DE TODO O BRASIL...

CRABAMOS A RECEIÇÃO DE NOSSOS ANUNCIANTES PARA A DIFFUSÃO DA NOSSA REVISTA

E' cada vez mais emissor o movimento de entusiasmo que se nota em relação a favor de nossa REVISTA, e distictamente nos chegam de mãos dadas de cartas e cédulas de assessos mais distinctas e linguagens e estylo sympathico, para que especialmente crendo a feição da obra. E' uma lembrança pequenina; e com vagar enviar-lhe as outras obras dos escriptores nordestas.

D. Dulce Dolores, nossa distincta amiga, enviando-nos algumas assignaturas, escreve-nos: «Dilecta amiga D. Virgínia. Escrovei-nos numa destas tardes mornas de Outubro, a hora em que tudo é indecisão entro luz e sombra.

Agradeço-lhe as encomiasticas referencias que, sob a responsabilidade da redacção da «Revista», me dedicou: é tão grande a minha vontade de me servir-lhe, o que o fiz acho tão pouco, tão diminuto, omfim, tão desatuito de valor, que não apanho a parante tantos elogios. Continuo sempre muito sua amiga e uma sincerissima propagandista da «Revista».

Incluso envio-lhe uma obra de «Olympio Galvão», escriptor pernambucano, morto ha poucos annos. O «Hymno a Muther» é um poema delicado; nelle encontrará fluencia de linguagem e estylo sympathico, para que especialmente crendo a feição da obra. E' uma lembrança pequenina; e com vagar enviar-lhe as outras obras dos escriptores nordestas.

Pego-lhe, como tem sido extremamente delicada para cominho, o obsequio de me enviar os titulos e preços de algumas livros que tenham alguma utilidade para dotarem do theatro infantil. Aqui em Recife são difficilissimas as cosas cousas; e gasta-se um tempo enorme de uma para outra livrar e a fim de contas nada se encontra que compense o trabalho.

Lembro-lhe a publicação dos versos de Clauda Fernanda e ao mesmo tempo envio-lhe o trabalho meu, para a publicação assignalho nas «colunas da «Revista», isao se estiver nas condições e nos moldes exigidos pela distincta redacção.

Muito grata, abraça-a affectuosamente a amiga.

D. Balthina Eudoxia Canedo, escreve-nos: «Exms. Srs. D. Virgínia de Souza Salles, Directora da Revista Femina. Saudações e visitas. O ensaio desta, é pedir a V. S. o obsequio de incluir no N.º do suas assignaturas da «Revista Femina», minha assignatura, a menina Aida Paes Barreto, Natividade do Maranhão, Comarc. Ayrore. Via Victoria Diamantina, Minas Geraes.

Aproveitando esta oportunidade, venho levar-lhe os meus applausos, pela superioridade de seu programma executando-se sob uma nobre e sãula direcção. O curso de pintura, trabalhos etc., e a installação de biblioteca, são de summa importancia. Tem feição muito sympathica, a expiação e venda de trabalhos. Será equitativo a precavel a rennessa mensal de um trabalho manual, já começado. E para da bibliotheca gozarem do mesmo beneficio, que as assignaturas da Capital, não está equitativo a precavel de livros emprestados com tempo determinado? Despeço-me de V. S. e subcrevo-nos.

Att. V. G. »

Srs. Inês Pasquini, escreve-nos: «Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. S. Paulo. Recebi já tres numeros da vossa preciosa «Revista Femina», que assignei por um anno. Acho-me satisfetissima de ser assignada de tão educadora e instructiva Revista. Recommendo-a-el a todas as minhas amigas e conhecidas para que todas possam ter a felicidade de apreciá-la.»

D. Almeida Catharina da Silva, escreve-nos: «Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. Cumprimentos respositos. Pedindo muitas desculpas por não ter ainda agradecido os 6 numeros da «Revista» espero que V. Ex.ª não tenha julgado indifferença da minha parte.

Motivou essa minha falta involuntaria ter passado bastante doente esses ultimos meses.

Com prazer envio-vos uma lata de 7 assignaturas e a importancia correspondente (\$8000) esperando saber quanto devo a mais da directiva do porte da assignatura para Lisboa e do n.º que me falta.

Offereci um numero, assim que chegou a D. Maria José Pereira que me promettera tomar directamente a assignatura.

Pego-vos tambem enviar-me o numero 33 da Revista que me está faltando.

Com muitos votos de prosperidades para a «Revista» e vras saudações a assignante e admiradora.»

Lista des assignaturas: D. Isabel Carvalho de Cerqueira.—Campo Grande, 6 — Bahia. — Sr. Nelson Macarenha, — Rua do Hospicio, 6 — Bahia. — Sr. Cardoso Antunes — Rua Pedro Antran, 5 — Bahia. — D. Ursulita Martins Catharino. — Villa Catharino, Graça — Bahia. — D. Alice Machado H. Catharino. — Largo da Alca, 8 — Bahia. D. Carolini Machado. Papeague, Itapagipe — Bahia. — D. Elvira Carvalho. Av. de Liberdade, 230 — Lisboa — Portugal.

Sr. Frederico Gomes Ferreira, escreve-nos: «Exma. Sra. D. Virgínia. Meus respositos cumprimentos. Incluso a esta remetto-vos o valor de \$8000 para uma assignatura da sua Revista (de accordo com o vosso postal de 11 de Setembro p. p. a comecar de Janeiro e Dezembro deste anno) e do valor do correspondente a Fevereiro. Com elevada estima e apreço, subcrevo-me de V. Excia. Cr. Obr.»

D. Delmira Ferreira, escreve-nos: «Exma. Sra. D. Virgínia S. Salles. Sinceras saudações. Tenho o prazer de enviar-lhe sob registro a importancia de \$8000, pertencentes a nova assignante, D. Cleoncy Nogueira Fortes. Espero que não será só esta, pois procurarei ainda outras assignantes para a nossa revista da qual sou muito admirador, e da qual já sou assignante ha 3 annos. Com estima e consideração assigno-me Amiga o Admirador.»

D. Ethair Souto Ribeiro, escreve-nos: «Exma. Sra. D. Virgínia S. Salles, Saudações. Envio-vos um vale postal no valor de \$8000 para a reforma de minha assignatura da «Revista Femina».

Aproveito a oportunidade para pedir-lhe a importancia da collecção completa dos numeros atrasados da mesma revista, a contar do anno da sua fundação até o anno de 1916 inclusivel. Aguardando vossa resposta, antecipadamente agradeço.

Sr. Francisco Ferreira Martins, importante negocante, escreve-nos: «Exma. Sra. D. Virgínia do Souza Salles. São Paulo.

Envio-vos incluso a esta a importancia de \$8000 novo mil réis para uma assignatura da excellent «Revista Femina», por um anno, e um livro «Adalim» annuciado na mesma Revista; a Revista devo ser encerrada a Sra. D. Maria Evangelina Martins Cordeiro, Rodeiro de Ubá — Minas, e o livro para o meu endereço. Esta assignatura deve comecar com o n.º deste mes.

E' um pequeno consorcio que presto a vossa muito apreciada Revista arranjando esta nova assignante, tenho promessas para mais algumas assignaturas de Janeiro proximo em diante, farei o que estiver nos meus fracos prestimos em beneficio de vossa Revista sem remuneração alguma.

Sem mais sou vosso Humilde Cr. Agr.»

D. Mary D. Hall, escreve-nos: «Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. Cordias Saudações. Remetto-vos a importancia de uma assignatura da «Revista Femina», da qual sou muito digna directora. Recebi o numero do mez de Junho da qual gostei immensamente e nos 30 dias que tenho a receber assignantes constancte. Vejo n'ella tanto que me auxilia as minhas compatriotas, e deo por para ella da sorte de prosperidade. Desejo e possivel para tornar a conhecida das minhas amigas que moram em sitios, e mesmo aqui na villa, pelo traz para nós todas um meio tão agradável e facil de exprimir-me nos 30 dias que tenho a receber assignantes; por outro lado tambem ella nos faz concededoras de tantas e tão distantes compatriotas.

Pe' leitura do artigo sobre o «Atelier de Arte Femina» tornei-me usada até o ponto de enviar uma encomenda, da qual junto a esta o conhecimento, contendo um tres que me dá que tenho a receber assignante; se porém não for feliz este meu primeiro esforço, tomarei alento e tornarei a ver se não poderei encontrar, mais

cedo ou mais tarde, acollimento. Agradeço-vos desde já, e pedindo desculpas por ser tão ruim o trabalho, subcrevo-nos com elevada estima, De V. Excia. Sr. G. »

D. Bruno Barbosa, escreve-nos: «Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. Fardo vou mas creio que ainda em tempo para renovar as assignaturas que enviou o anno passado e tomar algumas outras, tão agradável tem sido a sua assignatura pela sua excellent «Revista Femina».

Cumpro-me tambem responder a carta de V. Excia., datada de 2 de Setembro do anno passado. D. V. Excia. não me mandou meu retrato. Como pede esta sua carta: em nada pôde interessar aos leitores da Revista a minha carta que não é de natureza recommendavel e não é de natureza como meu nome.

Em tempos que já se foram, vive velledades de poeta, como todos os brasileiros, especialmente nordestas e do Ceará, como sou. Envio junto duas produções desse tempo, para serem publicadas na Revista, si lhe não deoidearem as paginas em que tenho já ido publicado litteratura. Não as apouque ainda mais e estarem em letra de forma, pois foram publicadas em um jornal do Acre, o que importa em estarem quasi ineditas.

Logo que tiver a oportunidade de enviar uma photographia de meus filios, para que se veja como são robustos e como podem ser robustas as creanças aereas, desde que tenham a natureza de seus pais.

Junto igualmente \$4800 das assignaturas cuja lista vai a parte. Do V. Excia. admirador e crendo obr.»

Lista dos assignantes a renovar, de Maio inclusivo em diante:

1. D. Colina Falcão Barbosa — 2. D. Ambrósio de V. Excia. Leão — 3. Sra. Doa Silveira — 4. D. Vicentina Magalhães Ribeiro. Xapury, Departamento do Alto Acre. P. E. F. do Dr. Bruno Barbosa.

Novas, a comecar da mesma data:

5. D. Luzia Bandeira Peret — Xapury, Dep. do Alto Acre. — 6. D. Carmelinda Lima Lusitano — Xapury, Dep. do Alto Acre. Xapury. — 7. D. Leocília Crote Ferreira — Xapury, Dep. do Alto Acre. — 8. D. Maria B. Rodrigues Baetos, id. id.

Enviaram assignaturas mais as seguintes pessoas:

Vital Sampaio, Maria Carolina Fontes, Brisabete Costa Leite, Antonio Costa Carvalho, José Pereira de Azevedo, Eudora de Almeida, Maria do Carmo Vellos, Julieta Roiz Reis, Chiquita Pastana Catão, Estelvina Pereira Dias, Lydia Kerhenbühl, Maria Augusta Lima Oliveira, Maria Gloria Teive, Maria do Magalhães Villela, Thais Bertias Pereira, Raymunda Chevalier, Eliezer Cavalcanti, Euzenilda Fernandes Lima, Joanna de Mello Barros, Adalfo Falcão, Guiomar Cerquinho Nunes, Elita Ribeiro Cavalcanti, Eliziarina Moraes Navarro, M.ª D. Pinto, Luiza Monteiro Romelino, Cleoza S.ª, Anna Lourdes Piedade, Carolina da Costa, Dorotén Vincento Mathilde Scheffer, Eugénia Torres, Adalgina Andrade, Zaira Bonif French Leonel Ferreira, Ondina Ambrógi, Dr. José Botafogo, Lydia Pimenta Netto, Alberto Carlos da Rocha, Junilda Alves, Dally Pereira Martins, Aida Carvalho, Rosa Auaral, Maria Stella Barbosa, Alice Kosmor, Lavínia Marques, Maria de Azevedo, Aurelia Leite Prado, Maria Dolores Souza, America Negri, Elvira Assis, Esmaralda Fernandes Lima, Ambrosina Azevedo, Regina Braga, Silda Paqueta, Rosa Sampaio, Archem Machado Helena Marques, Antonio Costa Carvalho, Paulo Fernandes, Vicente F. de Azevedo, Idalvo Valente, Ruth Chaves, Maria José de Almeida, Odete da Silva, Frederico Gomes Ferreira, Rita de Rezende Andrade, Edith Neira, Maria do Valle, J. Feliciano Rocha, Maria da Gloria R. Andrade, Helena de Azevedo, Maria da Silva, Maria do Carmo, Severina J. da Silva, Duzellinda Torre, Lourdes Cardoso, Aneninha Porto Simões, Othília S. Ribeiro, José M.ª E. Silvina, Francisca Escobar, Esterceiro Olyvia Paz, Maria de Mello Costa, Ernesto Machado, G. Fernandes, Rosa Ribeiro Fonseca, Miss Mary, Francisca Escobar, Esterceiro Olyvia Paz, Sra. Luiza Oliveira, D. Zulia Leão, Amélia Coelho Marques, Antenor Torres, Maria Flôra Nunes, Ricardina Pinto Mourinho, Lily Benveniste Silva, Modesta Costa, Isabel M.ª Silvina Brandão, Ruth Ortiz Patta, Rodolpho Duarte, Sebastião Villas Bôas, M.ª Celina Reis Velho, Adronido Prado, Francisca Prado de Oliveira Sarti, Maria Antonia Villas Bôas,

ARISTOLINO



O Sabão Aristolino, deve ser sempre usado para as abluções, para a lavagem da cabeça e para o banho, porque elle tem a propriedade de afinar a epiderme e amaciar o cabelo. E' um poderoso antiseptico, cicatrizante, antieczematoso e anti-parasitario.

Cura manchas, seivas, espinhas, rugosidades, dores, exzemas, dartros, golpes, livores, lesões, excors, assos, epellides, cirros, ormeilhões, bolores, comichões, irritações, empigoes, contusões, queimaduras, inflammções, esqua, e multos outros eslermidades da cutis e do couro cabeludo. E' excellente para o cabelo, acizado sobre e seborré. E' indispensavel nos banhos gerais ou parciais.

**A venda em qualquer pharmacia, drogaria,
armarinhos, perfumarias,
barbearias**

Como se encontrou o louco...

(Tradução)

O sargento Hopkins entrou no quarto dos officiaes e se installou tranquillamente em uma poltrona junto ao logão.

Era um sargento de administração, encarregado dos pagamentos e seu aspecto denotava seu trabalho sedentário.

Enquanto estava sentado, e cheucuidosamente o cachimbo, apertou o tabaco como de costume, com o dedo mínimo, e relanceou o olhar, com um ar um tanto preoccupado, aos demais occupantes do quarto, que pareciam não ter feito grande caso de sua chegada.

Todos liam, distrahi-dos. E isso não agradava ao sargento, pois o silencio o entristecia.

Agradava-lhe o ruido de vozes, em geral, e, em particular, o de uma, que elle achava devia sempre dirigir uma conversação enquanto as outras eram seu echo.

— Falando de loucos... — começou e se deteve para vêr se havia chamado a attenção dos demais.

Todos levantaram a cabeça de seus livros e periódicos, excepto um joven sargento, que se encontrava no outro extremo do quarto e que continuava lendo.

— Falando de loucos... — repetiu o sargento Hopkins em tom mais aggressivo e olhando fixamente o joven sargento, que, de sua vez, levantou a cabeça de seu livro — um vizível mão humor.

Não se falara em loucos, porém o sargento Hopkins não era homem que se importasse com um engano dessa ordem.

— Falando de loucos — disse pela terceira vez, em tom mais affavel, visto o circulo de ouvintes estar completo, — recorda-me a ultima vez que vim da India. A bordo do vapor vinham homens de todos os regimentos, a maior parte dos quaes tinham já terminado o serviço, e uma boa quantidade de loucos, uns trinta.

Neste ponto de narração, abriu-se a porta e um soldado assomou a cabeça.

— Sargento Hopkins — disse, e-ino cinco lavadeiras vivuas esperando lá fóra; trouxeram a roupa da companhia e esperam que as pagueis.

O sargento Hopkins não fez caso da interrupção e continuou o seu caso.

— Os loucos, como sabeis, andam vestidos em geral de roupas de flanela azul; porém estes não as tinham.

Não havia no vapor esta qualidade de roupa, porisso que os loucos tiveram que usar simples trajes de dril, como o resto dos soldados.

Distinguim-se destes somente pelos gorros de lã, que usavam.

Como é natural, todos já estavam encerrados e não se lhes sabia á cohera senão duas vezes para que fizessem exercicio e tomassem ar.

Uma manha os loucos estavam fazendo exercicio sob a vigilancia de um piquete, quando um artilheiro, Brand creio que se chamava, que os contemplava, observou um gorro de louco atirado sobre a cohera e levantando-o, pôl-o na cabeça misturando-se em seguida com os loucos.

Hopkins deu ás ultimas palavras de sua phrase, uma entonção nem mais nem menos como si esta houvera sido uma formosa flor de rhetorica. Ficou calado por uns instantes como se esperando alguns applausos e depois continuou:

— Brand fez espavento entre os loucos, revolvendo os olhos e pondo a lingua para divertir aos seus camaradas, quando de repente, soou o sino de bordo; era o signal para que os loucos descessem em seus compartimentos.

O piquete reuniu-os á todos e fel-os descer. Brand tirou o gorro e ia unir-se á seus companheiros, quando um dos piquetes o deteve dizendo-lhe: — Não és um louco? Porque não desces com todos? —

Como é natural, Brand disse que não era louco; porém o guarda não lhe deu credito e fel-o pôr o gorro de novo, obrigando-o a seguir os outros. Então, Brand tratou de escapular, mas o soldado agarrou-o pelo pescoço e com a ajuda de alguns de seus camaradas, puzeram-lhe uma camisa de força.

O official de quarto fez parar o vapor e preparar um bote para largar-o ao primeiro signal, pois acreditavam que Brand queria arrojarse a agua.

Emfim, lograram fazelo descer e o encerraram em uma cella reforçada.

Depois de uma ou duas horas, seus camaradas explicaram o occorrido no detector e este fez com que o soldado, porém notou então, com terror, que faltava um louco; havia firmado um documento á calhida de Bombay, no qual certificava o numero exato de loucos que levava, e, á sua chegada em Inglaterra, tinha que dar conta do paradeiro do que faltava.

O capitão foi posto á corrente do que se passava e ordenou uma busca geral no vapor.

Apezar de tudo que se fez para o encontrar, o louco não appareceu.

Todos os lugares, onde um homem podia se occultar, foram cuidadosamente revistados, porém sem nenhum resultado.

Porfim todos desistiram da empreza, excepto um homem que continuou procurando com ardor por toda parte.

Emfim, viram-no o dirigir-se até á cohera; uma vez ali, levantou a tampa de uma sopeira e olhou dentro.

Deste modo encontraram o louco.

Dentro da sopeira? perguntou um dos officiaes.

O sargento Hopkins lançou-lhe um olhar de de-prezo, s-hiu socegado-mente do quarto e sahiu para attender ás vivuas lavadeiras.

Pinda—Novembro 1917.

ISMINDA D'OLIVEIRA.

Toilettes Tailleur

A elegancia feminina, a verdadeira elegancia é o que ha de mais difficil para realisar. A robe tailleur, por exemplo, que, a despeito das variedades das estações, é sempre oportuna e que empresta á silhueta feminina uma certa gravidade de bom gosto, nem sempre, em S. Paulo, é executada com o rigor que esse genero de "toilette" requer. Poucos alfaiates que se dedicam a este genero se podem gabar de artistas. Para olhos experimentados, a menor lacuna nma robe tailleur se torna chocante. Entretanto, mesmo em S. Paulo, ha artistas a quem se pôde confiar a responsabilidade de uma obra desse genero. Entre elles destaca-se o sr. A. Cibella, da Casa Excelsoir, de A. Cibella & C., que é um verdadeiro creador cujos trabalhos podem figurar, pela elegancia do conjunto, pelo acabamento e mão d'obra, entre as melhores creações que nos chegaram de Paris. A's senhoras elegantes, e todas aquellas que são exigentes em materia de moda, aconselhamos a Casa Excelsoir, á rua do Theosouro, n. 3, cuja officina de costura a alfaiataria tem sido a preferida pela elite paulistana.

REMESSAS PELO CORREIO: — Atendendo ao pedido de grande numero de leitores, resolvemos enviar ás nossas leitoras do interior, os artigos necessarios para trabalhos de agulha. Todos os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais 600 réis para porte. Os artigos que não puderem seguir pelo Correo, serão enviados por estrada de ferro, fructo a pagar.

Ricos alfama de modelos. *Tamanho grande gravatas nítidas e desenhos irreprehensíveis para trabalhos, a saber:* — Ponta de cruz, *colorido* — um 4500 — Bordados sobre estamino — um 4500, a serie de tres 12500. — Bordados sobre estamino coloridos, um 2500. — Fillet bordado, um 3500. — Rendas e franjas margam, um 2500. Bordados sobre fillet ou labryrintho, um 800. — Dezenhos junto de talogarra de cruz colorido, *ribo labryrintho, moletos moletos, cada um 600 réis, (temos uma grande variedade)* — *Leas Merino Dom Pastor, em todas as cores, novellas de 20 grammas, preta 600, em outras cores, novellas grandia 1500.*

Linhas de linho para bordar 15500 o pacote.
Acolchados de seda para trabalho, metro 65000. Cadargos de li. vovras vovras em peças de 30 metros, cada 45000. — Saccharas para blusas transparentes o par 45000. — Vitrulo de seda, artigo superior, azul claro, metro 55. — Cordão de seda, grosso, metro 600 réis, item um pouco mais fino, 400 réis, papel chinês para desenhos, cada folha 500 réis.

CASA LOTERICA —: Praça Antonio Prado n. 5

PARTES Grande Loteria Federal PARTES

MIL CONTOS DE REIS

Extração e 22 de Dezembro

loteria 600000 Meios 200000 Um quarto 150000 Fração 10000

LOTERIA DE S. PAULO — 200 CONTOS DE REIS — Extração e 26 de Dezembro

loteria 95000 Meios 45500 Frações e 8900 Para outros Estados loteria 95300

Meios 52000 Fração 13000 Por causa do stello

Todos os pedidos com mais 700 réis para o registro do correo devem ser

endereçados aos agentes em S. Paulo

Amancio Rodrigues dos Santos & C. — P. ANTONIO PRADO N. 5

Geixa, 166

AOS LAVRADORES

Na circular que o Exmo. Sr. Presidente da Republica endereçou a todos os Governadores e Presidentes de Estado, participando-lhes o estado de belligerancia existente entre o Brasil e o Imperio allemão, appella S. E. para as forças vivas do paiz, concitando todos os Brasileiros a uma união indissolvel na defesa da Patria, ao mesmo tempo que recommenda a intensificação da cultura dos campos, "afim de que a fome, que bate já ás portas da Europa, não nos afflija tambem, e antes possamos ser celleiro dos nossos Alliados".

A Secretaria da Agricultura, a quem está confiada a tarefa da propaganda agricola no Estado, sente-se no dever de secundar o appello de S. Ex. junto aos lavradores do territorio paulista, rogando-lhes que procurem por todos os meios possiveis augmentar as suas áreas culturaes, de fórma a poderem prover fartamente os mercados dos generos indispensaveis á alimentação, facilitando dessa maneira ás classes menos favorecidas da fortuna e resolvendo, em parte, o problema que empolga neste momento os povos irmãos, que nos campos de batalha lutam ha tres annos pelo triumpho do Direito e da Liberdade.

A Directoria de Agricultura está prompta a fornecer aos lavradores, por seus inspectores, as informações e conselhos que lhe forem solicitados, e insiste, mais uma vez, junto aos Srs. agricultores, para que, animados pelo elevado sentimento de patriotismo, intensifiquem as suas culturas, principalmente a dos cereaes, collaborando na obra altamente civil encetada pelo honrado chefe da Nação.

Lembrem-se os Srs. agricultores de que o augmento da produção e o barateamento dos productos de primeira necessidade, para os nossos operarios, constituem um dos melhores meios de defesa contra o inimigo, porque lhes facilita a vida e os ampara contra a carestia que de ha muito ameaça affligir a nossa população.

A conflagração europeia deu proveitosas lições aos paizes menos previdentes e salientou a importancia da agricultura em caso de guerra.

A nós, Brasileiros, cumpre agora, mais do que nunca, ponderar ácerca do que produzimos e do que precisamos e reflectirmos nos perigos da monocultura que infelizmente é o systema caracteristico da agricultura brasileira.

Não é preciso que cheguemos a pensar nos effectos do bloqueio dos mares para nos convenceremos da difficuldade de importação dos mantimentos de que carecemos, as difficuldades da nossa navegação no estado actual e a escassez da nossa viação são causas de sobra para encarecer a vida dos nossos operarios, absorvidos pelo labor ingente das nossas fabricas.

Para garantir ao operariado e ao povo em geral os meios de subsistencia, precisamos produzir viveres com os elementos necessarios á defesa da Patria.

E' por isso que, se cada agricultor corresponder ao appello do honrado chefe da Nação, ampliando e melhorando as suas culturas, fará por certo um acto de benemerencia patriótica e demonstrará ter comprehendido e partilhado da nobre sentença -- "O sólo é a Patria; cultural-o é engrandecel-a". -- (a) CANDIDO MOTTA".

Hotel Avenida

O MAIOR E MAIS IMPORTANTE DO BRASIL

Aposentos para 500
pessoas

DIARIA A PARTIR DE 10\$000

End. Telegr. Avenida - Rio de Janeiro

Société Financière et Com-
merciale Franco Brésilienne

(CASA NATHAN)

CHA' «HORNIMAN» em latas de 1,1/2 e 1/4 de libra, o mais puro e aromático.

Grande sortimento de licores «CUSENIER» de todas as qualidades.

Verniz especial «CHI-NAMEL» para envernizar soalhos, que substitue com vantagem a cera e é mais barato.

Grande sortimento de ferragens finas e grossas.

MACHINAS PARA A LAVOURA de todas as classes, com especialidade em arados, cultivadores, etc. dos melhores fabricantes Norte-Americanos.

□□□□

Pedidos e informações á

R. S. Bento, 43-A Caixa do Correio—K
SÃO PAULO

Marmoraria

Tomagnini

Especialidade em tumulos de
marmore e granito polido

▣ Pietrasanta (Carrara) Italia ▣

S. PAULO

Rua Paula Souza N. 85

Telephone, 3378 (Central)

EXMAS. SENHORAS

Ouvi um bom conselho:

Quereis ter a vossa pelle alva, amelludada e livre de manchas? Quereis, emfim, ser formosas?

Uzai em vossa toilette a

Água de Belleza ou Perola de Barcelona

Não contém mercúrio e nem outra substancia que possa irritar a vossa pelle.

Ouvi mais outro conselho:

Para ter os vossos cabellos brilhantes, leves e ondulantes; para ter a vossa cabeça livre de caspas e de quaisquer parasitos.

Usai, pelo menos, duas vezes por semana o

Petroleo Americano

magnifica loção preparada em kerozene dissoluido e purificado por processo especial.

Encontra-se em todas as casas e na

Drogaria Americana

SOCIEDADE DE PRODUCTOS QUIMICOS L. QUEIROZ
RUA LIBERO BADARÓ N. 144

SÃO PAULO

As Fomigas Saúvas Depois de conhecida esta machina "Luiz da Silva" china, como já conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infalliveis efeitos contra a existencia das damminhas fomigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos causados por tão terrivel praga.

Não são mais necessarios reclamos para tornar conhecidas as vantagens da machina "Luiz da Silva", bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida machina, e a fama justa que atestam os milhares de testemunhos que presenciám os maravilhosos efeitos e a economia que se verifica com a applicação da machina "LUIZ DA SILVA" e do ingrediente "BUFFALO".

Peçam informações á Sociedade Paulista de Agricultura — Rua Libero Badaró, 125 — S. Paulo.

Carrapatos. Contra a terrivel praga dos carrapatos tambem se encontra na mesma Sociedade o infallivel carrapaticida marca "TOURO".

É sem daviada o melhor preparado, o mais eficaz e o mais economico. Peçam informações a respeito. **Diarrheia dos Bezerros.** Contra a diarrheia dos bezerros é "CYMAOL" o remedio infallivel encontra-se com o depositario L. da Silva, R. Libero Badaró, 125 S. Paulo.

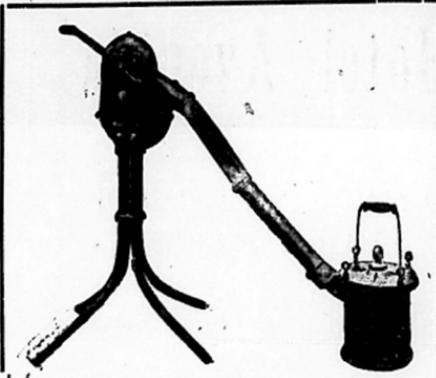
Feridas dos Animaes. Para curar quesequer feridas do gado cavallar, bovino, etc, emprega-se o "BICKMORINE". Dirigir pedidos ao sr. Luiz da Silva, Rua Libero Badaró, 125, S. Paulo.

La Hacienda. A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos da Agricultura. Obtem-se a sua assinatura de um anno por 3 dollars, e 60 centesimos e por 5 annos por 18 dollars, com direito a um elegante e finissimo relógio suizo duravel.

Fazenda Moderna. A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a creação de gado, e um grande volume encadernado escripta pelo conhecido e illustrado Dr. Eduardo Cotrim.

No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com porte pago por 21\$500.

Peçam nosso catalogo illustrado. Remetemos gratis, citando o nome desta REVISTA.



A Ciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: « Isto elle bebeu com o leite » e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber, a força, a saúde, o mens sana in corpore sano; com o leite pode-se tambem beber o rachimismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentiçao, prenunciando

um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preoccupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da criança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teri evitado se tomasse cada dia quatro Malcom Tricasic Pastilles, nas quaes existem todos os elementos ne-

cessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcosos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo — Um vidro com 200 pastilhas: 20\$000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira
Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) — São Paulo



BISCOITOS DUCHEN

MEDALHA DE OURO
EXPOSIÇÃO DE HYGIENE
SÃO PAULO 1916

Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER

Ex-substituto da Policlínica Geral em Vienna Ex-interno de clinica dos hospitales. Cirurgião do Hospital da Beneficencia Portuguesa de São Paulo Operador. Moléstias de senhoras.

CONSULTORIO

N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4
De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de senhoras: para bordar; para crochet; tricot; fillet, macramé, lacet, frivolité, inhanduty (Tennerife). Artigos para confecção de fibras artificiaes. Machinas para bordar e todos os aviamentos para trabalhar com as mesmas. Bastidores redondos, de quadro, de collo, com pés, de todos os tamanhos, lis e linhas de todas as qualidades e grossuras, torções de seda e de algodão o mercerizadas, sedas para bordar, lavavel e d e Alger, talangarcas de todas as qualidades, bta mines, setins, pellicias, veludos, linhos etc.

Papel de soda branco e de cores. Papéis crespos, dourados, prateados, pergaminhos cartonados e de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se sempre promptos e fazem-se de encomenda bem como lettras e monogrammas. Aviam-se encomendas para o interior.

Genin & Filho

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A — S. PAULO
Telephone 1009
Caixa Postal 204

CASA BARUEL

Rua Direita, 1 — Largo da Sé, 2 — SÃO PAULO

As senhoras e senhoritas que desejam manter sua cutis em perpetuo estado de juventude, não devem esquecer que em nossa Secção especial de Perfumarias, ha os mais finos e modernos Crèmes, Gold-Crèmes, Leites, Ceras Loções diversas e de toda a especie de productos para Maquillage. Outrosim, recommendamos o nosso variado sortimento de Pomadas, Pós, Cosmetics, Vernizes e líquidos diversos para o tratamento completo de "Manicure".

BARUEL & CIA.

VILLAZCA

SABONETE

Oxygen

FEITO COM AGUA Oxigenada ANTISEPTICO E PERFUMADO

MARCA REGISTRADA

Feito com agua oxygenada. Antiseptico e perfumado.

Venda a \$500 em todas as boas casas de perfumarias
Deposito: Rocha Mello & Cia. - 19 rua José Bonifacio

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excelente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso tónico depurativo e anti-escrophuloso, que nunca falha no tratamento das moléstias consumptivas acima apontadas.



É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contém em muito maior proporção o iodo vegetal subo intimamente combinado ao tanino da noqueira (*Juglans Regia*) e o Phosphoro Physiologico medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e as emulsões; dahi a preferencia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o recebem diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o VINHO IODOTANNICO GLYCEROPHOSPHATADO.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:

Pharmacia e Drogaria de **FRANCISCO GIFFONI & C^{ia}**
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

ANEMIA — NEURASTHENIA —
FRACQUEZA — CHLOROSE
DEBILIDADE

TUBERCULOSE

MEDICACAO SEM RIVAL
CAPSULAS DE OLEO DE CAPIVARA DE SILVA ARAUJO

Sapataria Kosmos

Rua São Bento, N. 66 a

SÃO PAULO

Especialidade em calçados para homens, senhoras e creanças aos preços da fabrica, 30 jo menos do que em qualquer outra casa.

TELEPHONE N. 4062 - Central

R. SANTOS & C. IA

Manufactura de roupas

Para

Senhoras e creanças

Jorge Bassila

Rua Florencio de Abreu, 62

Caixa Postal, 706 — Telephone, 3284

São Paulo

TINOCO MACHADO & CIA.

S. PAULO

LARGO DO THESOURO, 5 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

Brasileiras

Pequenas

Ypiranga

Colombo

Paulista

Bicho

Cia. Luz Stearica
do Rio de Janeiro

O ESPECIFICO DA ANEMIA
TUBERCULOSE, etc.

Vinho Reconstituente

— SILVA ARAUJO —

Rachitismo - Fastio - Escrophulose, etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA Farinha lactea
phosphatada
de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, amas de leite, pessoas
fracas, convalescentes

Torna as crianças sadias
e fortifica os fracos

*Para uso das oriações dyspepticas, que têm difficuldade em
digerir e cujas evacuações são irregulares, fétidas, esver-
deadas ou talhadas, usa-se* **e sempre efficaz**
o poderoso, inequalavel

DIGESTIVO INFANTIL
de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições
— ou após as mammadelas —

A' base de papaina virgem, pura



AGUA DE COLONIA
GRANADO
EXTRA
CONCENTRADA
A MELHOR PARA O BANHO E TOILETTE
PERFUMARIA HELIOS
GRANADO & C^{IA} RIO-S. PAULO.

AGUA
INGLEZA
GRANADO
ANEMIA. IMPALUDISMO.
CONVALESCENÇA.



RECUSEM AS
IMITAÇÕES.



POLVILHO ANTISEPTICO
"GRANADO"

De reconhecida efficacia no tratamento de varias affecções da pelle eczemas, empingens, pruridos, assaduras, brotoejas, suores fetidos, etc. ◻ ◻

Deixas suas propriedades antisepticas, absorventes e cicatrísantes deve ser preferido na toilette das creanças. ◻

O Polvilho Antiseptico "Granado" é um producto de inteira confiança, sendo maravilhosos os resultados obtidos com o seu emprego. ◻ ◻ ◻ ◻

— Recusem as imitações —

Magnesia
Fluida
GRANADO



INDICADA POR TODOS OS MEDICOS

A MAIS PURA

RECUSEM AS IMITAÇÕES



EXIJAM A NOSSA MARCA

VINHO IODO-TANNICO
PHOSPHATADO E GLYCERINADO
Granado

CURA: ANEMIA,
RACHITISMO, FRAQUEZA PULMONAR
LYMPHATISMO, ESCROFULAS, etc.

É CHEGADA A HORA

... de comprar terrenos na CRISE para os vender daqui a um anno, na ALTA, quando terminar a guerra..Os melhores terrenos, os mais vendaveis e mais baratos de S. Paulo são os da

VILLA POMPEIA

Situados na Agua Branca, desde a Avenida, cortando o Parque Antartica. A Villa Pompeia tem uma area de um milhão e trescentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e uma grande avenida que parte da linha de bonds do Parque Antartica e se dirige para a Avenida Municipal fechando o grande circuito futuro de avenidas, do largo do Rosario ao largo S. Francisco: — Avenidas S. João, Agua Branca, Pompeia. Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorisação fatal; ficam no amago dos grandes melhoramentos da Capital.

Em 8 mezes vendemos oitocentos mil metros!

Acaba de ser instalado ao alto da Villa Pompeia o grande reservatorio das aguas de Cotia. Dentro de alguns mezes a Villa Pompeia estará abastecida com a melhor agua potavel da Capital e é sabida a valorisação dos terrenos abastecidos d'agua.

Porque V. não compra terrenos na Villa Pompeia?

PORQUE NÃO TEM DIHEIRO? Nós emprestamos o dinheiro, pois vendemos os terrenos em lotes, SEM JUROS, a prazo muito largo, com qualquer prestação mensal. E' um negocio ideal; o terreno valorisa-se dia a dia, vai portanto ganhando juros porque augmenta de valor e V. o vai pagando sem juros, aos bocadinhos... Quer V. negocio mais intelligente? S. Paulo cresce espontaneamente. Antes de cinco annos terá o dobro da população. Com a guerra européa e a miseria subsequente a imigração augmentará. A nossa crise é toda de momento; a pujança de S. Paulo será sempre victoriosa. E' no momento de crise que se fazem os bons negocios. Não ha em S. Paulo nenhum terreno dos que são annunciados em prestações, que se possa comparar aos terrenos da Villa Pompeia

Para informações; **Na Companhia Urbana Predial**

Escritorio: **Largo da Sé, 3 (sobre-loja)**

Tapeceiro, Estufador e Armador

JOSE' GHIARDI

Sanejas — Cortinas

Cortinados transparentes, Mobilia estufada
Estrado de molla, Capas para mobilia, etc.
— Preços sem competencia. —

RUA BARÃO DE ITAPETINGA n. 71
Telephone n. 21-91 (o)- S. PAULO

DR. AGNELLO LEITE FILHO

Especialista em molestias das Senhóras, pelle,
syphilis e vias urinares.

Pratica dos Hospitais da Europa

— **POÇOS DE CALDAS** —

AVISA que não tem agentes nas Estradas
de Ferro, nem nos Hotéis da Estancia.



Participa as exmas. freguezas que recebeu ultimamente da Europa grande sortimento em sedas como sejam: setins liberty, faile, crepe georgete, crepe da China, euliene, taffetás, gazes chiffons de cores mais modernas.

Tecidos fantasia proprios para a estação.
Roupas brancas, rendas, colchas, meias, etc.

Unica casa no genero que vende por preços excepçoes

Grande officina de costura dirigida por MME. ROSMA PANCERA
ESPECIALIDADES EM ENXOVAES para NOIVAS E BAPTISADOS

Ao Palais Royal

RUA S. BENTO, 72 S. PAULO

Côrte e envie sem demóra este cõupon á redacção da **Revista Feminina**

.....de.....de 191.....
 Sra. D. Virgilina de Souza Salles DIRECTORA DA "REVISTA FEMININA"
 Praça Antonio Prado (Palaceta Briccota) - 3, Paulo
 Peço-lhe inscrever-me como assignante da Revista Feminina,
 por um anno, a começar em.....
 de 191..... e a terminar emde 191.....
 para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs. 8\$000
 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor declarado

Endereço.....
 Lugar.....
 Estado.....
 Observações.....

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O "PILOGENIO"

O "PILOGENIO" SEMPRE !

A' venda em todas as farmacias, drogarias e perfumarias

LYCETOL GRANULADO GIFFONI DISSOLVE E EXPELLE O ACIDO URICO

RECEITADO DIARIAMENTE PELLAS SINDRIDADES MEDICAS
CONTRA
DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES

ARTHRITISMO—RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

FRANCISCO GIFFONI & C.^{IA}—RUA 1.^ª DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO

Exclusivamente para
Senhoras e senhoritas

Premiado na Exposição de Bruxelas e com
medalha de ouro na Exposição de Hygiene

O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque . . .

. . . é uma preparação conscienciosa, seria e não é imitação.

. . . tem sido usado, sempre com excellentes resultados, contra as sardas, rugas, pannos, espinhas e manchas da pelle e nenhum outro é comparavel a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram, que apparecem, e que apparecerão, embora com nomes diferentes, não podem fazer concorrência ao já consagrado

CREME DO HAREM

Estoja 3\$000

Pelo Correio 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na

PHARMACIA E DROGARIA

SANTOS

Rua São Bento 74-A- S. PAULO



VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

E' o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Recetado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas farmacias e drogarias. Deposito Geral:

PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.

Rua L. de Março, 17

Rio de Janeiro

J. CARNEIRO BRAGA



J. Carneiro Braga

S. Paulo,

124, Rua Brigadeiro Tobias,

TELEPHONE, 243 (Central)

No Brazil é a Primeira Grande e Importante Fabrica
de Moveis de Vime e de Junco.



Carrinhos e berços para Crianças,
Cestas de toda e qualquer quali-
dade, Vassouras finissimas para

soalhos e encerados, Espalhadores
de todas as qualidades, Escovas
para qualquer mister.

Em fim, nesta casa os Exmos. Snrs. encontrarão tudo de primeira qualidade.

Rua Brigadeiro Tobias N. 124 — Telephone, 243
(Central)



• FALCHI

LA MIGLIOR
CIOCCOLATA

Umberto & S.